Universidade de São Paulo

Instituto de Arquitetura e Urbanismo

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

A Crítica de Arquitetura:

A visão de Jornais Paulistas no período de 2000 a 2010

Wellington de Oliveira Pereira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador:

Prof. Dr. Paulo Yassuhide Fujioka

Área de Concentração:

Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo

São Carlos

2015 (corrigida)

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Pereira, Wellington de Oliveira

P434a A Crítica de Arquitetura: A visão de jornais paulistas no período de 2000 a 2010 / Wellington de Oliveira Pereira; orientador Paulo Yassuhide Fujioka. São Carlos, 2015.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo -- Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2015.

1. Arquitetura. 2. Crítica. 3. Jornais. 4. Meios de Comunicação. I. Título.

FOLHA DE JULGAMENTO

Candidato: Arquiteto e Urbanista **Wellington de Oliveira Pereira**

Título da dissertação: **"A Crítica de Arquitetura: a visão de jornais paulistas no período de 2000 a 2010".**

Data da defesa: **11/09/2015**

Comissão Julgadora:	**Resultado:**
Prof. Dr. **Paulo Yassuhide Fujioka (Orientador)** (Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP)	APROVADO
Prof. Dr. **Renato Luiz Sobral Anelli** (Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP)	aprovado
Prof. Dr. **Abílio da Silva Guerra Neto** (Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)	Vídeoconferência

Coordenador e Presidente da Comissão de Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo: Prof. Dr. **Márcio Minto Fabrício**

À minha querida e amada esposa Taísa, pela dedicação, paciência e companheirismo ao longo de todos esses anos juntos.

Agradecimentos

A meus pais, Sidnéia e Hélio, pelos ensinamentos e por sempre me incentivarem a perseverar de frente todos os desafios, mesmo nas dificuldades.

Ao Professor Dr. Paulo Yassuhide Fujioka, pela orientação, atenção e dedicação, pelo rigor científico e comprometimento no decorrer desse trabalho, sempre me indicando caminhos a explorar e ajudando nessa proveitosa pesquisa.

Aos professores Dr. Paulo César Castral e Drª Simone Helena T. Vizioli, pelo aprendizado e confiança durante a realização do Estágio do Programa de Aperfeiçoamento do Ensino.

Um agradecimento especial aos professores Dr. Abílio Guerra e Dr. Renato Anelli pelas importantes considerações, orientações e direcionamentos durante a Banca de Qualificação, que foram decisivos nos rumos da pesquisa.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos, pela colaboração no processo de amadurecimento da pesquisa e aos funcionários da Pós-Graduação pelas inúmeras ajudas ao longo desses anos.

À CAPES pelo financiamento e apoio a esta pesquisa.

E aos amigos que acompanharam e contribuíram, mesmo que indiretamente, no desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa de Mestrado propõe a análise e discussão de artigos críticos sobre arquitetura que foram publicados em jornais paulistas (*O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo*) na primeira década do século XXI. O estudo tem a finalidade de conhecer o que existe de informações sobre arquitetura em jornais e de que maneira a crítica arquitetônica é abordada, isto é, o conceito genérico utilizado, as impressões, posições e abordagens que a imprensa não especializada apresentam em relação à arquitetura para o público geral.

Tal trabalho parte do pressuposto que a questão arquitetônica vem sendo tratada pelos meios de comunicação de massa de forma superficial ou em alguns casos somente como informativo sobre o mercado imobiliário.

O objetivo deste trabalho, portanto, é identificar e analisar quantitativamente e qualitativamente – em forma de crítica – como são abordados os temas referentes a construção e ao projeto arquitetônico e, verificar, se realmente há a falta de uma discussão sobre o tema para o público leigo, tendo como consequência um distanciamento entre a população e a arquitetura.

Palavras-chave: arquitetura; crítica; jornais; meios de comunicação.

ABSTRACT

This research proposes the analysis and discussion of critical articles on architecture that were published in São Paulo newspapers (*O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo*) in the first decade of this century. The study aims to know that there is information about architecture in newspapers and that the architectural critical way is addressed, that is, the generic concept used, prints, positions and approaches that the press does not have specialized in relation to architecture for the general public.

This work assumes that the architectural question has been treated by the mass media superficially or in some cases only as informative about the housing market.

This study, therefore, is to identify and analyze quantitatively and qualitatively - in critically - as the themes of construction and architectural design are addressed, and check if there really is a lack of discussion on the topic for the public layperson, resulting in a gap between the people and the architecture.

Keywords: architecture; critical; newspapers; media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Frontispício da edição n. 08 de janeiro de 1809. 15

Figura 2 - - Primeira Capa da revista New Yorker. Fevereiro de 1925. 31

Figura 3 - Edição n. 01 do jornal A província de São Paulo (O Estado de S. Paulo). 33

Figura 4- Edição n. 01 da Folha da Noite. 35

Figura 5 - Página do jornal O Estado de S. Paulo de 15 de outubro de 1925 onde foi publicado a carta de Rino Levi. 83

Figura 6- Carta de Rino Levi (1901-1965). “A Arquitetura e a Estética das Cidades” de 15 de outubro de 1925. 84

Figura 7- Página do jornal Correio da Manhã de 1° de novembro de 1925 com o artigo “Acerca da Arquitetura Moderna” de Gregori Warchavchik. 85

Figura 8- Página do jornal o Estado de S. Paulo de 27 de junho de 1951 com o artigo Cidade Vertical de Roger Bastide. 88

Figura 9- Capa do jornal Folha de S. Paulo de 21 de abril de 1960. 89

Figura 10 - Folha de S. Paulo de 3 de junho de 1979. 91

Figura 11 - Folha de S. Paulo de 12 de outubro de 1975. 92

Figura 12- Caderno Cultura de 1981. 95

Figura 13 - Folha de S. Paulo de 27 de dezembro de 2010. 101

Figura 14 - O Estado de S. Paulo de 26 de dezembro de 2009. 102

Figura 15- Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 19 de junho de 2000.. 119

Figura 16 - Caderno Mais! Folha de S. Paulo de 06 de abril de 2008. 120

Figura 17 - Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 16 de abril de 2006.. 122

Figura 18 - Caderno Ilustrada. Folha de S. Paulo de 17 de abril de 2004. 122

Figura 19 - Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 15 de junho de 2000.. 123

Figura 20 - Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 17 de dezembro de 2007. 125

Figura 21 - Caderno Ilustrada - Folha de S. Paulo de 02 de novembro de 2009. 126

Figura 22 - Caderno Ilustrada. Folha de S. Paulo de 13 de maio de 2002. 126

Figura 23 - Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 27 de fevereiro de 2002.. 127

Figura 24 - Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 07 de janeiro de 2006.. 128

Figura 25 - Caderno Ilustrada. Folha de S. Paulo de 11 de janeiro de 2006. 129

Figura 26 - Caderno Especial - O Estado de S. Paulo de 29 de fevereiro de 2008.. 131

Figura 27 - Revista da Folha - Folha de S. Paulo de 13 de julho de 2003. 132

Figura 28 - Caderno Cotidiano - Folha de S. Paulo de 31 de agosto de 2005. 133

Figura 29 - Caderno Cotidiano - Folha de S. Paulo de 18 de dezembro de 2005. 135

Figura 30 - Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 15 de dezembro de 2007. 137

Figura 31 - Caderno Mais! Folha de S. Paulo de 09 de dezembro de 2007. 138

Figura 32 - Caderno Mais! Folha de S. Paulo de 24 de fevereiro de 2002. 139

Figura 33 - Caderno Mais! Folha de S. Paulo de 16 de abril de 2006. 141

Figura 34 - Caderno Especial Brasília 50 anos. Folha de S. Paulo de 21 de abril de 2010. 142

Figura 35 - Caderno Jornal de Resenhas. Folha de S. Paulo de 12 de agosto de 2000. 144

Figura 36 - Caderno Jornal de Resenhas. Folha de S. Paulo de 08 de junho de 2002. 145

Figura 37 - Caderno Ilustrada. Folha de S. Paulo de 23 de fevereiro de 2008. 146

Figura 38 - Caderno Ilustrada - Folha de S. Paulo de 27 de agosto de 2010. 147

Figura 39 - Caderno Mais! Folha de S. Paulo de 17 de abril de 2005. 149

Figura 40 - Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 15 de dezembro de 2007.. 150

Figura 41 - Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 16 de dezembro de 2007. 151

Figura 42 - Caderno Principal - Opinião. Folha de S. Paulo de 08 de fevereiro de 2000. 153

Figura 43 - Espaço Aberto - O Estado de S. Paulo de 02 de julho de 2008. 154

Figura 44 - Revista da Folha. Folha de S. Paulo de 03 de agosto de 2008. 155

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1: Os 10 Jornais mais vendidos do mundo 20

Tabela 2: Quantidade de Ocorrências nos Segmentos dos Jornais..... 113

Gráfico 1: Ocorrência do assunto arquitetura nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo no período entre os anos 2000 e 2010.....57

Gráfico 2: Distribuição do tema Arquitetura nos cadernos do jornal O Estado de S. Paulo..... 110

Gráfico 3: Distribuição do tema Arquitetura nos cadernos do jornal Folha de S. Paulo. 111

Gráfico 4: Distribuição do tema arquitetura nos jornais Folha e Estadão entre 2000-2010.. 114

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **1**

CAPÍTULO 1 - Os Meios de comunicação e a Arquitetura **11**

1.1. Os Meios de Comunicação 13

1.2. O papel do jornal impresso 24

1.3. Os jornais escolhidos: Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo 32

1.4. A importância da divulgação da arquitetura 36

1.5. A abordagem da arquitetura em meios especializados 45

1.6. A abordagem da arquitetura em jornais 54

CAPÍTULO 2 - A crítica de Arquitetura **61**

2.1. A importância da crítica 63

2.2. Os espaços e os contextos da crítica 68

2.3. A crítica de Arquitetura no contexto brasileiro 73

CAPÍTULO 3 - A crítica de Arquitetura nos Jornais **81**

3.1. Abordagem histórica da crítica arquitetônica nos jornais brasileiros 83

3.2. Comparativo entre os jornais brasileiros e alguns do exterior 97

CAPÍTULO 4 – A arquitetura nos jornais paulistas **105**

4.1. A arquitetura nos jornais paulistas entre 2000 e 2010 107

4.2. Tipos de abordagem 117

4.2.1. Divulgação de prêmios 118

4.2.2. Eventos importantes 123

4.2.3. Polêmicas e Patrimônio 131

4.2.4. Comemorações e Datas especiais 136

4.2.5. Textos críticos, Opiniões e Resenhas 143

CONSIDERAÇÕES FINAIS **157**

BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS **163**

ANEXOS **173**

1. Relação do material analisado 175

2. Material analisado e digitalizado 197

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Dotada de um poder que é tão duvidoso quanto, muitas vezes, inexpressivo, a arquitetura sempre concorrerá em desvantagem pelas riquezas da humanidade com demandas utilitárias. Como é difícil justificar o custo de colocar abaixo e reconstruir uma rua medíocre, mas que serve às suas finalidades. Como é espinhoso ter de defender, diante de necessidades mais tangíveis, os benefícios de realinhar um poste de iluminação torto ou substituir uma esquadria de janela que não se encaixa direito. A bela arquitetura nada tem a ver com as vantagens óbvias de uma vacina ou de uma tigela de arroz.[1]

Abrimos com um trecho de Alain de Botton de seu livro *A Arquitetura da Felicidade* para demonstrar como as vezes a arquitetura é vista pelo público em geral como supérfluo, como algo que não é prioridade em um mundo cada vez mais voltado à individualidade e à velocidade. É por tais fatores que se busca com a pesquisa demonstrar como a divulgação e discussão da arquitetura está fora do cotidiano da maioria das pessoas, transformando-a em um item de "luxo", ao qual poucos tem acesso e discernimento para diferenciar uma boa de uma má arquitetura e se uma edificação é relevante ou não ao contexto da cidade em que está inserida.

Este estudo tem a finalidade de conhecer o que existe de informações sobre arquitetura nos jornais, isto é, o conceito genérico, as impressões, posições e abordagem que a imprensa não-especializada e o público, através dela, apresentam em relação a arquitetura. Busca-se também apurar vínculos entre a arquitetura, os jornais e o público, assim como o papel da crítica em arquitetura apresentada por tais meios de comunicação.

Segundo Evaldo Coutinho (2010, p. X)[2] a arquitetura, a despeito de gênero de arte abundante e atrativa, não fomenta, em relação a ela, uma atividade crítica no mesmo índice de frequência que a literatura, a pintura, etc. Talvez por sua natureza "silenciosa", a arquitetura, está sempre presente e visível ao passar despercebida, figurando na maioria das vezes apenas como pano de fundo. Discreta quando não monumental, ou extravagante, o que em certo sentido é uma boa qualidade (ao se

[1] BOTTON, Alain de. A Arquitetura da Felicidade, Rio de Janeiro, Rocco, 2006, p.18.

[2] COUTINHO, Evaldo. O Espaço da Arquitetura. São Paulo, Perspectiva, 2010, p.X.

buscar sua adequação ao entorno). Visualmente é mais notada por todos quando algo diferente acontece, como por exemplo, ao se perceber a modificação de um local com uma obra nova ou quando uma construção é demolida. Mesmo assim, quando a arquitetura está envolvida poucos sabem do que se trata e na maioria das vezes imaginam ser mais um trabalho de engenharia.

O fazer arquitetônico é ignorado pela maioria das pessoas e a falta de um debate sobre isso contribui para tal desconhecimento. Dentro deste contexto esse estudo pretende investigar qual o espaço que a imprensa jornalística destina a crítica e compreensão da arquitetura, e de que maneira o público leigo tem a possibilidade de tomar contato com o tema. Considerando que é este público que cria uma demanda ao arquiteto, a questão da veiculação de um debate e de uma crítica é fundamental tanto para a compreensão e qualificação do espaço construído, como para o exercício profissional do arquiteto. É essa demanda e o conhecimento do trabalho de um arquiteto que vai gerar o desenvolvimento adequado e permitir que a arquitetura reflita as necessidades e tecnologias do tempo em que está inserida.

A busca da melhoria de nossas construções e cidades é um objetivo a ser perseguido com todos os instrumentos de que dispomos, e é verdadeira a afirmação de que a conscientização da sociedade sobre as questões da arquitetura e do urbanismo contribuiria muito neste processo.

A preocupação de que o leitor em geral não está recebendo uma informação de qualidade e com frequência tem a mesma dimensão da certeza de ser esta uma situação circunstancial, por existir apenas momentaneamente, e que haveria um potencial para transformá-la a partir de um incremento da exigência da própria sociedade, que mais educada e com maior poder aquisitivo, estaria buscando mais informação. A arquitetura estaria entre estes bens culturais tão almejados pela sociedade.

Nesta pesquisa a imagem que a arquitetura transmite é outro ponto importante, e que ainda pode ser distinguido em dois aspectos distintos: a imagem da arquitetura enquanto objeto construído, e a imagem do arquiteto e de sua atuação.

A imagem enquanto obra construída, da cidade, das praças, igrejas, escolas, etc. é muito evidente para todos, está explícita em sua presença física, mas não há uma reflexão.

Para a categoria dos arquitetos a imagem do profissional é uma questão importante. Analisar e debater são fundamentais como forma de melhor conhecer e de buscar caminhos de atuação. Evidentemente uma melhoria na aceitação profissional por parte do público seria benéfica a todos. Para as associações de classe e representantes profissionais, procurar formas de fazer com que a sociedade compreenda o papel do profissional passa obrigatoriamente pela relação com meios de comunicação e identificação de falhas de comunicação.

A arquitetura como profissão e seus resultados são conhecidos por uma pequena parcela da população, e, consequentemente, por uma pequena parcela dos potenciais beneficiários da construção. A divulgação e a informação têm uma influência nesta lacuna. Um trecho de um texto de Artigas[3] cabe bem nesse sentido:

> *Talvez fosse mais justo perguntar como a arquitetura e o urbanismo de hoje informam ou poderiam informar a sociedade sobre o seu conteúdo e o seu destino. [...] Mais ainda, caberia perguntar se a mensagem que ela eventualmente transmite é compreensível e a que níveis de receptores.*

Percebe-se que tais informações ainda não chegam de uma forma crítica e satisfatória a maioria da população. Tal lacuna ainda permanece na imprensa brasileira, deixando a principal beneficiária fora de uma discussão que a ela interessa e muito. Diminui com isso o papel do arquiteto, pois se a maioria, e não a minoria, tivesse um conhecimento adequado sobre arquitetura, como em muitos países europeus, o campo de trabalho do arquiteto poderia crescer muito.

[3] ARTIGAS, João Batista Villanova. Caminhos da arquitetura. São Paulo, 1999, p.99.

Vendo por outro lado, uma maior informação disponível, de fácil acesso e especifica sobre arquitetura, melhoraria tanto a sua prática como também haveria uma exigência de qualidade, como resultado de uma maior conscientização pública sobre o tema.

Por isso o interesse em se focar a pesquisa sobre como a arquitetura é divulgada na imprensa não-especializada, aquela de circulação e alcance geral. Hoje, mais do que nunca, a força da comunicação na sociedade se faz presente, é formadora de opinião e determinante nas relações econômicas, culturais e políticas.

No jornal trata-se de assuntos do dia-a-dia da população, além de todos os momentos históricos, tanto do passado como de projetos futuros. O jornal é de interesse geral e deveria abranger tudo com amplos horizontes, embora hoje esteja com a tendência de ser cada vez menos profundo em seus conteúdos e escrito para um leitor cada vez mais apressado. Mas o significativo é que jornal não tem limites de assunto, tem o potencial de ser democrático. Tudo pode ser publicado, basta definir a pauta certa.

Este trabalho partiu do pressuposto de que a arquitetura não seria tratada pela imprensa de forma satisfatória, com trabalhos em quantidade e qualidade que fossem capazes de informar suficientemente um leitor que se dispusesse a conhecer e se informar sobre o tema. Partindo dessa premissa foram encontrados vários textos de autores desde os anos 1950, depoimentos diversos, que serão analisados no decorrer da dissertação, e que, apesar de não se referirem apenas ao veículo jornal, tratam da questão em geral: a falta de um maior debate crítico sobre a arquitetura.

Podemos tomar como base o que Artigas[4] defendia:

> *...enquanto a ligação entre os arquitetos e as massas populares não se estabelecer, não se organizar, enquanto a obra dos arquitetos não tiver a suma glória de ser discutida nas fábricas e nas fazendas, não haverá arquitetura popular.*

[4] ARTIGAS, João Batista Villanova. In Depoimento de uma geração. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p.197.

Um trecho de um texto de Demétrio Ribeiro, Nelson Souza e Enilda Ribeiro[5] publicado originalmente em 1956 impressiona por sua atualidade:

> *Os programas propostos atualmente aos arquitetos brasileiros, salvo exceções, correspondem aos interesses de um pequeno setor da população. São programas de necessidades representativos de uma minoria social cujos hábitos e tipo de vida diferem essencialmente dos hábitos e do tipo de vida das mais amplas camadas da população brasileira.*

Verifica-se que a situação atual difere muito de épocas passadas, como no começo do século XX e durante a década 1950-60[6], alimentando a hipótese desse estudo em que há pouca divulgação sobre arquitetura para a maioria da população.

Um bom exemplo de tentativa de aproximar o público não especialista nas discussões sobre a arquitetura são os escritos de Warchavchik no começo do século XX a fim de divulgar, defender e aproximar a linguagem moderna, então em início de exploração no Brasil, a um público acostumado com edifícios acadêmicos e ecléticos. Público este composto pela elite branca, enricada pelo café e pela indústria brasileira em formação.

O arquiteto russo brasileiro correspondeu plenamente a seu papel de agitador cultural e polemista no conservador meio arquitetônico entre 1928 e 1933. Sua capacidade de mobilizar os meios de comunicação (grande imprensa, revistas, documentários cinematográficos e, certamente, o rádio) notabilizaram-no fora do âmbito profissional, alcançando setores sociais alheios a polêmicas de natureza estético-arquitetônicas – e talvez com mais repercussão que seus parceiros literatos ou artistas plásticos.[7]

É inegável a condição de Warchavchik de pioneiro, ao postular publicamente posições referenciadas a uma arquitetura racionalista de vanguarda da Europa, e

---

[5] RIBEIRO, Demétrio. Nelson Souza e Enilda Ribeiro. In Depoimento uma geração. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p.204.

[6] Época de grande repercussão da arquitetura nacional, devido a construção de Brasília e seus edifícios, surgindo diversas publicações, em jornais diários, a respeito de tal fato. Nessas décadas temos, também, a circulação, no Brasil, de quase uma dezena de importantes periódicos especializados, como veremos adiante nesta dissertação, que abordavam a arquitetura de maneira crítica, fortalecendo o debate arquitetônico.

[7] SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil: 1900-1990, 2010, p.53 e 54.

sobretudo por introduzir, de forma ampla, o debate público acerca da modernidade e do fazer arquitetônico.

O arquiteto russo brasileiro é sempre lembrado quando o assunto é a divulgação e a discussão da arquitetura no início do século no Brasil, mas não é o único. Também por meio de jornais o ainda jovem arquiteto Rino Levi enviou uma carta de Roma (onde cursava a Escola Superior de Arquitetura) que é publicada pelo *O Estado de São Paulo* em 1925. Tal carta fazia uma apologia da realidade moderna chamando a atenção para os novos materiais e aos grandes progressos conseguidos pela técnica construtiva e, sobretudo ao novo espírito que reina em contraposição ao neoclassicismo.[8]

Quando lemos e pesquisamos os textos produzidos e publicados no início do século XX percebemos como a discussão de como se fazer arquitetura estava no cotidiano das publicações em jornais. Arquitetos como Warchavchik, que defendiam uma visão modernista discutiam abertamente com arquitetos que viam a arquitetura acadêmica como única forma de se projetar corretamente. Era a partir dessas discussões que diferentes públicos obtinham informações sobre o que estava acontecendo e a partir daí formavam uma opinião sobre o que era certo ou errado no momento.

Com isso fica um desconforto: porque a arquitetura vem perdendo espaço na mídia impressa mais popular? Porque a crítica arquitetônica se tornou ao longo do século passado e no início deste como assunto quase que exclusivo de publicações especializadas? Ou são vistas pelo grande público como artigo de luxo e, portanto, inatingíveis?

Esse afastamento entre arquitetura e a população é uma das inquietações que incentivaram a iniciativa de pesquisar a atual publicação jornalística e a partir daí conseguir traçar um diagnóstico de como anda tal divulgação.

[8] SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil: 1900-1990, 2010, p.43.

Ao aprofundar sobre a análise pretende-se verificar se na realidade tal desinteresse em relação a arquitetura é verdadeiro ou não, ou se outro parâmetro possa se fazer presente, este relativo a qualidade e profundidade da maior parte da informação publicada.

O que se percebe de maneira geral é uma falta de periodicidade na publicação de artigos e reportagens sobre arquitetura. Verifica-se que na proximidade de um evento especial, como a Bienal de Arquitetura, a cobertura se torna intensa, com vários autores convidados, jornalistas, professores e profissionais que por vezes conseguem aprofundar o tema. Mas constata-se isto quando se observa o conjunto dos artigos como um todo, porque estas coberturas especiais são eventuais e também desproporcionais, ou seja, alguns anos a cobertura é maior que outros.

Também salta à vista a grande fatia que cada jornal dispõe para o mercado imobiliário. Os espaços crescem devido à tentativa que tais veículos buscam para sobreviver em tempos de internet e informação rápida, mas esse tipo de decisão acaba por embutir na população uma noção de arquitetura somente comercial, já que é a mais familiarizada ou a mais divulgada por esses meios. Isso pode desencadear, cada vez mais, a produção de uma arquitetura puramente formalista que atenda as expectativas comerciais e econômicas, produzidas pelas mesmas, tornando um processo cíclico que precisa de um rompimento para reflexão. Tal rompimento poderia ser a maior divulgação e análises críticas da produção arquitetônica, buscando sempre que a população comece a se familiarizar com tais discussões e reflexões, tornando cada vez mais parte de seu cotidiano.

Percebe-se que as matérias que tratam de arquitetura nos jornais estão distribuídas em diferentes seções e cadernos, notadamente nos cadernos de cultura; nos suplementos e revistas semanais. A quantidade de textos nestas seções que de fato têm uma preocupação não utilitária com a arquitetura, porém, é muito pequena.

O que se busca com essa pesquisa é perceber quais tendências estão na mídia em geral. Se a arquitetura é vista somente como um dado publicitário ou se há uma crítica embutida nesse fazer arquitetônico. Quando se fala em tendências, segundo

Ruth Verde Zein (2010, p. 159)[9], a crítica fica mais ardente, a discussão fica mais áspera podendo provocar reações. É falso, ainda segundo ela, esperar do crítico fórmulas ou formas prontas do que devem ser as tendências. Não cabe ao crítico ditar as regras advindas de seu gosto, do partido a que pertence ou defende. Isso não é crítica, é futilidade, militância ou publicidade. Ainda segundo Zein (2010, p. 159) os críticos não existem para moldar a seu bel-prazer a cabeça das pessoas, mas para ajudá-las a questionar, refletir e pensar sobre pensar e o fazer de cada indivíduo.

Portanto o objetivo deste estudo é analisar como a arquitetura é retratada pelo meio jornalístico brasileiro e qual a importância que a ela é dada nos meios impressos. Tenta-se com esse estudo verificar como e se a arquitetura faz parte do debate cotidiano das pessoas, além de provocar uma análise do real papel que a ela é aferida.

[9] ZEIN, Ruth Verde. O futuro do passado ou as tendências atuais (1987). In Textos fundamentais sobre a história da arquitetura brasileira, parte 1, 2010, p. 159.

CAPÍTULO 1 - Os Meios de comunicação e a Arquitetura

1.1. Os Meios de Comunicação

Segundo SODRÉ (1966, p.1)[10] a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista. O controle dos meios de propagação de ideias e de informações é uma luta em que aparecem organizações e pessoas, caracterizada por diferenças de interesses e aspirações. Dando-nos uma constatação da influência que a difusão da impressa exerce sobre o comportamento das massas e dos indivíduos.

Até hoje estudiosos de teoria da comunicação ainda buscam chegar a uma conclusão definitiva sobre como os homens primitivos começaram a se comunicar entre si, se por gritos ou grunhidos, por gestos, ou pela combinação desses elementos. De qualquer modo, o homem chegou à associação dos sons e gestos para designar um objeto, dando origem ao signo (Bordenave,1982, p.24).[11]

O sistema de prensa tipográfica (com tipos móveis) criado por Gutenberg, associado às possibilidades oferecidas pelo alfabeto romano, composto de pouquíssimas letras quando comparado aos inúmeros ideogramas chineses, não somente possibilitou a produção de livros em grande escala, como propiciou o surgimento do jornal.

Dava-se então o primeiro passo para a democratização da escrita e, consequentemente, do saber, conforme ressalta Gontijo (2004) dizendo que *"quando foi possível mecanizar esse processo através da prensa e reproduzir em série, o livro tornou-se portátil e o saber extrapolou os limites dos mosteiros, feudos e nações"* (Gontijo, 2004, p.167).

[10] SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1966.

[11] BORDENAVE, Juan E. Díaz. O que é comunicação.1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

O surgimento do sistema tipográfico gutenberguiano é considerado a origem da comunicação de massa por constituir o primeiro método viável de disseminação de ideias e informações a partir de uma única fonte.

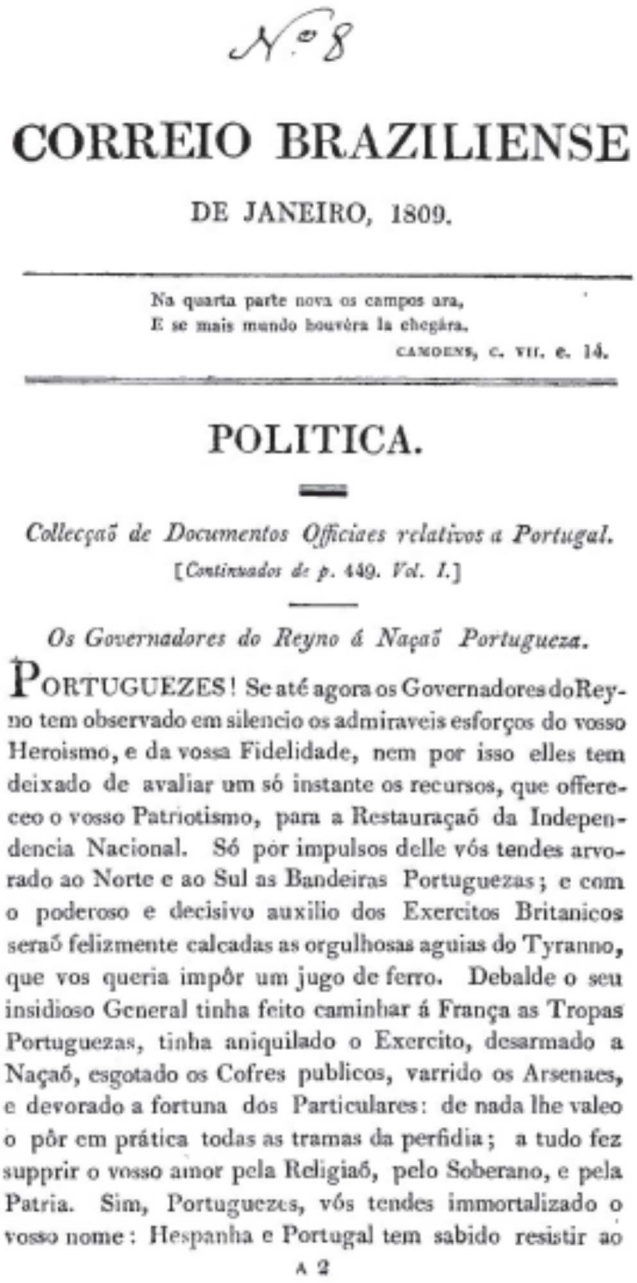
Ao surgimento da imprensa Fernando Sá (2002, orelha)[12] ressalta um outro importante marco histórico. Esse aparecimento e propagação da imprensa também estará diretamente vinculado ao desenvolvimento comercial e industrial das principais cidades da Europa. É com a imprensa que a cultura sai dos claustros e vai para as ruas, permitindo o surgimento do público leitor. Quando uma parte importante desses leitores passa a se interessar pelas publicações políticas e decide se envolver com os assuntos públicos.

A Associação Mundial de Jornais – WAN (*World Association of Newspapers*) – aceita como verdadeira as evidências de que o primeiro jornal do planeta tenha sido o *Relationen*, produzido por Johann Carolus, em 1605. De acordo com o site "*Observatório da Imprensa"*, Carolus residia em Estrasburgo, que no século XVII pertencia ao Império Alemão e hoje pertence à França.

Os descobridores do jornal, Martin Welker e Jean Pierre Kintz, dão garantias de que o periódico circulava em cópias manuscritas desde 1604. Afora isso, não é incomum depararmos com textos que afirmam serem as *Actas Diurnas* publicadas em Roma desde 59 a.C. a origem do jornalismo.

No caso brasileiro o primeiro jornal foi o *Correio Braziliense*. Seu número inicial foi lançado em 1º de junho de 1808, por Hipólito José da Costa e sua impressão era feita em Londres, porque a Coroa Portuguesa proibia a existência de impressoras na colônia.

[12] SÁ, Fernando. Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da Internet. Rio de Janeiro: PUC, 2002. 207 p.



N.º 8

CORREIO BRAZILIENSE

DE JANEIRO, 1809.

Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvèra la chegára.
CAMOENS, c. VII. e. 14.

POLITICA.

Collecçaõ de Documentos Officiaes relativos a Portugal.
[*Continuados de p.* 449. *Vol. I.*]

Os Governadores do Reyno á Naçaõ Portugueza.

PORTUGUEZES! Se até agora os Governadores do Reyno tem observado em silencio os admiraveis esforços do vosso Heroismo, e da vossa Fidelidade, nem por isso elles tem deixado de avaliar um só instante os recursos, que offereceo o vosso Patriotismo, para a Restauraçaõ da Independencia Nacional. Só por impulsos delle vós tendes arvorado ao Norte e ao Sul as Bandeiras Portuguezas; e com o poderoso e decisivo auxilio dos Exercitos Britanicos seraõ felizmente calcadas as orgulhosas aguias do Tyranno, que vos queria impôr um jugo de ferro. Debalde o seu insidioso General tinha feito caminhar á França as Tropas Portuguezas, tinha aniquilado o Exercito, desarmado a Naçaõ, esgotado os Cofres publicos, varrido os Arsenaes, e devorado a fortuna dos Particulares: de nada lhe valeo o pôr em prática todas as tramas da perfidia; a tudo fez supprir o vosso amor pela Religiaõ, pelo Soberano, e pela Patria. Sim, Portuguezes, vós tendes immortalizado o vosso nome: Hespanha e Portugal tem sabido resistir ao

A 2

Figura 1- Frontispício da edição n. 08 de janeiro de 1809. Fonte: http://www.brasiliana.usp.br

No mesmo ano a Família Real, que fugia das invasões napoleônicas, chegou ao Brasil trazendo nos porões dos navios as máquinas que iriam dar origem a Imprensa Régia, fazendo surgir o primeiro jornal impresso em território brasileiro. *A Gazeta* do Rio de Janeiro foi fundada em 10 de dezembro de 1808 e publicava documentos oficiais e notícias de interesse da Corte, com linguagem bem parecida com os atuais diários oficiais.

Nos anos seguintes foram surgindo outros periódicos, mas com linguagens marcadamente agitadoras, que partiam especialmente de Cipriano Barata e Frei Caneca. Desses, predominou o jornalismo panfletário da imprensa que sobreviveu até metade do século XIX. Gontijo (2004, p. 285) assegura que

> "De início, os jornais demonstravam ter alguma consciência de que parte da missão era educar o povo. No entanto, durante esse período turbulento, o que se viu foi uma disputa radical, que fez surgir estilos vigorosos e originais de redação jornalística, embora, muitas vezes, descambassem para acusações infundadas e ataques pessoais. "

Já a tecnologia que propiciou a imagem em movimento e adicionou a ela o elemento sonoro, rompeu com as experiências estéticas até então vivenciadas por meio da técnica de impressão. Primeiro com o cinema e posteriormente com a televisão, tais invenções (enquanto tecnologia) possibilitaram a visualização da imagem em movimento.

Mas o processo de integração dos meios de comunicação iria sofrer o mais profundo impacto com o advento da rede mundial de computadores, a Internet. A rede de computadores surgiu de experiências e pesquisas realizadas para fins militares no final da década de 1950. A internet, como a conhecemos hoje, é vista como um campo quase infinito para a divulgação e compartilhamento de informação. Conectando pessoas das mais variadas culturas, classes sociais e em qualquer lugar do planeta.

O cenário atual é caracterizado fortemente pelas ocorrências de arranjos técnicos que produzem ininterruptas convergências. Trata-se do equacionamento de conteúdos no formato de arquivos digitais, infraestrutura de transmissão e plataforma de visualização. Tal aspecto proporciona grandes possibilidades de difusão e transmissão de ideias para qualquer parte e em diferentes plataformas, além disso as informações podem ser alimentadas em tempo real pelos veículos de comunicação e pelos leitores.

De acordo com Briggs desde 1990 o termo convergência é aplicado ao desenvolvimento tecnológico digital*, "à integração de texto, números, imagens, sons e a diversos elementos na mídia"*. (Briggs, 2004, p. 270)[13]

[13] BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Nas últimas décadas, e principalmente nas duas primeiras décadas do século XXI, tem havido uma verificação constante de que estamos atravessando um período de mudanças particularmente rápidas e intensas. Tem sido frequentemente lembrado que o último quarto do século XX não teve precedente na escala, finalidade e velocidade de sua transformação histórica. A única certeza para o futuro é que ele será bem diferente do que é hoje e que assim será de maneira muito mais rápida do que nunca. A razão disso tudo está na revolução tecnológica, uma ideia que se tornou rotineira e lugar comum, nestes tempos de tecnocultura.

De uma maneira geral o surgimento da imprensa foi, segundo Sousa (2003 apud MELO, 2005, p. 28), o primeiro passo para a democratização da cultura, mesmo tendo desencadeado a estandardização e a simplificação das mensagens. Antes da indústria da comunicação a compreensão do tempo passado e de lugares distantes se fazia por intermédio da informação trazida por pessoas que mantiveram contato com essas realidades. Com a imprensa, a história passou a ser contada de forma mediada.

O jornal é um dos mais antigos meios de comunicação de massa. Alguns meios anteriores são considerados seus precursores, como a "*acta pública*" romana, onde o governo publicava suas notícias e leis, através de placas de pedra, feitas à mão, pregadas pela cidade.

No século XV com a formação dos burgos, a necessidade de informação aumentou em consequência do número de pessoas nas novas classes emergentes e com a invenção da tipografia, em meados de 1450, tornou-se possível imprimir uma maior quantidade de material, com facilidade de composição e impressão. Assim, juntamente com os livros, os jornais – material impresso contendo notícias – começaram a desenvolver-se, ainda sem serem periódicos, o que só aconteceu 150 anos depois.

Surgiram as primeiras impressões sobre a humanidade: as gazetas, com informações úteis sobre a atualidade; os pasquins, folhetos com notícias sobre desgraças alheias; e os libelos, folhas de caráter opinativo. A combinação desses três tipos de impressos resultou, no século XVII, no jornalismo e o papel da imprensa

periódica, na emergência da esfera pública, revestiu-se de importância especial. O aparecimento dos jornais no final do século XVII e princípios do século XVIII fomentou um novo espaço público para o debate. De início, esses jornais eram dedicados a assuntos literários e culturais, mas a temática foi se alargando para questões de interesse social e político. Gerou-se uma demanda por essas informações, pois o público queria entender e participar do processo decisório das instâncias de poder. Nesse novo espaço público, a sociedade começou a obrigar o poder a justificar-se perante a opinião pública.

Somente por meio dos livros, jornais, filmes e programas de rádio e TV vai se tornando possível o contato mediado com a história, mesmo a história recente. Livros, jornais e revistas transformaram a civilização, promovendo a mudança da esfera pública e da cultura.

A regularidade das publicações aconteceu a partir da segunda metade do século XVI, mas a origem dos jornais modernos está situada nas duas primeiras décadas do século XVII, quando as notícias passaram a ter mais confiabilidade. Verifica-se que a origem do jornal é registrada em vários países, em curtos períodos de tempo: Inglaterra, França e Alemanha e, posteriormente, Estados Unidos.

Outro fato importante para a evolução do jornalismo foi a industrialização. A mecanização tornou o processo de impressão mais rápido, barato e dinâmico, o que motivou o aumento do público leitor.

No século XIX têm início as primeiras inovações nos jornais. Nos EUA, o progresso da imprensa possibilitou a popularização do jornal sensacionalista, expondo na primeira página imagens e notícias de caráter extremamente violento. Os jornais norte-americanos já eram muito ilustrados e surgiram, então, as histórias em quadrinhos – seção humorística de grande sucesso até hoje.

Na Inglaterra, a imprensa partiu para a inclusão de assuntos variados, para atender a um público maior. Esportes, entretenimento, manchetes de primeira página já estavam no novo modelo inglês de jornal. Já na França, após o processo de industrialização, os veículos se manifestavam em várias tendências, estilos e orientações, identificando jornais de esquerda, de centro e de direita, além de jornais religiosos e monarquistas. Na II Grande Guerra, os jornais já dividiam o espaço com

o rádio e a televisão, o que gerou novas alterações na forma de se fazer jornal. A publicidade passa a ocupar de modo permanente suas páginas, de forma a garantir a sua subsistência econômica.

O jornalismo impresso foi a primeira forma de expressão organizada da comunicação social. Em seguida, o processo de evolução industrial e eletrônica produziu o radiojornalismo, o telejornalismo e o ciberjornalismo.

De acordo com Sousa (2003 apud MELO, 2005, p. 30), nos séculos XVII e XVIII, o domínio foi europeu. Já a partir do século XIX, passou para os EUA o papel de introduzir inovações no jornalismo. Muito tempo se passou até a chegada dos conceitos que hoje traduzem o jornalismo moderno: publicidade, atualidade, universalidade e periodicidade. A distinção entre notícias e comentários se solidificou, resultando na criação de espaços específicos, em cada veículo, para o jornalismo opinativo e informativo. Com o tempo, a imprensa informativa prevaleceu, ficando o espaço para opinião reduzido às páginas editoriais.

No Brasil, sob proteção oficial, a imprensa se iniciou de forma definitiva, somente a partir de 1808. A iniciativa da corte portuguesa se deveu à vinda de D. João VI ao Brasil, começando aí a chamada Impressão Régia. No início do século XIX, o surgimento do *Correio Braziliense*, editado em Londres por Hipólito da Costa, fez nascer a crítica contra o poder régio. Era o único veículo, à época, que mostrava as falhas da administração brasileira.

Com a censura da corte, os jornais nasciam sempre controlados e, mesmo com a República, a imprensa não assumiu um papel mais evidente e contumaz de se posicionar acerca dos fatos. Sodré ressalta que, mesmo ostentando uma certa independência, os jornais brasileiros optavam por ocupar suas páginas com publicidade, a “empregar sua influência na orientação da opinião pública” (SODRÉ, 1999, 252).

A passagem do século XIX para o XX é significativa no mercado jornalístico, por marcar a mudança dos jornais de estrutura simples, operando com oficinas tipográficas, para empresas jornalísticas dotadas de equipamentos gráficos mais avançados e voltadas para o comércio. Começavam a desaparecer as iniciativas isoladas de jornais panfletários, aventuras individuais de poucos. Como empresas, os

jornais ficaram em número reduzido, pois os avanços tecnológicos tornaram mais difícil a fundação de um periódico.

Apesar do arrefecimento da importância devido a essas novas tecnologias, os jornais e a atividade de jornalismo tradicional ainda ocupam um espaço de grande destaque no mundo, sendo a segunda principal mídia atrás apenas da televisão, segundo a WAN (*World Association of Newspapers*), associação internacional que cuida da atividade de jornalismo.

A mesma WAN calcula que no ano de 2010, aproximadamente 900 milhões de pessoas liam jornais diariamente, principalmente no Japão e na China, onde o costume de ler jornais é mais forte – caso japonês – (7 entre os 10 jornais mais lidos do mundo são orientais). Tal aspecto podemos verificar na tabela 1 com os 10 jornais mais vendidos do mundo, dados com base no ano de 2010:

Tabela 1: Os 10 Jornais mais vendidos do mundo

	Nome do Jornal	**País**	**Exemplares vendidos por dia***
1	Yomiuri Shimbun	Japão	14.246.000 jornais
2	The Asahi Shimbun	Japão	12.326.000 jornais
3	Mainichi Shimbun	Japão	5.635.000 jornais
4	Nihon Keizai Shimbun	Japão	4.737.000 jornais
5	Chunichi Shimbun	Japão	4.571.000 jornais
6	BILD	Alemanha	4.220.000 jornais
7	The Sun	Inglaterra	3.461.000 jornais
8	Sankei Shimbun	Japão	2.665.000 jornais
9	USA Today	Estados Unidos	2.603.000 jornais
10	Canako Xiaoxi Beijing	China	2.530.000 jornais

*valores médios aproximados e arredondados, inclui também os leitores que assinam o jornal, valores calculados com base no ano de 2010. **Fonte:** WAN – World Association of Newspapers

Para título de comparação o maior jornal do Brasil em números de unidades vendidas em 2010[14] foi a *Folha de S. Paulo* com 294.498 jornais vendidos por dia, bem abaixo dos números registrados entre os maiores jornais no mundo.

A recente Pesquisa Brasileira de Mídia (2015)[15], realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom), nos mostra que a leitura diária de jornais no Brasil ainda é baixa. Segundo a pesquisa apenas 7% dos entrevistados leem diariamente jornal impresso, sendo a segunda-feira o dia da semana mais mencionado pelos leitores (48%), e o sábado o menos mencionado (35%). A escolaridade e a renda dos entrevistados são os fatores que mais aumentam a exposição aos jornais: 15% dos leitores com ensino superior e renda acima de cinco salários mínimos leem jornal todos os dias. Entre os leitores com até a 4ª série e renda menor que um salário mínimo, os números são 4% e 3%.

Ainda segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia existe pouca controvérsia sobre os motivos pelos quais as pessoas leem jornais. Elas estão em busca de informação (84%), seja sobre o seu dia a dia, o país ou lazer e entretenimento.

Entre os cadernos mais lidos pelos entrevistados nessa mesma pesquisa (1º e 2º lugares) estão os de cidade, notícias locais e cotidiano (28%), esportes (24%), notícias policiais (16%), política brasileira (14%), classificados (12%), cultura e lazer (10%) e economia brasileira (10%).

Frente a isso é possível observarmos que um grande número de pessoas é levado a acreditar que tudo que leem no jornal é verdade ou é a verdade sobre o fato. Basta cotejar os títulos de uma mesma notícia em dois jornais diferentes para se pôr em dúvida essa crença. Entretanto, por mais relativa que seja a verdade de cada órgão de informação, ele é ainda o meio mais democrático para que o maior número de pessoas fique a par do que se passa no mundo. Como jornal impresso leva a informação, de alguma forma, também aos analfabetos, o jornalismo noticioso dá um grande poder à imprensa, que, por isso, foi chamada de quarto poder (ao lado do executivo, do legislativo e do judiciário).

---

[14] Segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC)

[15] Disponível em http://www.secom.gov.br/

Apesar disso, não podemos perder de vista que o jornalismo também é uma forma de ficção. O acontecimento passa por uma série de filtragens, de mediadores até chegar ao leitor. Os jornalistas selecionam os dados, recortam os fatos de um contexto e os reconstroem em outro contexto: o das páginas do jornal.

Mas, nesse panorama como fica o leitor? Ele é neutro? Também não. O leitor, como o jornalista, traz para a leitura do jornal a sua formação específica, as suas experiências, a sua visão de mundo, os seus objetivos ao ler o jornal. Assim, o leitor também desconstrói e reconstrói a notícia, em função do próprio contexto em que vive.

Portanto, o sentido da notícia não é dado pronto ao leitor, ele deverá aprender a caminhar no jornal, interpretar o que lê, para se transformar num leitor crítico e inteligente. E é neste ponto que o papel do jornal na sociedade adquire a sua grande importância.

Ao contrário da maioria dos bens de consumo, o jornal – objeto de comunicação – solicita de cada indivíduo a compulsão inversa, exigindo a repetição, favorecendo o hábito ou a rotina, ou, menos disforicamente, uma certa constância – como se uma vez que alguém elege seu jornal favorito irá permanecer fiel a ele e que fosse, em suma, permanecer fiel a si mesmo, por se ver em reflexo ao que o jornal informa, debate ou discuti.

É importante salientar que o grupo de leitores não é simplesmente um todo homogêneo. Nele habitam vontades, saberes e posicionamentos diversificados, mas convergentes que geram as possibilidades de relações internas e com outros grupos. Através das trocas linguísticas, o indivíduo se certifica de seu conhecimento do mundo e dos outros homens, assim como de si mesmo, ao mesmo tempo em que participa das transformações em todas essas esferas.

Segundo Maria Helena Martins (1982 apud ARANTES, 2005, p. 87), a leitura é um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando qual a linguagem utilizada. Cada canal emissor possui características que restringem as possibilidades de combinação dos códigos disponíveis da elaboração da mensagem, circunscrevendo igualmente o exercício da codificação, ou seja, coloca em jogo um saber mínimo que o leitor deve possuir, se quiser prosseguir a leitura.

O texto só produz efeito quando é lido, na leitura acontece uma elaboração do texto, que se realiza através de um certo uso das faculdades humanas, pois o texto é um potencial de efeitos que se atualiza no processo da leitura.

Emerge daí as iniciativas para despertar, nos leitores habituais de comunicação de massa, a preocupação com a qualidade da mensagem consumida, orientando-os para exercitar a sua capacidade de avaliação e valoração e, a partir desse ponto, construir leitores críticos.

Neste sentido a leitura crítica adquire a dimensão da inovação, da criatividade, servindo de ancoragem para uma ação político-cultural por parte do público leitor. O jornal – como fonte primária de informação – espelha muitos valores e torna-se assim, um instrumento importante para o leitor se situar e se inserir na vida social. Como apresenta um conjunto dos mais variados conteúdos, preenche plenamente seu papel de objeto de comunicação. Uma leitura bem-feita dá aos leitores novos conhecimentos, experiências, desenvolve o raciocínio crítico.

O texto é um potencial de efeitos que, por meio de significados que o próprio leitor produz, se atualiza no processo da leitura. Segundo Derridá (2002 apud ARANTES, 2005, p. 91) as palavras na página do jornal – ambíguas por si próprias – são meras caixas de ressonância para a interpretação do leitor. Assim, o texto se abre para uma pluralidade de interpretações, cada leitor traz consigo sua experiência, sua cultura e valores. O escritor permite ao leitor ver no texto outra coisa além do projeto do emissor: a diversidade das interpretações, alargando o horizonte do leitor, abrindo-lhe um universo novo.

Saber como se lê, entre outros aspectos, é determinar a parte respectiva do texto e do leitor na concretização do sentido. A leitura longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor. Segundo Eco (1985 apud ARANTES, 2005, p. 91) o texto necessita da participação do destinatário, pois, por definição, é, sempre inacabado. Por mais informação que um texto traga, estruturalmente é incompleto, não pode abrir mão da contribuição do leitor.

Cada leitor reage pessoalmente a percursos de leitura que, sendo impostos pelo texto, são os mesmos para todos. Assim, qualquer leitor possui o privilégio, dado pelo texto, de ter acesso ao conjunto das cartas que se trocam.

Essas cartas trocadas e enviadas pelos leitores ao jornal são de suma importância para o enriquecimento do debate, além de demonstrar um leitor ativo, em relação aos assuntos discutidos nos jornais. A carta de leitor é um instrumento comunicativo que circula tanto em jornais como em revistas, recebendo diferentes nomeações: cartas à redação, carta do leitor, painel do leitor ou simplesmente carta. Diz respeito a notícias ou reportagens publicadas nesse veículo de comunicação ou solicitações feitas pelos leitores e tem como objetivo divulgar seu conteúdo, possibilitando ao público em geral a sua leitura.

Tais cartas podem suscitar outros debates e pautas jornalísticas, já que muitas delas são escritas e enviadas por importantes personalidades, teóricos, críticos e pensadores das mais diversas áreas do conhecimento, possibilitando assim outro importante fórum de ideias do jornal impresso.

Essa abordagem de diferentes tipos de leitores e formas de interação com o texto jornalístico, coloca em evidência uma fronteira muito clara entre o mundo dentro e fora do texto. De um lado, existe o leitor inscrito no texto e, de outro, apenas um indivíduo vivo que segura o jornal em suas mãos.

1.2. O papel do jornal impresso

O segmento de jornais diários é um universo dinâmico, com vida própria e intensa, e em termos gerais é importante observar e caracterizar seus aspectos no que tange a inserção deste veículo na sociedade, para que possamos analisar como o segmento de arquitetura está dentro deste universo de notícias.

A leitura de jornais no Brasil é muito pequena, como vimos anteriormente, e, portanto, a tiragem é baixa e de certo modo estagnada em comparação a outros meios de comunicação dentro e fora do país. Entretanto seu alcance é grande, os textos dos jornais, justamente por permitir o aprofundamento de temas, repercutem em outros meios de comunicação (rádio, TV, Internet e revistas). E é importante salientar que quem acompanha e lê sistematicamente os jornais fazem parte da faixa de público culturalmente e educacionalmente mais privilegiada, e que pode ser caracterizada por um público “formador de opinião”.

Muitas pautas de rádios, TVs e revistas são feitas tomando como base os jornais, o que nos permiti vislumbrar que apesar de ser relativamente baixa a sua tiragem, seu alcance pode e é potencializado e repercutido, ou seja, se propaga para vários outros meios de comunicação.

Apesar de terem pouca tiragem e mesmo com o jornal sendo lido por um público pequeno, as redações dos jornais – que nos grandes veículos são enormes e estruturadas – funcionam como todos os meios de comunicação de massa: têm sempre a necessidade de procurar agradar a todos os tipos e segmentos da sociedade, cativar um público e formar novos leitores.

Grandes jornais se dirigem efetivamente a todos e a ninguém, às diferentes idades, aos dois sexos, às diversas classes da sociedade, ou seja, ao conjunto de um público nacional e, eventualmente, ao público mundial. A procura de um público variado implica na procura de variedade de informação e na busca de um grande público implica também na procura de um denominador comum.

A grande preocupação dos jornais em vender e aumentar seu público, no contexto de uma economia frágil como a brasileira, faz com que grandes jornais disputem entre si os poucos leitores existentes, e isto, numa sociedade que não tem o hábito de leitura e com nível educacional baixo e de pouca qualidade, transforma esta busca em uma corrida insana por leitores.

Entretanto, algumas pesquisas indicam que em termos gerais aumenta gradativamente o interesse despertado pelos assuntos culturais, e a seção de cultura está entre as mais lidas depois da Primeira Página dos jornais.[16] Talvez seja uma tendência para uma sociedade em transformação e que busca por mais informações e opções de lazer e conhecimento.

Os meios de comunicação têm importância maior a cada dia, acompanhando a expansão de uma sociedade cada vez mais voltada para o setor de serviços. Esta expansão e transformação social são um processo complexo e um quadro muito diferente do existente na época da consolidação da arquitetura moderna brasileira,

[16] As já citadas pesquisas realizadas pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC) – 2010; Pesquisa Brasileira de Mídia – 2015 (realizada pela SECOM).

quando o debate na arquitetura estava inserido em um contexto de movimentos, com uma situação ideologicamente estruturada e muito bem definida.

O público no Brasil, como vimos, para jornais e revistas chega a apenas 7% da população, o que evidencia seu potencial de crescimento, e mesmo com a expansão da internet nos últimos 10 anos, os jornais continuam em um patamar considerável de vendas, claro que com alguns ajustes devido a dinâmica de informação que hoje vivemos e presenciamos.

A evolução crescente das novas tecnologias tende a facilitar e a baratear o fluxo das informações, ampliando as possibilidades técnicas da mídia para transmissão de dados. Isso dá espaço para que se quebrem barreiras físicas e ideológicas de acesso à informação. A longo prazo, o homem cada vez mais vai se apercebe de que a notícia é um produto valioso que ajuda no relacionamento entre os povos e as culturas.

Os principais jornais, naturalmente, passaram a ter seus portais na internet com praticamente a edição diária integral, e como estratégia de mercado o texto completo é disponível para assinantes. A abrangência do veículo jornal, com grandes redações estruturadas, fica insuperável na rede em termos de conteúdo, frequência e capacidade de cobertura dos fatos, com textos e imagens das edições impressas servindo como fonte e complemento para a edição on-line.

Evidentemente existe a preocupação com os números de vendagem, entretanto com a edição quase que integralmente nestes portais, há indícios que esteja aumentando a quantidade de leitores e o alcance do veículo, devido a quantidade de acessos únicos recebidos em cada site dos jornais impressos. Como os textos dos jornais também repercutem em outros veículos de informação, talvez a diminuição de leitores de exemplares impressos não mostra os números de leitores totais que este meio de comunicação possui, já que precisaria ser somado também o número de acessos dos conteúdos online.

Segundo Ricardo Noblat (2002, p. 18) um jornal não é apenas um prédio cheio de gente e de máquinas capaz de produzir a cada expediente um número variável de folhas com um apreciável volume de informações. Um jornal não se limita a ser a soma de registros úteis destinados a orientar a vida das pessoas a curto prazo, não é simplesmente uma espécie de ata do cotidiano de um lugar ou de um ajuntamento de

lugares. E muito menos deve ser uma oportunidade de negócios para o proveito dos que são os primeiros a dele beneficiar-se — acionistas, empregados e fornecedores.

Um jornal é ou deveria ser um espelho da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo. Um espelho que reflita com nitidez a dimensão aproximada ou real dessa consciência, e que não tema ampliá-la.

Jornalismo, ainda segundo Noblat (2002, p. 18), não é obra exclusiva de jornalistas, os leitores são também responsáveis pelo bom ou mau jornalismo. Porque eles têm o “poder”, podem comprar um jornal se desejarem ou lhes interessarem, como também, se quiserem, podem deixar de comprá-lo.

A única coisa que um jornal não pode é ficar para trás enquanto seus leitores avançam, porque não haverá futuro para um jornal parado no tempo. Ainda segundo Noblat (2002, p. 18) não há perspectivas para um jornal que não se reformule e que não acompanhe as mudanças ao longo do tempo.

É cada vez mais difícil produzir jornais, pois o mercado foi se fechando em torno de grandes empresas. Isso também dificulta a liberdade de expressão, restrita aos donos dos grandes negócios da imprensa. A transformação da imprensa em um negócio caro tornou desnecessária a censura, uma vez que as empresas — pela própria condição de mercado, inseridas na economia como qualquer outra — praticam a autocensura naturalmente.

Para Sodré (1999, p. 408), *"de instrumento de esclarecimento, a imprensa capitalista se transformou em instrumento de alienação, fugindo inteiramente aos seus fins originários".*

Antes de ser um negócio o jornal deve ser visto como um serviço público e como tal deverá proceder. Mais do que informações e conhecimentos o jornal deve transmitir o entendimento do cotidiano e informações relevantes ao seu público leitor, pois é do entendimento que deriva o poder, e em uma democracia, o poder é dos cidadãos. (NOBLAT, 2002, p. 19)

Tais deveres se tornam ainda mais relevantes diante do surgimento recente de grandes conglomerados de mídia com alcance universal, como principal característica o controle de grande quantidade de meios de comunicação, tanto em quantidade como em diversidade de mídia.[17]

Segundo Noblat (2002, p. 19), o jornalismo nada tem a ver com essas corporações. Elas reconhecem o impacto poderoso da mídia no processo político e sabem o quanto a mídia ajuda a formar opinião sobre os assuntos públicos. A concentração de veículos de comunicação nas mãos de poucos conspira contra o jornalismo de qualidade e é uma séria ameaça ao pluralismo de assuntos e de opinião.

De uma maneira geral a busca de matérias exclusivas deve ser o principal objetivo de repórteres e editores, com isso o jornal tornar-se cada vez menos refém das "notícias de ontem", e ocupa-se cada vez mais em antecipar fatos, discussões e debates.

O jornal impresso perde, a cada dia, para a televisão e para a internet, a condição de fonte primária de informação para as pessoas (NOBLAT, 2002, p. 127), restando-lhe:

1) Investir na oferta de notícias e reportagens próprias, fora do cardápio de assuntos comuns aos demais veículos de comunicação;
2) Selecionar, explicar, interpretar e analisar fatos cruciais noticiados no dia anterior;
3) Antecipar fatos em gestação;
4) Criar debates sobre assuntos de relevância ao seu público leitor.

[17] Rede Globo no Brasil; grupo Televisa no México; Mediaset na Itália; Axel Springer na Alemanha; grupo Prisa na Espanha; Cox Enterprises e News Corporation nos EUA; entre outros.

O caminho é o fim do conceito de *broadcasting* e o fortalecimento do conceito de *narrowcasting*[18]. O primeiro trata de informações transmitidas a um público que não se diferencia, misto. O segundo se refere à difusão de informações para públicos conhecidos e segmentados, ou seja, para nichos do mercado da comunicação.

Segundo Ricardo Noblat (2002), empresários e jornalistas precisam repensar a forma de fazer jornal. De acordo com o jornalista, proprietários e profissionais devem analisar a fuga de leitores jovens e a adesão à Internet. A tendência do jornalismo é caminhar para a convergência dos meios, uma questão considerada essencial para o modelo futuro da comunicação e que irá promover um novo modelo de debate no espaço público.

Além disso, na história da comunicação, há uma convergência entre comunicação e cultura. Tudo o que o homem adquire, recebe, constrói, produz e altera no meio em que vive pode ser transmitido pela comunicação, seja por meio midiático, organizacional ou interpessoal. Ao trocar informações, o homem na verdade permuta valores e permite o acesso, entre povos diferentes, há informações concernentes a um modo de vida peculiar a um grupo social e não a outro, ou seja, tradições e crenças são conhecidas e determinadas pelos meios de comunicação disponíveis em cada sociedade.

Ao consumirmos os produtos da indústria cultural, estamos nos exprimindo culturalmente num contexto social ao qual pertencemos. Nossas práticas diárias são determinantes e determinadas pela cultura que vivenciamos. Toda cultura resulta de uma mistura de outras culturas. Assim, comunicação e cultura estão associadas de modo intrínseco, uma interligação que não se pode desfazer.

---

[18] Ambos os termos são muito utilizados por diversos tipos de meios de comunicação. É uma abordagem usualmente adotada em meios como TV e Internet, mas que cabe bem no contexto da pesquisa.

O *broadcasting* é um caso tradicional de transmissão nos meios de comunicação, que visa a atingir a maior audiência possível. Esse tipo de transmissão objetiva repassar uma informação geral, sem levar em conta especificidades ou particularidades. O aspecto opinativo fica por conta do indivíduo, que deve formar a sua opinião com base no relato dos fatos e acontecimentos.

Já o conceito de *narrowcasting* leva em consideração, as novas tecnologias de informação que permitiram um redirecionamento na indústria de mídia, tornando possível a definição mais precisa da audiência e consequentemente a reformulação de programas. A especificidade fica por conta do público, que não é mais homogêneo e tem preferências, retirando-se da conceituação genérica de massa e elevando-se ao nível de grupo com necessidades e exigências diferenciadas.

Em meados do século XIX, quando a industrialização já tinha tomado conta da Europa e da História, o ensaísmo e a crítica cultural se tornaram ainda mais influentes. Na Inglaterra, um crítico de arte como John Ruskin (1819-1900) era tratado como semideus pelos seguidores (e, claro, demonizado pelos detratores). Também no século XIX o jornalismo cultural atravessou o Atlântico e foi se tornar influente em países como os EUA e o Brasil. No caso brasileiro, o jornalismo cultural só ganharia força no final do século XIX; e dele nasceria um dos maiores escritores nacional, Machado de Assis (1839-1908).

Mas a modernização da sociedade transformou também a imprensa: o jornalismo moderno passou a dar mais importância para a reportagem, para o relato de fatos, não raro sensacionalista, e começou a se profissionalizar. O crítico que surge na efervescência modernista do início do século XX, na profusão de revistas e jornais, é mais incisivo e informativo, menos moralista e meditativo. No entanto, continua a exercer uma influência determinante, a servir de referência não apenas para leitores, mas também para artistas e intelectuais de outras áreas.

A revista *New Yorker* é capítulo obrigatório em qualquer história do jornalismo cultural do século XX. Criada em 1925, logo se tornou referência de classe, incisividade, humor e copiada em outras partes do planeta. Entre outros críticos que marcaram a história da *New Yorker* estão Lewis Mumford (1895-1990), importante historiador que colaborou com publicações em jornais, livros e revistas, que firmaram sua reputação como escritor interessado pelas questões urbanas.

Figura 2 - - Primeira Capa da revista New Yorker. Fevereiro de 1925. Fonte: http://www.newyorker.com

Outras revistas que também possuem grande importância no debate cultural, e precederam a *New Yorker*, são a *The Atlantic* fundada em Boston (EUA) em 1857 e a *The Nation* também dos EUA fundada em 1865. Fora dos Estados Unidos podemos citar como uma importante revista, que influenciou em diversos setores, a *New Statesman* (ainda publicada). Esse periódico inglês, com um cunho mais político, foi fundado em 1913 tendo como principais membros a sociedade socialista inglesa. Desde que foi fundada conquistou reputação pela qualidade dos seus analistas e pela pertinência de seus comentários, tornando-se um fórum de discussão da esquerda britânica, abrindo as suas colunas de opinião aos mais variados temas, um deles a cultura.

Com o passar do tempo, especialmente na segunda metade do século XX, a crítica começou a ocupar mais e mais espaço nos grandes jornais diários e revistas de noticia semanais, na chamada “grande imprensa”. Embora não pudesse ter a extensão dos textos de uma revista segmentada e fosse obrigada a evitar excesso de jargões e citações, essa crítica logo ganhou poder, justamente por ser rápida e provocativa. Mas o bombardeio de dados e informações da era eletrônica criou uma carência ainda maior de análises e comentários, que suplementem argumentos, perspectivas e contextos para o cidadão desenvolver senso crítico e conectar disciplinas. (PIZA, 2011, pg. 32)

1.3. Os jornais escolhidos: Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo

O jornal *O Estado de S. Paulo* foi fundado com base nos ideais de um grupo de republicanos, em 4 de janeiro de 1875. Nessa época, o jornal se chamava *A Província de São Paulo* e foi o pioneiro em venda avulsa no país, fato pelo qual foi ridicularizado pela concorrência (*Correio Paulistano*, *O Ipiranga* e *Diário de S. Paulo*). A venda avulsa foi impulsionada pelo imigrante francês Bernard Gregoire, que saía às ruas montado num cavalo e tocando uma corneta para chamar a atenção do público — e que, décadas depois, viraria o próprio símbolo do jornal — aumentou a tiragem do jornal. Ao lado da *Folha de S. Paulo*, de *O Globo* e do *Correio Braziliense*, o *Estado* é um dos jornais mais influentes do Brasil.

A PROVINCIA DE SÃO PAULO

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO COMMANDITARIA

REDACTORES: AMERICO DE CAMPOS E F. RANGEL PESTANA

FOLHETIM

MAGDALENA

Figura 3 - Edição n. 01 do jornal A província de São Paulo (O Estado de S. Paulo). Fonte: http:// www.estadao.com.br

Ao final do século XIX, o *Estado* já era o maior jornal de São Paulo, superando em muito o *Correio Paulistano*. Propriedade exclusiva da família Mesquita a partir de 1902, o *Estado* apoiou a causa aliada na Primeira Guerra Mundial, sofrendo represália da comunidade alemã na cidade, que retirou todos os anúncios do jornal. Mesmo assim, Mesquita mantém a posição de seu diário. Durante a guerra, passa a circular

a edição vespertina do jornal, conhecida como *"Estadinho"*, dirigida pelo então jovem Júlio de Mesquita Filho (1892-1969).

Depois de uma fracassada experiência no campo das telecomunicações, o Grupo Estado passou por uma restruturação em 2003, e a maior parte da família Mesquita deixou os cargos de direção. Demissões em massa ocorreram no grupo. Após o saneamento financeiro, o *Estado* empreendeu uma reformulação gráfica em outubro de 2004, com a criação de novos cadernos e tem recebido sucessivos prêmios de excelência gráfica.

Além do jornal *O Estado de S. Paulo*, o Grupo Estado publicava o *Jornal da Tarde* (1966) e detém controle sobre a OESP Mídia (1984), empresa que atua no ramo de Publicidade por meio de Classificados. Pertencem ao Grupo Estado as rádios Eldorado AM e FM (1958) e a Agência Estado (1970), maior agência de notícias do Brasil.

Já o jornal *Folha de S. Paulo* foi fundado em 19 de fevereiro de 1921 por um grupo de jornalistas liderado por Olival Costa e Pedro Cunha, com o nome de *Folha da Noite*. Era um jornal vespertino, com um projeto que pregava textos mais curtos e mais claros, enfoque mais noticioso que opinativo, agilidade e proximidade com os assuntos que afetavam o dia-a-dia da população paulistana, principalmente os trabalhadores urbanos.

Folha da Noite

AS ELEIÇÕES DE AMANHÃ

Figura 4- Edição n. 01 da Folha da Noite. Fonte: Acervo jornal Folha de S. Paulo

Foi criada em oposição ao principal jornal da cidade, *O Estado de S. Paulo*, que representava as elites rurais e assumia uma posição mais conservadora, tradicional e rígida. O empreendimento foi bem-sucedido, levando os sócios a comprar uma sede própria, uma rotativa e, em julho de 1925, criar um segundo jornal, agora matutino: a *Folha da Manhã*.

Também em 1925 surgiu na *Folha da Manhã* o personagem Juca Pato, que acabou se tornando um símbolo do jornal. Criado pelo cartunista Benedito Carneiro Bastos Barreto (1896-1947), o Belmonte, Juca Pato era “o homem comum”, que

criticava com ironia os problemas políticos e econômicos e repetia o bordão “Podia ser pior”.

As principais críticas das “Folhas” eram dirigidas aos partidos republicanos que monopolizavam os governos da época e faziam campanhas por melhorias sociais. A empresa chegou a apoiar a criação do Partido Democrático, de oposição. Em 1929, no entanto, Olival Costa, então o único dono das “Folhas”, passou a se aproximar dos republicanos paulistas e a repudiar opositores da Aliança Liberal, ligados a Getúlio Vargas.

A *Folha de S. Paulo* começou a ganhar espaço junto às camadas médias que ascenderam com o "milagre econômico", fixando-se como publicação de grande presença entre jovens e mulheres. Ao mesmo tempo, dedicava-se com desenvoltura crescente a áreas do jornalismo até então pouco exploradas, como o noticiário econômico, esportivo, educacional e de serviços. A *Folha* apoiou a ideia da abertura política e se colocou a serviço da redemocratização, abriu suas páginas para todas as tendências de opinião e incrementou o teor crítico de suas edições.

1.4. A importância da divulgação da arquitetura

De acordo com José Lira (2013, p. 11)[19] é curioso perceber como, a despeito de sua presença e impactos inevitáveis, no Brasil, ao menos nas últimas décadas, os assuntos de arquitetura vêm passando ao largo dos meios de comunicação. Em detrimento de sua abrangência ou qualidade, não encontram muita ressonância na imprensa, ressentindo-se também da incapacidade dos próprios arquitetos de os projetarem para além de suas redomas corporativas, disciplinares ou comerciais. Poucos são os veículos atentos aos desenvolvimentos da arquitetura, e raros os arquitetos preocupados em politizar as questões de seu oficio e saber, dialogando com a sociedade, liderando ações coletivas ou interferindo em agendas governamentais.

[19] José Tavares Correia de Lira, *“Arquitetura como bem cultural”* in LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Da taipa ao concreto: crônicas e ensaios sobre a memória da arquitetura e do urbanismo. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

Presente na imprensa do século XIX e primeira década do XX a temática arquitetônica só obteve ressonância efetiva quando a própria profissão passou a se investir de responsabilidades técnicas e ambições civilizatórias de máxima amplitude, estimulando os arquitetos a se manifestarem pelos jornais ou outros meios de comunicação. De Gregori Warchavchik a Carlos Lemos, passando por Flávio Carvalho, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Lina Bo Bardi, Vilanova Artigas, Luís Saia, Paulo Santos, Nestor Goulart Reis, Benedito Lima de Toledo, Demétrio Ribeiro, para citar apenas alguns dos mais conhecidos nacionalmente, um perfil hibrido de arquiteto-escritor-intelectual se desenhava no país.

Apesar de, relativamente a outros campos, a arquitetura jamais ter constituído um espaço estável na imprensa, tampouco na crítica, sucumbindo com frequência à ênfase profissionalizante da área e ao dogmatismo ideológico da corporação, no Brasil, entre as décadas de 1930 e 1970, floresceu um tipo de escrita sobre arquitetura, a meio caminho entre a crônica jornalística e o ensaísmo acadêmico.

A cidade, as políticas urbanas oficiais, as grandes obras do governo, os processos de destruição e reconstrução da fisionomia da cidade, o trato dos monumentos históricos, as ações de preservação, a memória urbana, novas praças e espaços públicos, tipos de habitação e maneiras de morar são algumas das figurações pelas quais a arquitetura e o urbanismo ganham cidadania na imprensa. E temos o conhecimento da enorme ressonância que alguns textos obtiveram quando publicados isoladamente em alguns meios de comunicação.

Pode-se citar como exemplo o protagonismo de Gregori Warchavchik (1896-1972) no final da década de 1920, que se faria acompanhado de uma política cuidadosa de difusão de seus princípios, propósitos e realizações. Artigos do próprio punho e entrevistas contundentes seriam publicados com certa regularidade em distintos jornais e revistas de prestigio no país, em um momento no qual a esfera cultural da arquitetura se modernizava e ampliava. Ainda podemos citar como grande divulgador da arquitetura moderna brasileira em diversos meios de comunicação o arquiteto e urbanista Lúcio Costa. Com seus textos dogmáticos e explicativos o

arquiteto promoveu a arquitetura e o urbanismo de forma a caracteriza-la como bem comum para a sociedade.[20]

Também é o caso do arquiteto e professor Carlos Lemos. É notória a enorme ressonância que alguns dos textos produzidos por ele obtiveram quando publicados, suscitando trocas produtivas entre autor e leitores, controvérsias e inflexões discursivas, bem como a ampliação das pautas editoriais de arquitetura[21]. Carlos Lemos iniciou seu trabalho na imprensa em 1957, como colaborador de periódicos especializados, entre eles *Acrópole, AD Arquitectura e Decoração, Módulo, C.J. Arquitetura, Casa Claudia, Arquiteto, Casa Vogue, Projeto, Construção em São Paulo, Arquitetura e Urbanismo* e *Casa e Jardim*. Em 1973, atingiu a grande imprensa, escrevendo ou concedendo entrevistas para jornais e revistas como *Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Visão, Manchete, Jornal da tarde, Veja, Diário Popular* e *IstoÉ*.

Outro grande arquiteto que tinha na escrita uma forma de discussão e divulgação da arquitetura foi Vilanova Artigas (1915-1985). O arquiteto, além de sua produção técnica como professor, era frequente em revistas como *Manchete*, *Arquitetura e Construção* ou *Veja*[22], ajudando na divulgação e na discussão sobre a arquitetura para um público não tão familiarizado com o tema.

A divulgação e a escrita sobre arquitetura podem ser consideradas como parte da atuação. Arquitetos escrevem e registram memoriais para apresentar e elucidar a própria obra, manifestos para tomar posição ante outros arquitetos, para exaltar ou

---

[20] O prestígio de Lucio Costa dentre seus colegas explica-se por uma série de razões, relacionadas às atitudes corajosas e decididas, especialmente quando nomeado Diretor da Escola de Belas-Artes em 1930 e quando o concurso para o Ministério da Educação e Saúde, em 1935-1936, mas também são vinculadas à sua atividade de pensador e escritor.

[21] Um exemplo é a publicação do artigo *"O caso de Caetano Campos"* em 1975 o qual ocupou com frequência a atenção de todos os jornais, e a própria *Folha de S. Paulo* voltou ao assunto algumas vezes, ao final quando parecia que o edifício seria demolido tudo se reverteu graças a iniciativa e o debate que Carlos Lemos promoveu na cidade de São Paulo a respeito de bens históricos e sua preservação.

[22] Alguns desses textos são: *Revista Manchete*, n° 797, ano 15, julho de 1967, editora Bloch, rio de janeiro, *"O Brasil do século 21: O grande espetáculo da arquitetura moderna"*, pg. 86; *Revista Arquitetura e Construção*, n° 5, Ano 1. Julho/ Setembro de 1967, São Paulo, *"Vilanova Artigas: dez anos separam duas obras atuais"*, pg. 22 a 27; *Revista Veja*, n° 24, Fevereiro de 1969, Editora Abril, São Paulo, *"Aqui não há portas para fechar",* pg. 60 e 61. E n° 244, n°250 e n°1157; *Revista Manchete*, n° 797, EDIÇÃO ESPECIAL 1969; e n° 1130 e n° 1173.

depreciar arquiteturas de outros tempos. Aquele que é talvez o mais importante arquiteto do século XX, Le Corbusier (1887-1965), escreveu cerca de cinquenta livros, argumentando que quando circunstancias o impediam de projetar ele desenhava, escrevia, falava de modo que suas proposições arquitetônicas não deixassem de ser veiculadas.[23]

A escrita de um profissional que se apresenta ao mundo por meio de imagens não é algo menor, secundário, que só se realiza quando a tarefa central é interditada. Basta lembrarmos que boa parte dos debates acerca da arquitetura do século XX travou-se por escrito. Pensemos em dois momentos cruciais, a emergência do chamado movimento moderno nos anos 1910-20 e do pós-modernismo em meados dos anos 1960, e não há como negligenciarmos a importância dos textos, artigos e manifestos. Foi por escrito que parte dessa luta simbólica, que forjou a trama da arquitetura dos últimos cem anos, foi tecida, reforçada ou esgarçada. São escritos que constroem pontes entre arquitetos e outros profissionais, e entre os próprios arquitetos, e que delimitam o que é e deve ser a arquitetura. São os textos que organizam discursivamente o universo da arquitetura, separando o que é exemplar do que é prosaico, o que é relevante daquilo que passa despercebido, o que pertence ao mundo da arquitetura e o que nela não cabe.

Aos arquitetos também podem ser apontadas a deficiência de conhecimento e a divulgação do edifício. A crítica deve se fazer sentir na arquitetura, para que a apreciação de um edifício, de uma residência, de uma escola seja coisa real e o debate sobre o assunto faça parte da letra de forma, para que o público se acostume a ver, sentir e julgar o quadro, o romance ou o poema, o concerto ou a cena de palco ao lado da obra arquitetônica.

O desinteresse do público pela arquitetura não pode, contudo, ser considerado como fatal e inerente à natureza humana ou à natureza da produção de edifícios. Talvez exista dificuldades objetivas, e uma incapacidade da parte dos arquitetos, dos historiadores de arquitetura e dos críticos para se fazerem portadores da mensagem

[23] RUBINO, Silvana e GRINOVER, Marina (org.); Lina por Escrito. Textos escolhidos de Lina Bo Bardi. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

arquitetônica, para difundir o amor pela arquitetura, ao menos na maioria das pessoas cultas.

A arquiteta Lina Bo Bardi (1914-1992), por exemplo, propôs a reflexão sobre a arquitetura produzida no Brasil. É por iniciativa sua que se pública no Brasil - sob seu comando como editora, redatora, repórter e crítica - a primeira revista dedicada à arquitetura no Brasil, nos anos 1950, a revista *Habitat*[24]. Uma crítica que praticamente se manteve sem pluralidade até a década de 1970 – a não ser a própria manifestação por artigos e declarações dos arquitetos envolvidos, como Niemeyer e Artigas – e que recupera o fôlego e se diversifica a partir de meados da década de 1970, com o surgimento de novas revistas como a *Projeto*; a revista *Módulo*, capitaneada por Oscar Niemeyer; e da revista *Pampulha*, fora do circuito Rio-São Paulo. Já na década de 1980, é a vez da também revista especializada *AU – Arquitetura e Urbanismo* entrar como um outro meio de divulgação e discussão em nosso campo de atuação.

Sempre observamos expressões como a ignorância da arquitetura e o desinteresse pela arquitetura. Mas perante tal confusão crítica ou por sua falta de divulgação e amplitude podemos sinceramente culpar o público? Não é talvez a carência de uma interpretação clara e válida da arquitetura ou a dificuldade na publicação em larga escala que determina este desinteresse e esta ignorância por parte do público em geral?

É indispensável, portanto, que o arquiteto exerça alguma autoridade sobre a opinião pública e faça a sociedade constatar os recursos e as intenções da arquitetura. Além de demonstrar, a esse mesmo público, a importância de se conhecer e se debater sobre aspectos diversos do fazer arquitetônico. A opinião pública, de modo geral, está sim mal informada e deveria ser dever daqueles que a produzem debater e discutir o melhor e o pior sobre a produção arquitetônica.

[24] A reunião do trabalho de Lina Bo Bardi como crítica de arquitetura tanto em publicações esparsas em jornais e revistas quanto na revista Habitat se encontra parte no volume publicado pela editora Cosac Naify, *Lina por escrito: textos escolhidos de Lina Bo Bardi*, organizado por Silvana Rubino e Marina Grinover. São Paulo; Cosac Naify, 2009; segundo as arquitetas Maria Alice Junqueira e Ruth Verde Stein: "publicam-se em Habitat vários artigos de Lina Bo Bardi que vão configurar uma primeira tentativa de crítica da arquitetura brasileira 'independente', ou seja, não engajada política ou doutrinariamente na construção do discurso 'nacional' (...)" In: BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. *Brasil*: *arquitetura após 1950*. São Paulo: Perspectiva: 2010, p.38.

Essa influência pública que o arquiteto precisa exercer perante a sociedade remonta muito antes dos problemas atuais de discussão e divulgação arquitetônica discutidos neste trabalho. Podemos lembrar do caráter polêmico dos discursos de Eugène Viollet-Le-Duc (1814-1879) quando o desenvolveu num duplo plano: por um lado, assumindo um caráter popular e divulgador (pensemos nos numerosos folhetins publicados com esta intenção) e por outro voltou-se com muita dignidade e coragem para os quadros dirigentes políticos de sua época. (FUSCO, 1984, p.17)

Recordemos também John Ruskin (1819-1900), que após sua atividade crítico-estética, participou, com textos, da divulgação de seu campo de trabalho. (FUSCO, 1984, p.42). Em uma passagem de sua obra *Lectures on Architecture and Painting*, escreve: "A arquitetura é uma arte a ser por todos aprendida, pois a todos diz respeito". Percebemos aí a preocupação de Ruskin com o assunto, e podemos afirmar, de fato que ele um dos pioneiros a afirmar a relação da arte com as condições sociais e a considerar a arte como patrimônio de todos e relacionar o nível qualitativo da arte com o da sociedade.

E como continuidade desse trabalho de Ruskin, na tentativa de juntar a arte com o cotidiano, podemos citar William Morris (1834-1896) que em um discurso pronunciado em 1881[25], declara:

> *"O meu conceito de "arquitetura" encontra-se na união e na colaboração entre as artes. É uma concepção ampla porque abarca todo o ambiente da vida humana – não podemos fugir à arquitetura porque fazemos parte da civilização e porque ele representa o conjunto das modificações e alterações efetuadas sobre a superfície terrestre em vista das necessidades humanas, excetuando o deserto puro. Não podemos confiar os nossos interesses a uma elite de homens preparados, pedindo-lhes para procurar descobrir e criar o ambiente destinado a nos albergar, maravilhando-se estes depois perante a obra acabada e tomando-a como uma coisa bela e feita. Isto cabe-nos a nós próprios: cada um de nós está empenhado em vigiar e guardar o justo ordenamento da passagem terrestre, cada um com o seu espírito e as suas mãos na porção que lhe cabe".*

[25] William Morris*, Prospects of architecture in Civilization*, in op. Cit, pp 3-4.

A Atualidade e a riqueza de tal definição foram recentemente apontadas por Benévolo, constituindo o ponto de vista de base de sua *História da Arquitetura Moderna.*

Neste trecho percebemos também a preocupação de Morris com a aproximação do cidadão, daquele que usufrui da obra construída, no processo de criação, não somente na ocupação do espaço já edificado.

Segundo Fusco (1984, p. 165) Ruskin havia considerado também que a arquitetura diz respeito aos interesses de todos. O mais importante, segundo ele, é que Ruskin faz um convite à participação no processo de arquitetura com um esforço de implicar toda a esfera social. Assim**,** ainda de acordo com Fusco, se conseguir manter vivo o interesse pela arquitetura e fazer participar o maior número possível de pessoas, talvez seja possível salvar o patrimônio constituído pelos edifícios, a paisagem, e estabelecer positivamente a nova arquitetura.

Vemos, com isso, que a discussão entre a aproximação do discurso e da prática arquitetônica com o cotidiano é discutida muito antes da problemática contemporânea sobre o fazer e a importância do arquiteto na sociedade. Desde seu início, a arquitetura moderna se preocupa com tal aproximação.

A arquitetura começa a ter importância quando ultrapassa seu papel de abrigo contra as intempéries, quando começa a dizer algo sobre o mundo, quando começa a assumir as qualidades de arte. É necessário fazer algo que supere, ao menos um pouco, a esfera prática da arquitetura. Não existe dúvida alguma sobre a influência da arquitetura e da estrutura sobre o caráter e as atividades do homem. Vitrúvio – no seu *Tratado de Arquitetura* (*De Architectura libri decem*) – afirmava que a arquitetura devia proporcionar utilidade, beleza e solidez, dizia também que a arquitetura era, na realidade, o começo da civilização, e que todas as outras artes e esferas do saber estavam ligadas a ela e dela descendiam.

Nesse sentido, em uma palestra intitulada *"Arte e ofício da máquina"* de 1901 na Hull House, casa de Jane Addams em Chicago, Frank Lloyd Wright (1867-1959) falou sobre Gutenberg, o inventor da prensa, e fez a extraordinária observação que o livro impresso foi, em certo sentido, a primeira máquina, e que seu aparecimento mudou profundamente a arquitetura. Antes dos livros impressos, disse Wright, "todas as forças intelectuais das pessoas convergiam para um ponto – a arquitetura. Até o século XV o registro principal da humanidade foi a arquitetura". Ele se referia a arquitetura como "grandes livros de pedras", e disse que, até a época de Gutenberg,

a arquitetura constituía a escrita principal – a escrita universal da humanidade. Mas, com o surgimento da imprensa, disse Wright, o pensamento humano descobriu uma maneira ainda mais simples e fácil de se perpetuar.[26]

Como muitos textos que Wright escreveu, essa palestra prima pelo exagero. Mas, apesar de tudo, continua sendo uma observação impressionante, pois de certa maneira enfoca o primórdio da ligação moderna entre a mídia e a arquitetura. Wright partia do pressuposto de que a arquitetura era uma forma de comunicação, um pensamento realmente radical para 1901: a arquitetura como mídia. (GOLDBERGER, 2011, p. 52)

Segundo Paul Goldberger, essa palestra *"Arte e ofício da máquina"* pode ser encarada como um exemplo primordial da noção de arquitetura como mídia que nos tempos de hoje, em que pensamos sobre quase tudo em termos de tecnologia da informação, ainda causa assombro. Wright entendia a arquitetura como um sistema de preservação e extensão da própria cultura – na verdade, como o sistema principal que a cultura usava com esse fim, já que ele considerava a arte e a escultura como subsidiárias da arquitetura, meros instrumentos no seu arsenal de comunicação. Às vezes as construções literalmente narravam histórias.

Embora Wright não estivesse pensando somente nesse modo tão literal, mas na própria experiência arquitetônica, e também na criação da estrutura e do espaço como uma forma de comunicação e uma maneira de transmitir valores culturais às gerações subsequentes. Contudo, como sabemos a arquitetura não é o único meio de preservação da cultura como nos queria fazer crer Wright, mas sem dúvida é um meio muito poderoso, e sua noção sobre o enfraquecimento da arquitetura pelos meios alternativos trazidos pela imprensa para a ampla disseminação das ideias constitui um momento extraordinário na evolução do pensamento sobre os objetivos da arquitetura. Wright foi além, afirmando que a arquitetura fora tão enfraquecida pela imprensa que os arquitetos acharam que havia pouco a fazer além de copiar estilos do passado, e

[26] Entende-se aqui que Wright se referia ao fato de que, nas catedrais góticas, as paredes eram texto. Contavam episódios históricos e religiosos, pois não havia imprensa e o papel era raro e caro, fazendo com que os livros também se tornassem raros por serem copiados a mão. Portanto, na ausência de bíblias e outros livros a única forma de educar e firmar os Evangelhos era através das paredes, arcos e portais das igrejas e catedrais. Assim os edifícios eram texto e isto reforçava mais a importância da arquitetura para a sociedade, pois as paredes tinham algo a dizer e as pessoas liam as paredes como um livro que estava sempre aberto e disponível para todos.

somente naquele momento, com o surgimento da arquitetura moderna, a área estava em condições de recuperar seu antigo papel de atividade central, buscando ascender em termos de importância e reflexo de uma sociedade que estava surgindo.

A arquitetura moderna permitiu que a discussão e a reflexão do que deveria ser construído volta-se à tona. A disputa de opiniões e a promulgação de um pensamento construtivo e projetual diferente do que até então vinha sendo praticado se torna algo a ser considerado no debate cotidiano.

Em relação a esse ponto primordial podemos citar novamente o caso de Lina Bo Bardi. Ela não escreveu apenas em revistas especializadas para arquitetos. Sabemos que seus trabalhos iniciais foram com títulos que visavam um público mais amplo e diverso, como *Lo Stile, Vetrina e negozio* e *Bellezza*, além das profissionais *Domus* e *Quaderni di Domus*, ainda atuando na Itália. Pouco antes de mudar para o Brasil, lançou-se, ao lado de Bruno Zevi e Carlo Pagano, na aventura editorial da revista *A*, posteriormente batizada como *A Cultura della Vita*. Na carta que escreveu a Zevi propondo o novo periódico, ela via espaço para uma revista que "estivesse ao alcance de todos e que pautasse sobre os erros típicos dos italianos". (RUBINO, 2009, pg. 28)

A arquiteta achava desconcertante a predileção da mídia por alguns assuntos em relação a outros. Dizia ela:

> *"Por que a um suicídio, um desastre, uma declaração política se dá tanto relevo enquanto assunto de cultura é relegado a plano secundário, ou mesmo não mencionado?*
>
> *Por que então a imprensa não se ocupa, com mais assiduidade, dos problemas de arquitetura, da arte, de todas as artes? Não é a construção de um Mercado, um Teatro, uma Escola, um acontecimento público de interesse geral imediato? Um projeto de arquitetura divulgado em tempo útil nos seus detalhes técnicos, plantas, cortes poderia provocar discussões e polemicas construtivas e muitos danos poderiam ser evitados. Poder-se-ia objetar que falta no público a consciência crítica e a capacidade de julgamento, mas esta consciência crítica necessita ser criada e alimentada, e enquanto os problemas de cultura forem relegados à terceira página e aos suplementos especiais e não entrosados no noticiário cotidiano, de público interesse, a maioria dos leitores continuará ignorando estes problemas. A civilização moderna ainda não utilizou este*

meio poderoso, a propaganda, para os fins desinteressados da cultura, em favor das grandes questões culturais. " [27]

De uma maneira geral a divulgação da arquitetura é indispensável e está encrustada em todas as modalidades da profissão. No ensino por oficinas, nos concursos, nos comentários das revistas, nas bienais, nos estudos históricos e, inclusive, nos procedimentos de tomada de decisão durante o processo projetual. No estado atual da arquitetura, em que predominam o desconcerto e a multiplicidade de opções, muitas das quais enganosas e efêmeras, a divulgação arquitetônica – principalmente em forma de crítica - é indispensável para sobreviver lucidamente ao mundo da moda, do consumo, da obsolescência planejada e do *jet set*.[28]

É indispensável que o arquiteto consiga exercer uma influência sobre a opinião pública e a faça constatar os meios e os recursos da nova arquitetura. A opinião está mal informada e os que dela fazem uso, em geral, não sabem mais do que formular muito mal seus desejos em matéria de arquitetura.[29]

1.5. A abordagem da arquitetura em meios especializados

O mercado editorial brasileiro de revistas especializadas em arquitetura se firma, sobretudo, concedendo espaço aos arquitetos para manifestação de suas ideias, debate, apresentação de projetos e crítica. Espaço em sua maioria dirigido ou comandado por arquitetos. Ao que pese a exigência legal de um jornalista habilitado como responsável pela publicação, quem, nesses casos, assume as funções editoriais e de redação a exemplo do que fazia Lina Bo na revista *Habitat*, são os arquitetos.

---

[27] "Crônicas de arte, de história, de costume, de cultura da vida. Arquitetura. Pintura. Escultura. Música. Artes Visuais. " Página dominical do Diário de Notícias (Salvador, BA), n. 3, 21 set. 1958. In RUBINO, Silvana e GRINOVER, Marina (org.); Lina por Escrito. Textos escolhidos de Lina Bo Bardi. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

[28] CARDINAL, Silvia Arango. *O Juizo em Arquitetura*. In Crítica de arquitetura: ensaios latino-americanos/ organizadores Hugo Segawa, Ingrid Quintana Guerrero, Aline de Figuerôa Silva. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2013.

[29] 1º Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, realizado em La Sarraz em 28 de junho de 1948.

Em artigo acadêmico sobre as revistas de arquitetura[30], Segawa nos diz que ao percorrer a seção de revistas de uma boa biblioteca especializada em arquitetura, urbanismo, paisagismo e design, ao mesmo tempo que um interessado encontrará uma coleção impressionante de publicações tratando de inúmeros aspectos em uma variedade de formatos, cores e acabamentos, um observador com um olhar mais acadêmico terá dificuldade para identificar títulos que possam ser caracterizados como "periódicos científicos e técnicos", nos padrões consagrados em outras áreas de conhecimento.

Segawa, com isso, constata a variedade dos periódicos na forma e na abordagem. Em relação a forma verifica-se uma grande variedade de tamanho e design e na abordagem, percebeu-se uma diversidade tanto técnica-científica como comercial.

A arquitetura como tema autônomo manifestou-se nos anos de 1950-1960 com a circulação, no Brasil, de quase uma dezena de periódicos especializados – publicações com pauta centrada na arquitetura (ou relacionada com as artes plásticas – uma parceria típica do momento) e não voltada apenas a alguns de seus aspectos, como as tradicionais revistas de decoração, engenharia e construção. Algumas delas tiveram boa duração[31]. O ano de 1965 marca o fim de algumas revistas com os problemas políticos relacionados ao golpe militar de 1964. Nunca, em momento anterior ou posterior, os leitores estiveram tão servidos com publicações especializadas de arquitetura.[32]

Já atualmente, as publicações em arquitetura assim se agrupam: por um lado, revistas, jornais portais e páginas na internet universitários e institucionais; por outro lado, revistas, jornais e portais comerciais. Publicações para especialistas, produzida por especialistas (artigos acadêmicos, ensaios, análises etc), e publicações

---

[30] SEGAWA, Hugo; CREMA, Adriana; GAVA, Maristela. *Revistas de arquitetura, urbanismo, paisagismo e design: a divergência de perspectivas*. Revista Ciência da Informação. Inf., Brasília, v. 32, n. 3, p. 120-127, set./dez. 2003. In: http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19031.pdf.

[31] Podemos citar como bons exemplos as revistas: *Acrópole* (1941-1971) – seu período áureo foi de 1950 a 1970; *Arquitetura e Engenharia* (1946-1965); *Habitat* (1950-1965); *Brasil Arquitetura Contemporânea* (1953-1957); *AD Arquitetura e Decoração* (1953-1958); *Módulo* (1955-1965); *Brasília* (1957-1961) e *Arquitetura* (1961-1969).

[32] SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil: 1900-1990, 2010, p.130.

produzidas para o público leigo. Quanto ao conteúdo, Segawa[33] constata que não há, por parte dos jornalistas que atuam nestas publicações, conhecimento ou domínio do tema, o que termina por resultar em matérias que não ultrapassam a descrição técnica de projetos e construções e citação literal do discurso dos arquitetos. Também não há opinião, nem diferença entre a parte editorial da revista e a parte comercial. As revistas acadêmicas também não fogem à regra, ainda estão marcadas *"pelo amadorismo na dinâmica de redação, da produção e circulação"*.[34]

Nos anos 1950, a forma como a crítica ocupa um espaço nas revistas e com jornais, indica sua importância na orientação do processo histórico da arquitetura, dando-lhe, inclusive capacidade de diferenciação ideológica[35]. O debate mais influente ocorre nas revistas da Inglaterra (*Architectural Review*), França (*L´Archicteture d´Aujourd´hui*), Itália (*Casabella, Zodiac*) e EUA *(Progressive Arquitecture* e *Architectural Forum*).

É interessante citar que em algumas dessas revistas especializadas estavam grandes nomes da teoria e história da arquitetura. Por exemplo, na *Architectural Review,* Pevsner deixa uma grande contribuição como membro da direção da revista. Em tal revista podemos citar também a grande influência de Colin Rowe. No contexto estadunidense podemos citar a jornalista, socióloga e economista Jane Jacobs como grande colaborada e posteriormente chefe de redação da revista *Architectural Forum*.

Outro exemplo importante é a redação da revista *Casabella*, a qual aglutinou o mais importante ambiente artístico da arquitetura italiana dos anos 1950-60. Arquitetos como Gae Aulenti, Francesco Tentori, Aldo Rossi, Guido Canella, Luciano Semerani, Carlo Aymonino, Vittorio Gregotti e Marco Zanusso. Sem contar com as contribuições de Manfredo Tafuri, Ernesto Rogers, Giulio Carlo Argan e Aldo Rossi. Isso mostra a importância e a influência que a revista *Casabella* exerceu durante um

---

[33] SEGAWA, Hugo; CREMA, Adriana; GAVA, Maristela. *Revistas de arquitetura, urbanismo, paisagismo e design: a divergência de perspectivas*. Revista Ciência da Informação. Inf., Brasília, v. 32, n. 3, p. 120-127, set./dez. 2003. In: http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19031.pdf.

[34] Idem. *Op. Cit.*, p.122.

[35] Refere-se aqui a defesa da autonomia disciplinar pela crítica italiana, principalmente na revista *Casabella-Continuitá* de Milão.

grande período para a arquitetura italiana. De certo modo, esse grande número de nomes importantes dentro da revista mostra a intenção de inserir a arquitetura em uma história da cultura, uma premissa de que a cidade é a base que justifica a existência e a finalidade de todas as obras.

Gregotti expressa sua opinião a respeito da participação do arquiteto dentro de uma revista quando afirma:

> *"Para um arquiteto, dirigir uma revista, ensinar ou participar de debates públicos é uma forma de cultivar a reflexão teórica, não como uma atividade isolada, mas como um aspecto indispensável do seu oficio projetual. Na verdade, a teoria e a história foram e ainda são dois importantes componentes do projeto, pelo menos para a minha geração.* "[36]

A leitura dos periódicos publicados na década de 1950 mostra que o debate internacional manifesta diversos movimentos operatórios em dispersão: abstração e figuração, revisão dos paradigmas do Movimento Moderno e dogmatização enquanto Estilo Internacional, reincidência de correntes artísticas que recorrem ao individualismo e liberdade de criação. Há ainda o processo de revalorização da história e da tradição que engendram temas como Novo Humanismo, Monumentalidade e Regionalismo.

No caso brasileiro as revistas especializadas da área cultural até os anos 1970, são marcadas pela desorganização, que afeta sua capacidade de sobrevivência. Por serem de pequeno e médio porte e devido à circulação irregular e público restrito, enfrentam problemas do custo da produção gráfica, dificuldades de comercialização e aquisição de anunciantes[37].

O funcionamento das redações em grande parte se baseia na produção por meio de colaboração, significa frequentemente, a não remuneração do trabalho intelectual, fato que pode ser resultado de dificuldades financeiras, mas pode ser atribuído também, à pouca disponibilidade de pessoal especializado. Esta forma de

[36] GREGOTTI, Vittorio. The Necessity of Theory, Casabella n.494, set. 1983, p.14.

[37] AMARAL, Roberto. Disponibilidade Gráfico-editorial, ECA-USP, 1971, p. 4-15.

funcionamento, entretanto, prejudica o editor de sustentar um cronograma de produção.

Entre 1930 e 1950, o maior problema que as revistas enfrentam é o público reduzido. Em todo o Brasil, os arquitetos no exercício ativo da profissão em 1950 são 1077[38]. A partir dos anos 1950, este problema se minimiza com o aumento do número de escolas e arquitetos; e o surgimento de interesse pela arquitetura brasileira no exterior, que incrementa o público a nível nacional e internacional. Posteriormente foram sendo fundadas outras revistas no Brasil, mas apesar das inúmeras revistas especializadas durante a década de 1950[39], o círculo restrito dos arquitetos não era rompido, quem opinasse sobre a arquitetura seria, quando muito, ouvido pelos pares, mas não parecia estar interferindo no rumo da vida ideológica do país.

Atualmente o caráter das revistas especializadas mudou de viés. O depoimento de Vittorio Gregotti – editor de *Casabella* por 14 anos – é eloquente:

> *"Nos últimos 30 anos, testemunhamos o declínio das tradições do jornalismo arquitetônico que data da virada do século. Por muitas décadas e até recentemente, as revistas de arquitetura eram os foros de discussões passionais e partidárias; quase sempre elas mantiveram uma forte e precisa posição sobre a disciplina arquitetônica.*
>
> *No entanto, nas recentes três décadas, revistas de arquitetura o contentamento de se tornarem meros espelhos da profissão: elas preferiram simplesmente registrar, geralmente de uma maneira plural e neutra, o que estava acontecendo. O dúbio resultado dessa transformação tem sido, de um lado, o aumento da quantidade de material publicado e, de outro, o embaçamento do critério pelo qual este material é selecionado. Esta tendência vem acompanhada também do incremento da "profissionalização" da imprensa de arquitetura, evidenciado no crescimento da complexidade estrutural da equipe editorial e a elevação dos custos de publicação. "* [40]

---

[38] Estatísticas do Livro de DURAND, José Carlos. Arte, Privilégio e Distinção, Arquitetura, Artes Plásticas e Classe dirigente no Brasil 1855/1985, São Paulo: Perspectiva, 1989, p. 153-154.

[39] Só no Rio de Janeiro: Acrópole (desde 1936), Brasil, Arquitetura Contemporânea (1953-58), AD (1953-57), Módulo (desde 1955), além das revistas do IAB e do SPHAM. Em São Paulo, Habitat (1950-65). Em Belo Horizonte, Arquitetura e Engenharia (desde 1947).

[40] GREGOTTI, Vittorio. Rebuilding the rules. GSD News, Summer 1996, p. 30.

De acordo com Segawa[41], no Brasil, revistas como *Habitat* e *Módulo* dos anos 1950 e *Acrópole* dos anos 1960 (com menos rigor) aproximaram-se das linhas editoriais de tendência, como a revista *Arquitetura* refletiu as posições da corporação nessa mesma década, até o fenecimento da imprensa de arquitetura no início dos anos 1970. O ressurgimento das publicações regulares nos anos 1980, com a *Projeto* (a partir de 1979) e *AU – Arquitetura e Urbanismo* (desde 1985), não marcou a retomada de "revistas de tendência", mas refletiu as incertezas de um país no limiar da redemocratização, o atordoamento pós-moderno e a concordata da modernidade brasileira. (SEGAWA, 2003)

Quanto à natureza dos periódicos Segawa (2003) classifica as revistas da seguinte forma:

1. Periódicos voltados predominantemente à publicação de trabalhos originais derivados de investigações desenvolvidas em centros ou grupos de pesquisa;

2. Anais de encontros científicos ou profissionais contendo a publicação completa de conferências, comunicações, mesas-redondas e painéis, promovidos por instituições de reconhecida credibilidade e consolidação no meio acadêmico ou profissional;

3. Revistas especializadas que, mesmo não cumprindo aspectos formais de qualificação acadêmica, são reconhecidas no meio como veículos de práticas, ideias, proposições, inovações e reflexão continuadas;

4. Revistas, jornais, cadernos culturais e técnicos de diários e publicações não-especializados e de circulação ampla ou reconhecimento qualitativo nacional ou internacional, voltados à publicação de artigos, ensaios, análises, comentários e resenhas significativos para a difusão e o debate

[41] SEGAWA, Hugo; CREMA, Adriana; GAVA, Maristela. *Revistas de arquitetura, urbanismo, paisagismo e design: a divergência de perspectivas*. Revista Ciência da Informação. Inf., Brasília, v. 32, n. 3, p. 120-127, set./dez. 2003. In: http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n3/19031.pdf.

de aspectos correlatos à área e que ampliem a audiência dos temas para um público amplo e leigo;

5. Revistas de arquitetura, arte, construção e decoração dirigidas a público leigo, que possam constituir repertório informacional da produção recente na área;

6. Portais e páginas de Internet especializados na área.

Levando em consideração essa classificação Segawa ainda constata que a periodicidade e pontualidade na edição são pontos críticos nas publicações brasileiras em arquitetura. Exceto revistas com amparo comercial de mercado (patrocínios publicitários, às vezes institucionais), a maioria das revistas da área padece de problemas crônicos de financiamento que comprometem a regularidade da circulação e até mesmo a sua subsistência.

Outro fator de dificuldade são as formas de distribuição dos periódicos, que constituem um grande problema para as revistas especializadas e científicas, que espelham com mais ênfase a precariedade da circulação e consumo de revistas em geral no mercado editorial brasileiro. Além da especificidade dos conteúdos reduzir, em muito, a audiência das publicações, fazendo com que tais publicações não atinjam um público considerável, principalmente na tentativa de divulgação e promoção dos debates arquitetônicos.

No caso internacional não é muito diferente. A forma de reação à crise profissional da arquitetura moderna fez florescer uma literatura teórica com a criação de revistas independentes e periódicos ligados a instituições acadêmicas.

Além das publicações já citadas – *Architectural Review, L´Archicteture d´Aujourd´hui, Casabella, Architectural Forum e Progressive Architecture* – outras revistas começam a surgir, na maioria das vezes de forma independente em relação aos órgãos de classe, assumindo de uma certa maneira uma postura crítica e propondo uma nova linha editorial e gráfica. Um exemplo importante é a revista italiana *Domus*. Fundada em 1928, com o *subtítulo "Arquitetura e decoração da casa moderna*

na cidade e no país", a revista tinha como objetivo renovar a arquitetura e as artes decorativas italianas, fazendo com que uma revista fosse utilitária, assim como informativa.

Durante dez anos (1985-95), sob o patrocínio do escritório de arquitetura de Henning Larsen, em Copenhague, os arquitetos dinamarqueses publicaram a revista *Skala: Nordic Magazine of Architecture and Art*. Em seus trinta números, a revista publicou trabalhos da maioria dos grandes nomes da arquitetura pós-moderna internacional.

Outro exemplo é a revista japonesa *A+U – Architecture and Urbanism*, que desde sua fundação (1971) tem publicado trabalhos seminais, tornando projetos e textos acessíveis ao Ocidente por meio de traduções em inglês e um primoroso tratamento gráfico e fotográfico, tornando-se referência entre as revistas especializadas, além das revistas *Progress* (Inglaterra) e *SD: Space Design* (Japão). Um exemplo interessante também é a conceituada revista londrina *AD – Architectural Design*, onde os temas periodicamente publicados continuam a oferecer introduções oportunas e estimulantes ao debate arquitetônico.

Temos no Brasil apenas duas revistas especializadas impressas de circulação nacional, ambas editadas em São Paulo: *Projeto Design* (editada desde 1979) e *AU – Arquitetura e Urbanismo* (editada desde 1985). Ambas as publicações passaram por diversas fases ao longo do tempo, com a crítica de arquitetura ocupando espaços variáveis, dependendo do editor e da estratégia de mercado de seus proprietários.

Segundo Abílio Guerra (2014)[42], em termos de excelência gráfica, nenhuma das duas revistas alcançou uma qualidade compatível às melhores de nosso continente – caso de *Summa+* (Argentina), *Arq* (Chile) ou *Arquine* (México) – mas chegaram a ter, em algum momento, uma boa crítica de arquitetura, que revelou e consolidou nomes importantes como Ruth Verde Zein, Carlos Eduardo Comas, Hugo Segawa, Cecília Rodrigues dos Santos, Alessandro Castroviejo, Ana Luiza Nobre e

[42] GUERRA, Abílio. A Universidade e a crítica de Arquitetura no Brasil. *Arquitextos*, São Paulo, ano 15, n. 173.02, Vitruvius, nov. 2014. Disponível em http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.173/5332.

muitos outros. Hoje o espaço para a crítica nestas revistas é diminuto e é mais fácil encontrá-la publicada em revistas estrangeiras.

Outro exemplo importante de revista brasileira é a *Monolito*. Com moldes parecidos com algumas revistas estrangeiras, a *Monolito,* é uma revista monográfica de publicação bilíngue (inglês/portugês) e bimestral, que em cada edição apresenta um tema, um arquiteto ou um grupo de edifícios de um determinado local. A *Monolito*, segundo seu próprio editor – Fernando Serapião – é uma revista cultural e não técnica, destina-se não só a arquitetos, mas a todos os leitores interessados no assunto.

Além dessas publicações comerciais, houve uma proliferação de periódicos de arquitetura ligados a universidades. Alguns seguem o modelo da *Perspecta: The Yale Architectural Journal,* criada em 1952. A revista VIA, ligada à Universidade da Pensilvania, e a *Architectural Association Quartely* (AAQ) – interrompida em 1982 e retomada como AA Files posteriormente – começaram a ser publicadas em 1968. *Modulus* (da Universidade da Virginia) e *Precis* (Universidade Columbia) apareceram em 1979. Os assuntos tratados nessas revistas temáticas permitem traçar as preocupações do período. A *Harvard Architecture Review*, por exemplo, estreou em 1980, com um número intitulado *Beyond the Modern Movement*. Outro periódico que exerce importante influência na área acadêmica nos EUA é a *PIDGIN Magazine* da *Princeton School of Architecture,* com publicação bi-anual realizada por estudantes e professores da Universidade americana.

A imensa atividade editorial acadêmica nesse período é um indicador do impacto recente e acessibilidade da editoração eletrônica em mercado não comerciais. Tal aspecto refletiu também no Brasil, que possui exemplos atuais interessantes de revistas especializadas organizadas e difundidas pelas universidades. É o caso da revista *Risco* editada desde 2003[43] pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP com o intuito de promover o debate de diferentes abordagens e temáticas no campo de atuação do arquiteto e urbanista.

[43] Em seu início a revista Risco também possuía o exemplar impresso, mas atualmente só é disponibilizada em meio eletrônico.

Outras revistas acadêmicas brasileiras possuem grande importância no meio, como a *Oculum* da PUC-Campinas, mas que ficam restritas a um pequeno grupo de leitores, basicamente dentro do meio acadêmico, e dificilmente alcançam uma divulgação em larga escala. Com isso acabam não chegando a um público maior, que provavelmente faria uma grande contribuição aos assuntos por elas debatidos e permitiria que as discussões abordadas pelas revistas atingissem uma amplitude e um aspecto mais difusor das questões arquitetônicas.

1.6. A abordagem da arquitetura em jornais

A arquitetura brasileira já foi retratada de maneira mais recorrente pelos jornais e revistas de interesse geral, em artigos e análises de críticos. Hoje, a discussão em torno da qualidade da produção nacional é feita dentro dos muros da mídia especializada e da academia.

O jornalismo especializado está dividido em grandes eixos já consagrados: cultura, política, economia, esporte, internacional, etc.. No entanto, apesar do número crescente e variado de títulos em jornalismo especializado à disposição do leitor, alguns dos temas abordados em determinadas áreas passam despercebidos pelos jornalistas e pelas faculdades de jornalismo. No jornalismo especializado em cultura, um dos temas esquecidos, é o dedicado a arquitetura e urbanismo.

Classificado como jornalismo cultural[44], o jornalismo em arquitetura se apresenta, em alguns jornais, pelo víeis da crítica de arquitetura. A que apenas os grandes jornais em circulação dedicam atenção especial. São exemplos de jornais que mantêm a crítica em arquitetura: o norte-americano *The New York Times* e o espanhol *El País*; no Brasil, a *Folha de São Paulo* contava com crítica semanal em arquitetura e urbanismo no caderno *Ilustrada* – inclusive, os artigos, resenhas, entrevistas e comentários, do colunista responsável, Guilherme Wisnik (1972), estão reunidos em livro[45]. No *O Estado de São Paulo* (Estadão) o colunista Daniel Piza (1970 – 2011),

[44] PIZA, Daniel. *Jornalismo cultural*. São Paulo: Contexto, 2004.

[45] WISNIK, Guilherme. *Estado crítico: à deriva nas cidades*. São Paulo: Publifolha, 2009.

crítico cultural, produzia crítica em arquitetura na sua coluna semanal[46]. No *Estadão* se destaca também um suplemento dominical voltado para arquitetura e decoração, o *Casa* – talvez o único no gênero em circulação no país, o suplemento trata de arquitetura e decoração com reportagens, notícias, guia de produtos e serviços.

Outra forma em que se apresenta a arquitetura no jornal, é inserida nas demais áreas especializadas, que não a cultural. Manifesta-se não por meio da crítica, mas via notícia ou reportagem em que a arquitetura é coadjuvante. Notícia e reportagem, por exemplo, quando trata temas relacionados à cidade, seus monumentos, prédios públicos, patrimônio histórico.

As revistas especializadas em cultura não elegem a arquitetura em seção fixa e permanente, quando tratam, é de forma esporádica, caso da revista *Bravo!*[47]. A revista cultural *Bravo!* inclui esporadicamente no rol dos seus temas culturais (Literatura, Artes Plásticas, Cinema, Música, Teatro e Dança) a arquitetura. Na edição da revista de junho de 2010 a arquitetura esteve presente. O jornalista, crítico de arte e curador Mario Gioia (1974), abordou a arquitetura produzida pelos japoneses Kazuyo Sejima e Ryue Nishizawa ganhadores do prêmio internacional em arquitetura de maior relevância, o Prêmio Pritzker. O jornalista, apesar de fazer crítica de arquitetura nas páginas de *Bravo!*, segue alguns preceitos da revista, expostas no seu editorial[48], que é, sobretudo a contextualização do tema, para facilitar a compreensão do leitor não versado ou familiarizado com o assunto.

---

[46] Os comentários do jornalista e escritor Daniel Piza (a formação universitária de Daniel Piza é em Direito, não em Jornalismo) podem ser consultados no arquivo do seu blog no Estadão, arquitetura é uma das seções, com 36 publicações, entre 2006 e 2010. http://blogs.estadao.com.br/daniel-piza/category/arquitetura/.

[47] Revista mensal da Editora Abril caracterizada por ter como pauta as artes plásticas (pintura, escultura, gravura e fotografia), o cinema, a música, o teatro, a dança, a literatura e outras manifestações culturais. A revista foi publicada entre 1997 e 2013.

[48] LIMA, João Gabriel. "Editorial". *Revista Bravo!*, ano 11, n.143. São Paulo: Editora Abril, julho de 2009. Da Revista *Bravo!*, editorial de João Gabriel de Lima: Numa época em que a informação objetiva chega a todos com facilidade, as revistas de fôlego semanal e mensal se diferenciam da imprensa diária pelo tom mais reflexivo e pelo aprofundamento de suas reportagens. E também pela originalidade – de formatos, de design, de ideias. O livro bíblico do Eclesiastes dizia que não há nada de novo sob o sol. Essa frase, que é particularmente válida para o jornalismo, ilustra a dificuldade de nossa busca – e estimula nossa obsessão em continuar teimosamente buscando.

Para a arquiteta e Prof. Dra. Mônica Junqueira de Camargo a democratização da crítica de arquitetura poderia contribuir para a elevação do patamar de qualidade dos projetos e orientar a população no momento da compra de imóveis.[49]

O que se constatou com as análises realizadas nos jornais pesquisados é que entre todas as artes, a arquitetura é aquela mais próxima do público e, curiosamente, a mais distante, porque pouco se valoriza enquanto obra de arte. A população teria que ter um senso mais apurado para poder avaliar a boa e a má arquitetura, perceber porque determinado espaço é interessante, o que enriquece os espaços, o que de fato é importante e o que é supérfluo, o que contribui para a qualidade de um projeto, de uma residência, de um escritório, e o que é, na verdade, um enfeite apenas.

Para isso devem ser utilizados os meios de comunicação de massa. O problema, porém, é que os críticos de arquitetura e os arquitetos falam entre si, e a informação fica no próprio meio, sem extravasar para o público. Nos países chamados de primeiro mundo, os grandes jornais – como o *New York Times* e o *Le Monde* – possuem uma sessão permanente de arquitetura. Até mesmo nossos vizinhos argentinos no jornal *Clarín*, por exemplo, possuem uma seção que discute permanentemente a arquitetura no país e no mundo.

Dentro do período pesquisado (2000-2010) as matérias que tratam de arquitetura nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, estão distribuídas em diferentes seções e cadernos, notadamente nos cadernos de cultura, nos suplementos e revistas semanais e no caderno de cidades ou cotidiano. Estes últimos, os cadernos de cidades e cotidiano, tratam de temas locais específicos, problemas urbanos, intervenções nas cidades, com uma abordagem própria, mais técnica ou descritiva. A arquitetura também aparece nas revistas e cadernos dominicais de construção, decoração e temas afins.

No gráfico 1, a seguir, é demonstrada a distribuição e o panorama geral em que o assunto arquitetura está presente nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* dentro do período estudado na pesquisa, em que o eixo vertical mostra a

[49] Em entrevista concedida ao Portal AEC Web com o título *"Arquitetura brasileira: um triste cenário"*. Disponível em http://www.aecweb.com.br/aec-news/materia/2230/arquitetura.

quantidade de vezes que o assunto arquitetura surge nos jornais, independente da profundidade ou do caderno em que aparece.

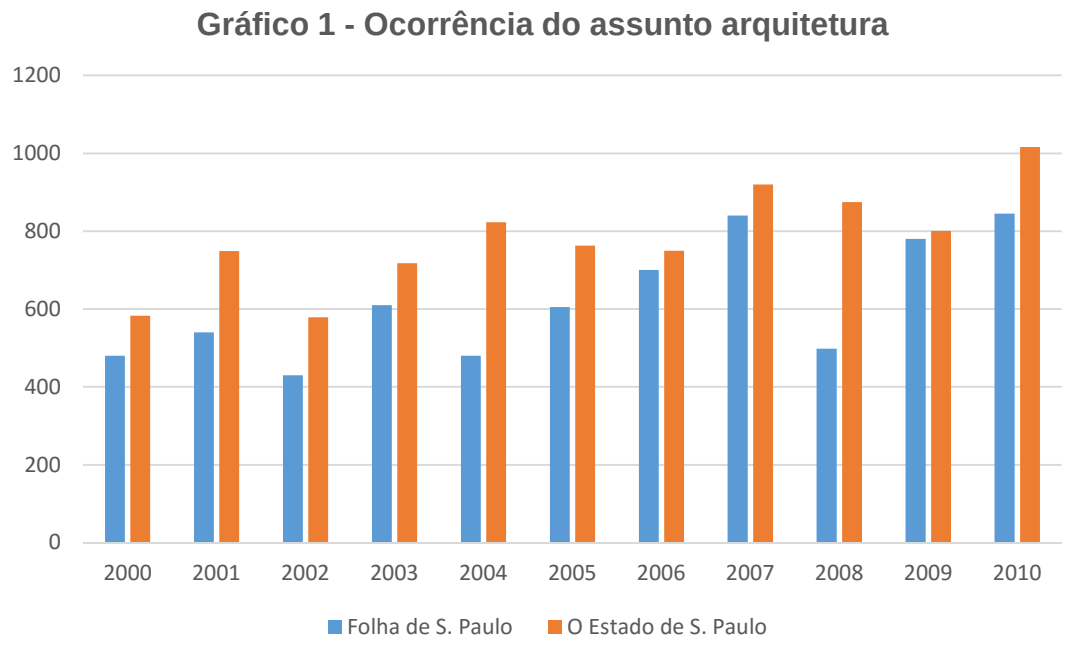


Gráfico 1: Ocorrência do assunto arquitetura nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo no período entre os anos 2000 e 2010. Fonte: elaboração própria (2015)

Veremos no capítulo 4, mais adiante, que mesmo o gráfico mostrando uma quantidade considerável do assunto arquitetura dentro dos jornais, pouco é discutido em forma de artigo ou crítica arquitetônica. Há a predominância do assunto arquitetura como reportagem ou notícia, onde a arquitetura por vezes somente é uma coadjuvante em relação ao assunto, ou é abordada de forma superficial, por jornalistas que pouco conhecem sobre esse campo de trabalho.

Para esta pesquisa o enfoque visado para a seleção do material foi o da análise crítica de arquitetura, porque trata da arquitetura como arte e cultura, mas a quantidade de textos nestas seções que de fato tem uma preocupação não utilitária com a arquitetura é muito menor. A maioria dos artigos foram selecionados dos cadernos de cultura. Este enfoque pode trazer uma contribuição para o debate sobre o assunto, no território das ideias, dos conceitos, contribuindo tanto para a arquitetura quanto para os arquitetos e a prática profissional, pela sua maior compreensão pela sociedade. Justamente pelo seu amplo alcance, a veiculação de temas de arquitetura em meios de comunicação pode despertar o interesse do público em geral. Este é um fato que ocorre, por exemplo, com o *The New York Times*, que com um crítico de

arquitetura escrevendo com regularidade pode trazer o público, de modo geral, ao tema, como atualmente é o caso de Nicolai Ouroussoff e anteriormente de Ada Louise Huxtable, além de Herbert Muschamp e Paul Goldberger Há outros grandes nomes da crítica arquitetônica escrevendo em jornais relevantes, os quais veremos mais adiante no Capítulo 3, quando será abordado exemplos de jornais e críticos estrangeiros.

O que se percebe é que a maioria dos jornais no Brasil possuem um suplemento semanal ou uma coluna de crítica, com exceção da arquitetura, sobre diferentes manifestações artísticas[50] é sintomática sua ausência como expressão cultural da vida cotidiana da comunidade, em relação aos prédios ruins onde habita a maioria das pessoas, e aos graves problemas urbanísticos de nossas cidades. A arquitetura só marca presença nas páginas jornalísticas em ocasiões comemorativas ou eventos específicos. A função da crítica de arquitetura é justamente criar a consciência social do valor que a nossa disciplina tem como expressão cultural.

Seria de extrema importância a existência da crítica de modo cotidiano e constante, tanto em veículos que atingem muitas pessoas (rádio, TV, jornais, revistas culturais) como nas próprias revistas especializadas, que muitas confundem opinião bem-intencionada com crítica de arquitetura.

O panorama geral, identificado pela pesquisa, leva a afirmação de que o jornalismo cultural dedica-se ao tema de forma esporádica. Verifica-se a ausência, não só da crítica nos jornais, mas também a confusão entre a linha editorial e comercial nas revistas especializadas em arquitetura.

Percebeu-se também que a arquitetura está presente no eixo do mercado de luxo e das publicações voltadas para comportamento e bem-estar, que publicações produzidas e destinadas a especialistas - as classificadas como técnicas - exemplo das revistas *ProjetoDesign* e *AU*, convivem com outras de cunho mais superficial ou que pecam pela qualidade de projetos ou textos publicados. O que acaba refletindo na situação atual da discussão e reflexão da arquitetura, se restringindo as revistas acadêmicas encampadas por instituições e faculdades de arquitetura, afastando o

[50] No período pesquisado (2000 – 2010) foram encontradas colunas periódicas principalmente de críticas de cinema (Inácio Araújo, Ricardo Calil e Luiz Fernando Ramos) e de música (Sidney Molina).

público em geral destas questões, público este que podemos considerar como o principal interessado, já que são eles que iram usufruir e residir na arquitetura até agora proposta.

Como já vimos não há no Brasil, assim como em alguns países latino-americanos, um espaço fixo de crítica de arquitetura em grandes jornais. O tema da arquitetura é abordado dentro da rotina cotidiana, como "matéria quente", onde o apelo está no comportamento do arquiteto, no arrojo formal da edificação, ou em algum elemento exótico associado. *"Quase sempre a arquitetura é abordada por jornalistas não especializados ou por arquitetos sem treinamento na área de crítica de arquitetura"* (GUERRA, 2014)[51].

O que se percebe com isso é que a abordagem de arquitetura em jornais – no caso brasileiro, que é objeto dessa pesquisa – não é algo sistemático e periódico na pauta jornalística. De uma maneira geral, na grande imprensa, temos muitas reportagens, artigos e opiniões, mas a crítica de arquitetura, aquela em que o autor se debruça e tenta contextualizar, teorizar e explicar ao seu leitor aspectos da arquitetura é muito pouca. A crítica de arquitetura, como referência projetual ou de tendências, acaba ficando distante do grande público, ficando restrita como discutido anteriormente, a um pequeno grupo.

[51] GUERRA, Abílio. A Universidade e a crítica de Arquitetura no Brasil. *Arquitextos*, São Paulo, ano 15, n. 173.02, Vitruvius, nov. 2014. Disponível em http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.173/5332.

CAPÍTULO 2 - A crítica de Arquitetura

2.1. A importância da crítica

Numa primeira definição, a crítica implica um julgamento estético. Tal julgamento consiste em uma valorização individual da obra arquitetônica empreendida pelo crítico a partir da complexidade da bagagem de conhecimentos de que dispõe, da metodologia que utiliza, de sua capacidade analítica e sintética, bem como de sua sensibilidade, intuição e gosto. (MONTANER, 2007, p.9)

De uma certa maneira a crítica possui um compromisso ético, uma tentativa de melhoria da sociedade e o enriquecimento do gosto artístico, além de ajudar na defesa da adequação da arquitetura àqueles que são seus fins. A crítica precisa difundir-se por meio de publicações, suportes midiáticos, cursos e debates com os cidadãos, para finalmente reverter-se à esfera de cada indivíduo dentro da sociedade e de algum modo exercer um papel de debate acerca da produção arquitetônica ou do fazer arquitetônico.

Josep Maria Montaner trata do assunto – crítica – com razoável profundidade em um de seus livros[52]. Chama a atenção para o importante papel cultural que a crítica desempenha e para o fato de que é sua característica a emissão de juízos, e para tanto é obrigada a uma relação muito próxima com a teoria, a estética e a história, chegando a afirmar que “toda atividade crítica necessita da base de uma teoria da qual possa deduzir os juízos que sustentam interpretações”. (MONTANER, 2007, p.15)

Os juízos que se podem omitir sobre a obra de arquitetura têm a ver com a medida na qual suas finalidades são cumpridas, não apenas aquelas estritamente funcionais, mas também estéticas, representativas e de relação com o entorno.

Entretanto, o crítico precisa ter muito cuidado para que os juízos emitidos sejam de modo a não parecerem definitivos. A crítica profissional e acadêmica muitas vezes excede suas funções e apresenta a obra analisada como vista e julgada,

[52] MONTANER, Josep. *Arquitetura e Crítica.* Barcelona: Gustavo Gilli, 2007.

monopolizando a ação crítica do sujeito, privando-o daquilo que é o momento essencial da arte moderna – no âmbito da qual se insere a arquitetura moderna -, a interpretação por parte do usuário. Muito ao contrário disso, o papel especifico da crítica deveria centrar-se em revelar o sentido formal da obra no marco histórico em que acontece, como passo prévio ao juízo estético propriamente dito por parte do usuário. (MAHFUZ, 2003)[53]

Se é possível afirmar, com alguma segurança, que "a missão da crítica de arquitetura deveria consistir em estabelecer pontes de mão dupla entre o mundo das ideias e dos conceitos, procedente do campo da filosofia e da teoria, e o mundo das formas, dos objetos, das criações artísticas, dos edifícios. Assim, a missão da crítica não consistiria apenas em teorizar ou em analisar a obra, mas também em reconduzir aqueles fluxos contínuos entre teoria e criação, entre esses dois mundos que não podem ser entendidos separadamente". (MONTANER, 2007, p.32)

Uma crítica da arquitetura deve cumprir o papel fundamental de fixar desenvolvimentos teóricos dentro dos quais se emoldure a atividade total do arquiteto, sua conceituação, sua planificação, a elaboração de projetos e o controle permanente da produção. Sem esses requisitos, a crítica carece de possibilidades de renovar o campo ao qual se refere.

A crítica em arquitetura precisa assumir um compromisso ético de melhoria da sociedade, na tentativa de enriquecer o gosto artístico e defender a adequação da arquitetura àqueles que são seus fins, através de sua difusão por meio de publicações, suportes midiáticos, cursos e debates cidadãos, para finalmente reverter-se à esfera subjetiva de cada indivíduo dentro da sociedade. (MONTANER, 2007, p. 10)

Segundo Montaner (2007, p.10) a crítica situa-se no amplo horizonte que se estende entre dois extremos históricos: de um lado, o excesso racionalista e metodológico, que crê na possibilidade de estabelecer interpretações, totalmente confiáveis e comprováveis, únicas e estáveis, sobre toda a obra de criação e, de outro, o excesso irracionalista, arbitrário e bárbaro, que alega a inutilidade de toda crítica e

[53]MAHFUZ, Edson. Teoria, história e crítica, e a prática de projeto. *Arquitextos*, São Paulo, ano 04, n. 042.05, Vitruvius, nov. 2003. Disponível em http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/640

interpretação diante das grandes obras de arte, essas criações sempre misteriosas e individuais cuja essência é insondável.

Já para Jorge Glusberg[54] (1998, p.177) uma ação eficaz da crítica consistiria em ser uma metodêutica[55] da prática arquitetônica, a qual facilitaria o contato com os problemas, as estratégias adequadas para resolvê-los e antecipações necessárias para a praxes arquitetônica.

Para Montaner (2007, p.15) a crítica precisa considerar duas condições básicas para existir. A primeira delas, como já vimos, é que só existe critica quando existe uma teoria. Nenhuma atividade critica pode prescindir de uma base teórica e ao mesmo tempo, nenhuma teoria pode prescindir da experiência de colocar-se à prova e de exercitar-se na crítica. Isto é, toda crítica é uma teoria colocada em prática, e é isso o que conforma seu amplo valor cultural. Já a segunda condição é que somente existirá uma crítica quando existir visões contrapostas.

Ruth Zein[56] considera que descrever uma obra de arquitetura é distinto de descrever a obra civil que a realiza. O memorial da obra, quando se limita a indicar as condições construtivas imediatas, seria o grau quase zero da crítica: quase, pois com tal documento é possível determinar a inserção dessa obra na contemporaneidade de seu tempo e lugar. Mas descrever uma obra de arquitetura é algo além: ali estarão presentes as intenções implícitas ou explicitas, a maneira como se encaram os condicionantes intra e extra arquitetônicos, as opções tomadas, recusadas ou abandonadas; está oculta, mas sempre presente, a caixa preta metodológica da criação – e, por extensão, da utopia ou recorte da realidade que ali se adota.

A dissociação entre quem cria a obra e quem cria sua descrição não é apenas de individuo: são domínios que tendem a ser distintos e até sem laços comuns de

---

[54] GLUSBERG, Jorge. Para uma crítica da arquitetura: com desenhos originais dos arquitetos Luis Benedit e Clorindo Testa, trad. Anita Regina Di Marco. São Paulo: Projeto, 1986.

[55] Charles Sanders Peirce concebeu a ***retórica universal*** (ou metodêutica) como o terceiro ramo da semiótica, definindo-a como o estudo dos efeitos do signo sobre seus intérpretes – ou, dito de outra maneira, o estudo de como a forma é transmitida do objeto ao interpretante, tendo o signo como veículo.

[56] ZEIN, Ruth Verde. O lugar da crítica: Ensaios oportunos de arquitetura. Porto Alegre: Faculdades Integradas do Instituo Ritter dos Reis, 2001, p. 201.

entendimento. A descrição de uma obra de arquitetura, segundo Zein (2001, p. 202), tende hoje à busca de maior "objetividade", à vontade de ausência de crítica e teoria, pois supõe não caber à descrição – e sim ao comentário, à analise ou à interpretação – a tarefa de fazer teoria e crítica. Mas, assim, ou a descrição se limita à obra civil ou, se fala de arquitetura, fará, implicitamente, crítica e teoria. Portanto, podemos considerar, assim como expressa Montaner, que o processo arquitetônico jamais pode prescindir da crítica e da teoria.

A crítica surge no final do século XVIII e se desenvolve ao longo do século XIX em função das batalhas do neoclassicismo contra o barroco, do pensamento ilustrado contra o academicismo. A crítica surge, em suma, em função da diversidade de interpretações e do pluralismo gerados pela crise do mundo unitário da tradição clássica. Crítica e ecletismo caminham juntos. Mas será, porém, a partir da arte de vanguarda e do movimento moderno que a atividade da crítica irá adquirir um papel mais relevante.

A ruptura com a mimeses, as diversas gêneses da abstração, a defesa de uma nova arquitetura (racionalista, funcionalista, social, tecnologicamente avançada), tudo isso exigiria uma teoria, uma crítica e uma historiografia que acompanhassem a difusão da obra moderna até hoje. Com a expansão e a institucionalização da arquitetura moderna, a teoria e a crítica não só não arrefecem, como continuam a se desenvolver, estimuladas pelo panorama desconcertante que se descortina ante a crise do próprio movimento moderno.

Dessa forma, segundo Nesbitt (2008, p.15)[57], nos últimos trinta anos uma visão geral da teoria da arquitetura mostra que uma multiplicidade de questões tem disputado a atenção dos estudiosos. De fato, uma das características desse período pluralista, segundo ela, imprecisamente designado de Pós-Moderno é a inexistência de um tópico ou de um pondo de vista predominante.

Já a percepção de Michael Hays (1968, p. XIV) é a de que, dentro desse pluralismo, uma corrente teórica específica, por ele descrita como *"a junção da teoria*

[57] NESBITT, Kate, "Introdução" a Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia teórica (1965-1995), 2ª. Ed., trad. Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p.15.

crítica marxista e do pós-estruturalismo a leituras do modernismo arquitetônico", tendeu a dominar as demais[58]. Esse ramo da teoria da arquitetura – que frequentemente se denomina crítica e é derivada do pensamento de intelectuais da Escola de Frankfurt e de filósofos franceses – costuma envolver uma crítica à cultura e uma bandeira de resistência ao *status quo*, desmascarando estruturas sociais tidas como repressivas e controladoras.

Nesbitt (2008, p. 17) caracteriza a teoria crítica como uma forma de pensamento "especulativo, questionador e às vezes utópico", que "avalia o mundo construído e suas relações com a sociedade a que serve, muitas vezes contém uma orientação política ou ética explicita e tem a intenção de estimular mudanças"[59]. Em fins da primeira década do século XXI (período da pesquisa) o mais proveitoso parece ser a soma de duas posições em relação à teoria crítica: a definição de Nesbitt e a avaliação de Hays sobre sua dominância. Surge daí um conceito da teoria crítica como uma pratica abrangente, de bases ideológicas, que se empenha em interrogar, elucidar e, assim, aprimorar o mundo em que vivemos.

Para Krista Sykes (2013, p. 14) trata-se de um objetivo elevado para a arquitetura, que nasce do projeto utópico modernista de curar os males da sociedade e procura aperfeiçoa-lo. *"Arquitetos, historiadores e críticos da chamada era pós-moderna reconheceram que, ao solicitar à arquitetura uma tarefa tão ampla e inatingível, colocou-se a disciplina numa posição impossível, destinada ao fracasso"*[60].

A crítica nos abre um novo horizonte e são muitas as ações pendentes: pode registrar a realidade criticamente, mapeando-a, até tornar visível aquilo que se tenta apagar, que ficou oculto, como a contribuição das mulheres e a memória dos movimentos sociais urbanos.

Trata-se de construir um novo pensamento que interprete que, por trás do mundo das formas, existem implicações sociais e éticas; cada posição formal remete a uma concepção do mundo, tempo e sujeito. Trata-se de construir sistemas

---

[58] HAYS, K. Michael, "Introduction" a Architecture Theory Since 1968. Cambridge: MIT Press, 1998, p. XIV.

[59] K. Nesbitt, op. Cit., p.17.

[60] SYKES, A. Krista. "Introdução" a O campo ampliado da arquitetura: Antologia Crítica 1993-2009. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p.14.

interpretativos de síntese que saibam conciliar as interpretações formais com a crítica à ideologia, isto é, que expliquem a arte, a arquitetura e a cidade a partir do social e do político, mas que, ao mesmo tempo, saibam analisar a fundo as obras, rejeitando explicações simplistas e esquemáticas que pretendem reduzir a complexidade dos mundos criativos e formais exclusivamente a condições econômicas e ideológicas.

2.2. Os espaços e os contextos da crítica

A crítica de arquitetura está hoje dispersa em todo tipo de publicação – livros, jornais, revistas – na forma de notícias, ensaios, crônicas, etc., e é feita por arquitetos, professores, editores das revistas especializadas e por críticos de arte. O resultado é uma metalinguagem que quase só é lida pelos próprios arquitetos. A crítica arquitetônica não chega ao grande público.

Ao público em geral chega principalmente a crítica literária, musical, de cinema e teatro. É o público que quer saber se merece dedicar tempo e dinheiro para ir ver um dado espetáculo. Essas críticas são orientadas para o consumidor, enquanto que a crítica de arquitetura visa o produto, que muitas vezes é o próprio arquiteto.

Para Montaner (2007, p. 17) o exercício de cada tipo de crítica mantém uma estreita relação com o espaço em que é realizado. Desse modo para o crítico literário, o lugar essencial para exercer seu ofício é o espaço da biblioteca. O crítico de cinema adentra continuamente às escuras salas de projeção, e a atividade do crítico de arte deve se realizar no ponto onde se produz o ato de cortesia e liberdade em que consiste a apresentação da obra de arte. O crítico de arte é obrigado a viajar continuamente de um museu a outro.

E a atividade de crítico de arquitetura não foge a tal contexto, assim como a atividade de crítica de arte, ela também é uma atividade nômade. Muito raramente o julgamento de uma obra arquitetônica pode se realizar sem que ela seja visitada, aliás, muito pode se perder se o crítico não conhece pessoalmente uma obra antes de fazer algum juízo.

Mas a crítica em arquitetura se diferencia essencialmente da de arte em um aspecto fundamental. Como observou bem Walter Benjamin (1975, p 55-95)[61], enquanto o olhar que se direciona à pintura é estático, devendo se concentrar na observação da obra, o olhar que se direciona à arquitetura é dinâmico, exige um percurso pelas suas fachadas e pelos seus espaços.

A autêntica crítica de arte e de arquitetura deve ser exercida, portanto, na presença do original. Porém, em contrapartida, a forte presença da obra original na atividade do crítico contribui para que ele se afaste dos rigores do método e caia no subjetivismo.

Afora tais aspectos, sobre os espaços da crítica, percebemos que certos países possuem uma maior tradição de crítica. Em países como Alemanha, Suíça, Itália, Inglaterra e Estados Unidos forjaram-se solidas tradições críticas. Os italianos Maurizio e Marcello Fagiolo podem se referir aos ensinamentos do mestre Giulio Carlo Argan, que era discípulo de Lionello Venturi, que por sua vez, foi aluno de Benedetto Croce. Joseph Rykwert e Christian Norberg-Schulz – um britânico e um norueguês – são exemplos de duas interpretações das ideias de Jung. Nikolaus Pevsner, que sintetizou toda a tradição desde William Morris até Walter Gropius, formou discípulos tão contrapostos como Reyner Banham e David Watkin. (MONTANER, 2007, p.19)

Mas por que motivo tradições em discussões críticas desenvolveram-se em alguns países e não em outros? Esta pergunta poderia ter três respostas: uma política, outra metodológica, e outra, ainda, midiática.

Nenhum país sem um processo democrático vital e consolidado pode aspirar a ser o berço de qualquer proposta relevante no campo da crítica de arte. Ante situações que implicam a redução da liberdade, os núcleos da crítica emigram, em busca de sua continuidade em países de sólida base democrática.

A segunda razão assenta-se no território das ideias e das metodologias. Para Montaner sem um contínuo e laborioso esforço de acúmulo de conhecimentos, é impossível construir uma tradição sólida no campo da crítica. Não teria sido, portanto, casual o fato de que os críticos enraizados na tradição britânica, como Ernest

[61] BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In A Ideia do Cinema, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1975, p. 55-95.

Gombrich, Rudolf Wittkower ou Colin Rowe, adotassem como referências metodológicas os critérios de rigor desenvolvidos nos textos de Ludwig Wittgenstein e Karl Popper. (MONTANER, 2007, p.21)

A última é uma razão de caráter midiático. São necessárias não somente a estabilidade e a permanência da condição democrática, e a solidez de metodologias estabelecidas, mas também as possibilidades de expressão e comunicação da crítica. Para Montaner (2007, p. 21) a crítica floresce naqueles lugares onde os canais de difusão – editoras, publicações periódicas, programas nos meios de comunicação de massa – permitem que ela exista e seja transmitida, enfim, ter um mercado. A crítica, para ser completa e tornar-se uma tradição, necessitaria, portanto, de uma comunicação contínua com o público a que se destina, uma plataforma que estimule a divulgação e a discussão arquitetônica.

A partir dos anos 1960 iniciou-se um processo de descrédito da crítica. O artigo de Susan Sontag (1933-2004) *"Contra a Interpretação"* [62], é uma das primeiras mostras disso.

Nos anos 1960 pensava-se que à medida que a arte tentava se fundir com a vida e ser com ela desfrutada – Living Theatre, *pop-art*, Internacional Situacionista, Fluxus -, a crítica passaria a ser supérflua, e aquele que interpreta o conteúdo das criações artísticas não faria falta alguma. A realidade, contudo, caminhou em outro sentido. Se, para a arte das vanguardas, era necessária uma teoria como guia e interpretação, as últimas correntes têm exigido, de autores e críticos, ainda em maior medida, explicações que tornem "visível" a intencionalidade de cada obra.

Nas últimas décadas verificou-se uma revalorização da mimese ante as buscas vazias, frívolas e elitistas da originalidade e da novidade a qualquer preço. Tal fato expressou-se nas ideias e nas obras de arquitetos como Ernesto Nathan Rogers, Aldo van Eyck, Lina Bo Bardi e Robert Venturi.

Mas como enfrentar o trabalho da crítica de arquitetura no quadro das incertezas contemporâneas e da grande pluralidade de posições e interpretações?

[62] SONTAG, Susan. Contra a Interpretação. Porto Alegre, L&PM, 1987.

Para Montaner (2007, p. 25) uma das missões básicas do trabalho da crítica consiste na tentativa de contextualizar toda nova produção dentro de correntes, tradições, posições e metodologias estabelecidas, reconstituindo o meio no qual são criadas as obras. Essa contextualização contraria a tendência ao individualismo e ao criacionismo sob os quais se escudam muitos artistas e arquitetos, ao rechaçar interpretações e classificações. A tal objetivo, ainda segundo Montaner, associa-se o estabelecimento de interpretações multidisciplinares que rompam as barreiras do profissionalismo e da especialização limitadoras das práticas artísticas.

Por outro lado, toda crítica arquitetônica deve penetrar a fundo na análise estritamente formal, superando aquelas leituras que se limitam apenas a interpretações gerais. Segundo Peter Bürguer[63], toda crítica deve ser dialética. Isso significa que não se deve adotar uma postura dogmática, externa e alheia ao objeto de análise, mas sim mergulhar a fundo na substância mesma do objeto que será criticado. Não se deve esquecer que toda construção surge em um contexto social, político e econômico.

Mas ainda "existe uma questão ulterior, a mais básica da crítica: sua relação com a obra criativa. Isto é, o caráter não absoluto da crítica em relação às obras criativas de que trata e a possibilidade, remota, de que também a crítica chegue a possuir um valor criativo, artístico, quer por suas próprias virtudes literárias, quer pela influência que sua nova visão da arte possa ter sobre futuras criações". (MONTANER, 2007, p 29)

Uma grande questão que é necessária acrescentar a respeito da função da crítica é: para quem se escreve a crítica? A crítica, em seu sentido mais amplo, é uma aferição da receptividade publica de uma realização, é um fenômeno social. Ao se perpassar os diferentes gêneros e os diferentes leitores que vão ler esses textos, distinguem-se diferentes construções críticas. O papel da crítica e o modo de elabora-la são distintos entre o texto breve de um jornal e uma longa reflexão na forma de uma tese acadêmica. Os leitores de um diário de grande circulação devem ler críticas

[63] BÜRGUER, Peter. Theory of the Avant-Guarde. Mineápolis, Manchester University Press/University of Minnesota Press, 1984.

escritas de outra maneira que as críticas produzidas para revistas de arquitetura, cujos leitores estão aparelhados para uma compreensão mais especifica.

A crítica em jornalismo, pelas limitações do suporte e pela natureza dos leitores, deve se apurar pela concisão. Dificilmente essa escrita ira além de uma explicação e/ou uma apreciação com alguma densidade, mas podemos considerar essa crítica cotidiana ao alcance dos leigos tão ou mais importante que a crítica para consumo de arquitetos. O caráter propedêutico (isto é, introdutório, preparatório, educativo) da crítica em jornais pode cumprir a tarefa de informar, opinar e formar a opinião dos leitores dentro de claros princípios éticos.

Há um tipo de escrita para não arquitetos e outro tipo para arquitetos. A crítica para os não arquitetos deve ter uma construção especial, tão especial a ponto de ser interessante para não arquitetos, como também interessar à arquitetos. Neste ponto, a crítica pode se tornar um insumo da criação arquitetônica. Ada Louise Huxtable, com muita qualidade, exerceu esse tipo de crítica em sua coluna no *The New York Times* e no *The Wall Street Journal*, com textos que abordam temas de interesse para a discussão arquitetônica e que possam ser lidos, compreendidos e debatidos por qualquer pessoa que se interesse pelo assunto, não deixando de propiciar aos leitores uma complexidade e uma qualidade reflexiva de seus textos, que é própria da qualidade da autora.

Mas quando se pode e se deve criticar uma obra arquitetônica? Crítica positiva ou negativa?

Essas perguntas parecem mais pertinente à crítica de jornais diários. Esse gênero se ocupa de temas cotidianos, nos quais o “positivo” ou o “negativo” podem constituir uma exigência dos leitores. Mas essa dualidade não deve necessariamente comandar o cerne da discussão.

Não apresentar publicamente críticas às obras, tanto a arquitetura boa como as consideradas ruins, é retirar dos leigos os valores que norteiam a prática da arquitetura. Se os arquitetos possuem valores próprios derivados de uma cultura arquitetônica (não que esses valores sejam únicos e de concordância universal), cabe à crítica responsável expor na grande imprensa o porquê de eleger tal e qual obra como desprovida ou provida de qualidades arquitetônicas.

Essa ausência (ou omissão) de crítica é um desfavor para a conveniente compreensão da arquitetura. A crítica pode manipular, pode endossar um conformismo paralisante ao operar somente códigos e meios de expressão consolidados, reiterando a norma, o que já está vigente. Ou seja, a crítica ou a falta dela pode ocasionar uma predileção da maioria da sociedade por uma determinada arquitetura.

Muitas vezes provocando ou resultando em mecanismos escusos de valorização artificial, nos termos e regras do mercado imobiliário, favorecendo alguns caminhos mais "fáceis" para o grupo dominante impor seus desejos e vontades. Esse conformismo e inércia, por parte dos que promovem a arquitetura em diversos meios de comunicação, podem arremessar para a marginalidade a criação excêntrica, a criação original e genuína – pelo incomodo que causa, pela estranheza que provoca. Pela impotência ou falta de conhecimento em classificar a diferença, a desqualifica.

2.3. A crítica de Arquitetura no contexto brasileiro

A história da crítica brasileira não é muito mais antiga que a história da arquitetura moderna. As revistas de engenharia, no início, e as da arquitetura a seguir, foram o seu principal meio de divulgação. Também os jornais têm cedido algum espaço à crítica, sempre motivados por projetos polêmicos, mas os suplementos ou cadernos culturais continuam mostrando pouco interesse.

A arquitetura é por definição um objeto útil e a condição básica da atividade arquitetônica é sua função prática. Diante da arquitetura a crítica da arte só tem dois caminhos a seguir: ou esquece a arquitetura ou a considera apenas como produção de formas estéticas. Como esta última posição é praticamente insustentável, a maioria dos críticos prefere afastar-se dos problemas arquitetônicos. (GULLAR, 2006, p. 38)

O exercício da crítica de arquitetura obrigaria os críticos a mudar de vida. Entre a discussão de problemas estéticos puros e a discussão da arquitetura com todas as suas implicações econômico-sociais, vai uma distância imensa. Implica, sobretudo, um engajamento que começaria por abalar seriamente os princípios em que se firma a crítica de arte contemporânea. A crítica de arquitetura conduz inevitavelmente ao

exame global dos problemas econômicos e sociais, e a uma tomada de posição diante deles.

Parte da crítica arquitetônica no Brasil aconteceu em 1940 e 1950, principalmente com Lúcio Costa, Flávio de Carvalho, Mário de Andrade e Mário Pedrosa.

Com todas as discordâncias, polêmicas e rediscussões o pós-modernismo abriu possibilidades a uma nova fase da crítica, ao pôr em dúvida as razões do funcionalismo e da arquitetura oficial.

A crítica tem sido exercida no Brasil em todos os setores da atividade artística. Na literatura, na pintura, na poesia e na música, está o público, bem ou mal, armado de argumentação suficiente, pois grande é o número de jornais, periódicos e revistas onde comparecem com regular frequência os críticos do romance, da novela, da exposição da pintura, do concerto e, mais recentemente, do cinema. Por exemplo, a crítica de arte que aí está, eficiente ou inexpressiva, sempre, porém, cumprirá sua finalidade: alertar e levantar opiniões. Esta função social da crítica de arte contribui de maneira decisiva para o desenvolvimento da cultura e para a divulgação das leis que regem a sociedade, a vida do homem e sua natureza, e a correspondente manifestação de arte.

É recorrente no debate entre arquitetos o comentário sobre a ausência de uma crítica de arquitetura no Brasil. Também no debate público, a sensação que se tem é que pouco se fala, pouco se discute, pouco se analisa e pouco se questiona sobre os rumos da arquitetura brasileira. Quando aparecem, são comentários pautados por avaliações de juízo de gosto, em que as formas arquitetônicas são contempladas em sua exuberância, excepcionalidade ou originalidade ou rechaçadas em sua feiura e estranheza. Mas, na maioria das vezes, surgem comentários direcionados a interesses publicitários, em que se busca promover algum arquiteto, produto, marca, cliente e até mesmo uma região da cidade (ROSATTI, 2010, p. 17)[64]. Desse modo, o debate permanece embebido de noções de senso comum e ideologias.

[64] ROSATTI, Camila Gui. Roberto Schwarz, arquitetura e crítica. Dissertação de Mestrado. FAU-USP. São Paulo: 2010.

O meio especializado também tem reclamado da falta de uma crítica de arquitetura e também tem se ressentido da ausência de uma reflexão sobre essa falta. Em 2008, o crítico espanhol Josep Maria Montaner, provocando o debate, apontou que "há muitos arquitetos no Brasil e muitos bons críticos, mas nenhum se atreve a dar um salto e fazer um trabalho mais amplo, mais ambicioso e mais geral"[65].

Mas essa ausência não foi notada apenas recentemente por um estrangeiro. Já nos 1950, quando do auge da nossa arquitetura moderna nos meios internacionais, os arquitetos e críticos brasileiros já se questionavam sobre a necessidade de uma crítica ampla sobre arquitetura no país.

Eduardo Corona já observava, em 1951, que "a arquitetura, essa arte antiga, para a qual reclamamos maior consideração, tem sido atualmente, por diferentes motivos, objeto do mais completo descaso"[66]. As razões que ele elenca naquele momento se referiam à falta de um meio profissionalizado e especializado, no qual o arquiteto pudesse exercer influência sobre a opinião pública, feita em defesa dos princípios da arquitetura moderna e da grandeza das realizações brasileiras.

Em 1957, Sylvio Vasconcelos defendia que o sucesso da arquitetura moderna brasileira nublou o aparecimento de exames mais crítico s e generalizantes, surgindo críticas que se focavam acentuadamente nos aspectos plásticos dos edifícios, em detrimento da análise das características específicas da arquitetura, como sua finalidade, seu fundamento e suas técnicas (2003, p.287)[67].

Já Mário Pedrosa, por outro lado, defendia uma análise que se empenhasse em avaliar as soluções plásticas, e que incluísse a arquitetura no campo das demais artes, sendo avaliada em conjunto com o desenho, a escultura, a pintura, a música,

---

[65] Entrevista à Revista Arquitetura e Urbanismo, janeiro de 2008.

[66] CORONA, Eduardo. "Da necessidade de crítica sobre arquitetura". In XAVIER, Alberto (org). *Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Cosac & Naif, 2003. (p.285). Originalmente publicado em *Habitat*, São Paulo, n.5, p. 46, 1951.

[67] VASCONCELOS, Sylvio. "Crítica de arte e arquitetura". In XAVIER, Alberto (org). *Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Cosac & Naif, 2003. (p.287). Originalmente publicado em O Estado de São Paulo, São Paulo, 29 de junho, 1957.

etc (2003, p. 290)[68]. Não que ele considerasse apenas necessário analisar a forma arquitetônica em sua fachada externa. Mas que seria necessário, por questão de método, se examinar separadamente técnica, utilidade e beleza.

Mais conhecido como crítico de artes plásticas, Mario Pedrosa também teve um papel relevante nos debates sobre a arquitetura brasileira contemporânea, especialmente por ocasião da construção de Brasília.

Segundo Arantes (1991, p. 115), naqueles anos 1950 em que Mário Pedrosa mais intensamente se dedicou aos problemas da arquitetura, dava a impressão de estar dividido diante das várias posições em torno da função social da Nova Construção. Ora censurava a despreocupação social das obras, ora realçava e se interessava apenas pela sua dimensão estética.

Em resumo, quando Mario Pedrosa abordou os dilemas daquele gênero o panorama era mais ou menos o seguinte: era gritante o contraste entre o renome da moderna arquitetura brasileira e a timidez, quando existia, da atividade crítica que deveria, em princípio, comentar-lhe o desenvolvimento. Costumava-se explicar tal inibição, lembrando que da parte dos arquitetos havia o constrangimento natural em fazer reparos a projetos de colegas, além do mais era hora de cerrar fileiras em torno do Movimento Moderno, o que favorecia apenas apreciações estritamente técnicas ou então manifestos doutrinários (ARANTES, 1991, p. 115)[69]. Mário Pedrosa, numa série de artigos no *Jornal do Brasil*, em 1957, reabre a discussão arquitetônica adormecida a muitos anos, mostrando o quanto a entrada em cena da arquitetura moderna veio baralhar os critérios da crítica.

Frequentemente a problemática paira sobre os arquitetos, que passam a se questionar sobre o que de fato seria uma crítica de arquitetura. Por um lado, o questionamento aponta a falta da constituição de um espaço público, no qual a arquitetura participasse do debate mais amplo de análise da cultura. Por outro, a própria academia pouco avançou na formulação de uma crítica que impusesse sua

---

[68] PEDROSA, Mário. "A crítica de arte na arquitetura". In XAVIER, Alberto (org). *Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Cosac & Naif, 2003. (p.290). Originalmente publicado em Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 3 de agosto, 1957.

[69] ARANTES, Otília B. F. Mário Pedrosa: Itinerário Crítico. São Paulo: Página Aberta, 1991.

presença na opinião pública. Também pouco contribuiu para a formação de uma tradição, que acumulasse pressupostos e que contextualizasse linhas em desenvolvimento.

Com isso, para a compreensão de nossa cultura, possivelmente a arquitetura pudesse contribuir enquanto expressão da nossa sociedade, nosso tempo e nosso país. No entanto, diante da carência de uma tradição de formulações críticas, algumas questões se impõem:

- Qual é a tarefa de um crítico de arquitetura diante de uma obra?

- Deve entendê-la como uma fruição autônoma da linguagem, em que se celebre a liberdade plástica do arquiteto ou precisa inserir dentro dos condicionamentos da realidade social, demarcando as restrições que o meio impõe?

- Qual o eixo de mediação para a compreensão da arquitetura – um objeto que historicamente pretendeu atingir uma elaboração artística, uma intenção plástica, mas que também responde a determinações muito reais de uso, funcionalidade, estrutura, racionalidade e técnica?

- Qual o papel que deve se imbuir uma crítica quando se interpreta a produção arquitetônica?

- Ou ainda, cabe assegurar, lançando uma pergunta primeira: é ainda necessário manter um lugar reservado para se analisar, elaborar, descobrir algo de novo sobre o material arquitetônico? Se sim, em que medida a arquitetura pode trazer questões para se pensar nosso tempo?

Para Montaner[70] as melhores tradições críticas na América Latina estão nos países onde, apesar do drama das ditaduras sofridas por alguns deles, têm uma

[70] MONTANER, Josep Maria. Arquitetura e crítica na América Latina. São Paulo: Romano Guerra, 2014.

estrutura democrática: Argentina, Brasil, Chile e México. Para ele se as críticas em um primeiro período predominam interpretações de cunho internacional e o argumento básico é a defesa da arquitetura moderna, em um segundo se consolidam interpretações próprias, defende-se o regionalismo e temos a criação dos Seminários de Arquitetura Latino-Americana – SAL, durante a primeira Bienal de Arquitetura de Buenos Aires, em 1985.

Segundo Montaner (2007), dentro do contexto latino-americano, a história, a crítica e a teoria se complementam e são, ao mesmo tempo, totalmente diferentes em seus métodos e objetivos. A história trabalha sobre documentos do passado para reconstruir e reinterpretar os fatos. A crítica enfrenta a obra contemporânea, em seu momento e contexto, para explicá-la. A teoria constitui elaboração conceitual mais alta, é excepcional e não pode ser realizada sem o conhecimento da história, nem pode ser sustentada se não for analisada através da crítica.

De todo modo, atrás de toda crítica, deve haver, para que seja consistente, uma teoria. Demos ainda acrescentar que a crítica, a teoria e a histórica, apesar de utilizar métodos diferentes e ter objetivos próprios, bebem da mesma fonte; assim como observou Benedetto Croce, são inseparáveis (MONTANER, 2014, p. 17-18). Nesse sentido, é evidente que na cultura latina predominaram autores ao mesmo tempo dedicados à crítica e à história, enquanto nas culturas centro-europeias e nórdicas, o trabalho da crítica se dissociou claramente da história.

A existência de fortes tradições de pensamento que conseguiam ter continuidade natural é de suma importância, segundo Montaner, para que a crítica e a abordagem específica do contexto latino se perdurassem. Seria uma espécie de círculos virtuosos que conseguiram reproduzir-se graças às linhas de pesquisa, à capacidade comunicativa e à vontade de transmitir os valores da pesquisa e da cultura às novas gerações.

A tradição crítica vai se desenhando na América Latina através do século passado, deixando seu caráter dogmático e passando a discutir, mesmo que de forma restrita, uma nova prática arquitetônica proposta pelo pós-modernismo.

Na Argentina, Montaner refere-se à tradição que se inicia em Tucumán e que, através de Enrico Tedeschi transmite-se a diversas gerações em Mendoza e em Córdoba; nesta última cidade, especialmente na linha de pesquisa e estudo sobre o

patrimônio maximizada por Marina Waisman e continuada por César Naselli e depois Inés Moisset. Além da potência teórica e criativa do grupo liderado por Jorge Francismo Liernur, com diversas publicações e com a revista *Block*.

No caso do Brasil, além da potência cultural de uma cidade como São Paulo, com tantas linhas de pensamento e escolas de arquitetura, como as da Universidade de São Paulo e da Universidade Mackenzie, variando desde Alberto Xavier até Ruth Verde Zein, surgem também novos Pólos de discussão, como o Rio Grande do Sul na FAU-UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Com isso percebe-se a necessidade da crítica, desde que haja meios e recursos para que a divulgação e sua prática possam se manifestar e atingir um grande número de leitores. Para Montaner (2014, p. 18)[71] a difusão da cultura arquitetônica necessita de algumas variantes e precisa atuar em pelo menos três âmbitos:

1) No ensino: ou seja, conhecer as diferentes tradições das escolas e faculdades de arquitetura; sua evolução das engenharias ou das belas artes.

2) Na divulgação: ou seja, o mundo editorial e as revistas de arquitetura, arte e cultura. O mundo editorial foi muito importante na Argentina (com editoras como *Nueva Visión, Poseidón, Summa* ou *Nobuko*) e também se estendeu ao México, Venezuela, Brasil e Colômbia. Isso é essencial para a divulgação da cultura arquitetônica.

3) No pensamento: ou seja, a transmissão de ideias através das posições teóricas usando meios de expressão e divulgação diferentes.

É importante lembrarmos que data do início dos anos 1980 a criação dos primeiros cursos de doutorado em arquitetura no Brasil, assim como o ressurgimento das revistas especializadas, reanimando o debate que se encontrava paralisado desde o

[71] MONTANER, Josep Maria. Arquitetura e crítica na América Latina. São Paulo: Romano Guerra, 2014, p.18.

golpe militar em 1964 (GUERRA, 2010, p. 11-14)[72]. Compreensivelmente, os temas que mais aparecem nos textos de crítica produzidos neste período são a tentativa de reflexão sobre um pós-modernismo que parecia não encontrar lugar no país, a reavaliação do papel demiúrgico atribuído à nossa arquitetura moderna e a desconstrução da trama historiográfica criada para interpretar essa arquitetura – que, tradicionalizando o passado colonial, situava a produção moderna como uma continuação natural daquela "tradição", destituída das afetações ornamentais trazidas com a missão francesa, no Século XIX.

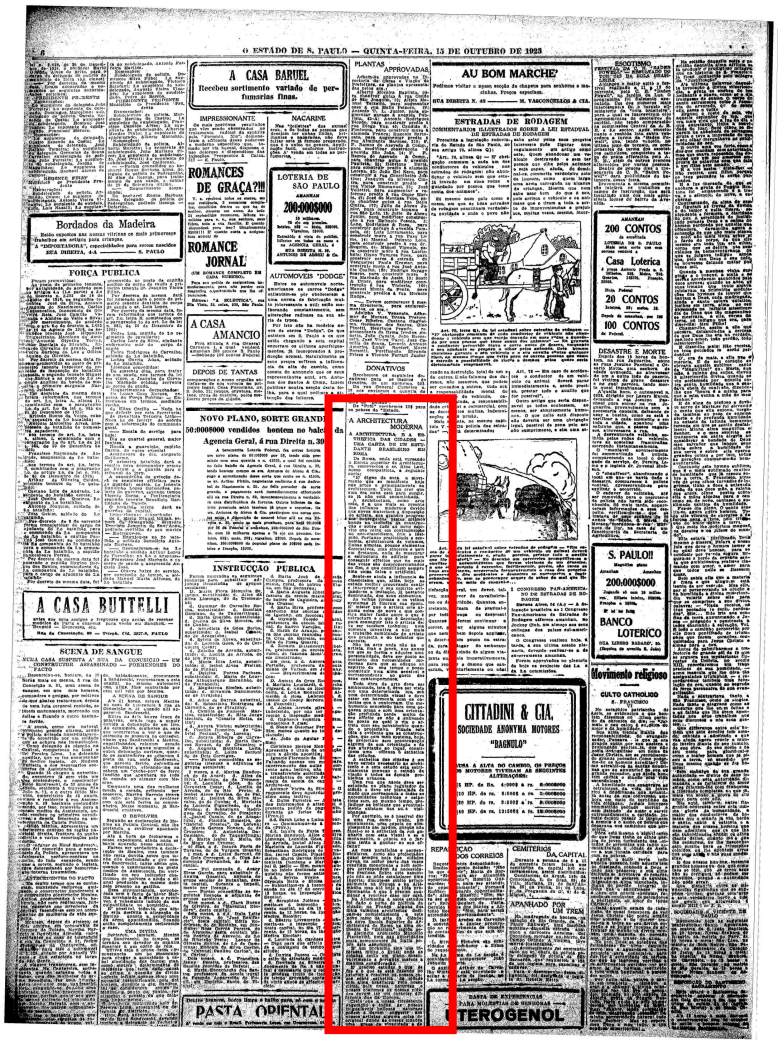
Contudo, aos olhos de hoje, muitas vezes incomoda o tom excessivamente específico de algumas dessas discussões, que parecem feitas para circular em um ambiente restrito e, de certa forma, intelectualmente estreito. Esse pode ser o ponto mais sensível da questão, que envolve tanto a reflexão sobre o lugar problemático da crítica de arquitetura no Brasil, quanto o diagnóstico da perda de relevância da arquitetura na nossa sociedade. O que é desconcertante, se levarmos em conta a relevância mundial da nossa arquitetura, ao menos até a inauguração de Brasília (1960). Essas duas questões – o lugar da crítica no Brasil e a perda de relevância da arquitetura na sociedade – pedem atenção e merecem serem amplamente discutidas em âmbito profissional e acadêmico.

[72] Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira: v1/ org. Abílio Guerra. São Paulo, Romano Guerra, 2010.

CAPÍTULO 3 - A crítica de Arquitetura nos Jornais

3.1. Abordagem histórica da crítica arquitetônica nos jornais brasileiros

Em 1925 dois artigos na grande imprensa registravam os primeiros discursos de fundo moderno publicados no Brasil. O primeiro deles, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 15 de outubro, era uma carta do jovem brasileiro Rino Levi (1901-1965) enviada de Roma (onde cursava a Real Escola Superior de Arquitetura), intitulada *"A Arquitetura e a Estética das Cidades"*. E no mês seguinte, em 1º de novembro, o *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro publicava o artigo *"Acerca da Arquitetura Moderna"* do arquiteto russo emigrado para o Brasil, Gregori Warchavchik (1896-1972). Originalmente publicado em italiano num jornal da colônia italiana em junho de 1925, sob o título "Futurismo".


O ESTADO DE S. PAULO — QUINTA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO DE 1925

A CASA BARUEL
Recebeu sortimento variado de perfumarias finas.

AU BOM MARCHE'

ESTRADAS DE RODAGEM

ROMANCES DE GRAÇA?!!

LOTERIA DE SÃO PAULO
200:000$000

ROMANCE JORNAL

Bordados da Madeira

FORÇA PUBLICA

A CASA AMANCIO

NOVO PLANO, SORTE GRANDE
50:000$000 vendidos hontem no bilhete da Agencia Geral, 4 rua Direita n. 30

INSTRUÇÃO PUBLICA

A CASA BUTTELLI

SCENA DE SANGUE

CITTADINI & CIA.
SOCIEDADE ANONYMA MOTORES "BAGNULO"

200 CONTOS
Casa Loterica
20 CONTOS
100 CONTOS

S. PAULO!!
200:000$000
BANCO LOTERICO

Movimento religioso

PASTA ORIENTAL

ITEROGENOL

Figura 5 - Página do jornal O Estado de S. Paulo de 15 de outubro de 1925 onde foi publicado a carta de Rino Levi. Fonte: acervo O Estado de S. Paulo

os poderes do Estado.

A ARCHITECTURA MODERNA

A ARCHITECTURA E A ESTHETICA DAS CIDADES — UMA CARTA DE UM ESTUDANTE BRASILEIRO EM ROMA

De Roma, onde está cursando a Escola Superior de Architectura, escreve-nos o sr. Rino Levi, nosso compatriota, a seguinte carta:

"E' digno de nota o movimento que se manifesta hoje nas artes e principalmente na architectura. Tudo faz crer que uma éra nova está para surgir, se já não está encaminhada.

A architectura, como arte mãe, é a que mais se resenta dos influxos modernos devido aos novos materiaes á disposição do artista, aos grandes progressos conseguidos nestes ultimos annos na technica da construcção e sobre tudo ao novo espirito que reina em contraposição ao neo-classicismo, frio e insipido. Portanto praticidade e economia, architectura de volumes, linhas simples, poucos elementos decorativos, mas sinceros e bem em destaque, nada de mascarar a estructura do edificio para conseguir effeitos que no mais das vezes são desproporcionaes ao fim, e que constituem sempre uma coisa falsa e artificial.

Sente-se ainda a influencia do classicismo que, aliás, hoje se estuda melhor procurando sentir e interpretar o seu espirito evitando-se a imitação, já bastante desfrutada, dos seus elementos.

As velhas formas e os velhos systemas já fizeram sua época. E' mister que o artista crie alguma coisa de novo e que consiga maior fusão entre o que é estructura e o que é decoração: para conseguir isto o artista deve ser tambem technico: uma somente inventiva e não mais o trabalho combinado do artista que projecta e do technico que executa.

Não ha arte onde não ha o artista, mas o joven, nos annos em que se forma e adquire uma personalidade, deve ser posto ao contacto das necessidades modernas para que se eduque ao espirito do seu tempo e possa constituir uma alma sensivel e correspondente ao gosto dos seus contemporaneos.

Toda obra de arte deve ser ambientada, isto é, deve ser vista sob uma determinada luz, sob uma determinada visual e deve estar em harmonia com os objectos que a contornam. Um monumento concebido para uma pequena praça e com uma orientação prefixada perde muito do seu effeito se não é collocado no ponto no qual o via o artista com seu pensamento quando o projectava. Fixada esta idéa é evidente que as construcções, que com mau systema, hoje, se projectam sem preoccupação alguma da sua orientação e da sua adaptação ao logar, constituem uma offensa á esthetica das cidades.

A esthetica das cidades é um novo estudo necessario ao architecto e a este estudo está estrictamente connexo o estudo da viação e todos os demais problemas urbanos.

Uma rua que nasce deve ser estudada no plano regulador da cidade e deve ser planejada de modo que corresponda a todas as necessidades technicas e esthetica sem, ao mesmo tempo, prejudicar as bellezas que eventualmente existam nas suas vizinhanças.

Por exemplo, se é possivel dar a uma rua, como fundo, um monumento, uma cupola ou simplesmente um jardim, porque não fazel-o se a esthetica da rua ganharia com esta visual e se o monumento, a cupola ou o jardim terão a ganhar no seu effeito?

As ruas parallelas e perpendiculares, como são projectadas quasi sempre hoje nas cidades novas, na maior parte das vezes resultam monotonas e nem sempre correspondem ás necessidades praticas. Sobre este assumpto não se póde estabelecer uma theoria; discutem-se muito principalmente na França e na Allemanha mas até hoje a idéa predominante é que é preciso examinar e resolver caso por caso.

Na Allemanha a estes estudos foi dado o nome de politica da cidade; na França alguns dos mais valentes architectos dedicam-se completamente a este novo ramo da arte da cidade; na nova Escola Superior de Architectura de Roma, na uma cathedra de "Edelilà" regida pelo distincto architecto Marcello Piacentini, uma das autoridades mais competentes da Italia sobre este assumpto.

E' um problema este que interessa muito o Brasil onde as cidades estão em pleno desenvolvimento e portanto merece a maxima consideração.

E' preciso estudar o que se fez e o que se está fazendo no exterior e resolver os nossos chaos sobre esthetica da cidade com alma brasileira. Pelo nosso clima, pela nossa natureza e nossos costumes as nossas cidades devem ter um character differente das da Europa.

Creio que a nossa florescente vegetação e todas as nossas inigualaveis bellezas naturaes podem e devem suggerir aos nossos artistas alguma coisa de original dando ás nossas cidades uma graça de vivacidade e de côres, unica no mundo."

as decorrentes multas, indemnisações e até prisão.

Mais adiante, no mesmo capitulo V — "Da policia das estradas" —, está determinado:

Art. 78 da lei estadual sobre estradas de rodagem — "Em casos de accidentes o conductor de um vehiculo ou animal deverá parar immediatamente e, sendo preciso, prestar todo o auxilio que for possivel." — No desenho um carroceiro promptifica-se a auxiliar os automobilistas que foram victimas de um desastre, a que elle proprio é estranho. Infelizmente, porém, são raros os bons samaritanos, occorrendo frequentemente o caso dos proprios provocadores dos accidentes e desastres se apressarem a fugir cobardemente, sem se preoccupar sequer de saber do mal que fizeram, quanto mais de remedial-o...

tisfacção moral, um dever, talvez, mas dever de cavalheirismo ou de caridade. Quantos, entretanto, deixam de pratical-o por indifferença ou desprezo! Quantos preferem continuar a correr, ganhar alguns minutos que nem sabem depois applicar, a deter-se um pouco na estrada, para indagar do embaraço ou da difficuldade de algum viajante ou, mais imperativamente, para reparar o damno que causaram, voluntariamente ou não!

menos, ser simplesmente humanos. O que nelle está disposto não deveria ser uma obrigação legal, passivel de pena pelo seu não cumprimento, e sim uma sa-

I CONGRESSO PAN-AMERICANO DE ESTRADAS DE RODAGEM

Buenos Aires, 14 (A.) — A delegação brasileira ao 1 Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem offerece amanhan, no Jockey Club, um almoço aos seus collegas dos paizes sul-americanos.

O Congresso realisou hoje, á tarde, a sua ultima sessão plenaria, devendo realisar-se a de encerramento amanhan.

Foram approvados no plenario de hoje os projectos das 1.a e da 3.a commissões.

CITTADINI & CIA.

SOCIEDADE ANONYMA MOTORES "BAGNULO"

CAUSA A ALTA DO CAMBIO, OS PREÇOS DOS MOTORES TIVERAM AS SEGUINTES ALTERAÇÕES:

4|5 HP. de Rs.	4:000$ a rs.	6:000$000
8|10 HP. de rs.	6:000$ a rs.	5:000$000
16|20 HP. de rs.	9:500$ a rs.	8:000$000
30|40 HP. de rs.	13:500$ a rs.	12:000$000

REPARTIÇÃO DOS CORREIOS

Requerimentos despachados:

Emilio Augusto Selmer: "Não ha que deferir"; Maria de Barros: "Sim, para ser attendida opportunamente"; Romilio Guimarães: "Sim, para ser attendido opportunamente"; Fernand Raffier: "Aguarde opportunidade"; Alsardo Masotti: "Sim, para ser attendido opportunamente"; Sylvio Goulart de Faria, Geraldo Lopes dos Santos e Aristoldo Rossetti: "Sim, para serem attendidos opportunamente".

D. Isolina Aredes de Carvalho é convidada a juntar procuração ao requerimento de tomada de contas, afim de que seja attendida.

L. Silva & Siqueira são convidados a reconhecer a firma do requerimento.

Na 2.a turma da 1.a secção é convidado a comparecer João Joaquim Duarte.

O auxiliar Arthur de Carvalho Whitaker está convidado a sellar a portaria de licença, na 2.a turma da 1.a secção.

CEMITERIOS DA CAPITAL

Durante a semana de 5 a 11 do corrente foram feitos nos cemiterios da capital 340 enterramentos, assim distribuidos:

Cemiterios: do Araçá, 146; da Consolação, 8; do Braz, 29; da Villa Mariana, 23; de Sant'Anna, 30; da Penha, 20; da Lapa, 9; da Freguezia do O', 9; de S. Miguel, 4.

APANHADO POR UM TREM

Na madrugada de hontem, na estação de Rio Grande, da "S. Paulo Railway", uma machina auxiliar daquella estrada apanhou o carvoeiro Anselmo dos Conrados, morador no bairro do Campo Grande. A victima teve morte instantanea.

O acontecimento foi communicado ao sr. chefe de policia pelo delegado de policia de São Bernardo, que requisitou a ida de um legista para examinar o cadaver.

Para o desempenho dessa diligencia foi designado o legista Dr. Rosello Mirra.

BASTA DE EXPERIENCIAS — PARA MOLESTIAS DE SENHORAS —

UTEROGENOL

Figura 6- Ca rta de Rino Levi (1901-1965). "A Arquitetura e a Estética das Cidades" de 15 de outubro de 1925. Fonte: acervo jornal O Estado de S. Paulo

CORREIO DA MANHÃ — Domingo, 1 de Novembro de 1925

SOCIEDADE Commercial e Industrial no Brasil SUISSA

S. PAULO — RIO DE JANEIRO — PORTO ALEGRE

RUA S. PEDRO, 14 - - CAIXA POSTAL 1775

Compressores, bombas de vacuo, apparelhos para a industria chimica, machinas e ferramentas para officinas mechanicas, machinas para fiação continua, de barras de ferro, etc.

AS DICTADORAS DA MODA PARISIENSE

Mme. Lanvin (Madame), directora da establissimento que leva o seu nome

Mme. Jane Blanchot, alêm de modista é chapeleira e uma escultora de talento

A NOVA BAYREUTH

por ADOLFO WEISSMAN

Bayreuth, setembro de 1925

QUANDO, em 1914, começou a primeira wagneriana de Bayreuth, após uma interrupção de dez annos, era de duvidar que a empresa attrahisse a attenção do publico.

Já estamos, porém, no segundo festival de pós-guerra, e o theatro de Wagner, sobre a collina, se anche todas as noites.

(Pode-se mesmo affirmar que Bayreuth exerce, no minimo, tanta attenção agora, como antes da guerra, facto surprehendente se se levar em conta a considerável transformação por que passou o mundo, nestes últimos dez annos.

Wagner é já um patrimonio da humanidade. Exerce elle tão profunda influencia que um nome a representação extraordinaria que lhe fizeram, em sua grande alma, que, pela sua sondagem era evidentemente, inesperado, para o seu encontrar-se, ainda, para o vencer, ou subjugar.

Por outro lado, entretanto, que se queira, embora se experimente Wagner, ainda, impossível se, por, na, regar que ainda, em aspecto, ser, Wagner.

Embora Wagner se mantenha, escolhendo, na sua vontade a elucidar, se deserto do plano normal dos homens, Wagner pôde desenvolver todos os seus encantos.

É certo que, antes dele, ninguem se atrevera a entrar dass intro, em um publico dentro de um theatro, o que requeria muito tempo e muita paciencia.

Wagner obrigou, a quem queria ouvil-o, a vir, e entrar-se em suas obras, a não pisar em outras coisas, a tender-se-lhe, como a um deus, com toda a devoção e obediencia.

A viagem a Bayreuth era uma peregrinação, uma romaria dos wagnerianos fieis.

Chegavamos até lá com o compromisso assumido de adoração por "Jeff" e com todas condições peculiares a essa adoração, que era como se disciplinavamos, que era como se não existisse para nós mundo de enthusiasmos e de fanatismos.

As coisas, hoje são bem differentes. Um Wagner sobre o qual já pesassem dois gerações não pôde ainda exigir dos homens aquella ainda enthusiasmo que conseguia aquelle Wagner que acabava de surprehender e dominar o mundo, com a sua approvação.

As obras de Wagner, como parte, um volume theatral, differem em alguns elementos, em alguns circumstancias diversas.

Desde que o drama musical se ha, nos scenarios do mundo, tem de submettermo-se a modificações que tornam, tinham que ver, mais com a mesmo, do que com a arte.

Alem do mais, assaltam compositores de opera de estilo de Puccini, no cujo temperamento de todos de Wagner imperava, desenvolvendo muito de vera.

Os theatros da opera não encontram, em geral, o que Wagner pedia, para essa genero de representações.

Falamos agora, da originalidade que se tempera, nas temperamento de Bayreuth.

Dissemos que, elas, como em senhoras entre conjuntos, que, para a gente dormem, pensam, suspeitam, se apresentam, elemento ha, uma mistura de commungar devidamente, com Wagner: é nos festivaes de Bayreuth, ou, quem, com todo o formal eigor, conseguem, reunir do mundo os seus concurrentes.

Estes, encerrados no tempo wagneriano, ao se obstinam do mundo exterior, se olvidam de si proprios.

Para isso, têm elles que fazer um grande esforço; têm de encontrar outra psicologia. Acostumados a um rythmo de vida, bem differente, Bayreuth, os quem, com todo o rythmo Wagner, que, com todo o rythmo temporal; ha de tender-se totalmente.

De onde que a suggestão da obra de arte tem que esperar ou imaginar, para que esta se concretizem e produza, seu encanto, devoto.

Pode Bayreuth desenvolver semelhante suggestão, mesmo?

São muitos os theatros do mundo, de onde se tem representado Wagner. São muitos os publicos que o seu modo, conhecem a obra wagneriana.

Por isso, quando foi a Bayreuth, levava muitas duvidas sobre si perdeiam ili ser dominado wagnerianamente dominados de concurrentes, como o eram em outros tempos.

Ha varios annos que eu não ia a Bayreuth. Muitas idéas haviam mudado consideravelmente.

Tinha eu já participado activamente nos esforços em prol da musica nova. Que me esperaria em Bayreuth?

O meu coração perteence Isolda ao presente. Não sei, porém, que encontra energia deixam os amantes, mentos de Bayreuth, que vinco sugestões arrebatadas do vinco ram. Ali perdi a noção do tempo, ah certo a emoção do typhoon se-

Em Bayreuth, as representações são absolutamente preparadas. A orchestra está cuidadosamente selecionada, o elenco é concorrente em relação aos cores. E é justamente no elenco, que o conjunto reside a efficacia das realizações. Em nenhum outro ponto, o theatro, orchestra e coros comparam-se, ao festival.

Todos foram com grande esmero, que, no verdade não de vio documentos. Havia entre os concurrentes muitos estrangeiros, que, Amigo que eles, se collina dentro da cidade, verdadeira, se coste seu o bom indumento. Sua concepção é uma coisa extraordinaria.

O segundo ato, escrevia ella sobre *Parsifal*, pertencia de Ellen, que toda sua arte de sedução. A mulher tomou campo dos centros é do ente difficil execução. Barbara Kemp, no entanto, o fez bem, mais complex, porque é, por, sentimento, um mulher adequada ao caracter de Kundry.

Barbara é uma cantora, a um tempo, material e espiritual.

Com ainda vivo sua facia não se surprehendeu demasiado de seu Kundry.

Barbara Kemp possue uma intelligencia extraordinaria moderna. Ella chegou até Wagner pensando através de Rhonda Strauss.

Essa transformação artistica desenvolveu nella o sentimento de certa

Apesar de ser certo que, indubitavelmente, se pode, nota, exclusivo, a obra foi posta em scena, como não é posta em nenhum outro theatro, porque o ambiente, em Bayreuth, é excelente, comparado com o que pode, quando nem, fazer, com as obras de Wagner.

Os amadores *Mestres cantores* é muito distante da *Parsifal*. Os Bayreuthianos, não ainda, tem, de Bayreuth, uma, mais, especialidade e, de todos os outros, de todos os theatros, de Wagner.

É a partitura que possue, trabalho mais alegre. As cenas dos *Mestres cantores*, por outro lado, são sobre o conhecido, em seu, vel, fina, polyphonia, explica que seja, ainda, um esforço algumas.

Em Bayreuth, à orchestra, ainda perde, muito de, a, tomada, na, musica, dos *Mestres*, o que faz consoante, no espirito dos ouvintes.

Apesar de tudo, os publicos, ao mesmo tempo, sentiram, como sómente, a, capaz, de carecer, sobre, modernos.

Desde algumas annos, deslumbrando, a vida, no Bayreuth, não, futuro, se, está assegurado.

Temos mais formas, fundas, tem desapparecido. É boa para tomar o salve de todo, neste mundo.

Mas, por enquanto, está em situação de perdidade.

UM CRARUTO ... ARO!

Um timbre parisiense guerra, foi honrado com de um concurso, de, cartaz, no cage da actualidade, que, foi, dado, em, Paris. Os artistas, que, se, dedicaram, ao, cartaz, foram, Jean Cocteau, Charute, Lelong, e, Tremula, e, fumarei, e, toda a minha vida!

Mme. Sybel, uma das mais ás modistas modistas de Paris

Mme. Charlotte Lanvin a moda dos estilos masculinos

Mme. Agnes é a creadora do ultimo modelo em chapeos

Para este ano, foram organizados ciclos dos Nibelungos, esperando, dos representantes dos *Mestres cantores* e de *Parsifal*.

Por, surgiu, o que sucedeu com os dois feios em torno de *Parsifal*.

Fundado, em 1911, teima, anno depois da morte de Wagner, pondo, em, uma opera a ser estudado em todo o mundo, interessa, verificou-se o interesse, sensacional que, ella despertava, em, rapido decurso, ella, *Parsifal* já não existe, homens excessivos dos primeiros annos, da America, e uma opera que se anuncia, sem, grande realeza, que, Nem, conhecia, que, mais, que, de força, economicamente falando.

Na Allemanha, a coisa não chegou, tão, longe.

Todavia, ainda se conseguiu ver, em nosso theatro, algumas representações do *Parsifal*, que, em nada decorreram dos tempos de gloria.

Mas, em outrora, alguns representações, de, Bayreuth, se, dividem de si proprios.

Para isso, têm elles que fazer um grande esforço; têm de encontrar outra psicologia. Acostumados a um rythmo de vida, bem differente, Bayreuth, os quem, com todo o rythmo Wagner, que, com todo o rythmo temporal; ha de tender-se totalmente.

De onde que a suggestão da obra de arte tem que esperar ou imaginar, para que esta se concretizem e produza, seu encanto, devoto.

Pode Bayreuth desenvolver semelhante suggestão, mesmo?

São muitos os theatros do mundo, de onde se tem representado Wagner. São muitos os publicos que o seu modo, conhecem a obra wagneriana.

Por isso, quando foi a Bayreuth, levava muitas duvidas sobre si perdeiam ili ser dominado wagnerianamente dominados de concurrentes, como o eram em outros tempos.

Ha varios annos que eu não ia a Bayreuth. Muitas idéas haviam mudado consideravelmente.

Tinha eu já participado activamente nos esforços em prol da musica nova. Que me esperaria em Bayreuth?

O meu coração pertence Isolda ao presente. Não sei, porém, que encontra energia deixam os amantes, mentos de Bayreuth, que vinco sugestões arrebatadas do vinco ram. Ali perdi a noção do tempo, ah certo a emoção do typhoon se-

Ford

DE EXTREMA UTILIDADE

Chassis pequeno . 3:290$ — Com partida e rodas desmontaveis, mais 300$

Ventureta . . . . 3:720$ — Com partida e rodas desmontaveis, mais 300$

D. Phaeton . . . . 4:070$ — Com partida e rodas desmontaveis, mais 300$

O novo possuidor de um Carro Ford aberto ou fechado logo comprehende que a sua vida vae se tornando mais facil e mais agradavel.

O seu Ford, seguro, veloz e economico, permittirá que produza mais, com menos fadiga, em cada dia de trabalho.

Poderá morar mais afastado da cidade em proveito da sua saude e do bem estar da sua familia, e aos domingos e feriados terá no Ford um companheiro precioso e fiel para realizar excursões e passeios.

Coupelet . . . . 6:420$ — Equipado com todo o luxo

Sedan 4 portas . . 8:120$ — Equipado com todo o luxo

Sedan 2 portas . 7:220$ — Equipado com todo o luxo

Com uma pequena entrada inicial e uma insignificante prestação mensal podereis comprar um FORD!

Bôas estradas, encurtam distancias, unem povos e trazem progresso

SAPATARIA IDEAL

SAPATOS OU BORZEGUINS DE CHROME ORIENTAL PRETO OU COR DE VINHO

25$000 Até o dia 31.

38$000

Rodrigues & Sciammarella.

Rua Luiz de Camões n. 8 - Tel. 1645, Norte

Proximo ao posto dos bondes do Largo S. Francisco.

Acerca da architectura moderna

NA PARAHYBA DO NORTE!

ALLAIS NA DISCA

AO COMMERCIO

Convidamos o commercio e o publico em geral a participarem da opportunidade que offerecemos-lhes para adquirirem

COFRES DE AÇO - Camas Metalicas "WALLIG"

a preços excepcionaes, visto termos que entregar o predio que occupamos, devido a terminação do contracto.

Peçam prospectos

WALLIG & Co.

Phone: N. 6826 - Rua Larga, 5

A' Elite Carioca

CHAMAMOS A ATTENÇÃO PARA O DESLUMBRANTE SORTIMENTO DOS ULTIMOS MODELOS EM CALÇADOS, NA ESPOSIÇÃO DA

CASA AFRICANA

RUA DA CARIOCA, 12

Figura 7- Página do jornal Correio da Manhã de 1° de novembro de 1925 com o artigo "Acerca da Arquitetura Moderna" de Gregori Warchavchik. Fonte: Biblioteca Nacional Digital Brasil

A verdade é que o protagonismo de Warchavchik no final da década de 1920 se faria acompanhada de uma política cuidadosa de difusão de seus princípios, propósitos e realizações. Artigos do próprio punho e entrevistas contundentes seriam publicados com certa regularidade em distintos jornais e revistas de prestigio no país, em um momento no qual a esfera cultural da arquitetura se modernizava e se ampliava.

Ao lado do aforismo, do discurso didático e sínteses ilustradas que povoavam seus escritos, Warchavchik usava também sofisticadas sequências fotográficas. Despontando em livros e jornais, complementando a apresentação de projetos, reproduzidas em panfletos, cartazes, filmes, livros e revistas, tais imagens seguiam a tendência universal do movimento moderno para a propaganda.

Ao longo dos anos a campanha viria a envolver também outros arquitetos. Alguns mais claramente comprometidos com as batalhas de afirmação da nova arquitetura no Brasil, como Jayme da Silva Telles. Outros, como Rino Levi, introduziriam preocupações ainda não de todo amadurecidas no meio local, talvez porque ainda não completamente identificadas às novas coordenadas arquitetônicas.

A partir de 1929, quando a campanha de renovação parecia ter se estruturado mais organicamente, quase todo o jornal paulistano passou a incorporar em suas páginas notícias, reportagens, opiniões e polêmicas sobre Warchavchik[73], o que logo repercutiria também na imprensa de outras cidades do país, como Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e Recife.

Do outro lado, dois importantes jornais, o *Correio Paulistano* (politicamente da situação) e o *Diário Nacional* (de oposição, reduto dos modernistas) cobriram o "acontecimento" de uma casa moderna na rua Santa Cruz, projeto de Warchavchik.

A boa divulgação pela imprensa de uma obra que o arquiteto afirmava ser de uma linha "que já vencera na França, na Alemanha, na Checoslováquia, na Holanda e outros países" atiçou a reação dos arquitetos tradicionais, e a indiferença que cercou o manifesto de 1925 foi substituída por uma polêmica no *Correio Paulistano* com os ataques do arquiteto Dácio Aguiar de Morais e a possibilidade de defender seus

[73] Algumas dezenas de artigos foram publicadas sobre o assunto nestes anos em jornais de São Paulo, como *Diário da Noite, Diário Nacional, Correio Paulistano, Diário de S. Paulo, São Paulo Jornal, O Estado de S. Paulo, Fanfulla, Gazeta Israelita, Correio da Tarde, Folha da Manhã, A Platéia*, entre outros.

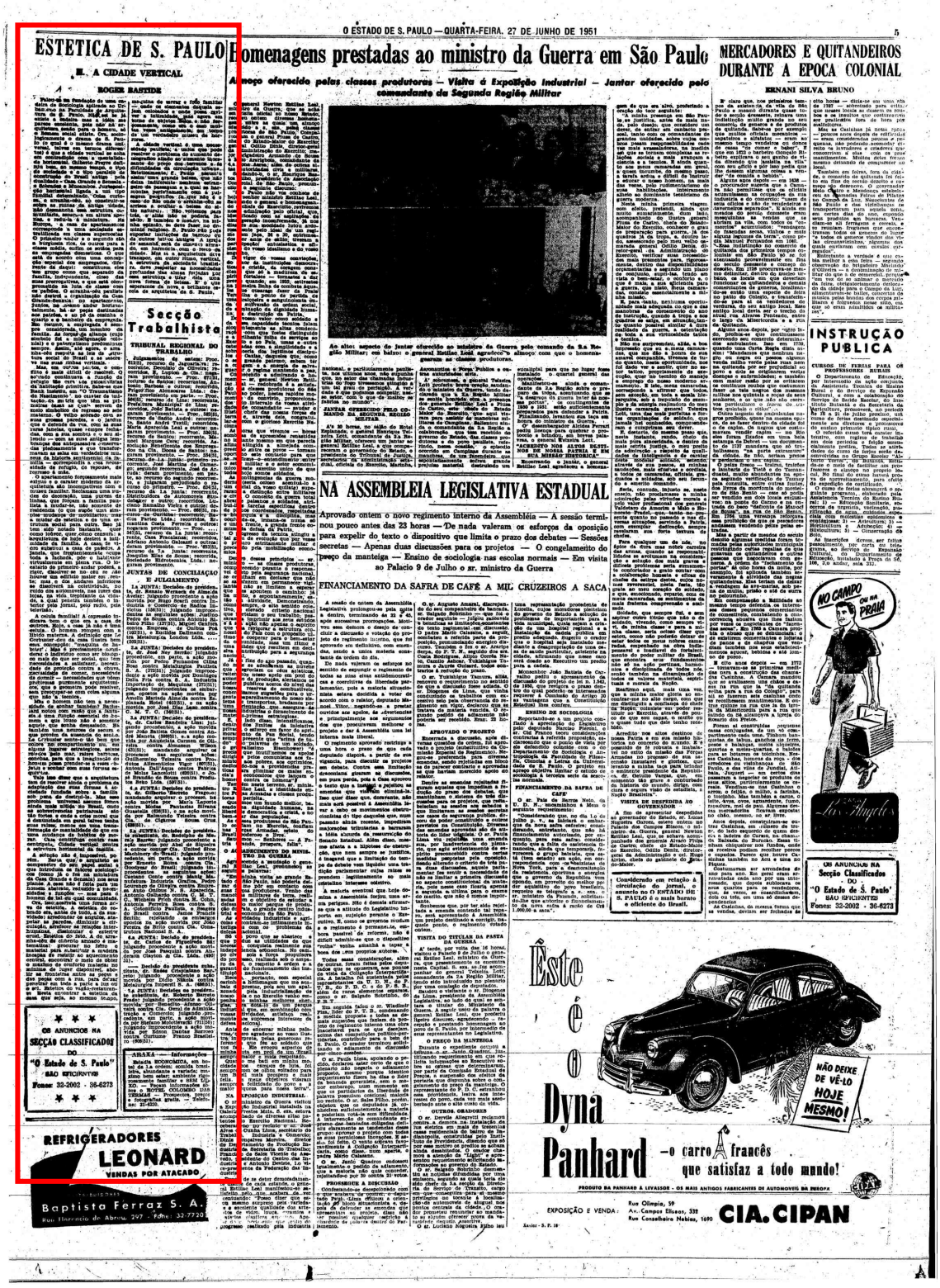
pontos de vista, o que lhe rendeu a publicação de dez artigos nas páginas desse diário ao longo do ano de 1928.

O arquiteto russo-brasileiro correspondeu plenamente a seu papel de agitador cultural e polemista no conservador meio arquitetônico entre 1928 e 1933. Sua capacidade de mobilizar os meios de comunicação (grande imprensa, revistas, documentário cinematográfico e, certamente, o rádio) notabilizaram-no fora do âmbito profissional, alcançando setores sociais alheios a polêmicas de natureza estético-arquitetônicas – e talvez com mais repercussão que seus parceiros literatos ou artistas plásticos. E sobretudo por introduzir, de forma ampla, o debate público acerca da modernidade arquitetônica.

No fim dos anos 1950 a arquitetura moderna brasileira via o ápice e celebrava a grande parceria com o Estado. Depois de um longo processo iniciado inesperadamente com uma rara conjunção de fatores e de personalidades, principalmente com a intervenção do ministro Gustavo Capanema, com o advento da inauguração de Brasília o movimento moderno brasileiro estava consolidado. Portanto, seria aquela época ideal para o início de um amplo debate, e uma avaliação do grande passo dado pela arquitetura brasileira.

No início dos anos 1950, o sociólogo francês Roger Bastide publicou no jornal[74] uma série de artigos sobre a cidade de São Paulo, a seguir temos um exemplar de artigo publicado por ele. Tratava-se, então, de prática comum entre pensadores das ciências humanas debater em público questões arquitetônicas e urbanísticas, como foi o caso de Mário e Oswald de Andrade, entre tantos outros.

[74] Especial *"A Cidade Vertical",* em: O Estado de S. Paulo, 27 de junho de 1951.



O ESTADO DE S. PAULO — QUARTA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 1951 5

ESTETICA DE S. PAULO

II. A CIDADE VERTICAL

ROGER BASTIDE

Homenagens prestadas ao ministro da Guerra em São Paulo

Almoço oferecido pelas classes produtoras — Visita à Exposição Industrial — Jantar oferecido pelo comandante da Segunda Região Militar

Ao alto: aspecto do jantar oferecido ao ministro da Guerra pelo comando da 2.a Região Militar; em baixo: o general Estillac Leal agradece o almoço com que o homenagearam as classes produtoras

Secção Trabalhista

TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO

JULGAMENTO

JUNTAS DE CONCILIAÇÃO E JULGAMENTO

NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA ESTADUAL

Aprovado ontem o novo regimento interno da Assembléia — A sessão terminou pouco antes das 23 horas — De nada valeram os esforços da oposição para expelir do texto o dispositivo que limita o prazo dos debates — Sessões secretas — Apenas duas discussões para os projetos — O congelamento do preço da manteiga — Ensino de sociologia nas escolas normais — Em visita ao Palácio 9 de Julho o sr. ministro da Guerra

FINANCIAMENTO DO SAFRA DE CAFÉ A MIL CRUZEIROS A SACA

MERCADORES E QUITANDEIROS DURANTE A EPOCA COLONIAL

ERNANI SILVA BRUNO

INSTRUÇÃO PUBLICA

CURSOS DE FÉRIAS PARA OS PROFESSORES RURAIS

OS ANUNCIOS NA SECÇÃO CLASSIFICADOS DO "O Estado de S. Paulo" SÃO EFICIENTES Fones: 32-2002 - 36-6273

REFRIGERADORES LEONARD VENDAS POR ATACADO Baptista Ferraz S. A. Rua Florencio de Abreu, 297 - Fone: 33-7720

OS ANUNCIOS NA Secção Classificados DO "O Estado de S. Paulo" SÃO EFICIENTES Fones: 32-2002 - 36-6273

Este é o Dyna Panhard — o carro francês que satisfaz a todo mundo!

NÃO DEIXE DE VÊ-LO HOJE MESMO!

PRODUTO DA PANHARD & LEVASSOR - OS MAIS ANTIGOS FABRICANTES DE AUTOMOVEIS DA EUROPA

EXPOSIÇÃO E VENDA: Rua Olimpia, 59 Av. Campos Elíseos, 331 Rua Consolação Nebias, 1690

CIA. CIPAN

Figura 8- Página do jornal o Estado de S. Paulo de 27 de junho de 1951 com o artigo Cidade Vertical de Roger Bastide. Fonte: acervo do jornal O Estado de S. Paulo

A arquitetura como tema autônomo manifestou-se nos anos de 1950-1960 com a circulação de quase uma dezena de periódicos especializados – publicações com pauta centrada na arquitetura e não voltada apenas a alguns de seus aspectos, como as tradicionais revistas de decoração, engenharia e construção. O ano de 1965 marca o fim de algumas revistas com os problemas políticos relacionados ao golpe militar de 1964. Nunca, em momento anterior ou posterior, os leitores estiveram tão servidos com publicações especializadas de arquitetura.

A promulgação do tema arquitetônico em diários e publicações de grande circulação e, sobretudo, a grande aventura que se tornou Brasília, com ampla divulgação do papel dos arquitetos na concretização do empreendimento, redundaram também numa maior demanda por profissionais de uma categoria de “prestígio” no afluente mercado dos anos de 1950 e 1960, reflexos na reformulação do ensino de arquitetura.

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil

São Paulo — Quinta-feira, 21 de abril de 1960

Folha Ilustrada

BRASILIA, DO PAPEL AO CONCRETO

Concreto

EXPECTATIVA

"Catetinho"

Primeira missa

Plano-piloto

O HOMEM

Há 10 meses

Maquêta

Esqueletos

Figura 9- Capa do jornal Folha de S. Paulo de 21 de abril de 1960. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

A afirmação do Movimento Moderno Brasileiro e a consequente construção de Brasília fizeram com que a arquitetura transcendesse do círculo profissional para uma popularização. A maior divulgação para uma grande parte da população que até então pouco tinha contato com as discussões e debates acerca da arquitetura que tanto prestígio tinha dado aos arquitetos pioneiros do modernismo brasileiro, permitiu e fornecer meios de comunicação com a sociedade em geral.

Analisando hoje o feito, percebem-se as consequências, e a oportunidade das reflexões e análises que existiram, mostrando-nos a importância de um debate voltado para uma área de atuação extremamente importante e que faz parte do dia-a-dia da população.

Como vimos no Capítulo 2 grandes nomes do cenário arquitetônico das décadas de 1950 a 1970 tinham ressonância na imprensa escrita, fazendo com que o debate arquitetônico fosse difundido, dando certa notoriedade ao fazer arquitetônico. Um grande nome que até hoje exerce influência no debate é o arquiteto Carlos Lemos.

Durante as décadas de 1960 e 1970 o professor Carlos Lemos publicou uma dezena de artigos e textos em jornais como a *Folha de S. Paulo* e o *Estado de S. Paulo*[75], obtendo importante ressonância e suscitando trocas entre o autor e os leitores, propiciando assim um debate acerca do que estava acontecendo na arquitetura.

Um desses artigos, publicado em 3 de junho de 1979 na *Folha de S. Paulo*, causou grande polêmica ao seu publicado. O texto ("*Arquitetura Bancária e outras Artes*") defendia a cidade, colocando de forma concreta muitas das questões que animaram a discussão arquitetônica nos anos seguintes: contexto, arquitetura voltada para o

[75] Entre os artigos publicados na *Folha de S. Paulo* podemos citar: *Da arquitetura roceira à célula viva de concreto* (3.9.1972); *A política do metrô* (26.12.1975); *Acusação inútil* (17.3.1976); *Solo Criado* (31.3.1976); *A praça da Sé* (12.5.1976); *Ainda o metrô e a cidade* (6.6.1976); *Arte Pública* (23.9.1976); *A Estação da Luz* (8.1.1977); *Preservação do patrimônio cultural* (20.1.1977); *Desenhos preciosos do litoral paulista* (27.3.1977); *Os outdoors e a fisionomia da cidade* (19.5.1977); *Capelas alpendradas* (10.4.1977); *O MIS e os ricos* (29.7.1977); *Oscar, setenta anos de liberdade* (15.12.1977); *Arquitetura bancária e outras* artes (3.6.1979); entre outros.

homem, identidade.[76] Esse artigo, ilustrado a seguir, fez uma séria crítica ao papel que os arquitetos vinham desempenhando.

FOLHA DE S. PAULO

Tendências/Debates

Arquitetura Bancária e Outras Artes

CARLOS A.C. LEMOS

Essa arquitetura de denominação algo desperada e assim definida há poucos tias par uma revista especializada em ssuntos de engenharia já tem nos provocado e sugerido comentários que hoje resumem o público mais com o fito de ocasar idéias do que criticar, pois, na verdade, ela não é exatamente a nossa ocupação e sim o que dela decorre.

Nas países cítios civilizados, isto é, aos ylises de velha tradição ou naqueles bastante acostumados à obediência a plaejamentos integrados — o que vale dizar paises europeus ou americanos do norte — a evolução urbana sempre atendeu às regras uniformizadoras dos espaços livres, de modo que a dinâmica da leitura das cidades nunca pudesse ser aleatoriamente interrompida. Melhor dizendo, nas velhas cidades, onde sempre a conscientização popular respeitou as relações existentes entre as construções e os logradouros públicos, as novas edificações também sempre trataram de se harmonizar com a vizinhança e quando por motivos programáticos, principalmente, isso não era possível, a solução estava na escolha dos novos sítios para essas novas idéias. Sempre vigorou o bom senso levando os planejadores a construir "ao lado" e não "em cima", o que jamais ocorreu em São Paulo, por exemplo. Já se disse que a nossa cidade é uma cidade-palimpsesto, que já se renovou sobre si mesma três vezes numa antefagia incontrolável: já foi de taipa, de tijolos e a atual cidade de concreto continua se renovando à espera de uma nova tecnologia que por certo virá. Tudo devido às deficiências de comunicação mão estradas, mas mal adequadas à topografia, telefones péssimos, correios e telégrafos até há pouco tempo proverbialmente irresponsáveis, transportes coletivos incapazes e mais outros fatores mantendo o gregarismo colonial e provocando a especulação imobiliária. De tempos em tempos a cidade ia ficando irreconhecível nessa renovação contínua e para quem todos isso significava progresso, como se a falta de identidade fosse um mérito. A era do automobilismo foi a pá de cal, com novas avenidas e viadutos desmanchando relações espaciais centenárias, propiciando novas construções, novos gabaritos, nova paisagem e outro patrimônio ambiental urbano. Muito bem, mas é necessário o controle mediante planejamento global, que amparo a longo prazo a totalidade do espaço urbano, aquilo que é cir ndas. Antes de tudo, uniformidade programada. Uniformidade que, apesar dos pesares, Brasília continua possuindo e que Belo Horizonte perdeu. E é devido a esses fatos consumados que não chiamma, como muitos saudosistas românticos fazem, quando vemos a nossa avenida Paulista se transformar num vasto mostruário de arquitetura importada. A avenida Paulista é um dado importante, é um reflexo da nossa sociedade consumista, vem de um processo necessariamente internacionalizante próprio da sujeição às multinacionais que ali têm seus escritórios ou propostos. A avenida Paulista é terrivelmente carente na sua macaqueação de Sa. Avenida. Essa a nossa herança que o velhos barbos do café não souberam fazer melhor. Seja como for, é uma a concentração de edifícios mantendo entre si uma relação identificadora, o que não acontece com o resto da cidade agora às voltas com o Metrô, o único metrô do mundo a usar periscópios equidistantes ilustrando sua presença ao longo das avenidas que lhe correm em cima. Mas não são só as suas torres de ventilação que perturbam a paisagem urbana, mas também, as cicatrizes que vai deixando para a Emurb depois remendar. Vai deixando livres nesgas de terrenos que só valorizam as empenas cegas dos edifícios lindeiros. E não adianta pintar bichos ou paisagens nesses paredões frios. Aliás, realmente não podemos endossar esses movimentos que tentam disfarçar a cidade com pinturas e painéis cobrindo prédios, muros e pegões de viadutos. Uma cidade se faz só com arquitetura e paisagismo e basta.

Assim, essa dita "arquitetura bancária" não pode causar muito impacto em nossa cidade em permanente troca de fisionomias. Todos temos visto essas novas e sofisticadas agências de bancos importantes espalhadas pela cidade, todas elas extremamente bem acabadas e confortáveis — quase sempre projetos de arquitetos renomados que têm seias chances incríveis de se mostrar em soluções personalíssimas, embora se diga que nessas edificações haja tentativas de padronização de elementos de composição — e que talvez haja, mas cremos que seja no equipamento interno. Na verdade, esses novos projetos são frutos da competição e atendem às exigências publicitárias do "marketing", cujas regras também dirigem, como é natural, os demais estabelecimentos da cidade, especialmente os comerciais e neste caso, os arquitetos, sem quererem, são meros instrumentos nessa guerra em que o povo, de um lado ou outro, não sabe o que está fazendo.

Assim, toda a nossa preocupação estética voltada é para as cidades do interior que, bem ou mal, ainda conseguem guardar uma certa unidade formal e em muitas delas mesmo poderemos preservar traços culturais aqui perdidos na cidade desconstruída. E não, os preservadores devemos ser cuidar porque ali existe migrando, quase sempre, o pensamento de que a mudança de fisionomia resulta de progressos sempre bem-vindos, numa relação necessária de causa e efeito e daí a permanente inspiração nos modelos selecionados dentre aquelas de várias exigências assumidas pela Capital em seus processos de metamorfose. A cidade grande é vista como o paradigma. O arranha-céu, por exemplo, é um mito. E um fascínio sempre latente que simbolizará a riqueza da cidade. O incorporador do primeiro edifício do lugar seria o herói salvador da imagem da comunidade. Cidade sem o seu prédio alto de apartamentos seria fatalmente a cidade provinciana ainda dependente das soluções rocaleas. Agora, se não do edifício de apartamentos, ipelusive nas cidades pequenas, vem se juntar a agência bancária de luxo e levantada em concreto armado aparente guarnecido grandes panos de cristal fumê. Os terrenos são escolhidos a dedo, em pontos estratégicos, é claro. Esquinas de ruas comerciais com os alinhamentos das praças principais, para que se tenha boa perspectiva para seus luminosos e seus logotipos de bom gosto. As pessoas do local não percebem que estão sendo violentadas em seu patrimônio pois, ão veem, com saberes que ele existe, confundindo preservação de bens culturais com acaso e todos querendo o progresso permitem o arrasamento daquilo que seus avós ergueram à custa de muito suor. Não cão importância às soluções banais do cotidiano, só ressaltam as construções excepcionais da classe dominante como dignas de conservação. Não interessa a ninguém preservar a arquitetura popular padronizada que dá cor e fisionomia à cidade. Não se cogita de buscar uma nova arquitetura que se harmonize com a antiga, que, com a humildade necessária, se identifique no tênico urbano sem perpetuando sem solução de continuidade uma só linha de pensamento, uma ch memória. Essas novas agências bancárias, totalmente desvinculadas dos contextos urbanos, mais parecendo estranhos objetos vindo de outras galáxias pousados entre o casario modesto, vêm se juntar a outras anteriores edificações "chegadas de fora" como novos centros telefônicos, novos fóruns, novos centros de saúde, grande parte delas levantadas em plenas praças públicas de municípios pobres, que trocam logradouros do povo com o privilégio de poderem nas suas ruas uma nova arquitetura que lhes emprestará o "status" de localidades progressistas.

Precisamos promover campanhas elucidando o povo em geral que não existem cidades "bisbéticas" ou "não históricas", cidades bonitas ou feias, pobres ou ricas, simpáticas ou antipáticas, pois todas são dignas de nossa atenção simplesmente porque existem. Não devemos nos envergonhar da falta de engenho ou de recursos de nossos antepassados — todas as cidades são documentos importantes quando seus edifícios são vistos em conjunto. Cada construção vista isoladamente pode não ter valor espacial, mas em companhia das demais participa de um cenário representativo de um determinado estágio cultural. Há de se planejar respeitando o existente, facilitando comunicações e transportes para graduais deslocamentos de zonas comerciais, criando novos pólos de atração e nova legislação de modo que os interesses comerciais, os direitos de propriedade não sejam alcançados, de modo que o patrimônio ambiental urbano não seja sacrificado irremediavelmente. Paremos para pensar um pouco sobre isso e por enquanto erifiemos essas novas construções interessetras que vêm de fora não trazendo amor algum.

Carlos Alberto de Carvalho Lemos é arquiteto, pintor, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e membro do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico de São Paulo.

Nós, os Bárbaros

ADONIAS FILHO.

A série interminável de fuzilamentos nos países islâmicos, os julgamentos em tribunais fechados, as fugaderas condenações para os adversários, os campos de concentração com trabalho forçado, tudo isso demonstra um terror político tribal. E, se acrescentarmos as guerras éticas e religiosas, temos que concordar ser muito fácil admitir civilização e ainda mais fácil sustentar que a temos neste pequeno mundo de tão pobre humanidade. Mas, sem qualquer niilismo, talvez seja possível admitir-lá — apesar das ciências e da tecnologia — quando a criatura humana sepultar a falsa imagem que faz de si mesma. Fora do delírio e quando assim o fizer, atinginio afinal o reconhecimento socrático: reconhecer-se-á, como diria Fichte, que "é apenas homem entre os homens".

E, porque presa ao corpo animal e a depender tanto dos instintos quanto dos mecanismos subconscientes, ela, a pobre criatura, morrerá apenas piedosa. Não há força poder que consiga invalidar a sua verdadeira imagem como uma escrava das próprias ambições e paixões. Não importa, pois, quem seja ou as estátuas que tenha.

Mas, porque assim nascidos, a tantasiaram heróis e glórias, os homens sempre acreditam tenham criado a civilização. Não percebem, porém, que tudo o que se ergue do lado de fora e se ergue contra a sua própria natureza — como as grandes cidades e as complexas indústrias — não basta para justificar uma civilização. A propósito, e no momento em que a Justiça iraiocesa condena à morte um rapaz de 17 anos e jornistas norte-americanos reivindicam a cadeira elétrica para "menores de 15 anos", talvez seja sábio pensar que os bárbaros também se julgavam civilizados. O homem, afinal, em qualquer época de Nova York, ou São Paulo, Moscou ou Londres, confiou a matar e semelhante como o bárbaro da pedra lascada. É fácil, porém, admitir civilização.

As bitas religiosas, no Líbano ou na Irlanda, provam com armas modernas e largo martírio que — como civilizados — permanecemos tão fanáticos e intolerantes quanto os frades da Inquisição. E os que aceitam sem espanto as novas "guerras santas" com todos os tipos de terrorismo pelo meio, são do mesmo que, não tendo visto a peça de Bernard Shaw, chamam bárbaros aos que queimaram Joana d'Arc. Os reis e as rainhas de hoje, embora fora dos barabos, se mandam pouco, ainda mandam mais que os soberanos dos "vikings" e das tribos gaulesas. Os romanos, que se tinham por civilizados — e tanto que, para divertimento, faziam com que os gladiadores se matassem e alimentavam-lodos com carne humana — e a essas gaulesas chamavam bárbaros. Civilizados eram eles, os romanos. A civilização, pois, e como é fácil verificar, vem sendo até aqui uma opinião em causa própria.

Não há ninguém mais civilizado para si mesmo, por exemplo, que o colonizador que violenta, escraviza e mata porque tipdefesa em nome da civilização. Aqueles mesmo, em Angola, internacionalizado à uma de soldados cubanos pelo imperialismo soviético que, pagando seu próprio estágue, inaugurou desse modo um novo tipo de exploração colonial. Isso, entretanto, é apenas o começo se nos lembrarmos que na história do século — considerado como "o século da tecnologia, das comunicações e do desenvolvimento" — brilhantes e lúcidos episódios atestam a civilização.

Atenas episódios, que talvez fizessem chorar os mais bárbaros dentre os bárbaros, com cenário cinematográfico na Segunda Guerra Mundial — e com exemplos nos bombardeios de cidades inglesas, alemãs, francesas, e japonesas; nas descargas atômicas que destruíram Hiroxima e Nagasaki; no massacre dos oficiais polacos de Katyn promovido pelos russos e nas câmaras de gás do nazismo, bastariam para refletir a nossa civilização não fossem a miséria, a fome e o crime em estatísticas sempre cr' ente. Está claro que, se fosemos bárbaros, não teríamos aviões, bombas atômicas e câmaras de gás para as grandes carnificinas. A mesma carnificina que, por simples ufiato civilizado, chamamos de genocídio.

Mas, na estranha percepção que distingue a guerra dos primitivos da nossa moderna guerra — como se a bazuca matasse melhor que a flecha, como se o tanque fosse mais sensível que o elefante, como se Troia não fosse igual a Hiaílgrado — o que realmente prevalece é a imagem que fazemos de nós mesmos. Sonhamos o que pensamos que somos. E cantó esta a verdade que, fascinados frente à nossa falsa imagem, não percebemos que continuamos bárbaros. A imagem, de tão sofisticada, não permite o auto-exame que mostraria o grande atraso humano ao fundo do progresso científico e ideológico. Esta imagem, aliás, pudesse esfraquecer um pouco, e veríamos como foi violentada a natureza humana e como gerou, ao lado de todas as frustrações, o grande medo constante.

O medo prova, aliás, que da pedra lascada para hoje evoluímos três ou quatro polegadas.

Os investimentos psicológicos que realizamos durante séculos, em termos de medo, nada adiantam para abrandar a agressividade do homem. E por isso, toleramos quanto ao trabalho da Inquisição. E os que aceitam sem espanto as novas "guerras santas" com todos os tipos de terrorismo pelo meio, não de mesmo que, não tendo visto a peça de Bernard Shaw, chamam bárbaros aos que queimaram Joana d'Arc. Os reis e as rainhas de hoje, embora fora dos barabos, se mandam pouco, ainda mandam mais que os soberanos dos "vikings" e das tribos gaulesas. Os romanos, que se tinham por civilizados — e tanto que, para divertimento, faziam com que os gladiadores se matassem e alimentavam-lodos com carne humana — e a essas gaulesas chamavam bárbaros. Civilizados eram eles, os romanos. A civilização, pois, e como é fácil verificar, vem sendo até aqui uma opinião em causa própria.

Não há ninguém mais civilizado para si mesmo, por exemplo, que o colonizador que violenta, escraviza e mata porque tipdefesa em nome da civilização. Aqueles mesmo, em Angola, internacionalizado à uma de soldados cubanos pelo imperialismo soviético que, pagando seu próprio estágue, inaugurou desse modo um novo tipo de

Figura 10 - Folha de S. Paulo de 3 de junho de 1979. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

Outro artigo de Carlos Lemos, que suscitou grande debate e ocupou com frequência a atenção de muitos jornais, foi a respeito da preservação do edifício

[76] BASTOS, Maria Alice Junqueira. Pós-Brasília: Rumos da arquitetura brasileira. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 54.

Caetano Campos[77], propiciando amplo debate e discordâncias de opiniões em diversas esferas.

Análise/Perspectiva

O caso da Caetano de Campos

CARLOS C. LEMOS

Há cidades planejadas e há cidades que sempre cresceram anarquicamente, sem que tivesse havido a possibilidade de se controlar de qualquer modo que fosse o uso do solo. O controle do desenvolvimento, principalmente nas cidades em processo de metropolização, é realmente difícil, talvez até impossível. Inclusive nas cidades planejadas, fenômenos imprevistos, em longo prazo, vêm perturbar os esquemas concebidos nas pranchetas dos arquitetos e tumultuar os espaços urbanos. Pelo menos no Brasil essa é a realidade incontestável. Aí estão Belo Horizonte e Brasília como exemplos. Em qualquer hipótese, porém, sejam planificadas ou não, encontramos nelas algo que julgamos fundamental: a inteligibilidade dos espaços urbanos. A leitura das cidades. O caráter definidor de cada uma delas. A fisionomia. E neste ponto é de relevante importância toda a problemática da comunicação, do entendimento, das definições, das balizas norteadoras, da eleição dos pontos focais, da determinação dos centros de interesse que irão demarcar as linhas visuais básicas condicionadoras das adequações paisagísticas. Enfim, essa inteligibilidade necessita de pontos de apoio ou de referência. E cada é um caso. O Rio de Janeiro tem toda a natureza envoltória norteando os rumos, tem as balizas do Pão de Açucar, do Corcovado, tem o mar e depois tem obras como os Arcos da Carioca, a igreja do Outeiro da Glória, o Mosteiro de São Bento, os túneis, a própria Copacabana. São Paulo, por sua vez, tem a sua compreensão definida pelas ondulações do terreno, pelos espigões que a atravessam dividindo-a no lado de cá e no lado de lá da avenida Paulista, da avenida Jabaquara, da avenida Heitor Penteado. E tem também os rios Tietê e Pinheiros. Ao longe, a baliza histórica: o pico do Jaraguá. E a cidade construída pela mão do homem, a cidade que não pode parar, oferecería quais referências balizadoras?

A resposta à pergunta acima é fácil e difícil e tudo depende de uma definição de conduta e essa definição é que julgamos necessário seja pedida ao Governo, especialmente à Prefeitura: os processos de leitura da cidade serão sempre renovados à medida que ela cresce e se transforma através de um contínuo autofagismo ou serão condicionados a pontos referenciais conservados como testemunhos de sociedades passadas? Interessa uma cidade toda voltada para o futuro, permanentemente em obras de renovação e sem memória, ou interessa uma cidade cujo desenvolvimento respeita sempre que possível e prioritariamente seus bens culturais de gerações passadas transformados em fulcros urbanos? Teórica e praticamente ambas as hipóteses são viáveis — há que se escolher uma delas. Parece que a primeira é a preferida porque a história de São Paulo está aí dizendo isso. Primeiramente, nossa cidade foi toda construída de taipa de pilão. Era acanhada, humilde, sujeitando-se à topografia irregular, praticamente contida nos limites do promontório formado pelas calhas dos rios Tamanduatei e Anhangabaú. Tudo muito modesto, inclusive as igrejas despojadas de atavios, mas ostentando em suas fachadas lambidas uma estranha serenidade que dava calma à paisagem de casas baixas. Nesse tempo da pobreza resignada, as igrejas, com suas torres sineiras, balizavam a cidade. Toda essa cidade de taipa foi implacavelmente destruída. Muitas ruas foram alargadas, outras retificadas, outras abertas atravessando quadras e devassando quintais. Quarteirões inteiros demolidos como aqueles atrás da Sé velha e destinados à praça da Sé nova, como aquele dos "quatro cantos", onde hoje é a praça do Patriarca. E assim surgiu a cidade de tijolos, onde a ação do imigrante foi decisiva. A cidade de tijolos do ecletismo, a cidade dos estilos variados girando em torno do neoclássico trazido pelos arquitetos de fora e pelo campineiro Ramos de Azevedo. Toda essa cidade de tijolos está sendo também implacavelmente destruída. Já quase não há nada de tijolos no centro de São Paulo. Agora é a vez da cidade de concreto armado. Definitivamente temos que optar: é interessante ou não a nossa cidade em permanente renovação, cabendo aos técnicos em comunicação a responsabilidade de completar o trabalho dos urbanistas dizendo ao povo como andar pela cidade, como reconhecer espaços urbanos em permanente mutação formal. Como distinguir entre si as vários minhocões, talvez colorindo-os, sendo, quem sabe, as cores usadas como distintivos de cada zona ou quadrante da Paulicéia cada vez mais desvairada.

A praça da República ainda existe. Sobrou, inclusive com árvores, sombras e algumas flores. É um ponto focal da cidade. Em um de seus lados está a antiga Escola Normal Caetano de Campos, legítimo bem cultural representativo do fim do século XIX, da cidade de tijolos e de uma época em que se tratou, pela primeira vez, de instruir sistematicamente jovens professores. É um bem cultural antes de tudo histórico e também artístico porque, com o seu estilo, estava coerente com o comportamento do gosto estético daqueles que construíam a cidade. É um documento válido. Se prevalecer a hipótese duma cidade balizada por construções dignas e corretas de outras épocas, se for interessante uma cidade ostentando testemunhos e soluções de gerações passadas e se não fizer mal a ninguém o culto da memória paulistana, somos de opinião de que a Caetano de Campos, um dos últimos exemplares de obra de alvenaria da cidade, poderia ser conservada como elemento caracterizador participe da fisionomia do centro paulistano.

É claro que somos a favor do Metrô. Não nos move nenhum saudosismo piegas e tampouco somos a favor da mumificação dos bens culturais. A cidade permanentemente tem que viver, que adotar as soluções pertinentes a tecnologia contemporânea. Mas também estamos convencidos que se ha de ter respeito pelo trabalho daqueles homens de outras gerações, que também amaram muito sua cidade. Respeitemos a Caetano de Campos por dentro e por fora. Aquele edifício deve ser permanentemente usado, permanentemente usufruído, mas sem incompatibilidades. Seus espaços arquitetônicos internos não deverão ser desequilibrados, mutilados, emendados. Tão aviltante quanto a demolição é o tratamento de seus interiores para a obtenção de uma estação de passageiros. Essa idéia à primeira vista inteligente, no fundo, pode até acarretar a destruição física do prédio, cujo comportamento, face às trepidações de um tatuzão qualquer sob seus porões, é imprevisível. Se o prédio é obsoleto no que diz respeito aos interesses da pedagogia moderna, que passe a servir às seções burocráticas da Secretaria da Educação, talvez fosse sede digna do próprio Gabinete. Mas nunca estação. Aliás, seria muito interessante que a Companhia do Metrô democraticamente discutisse esse problema mostrando por que necessariamente deva ser ali a estação do Metro. Por que não é sob a Praça da República, do outro lado da rua? Qualquer jardim é fácil de ser reconstruído, e serão mesmo necessárias construções fora da terra? Como, em Paris, foi resolvido o problema da estação ao pé do Arco do Triunfo, na Etoile? Por que não é viável a estação em prédio especialmente projetado na esquina da rua da Aroeche, onde hoje funciona um hotel? Esse prédio, que poderia ter escritórios em andares, não pagaria as despesas da desapropriação? Enfim, essas são as perguntas impertinentes de quem sofre vendo a destruição sistemática, em nome do progresso, de nosso patrimônio ambiental urbano.

Carlos C. Lemos é pintor, arquiteto e professor universitário. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

Figura 11 - Folha de S. Paulo de 12 de outubro de 1975. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

[77] O artigo foi publicado em 12/10/1975 na *Folha de S. Paulo*. Em 19/10/1975 *O Estado de S. Paulo* publica que *"Caetano de Campos deverá mesmo cair"* e, no mesmo dia, a Folha informou que o *"prefeito é contra a preservação do Caetano de Campos"*.

Após mais de cinquenta anos da construção de Brasília, a sociedade está muito modificada, não é mais uma economia rural. As transformações sociais, culturais e políticas ocorridas nos últimos 60-70 anos implicaram em uma transformação na arquitetura também, bem como em uma transformação dos meios de comunicação, tanto no que tange a forma e tecnologia da comunicação como de seu conteúdo. Passa-se a um questionamento da produção e das teses do Movimento Moderno.

Neste intervalo de tempo o Movimento Moderno passa por muitas contestações. Nos meios acadêmicos americanos, por exemplo, houve uma considerável polêmica entre teorias, evidenciado principalmente após a publicação de *Complexidade e Contradição em Arquitetura* de Robert Venturi em 1966, e posteriormente com um contraponto ao livro de Venturi em 1972 com o livro *Five Architects* de Peter Eisenman, Michael Graves, John Hedjuk, Richard Meier e Charles Gwathmey. Pouco depois arquitetos europeus, entre eles Aldo Rossi, já participavam destas polêmicas discussões acerca da arquitetura, que na realidade era um debate entre visões, teorias e de questionamentos do modernismo e do pós-modernismo, ampliando o debate para a Bienal de Veneza (1980) com a *Strada Nuovíssima*. Já no Brasil esta contestação (discussão) ao Movimento Moderno só começaria entre os arquitetos em meados dos anos 1980.

Estabelecendo um contraponto entre a discussão crítica de arquitetura na imprensa brasileira e na imprensa americana, Tom Wolfe, conhecido jornalista americano, publicou um ensaio intitulado *From Bauhaus to our House* em 1981, traduzido e publicado no Brasil em 1990 como *Da Bauhaus ao nosso Caos*, em que relata toda a polêmica entre os dois grupos de arquitetos norte-americanos – os que seguiam Venturi e o grupo dos cinco arquitetos. É um texto mordaz, irônico com todo o Movimento Moderno e seus principais precursores. Portanto, em 1981 um jornalista americano trata de uma questão da arquitetura praticamente desconhecida no Brasil, e que só em meados dos anos 80 viria a fazer parte constante dos temas de alguns arquitetos brasileiros, e praticamente discutido apenas dentro da academia.

No campo das revistas especializadas de arquitetura, após 1964 as publicações praticamente desapareceram no Brasil. Além da *Acrópole*, que circulou dos anos 30 aos 70, a revista *Módulo* criada em 1955 por Oscar Niemeyer fechou em 1965, após ser empastelada pelo governo militar, ficou suspensa até 1975 e depois circulou

enfraquecida até 1989. Posteriormente a revista *Projeto* surgiu no início dos anos de 1980, seguida pela revista *AU (Arquitetura e Urbanismo)* no final também da mesma década.

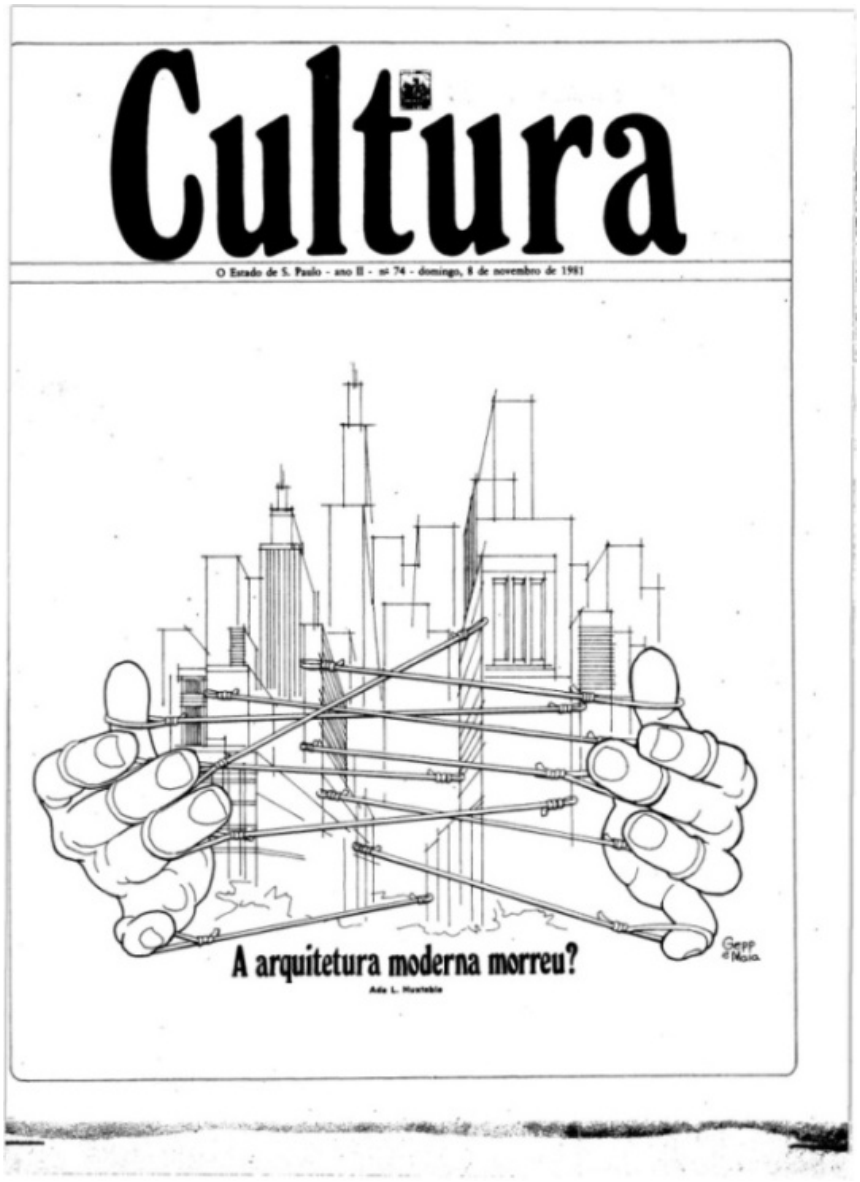
Estes fatos, desaparecimento de revistas especializadas, mostram um pouco alguns dos motivos de tanto isolamento cultural em frente a um debate atualizado e sincronizado com o resto do mundo, pois as revistas especializadas eram os principais veículos e uma espécie de laboratório para a crítica de arquitetura. E não existindo, ou melhor, tendo sua importância diminuída, a crítica de arquitetura perde um espaço importante de divulgação, tendo uma dificuldade maior ainda de passar, tal debate, para um veículo de comunicação aberto e ampliado para um grande público como o jornal.

Paralelamente a essa diminuição de periódicos especializados os cadernos culturais nos principais jornais brasileiros estavam sendo estruturados e existiam já vários suplementos com matérias mais aprofundadas.

Abaixo há imagem do *Caderno Cultura* do jornal *O Estado de São Paulo* de 1981, em que se discute, de maneira mais aprofundada um assunto até então inédito no Brasil. Artigo esse de Ada Louise Huxtable (1921-2013) importante crítica da arquitetura, como já mencionado, e ganhadora de um Prêmio Pulitzer pela crítica em arquitetura. Tal artigo publicado pelo *Estadão* sobre a Arquitetura Pós-Moderna traz um debate importante que da arquitetura, que até então tinha ficado restrito a periódicos especializados ou na mídia estrangeira.

Os cadernos culturais que hoje são mais caracterizados como cadernos de variedades iniciaram com o *Caderno B* do *Jornal do Brasil* e com a *Folha Ilustrada* da *Folha de São Paulo*.

Justamente estes cadernos culturais e os suplementos dos jornais de São Paulo, que foram estruturados e ganharam corpo apenas nos anos 1980, na redemocratização do Brasil, são as principais fontes de material desta pesquisa.



Cultura

O Estado de S. Paulo - ano II - nº 74 - domingo, 8 de novembro de 1981

A arquitetura moderna morreu?

Ada L. Huxtable

Figura 12- Caderno Cultura de 1981. Fonte Acervo O Estado de S. Paulo

Os cadernos culturais dos jornais brasileiros (fonte da maior parte do material coletado para pesquisa) começaram a ser publicados no final dos anos 1950. Em São Paulo o início foi com o *Suplemento Literário* do *O Estado de São Paulo*, em 1956, dirigido por Décio de Almeida Prado, com nomes como Antônio Candido e Paulo Emílio Sales Gomes. No Rio de Janeiro o extinto *Correio da Manhã* teve um caderno dominical nos anos 1950, o *Quarto Caderno*, onde escreveram Carlos Heitor Cony e Paulo Francis.

O precursor do formato que existe hoje é o *Caderno B* do Jornal do Brasil, que começou uma reformulação de todo o jornal em 1956, vindo logo em seguida com a

diagramação de Amílcar de Castro[78]. Em São Paulo, após suplementos como *Folhetim e Letras*, da *Folha de São Paulo* nos anos 1980, os dois principais jornais consolidaram seus cadernos culturais. Primeiro a *Ilustrada* da *Folha de São Paulo* que havia sido criada já em 1958, mas teve seu formato atual configurado cerca de vinte anos depois e, posteriormente, o *Caderno 2* do O Estado de São Paulo.

Estes cadernos dos jornais de São Paulo tiveram seu ápice em meados dos anos 1980 e início de 1990, e a partir de então estão perdendo força e espaço, com matérias menores, e maior quantidade de publicidade, descaracterizando a sua diagramação, principalmente nas primeiras páginas.

As matérias maiores, mais críticas e aprofundadas passam a ter espaço em cadernos e suplementos semanais, como o *Mais!* (hoje extinto e substituído pelo *Ilustríssima*). A diminuição dos cadernos culturais diários ou sua substituição vêm em decorrência de pesquisas com leitores, apesar de serem as seções dos jornais com maior empatia por parte do leitor e serem causa de identificação do mesmo com o jornal, existe uma maior demanda por textos rápidos no dia a dia.

Segundo Daniel Piza os cadernos culturais de São Paulo “mantiveram a variedade e quentura até meados dos anos 90, quando o peso da opinião diminuiu sensivelmente” e tomou conta o que seria uma “agenda passiva”, que ao que tudo indica é uma tendência à veiculação de atualidades, de serviços e orientação ao leitor sobre a agenda cultural, principalmente voltada aos espetáculos.

Há problemas gerais nos cadernos de cultura. Não é especifico de uma área de interesse ou de um jornal, isto é, há uma diminuição do espaço destinado à análise ou crítica e um aumento de notícias ligeiras, em grande parte ligada a eventos e entretenimento. A análise aprofundada ou o desenvolvimento de ideias e críticas foram transferidos para novos cadernos semanais, com maior tempo para elaboração.

[78] Amílcar de Castro foi contratado pelo jornal em fevereiro de 1957, deixando-o em abril de 1958 e retornando em março de 1959, aí permanecendo até 1961. Nesse segundo período, que vai de 1959 a 1961, com Jânio de Freitas comandando a transformação do jornal, as mudanças na parte gráfica do Jornal do Brasil foram acentuadas. O layout do jornal foi totalmente reelaborado, a partir do projeto de Amílcar de Castro. O objetivo era aplicar a orientação de transmitir seriedade, modernidade e eficiência também no design do jornal.

Estes suplementos possuem artigos traduzidos, longas entrevistas, professores e especialistas convidados para análise de algum tema em específico, principalmente se tal tema está em discussão em outros meios de comunicação.

Atualmente os cadernos culturais possuem novos interesses, notadamente temas como design, moda, gastronomia e sustentabilidade, que cada vez mais despertam a atenção dos leitores. Tornaram-se cadernos de variedades, focados em atualidades, justamente pela necessidade, já dita anteriormente, que o grande jornal tem em atingir o maior número de leitores e agradar a todos ao mesmo tempo.

Considerando as características dos cadernos culturais no final dos anos 1980, a qualidade de seus colunistas e de como este jornalismo influenciou uma geração e, considerando também, o surgimento de sites culturais na internet, o surgimento e permanência de revistas como *Bravo!*[79] pode-se dizer que de fato realmente há demanda por jornalismo cultural de qualidade e crítico. Então fica a pergunta: Se há uma demanda por jornalismo cultural porque o tema arquitetura não está entre os principais destaques? Por que será que quando falamos de cultura, muitos não consideram a arquitetura como uma expressão cultural? Estas perguntas precisam ser respondidas e serão analisadas mais adiante.

3.2. Comparativo entre os jornais brasileiros e alguns do exterior

Após essa breve abordagem histórica da crítica arquitetônica nos jornais brasileiros é interessante termos como comparativo jornais de outros centros, principalmente de outros países. Para entender melhor foi realizado um contraponto, primeiramente, entre dois jornais, que por serem situados em dois grandes centros mundiais tornam-se comparativos importantes e significativos. Para título de comparação foram selecionados os jornais *The New Yorker Times* de Nova York (EUA) e *The Guardian* de Londres (Inglaterra). Deve ser enfatizado a enorme diferença e desnível sociocultural entre os países em questão com a realidade

[79] Revista mensal da Editora Abril caracterizada por ter como pauta as artes plásticas (pintura, escultura, gravura e fotografia), o cinema, a música, o teatro, a dança, a literatura e outras manifestações culturais. A revista foi publicada entre 1997 e 2013.

paulista, além de levarmos em consideração que ambos os jornais estrangeiros são grandes referencias mundiais, influenciando não somente sua região com suas abordagens e opiniões, mas também colocando pautas e discussões em todos os cantos do planeta.

O *The New York Times*, como citado anteriormente, possui sempre um autor especializado em arquitetura entre seus profissionais, assim como o *The Guardian/The Observer*[80], que também possui críticos de arquitetura como seus colaboradores, mas de forma mais espaçada em comparação ao jornal nova-iorquino.

Ambos os jornais, em suas colunas e segmentos de arquitetura e urbanismo, tratam questões relacionadas a esses temas, bem como suas implicações com comunidades locais, com profundidade e abordagem apropriadas ao público em geral, mas que também causam grande impacto em um público mais especializado, já que em sua grande maioria os textos são publicados por especialistas/críticos de arquitetura, fomentando assim um debate qualitativo em todos os setores.

Dentre o período estudado (2000-2010) foram identificados alguns bons autores nestes e em outros jornais influentes e de grande circulação. No *The New York Times* podemos citar Herbert Muschamp (1947-2007), Paul Goldberger (1950) – além da revista New Yorker -, Ada Louise Huxtable (1921-2013) – também no Washington Post e no Wall Street Journal -, Michael Kimmelman (1958) e Nicolai Ouroussoff (1962). Já no *The Guardian/The Observer* temos Jonathan Glancey, Deyan Sudjic (1952), Rowan Moore e Alain de Botton (1969), apesar deste último não ser arquiteto há importantes textos e artigos abordando de forma reflexiva a arquitetura e o cotidiano.

Além desses jornais também podemos citar como bons exemplos de países e periódicos que mantem uma tradição crítica:

- Le Monde (França), com o crítico Frédéric Edelmann (1951).
- Financial Times (Inglaterra), com Edwin Heathcote (1968).
- El País (Espanha), com os críticos Miguel Mora (1974) e Anatxu Zabalbeascoa.

[80] O *The Observer* é um suplemento dominical do jornal *The Guardian* e possui como grande característica a veiculação de notícias, reportagens e artigos mais aprofundados e de respeitável qualidade.

- La Nación e Clárin (Argentina) com Fernando Diez e Cláudio Caveri (1928-2011).

Apenas com esses exemplos já podemos perceber o quão profícuo é o debate arquitetônico nesses periódicos, fazendo-nos refletir o quanto de informação sobre o tema é transmitido, com frequência e regularidade, aos leitores. Artigos estes bem redigidos, com qualidade e aprofundamentos críticos adequados ao tema e ao público que os lê, além de permitirem uma atração de leitores e uma aproximação para assunto relacionados, formam um público crítico e que, de alguma forma, repercutem as informações para outros meios de comunicação.

Verificando a qualificação desses críticos nota-se que são profissionais especializados em arquitetura e com grande quantidade de artigos publicados, tanto em jornais como em revistas específicas.

A seguir estão relacionados alguns dos títulos[81] escritos por alguns desses críticos de arquitetura.

- **Herbert Muschamp (1947-2007):** *Visions of Utopia; Man about Town; Total Living: Art, Faxhion, Design, Architecture, Communication; Five under Architecture; Hope Abandoned Eastern State Penitentiary; Ettore Sottsass: The Architecture and Design of Sottsass Associates; Sturtevant: Drawings 1988-1965 Cutler Gallery; Balancing Reason and Emotion in Twin Towers Void; An Appraisal – For Lower Manhattan, Towe Offers a Residential Stairway to the Sky; Architecture´s Claim on the Future: The Bob.*

- **Ada Louise Huxtable (1921-2013):** *Undertaking Its Destruction; The Empire State Building´s Luster Returns; The Best Way to Preserve 2 Columbus Circle? A Makeover; The Dreams of Frank Lloyd Wright.*

- **Michael Kimmelman (1958):** *Art´s Last, Lonely Cowboy; Gerhard Richter: Na Artist Beyond Isms; City, and Artist, Under Construction; Where Culture*

[81] Os títulos aqui relacionados foram reproduzidos em diferentes jornais e revistas (tanto impressas como digitais) durante o período de 2000 a 2010.

is Another Casualty; In London, Adimiration for an Old Foe; The Accidental Environmentalist.

- **Nicolai Ouroussoff (1962):** *Herbert Muschamp, 59, Architecture Critic, Dies; Architect Without Limits; Ahead of the Curve; Reinventing America´s Cities: The Time is Now; A New Paris. As Dreamed by Planners; In Changing Face of Beijing, a Look at the New China; Nice Tower! Who´s Your Architect? Saudi Urban Projects Are a Window to Modernity.*

- **Jonathan Glancey**: *20th-Century Architecture; Architecture (Eyewitness Companion Guides); City Futures: London in Transformation; Modern: A Portfolio of Contemporany Interior Designs; Modern World Architecture; New British Architecture; New Moderns; Town and country plannig; Ian Nairn´s voice of Outrage; What has Labour done for achitecture?*

- **Deyan Sudjic (1952)**: *Architecture and Democracy; The Architecture of Richard Rogers; The Architecture Pack; British Pavilion Expo´92 – Seville; House Style Book; Metropolis: New British Architecture and the city; On Foster...Foster On; Norman Foster, Richard Rogers, James Stirling: New Directions in British Architecture; Britain needs to see stars.*

- **Rowan Moore**: *Is the Orbit anything more than a folly on na Olympic scale? Circle hospital/ Foster & Partners; Suburban regeneration: Croydon; Brad the builder in New Orleans; Central Saint Giles, London; 1111 Lincoln Road, Miami, Florida/ Leighton House, London; I have seen the Olympic future and – this may suprisse you – it Works; Bricks, mortar and mateyness; Is this the sustainable city of the future?*

Alguns desses artigos, além de serem publicados em seus jornais de origem, também foram republicados nos jornais paulistas, mostrando a importância e a relevância que esses críticos renomados possuem no campo da arquitetura. Entre eles está o artigo *"A modernidade chega ao mundo islâmico"* de Nicolai Ouroussoff publicado pela *Folha de S. Paulo* em 27 de dezembro de 2010, o qual aborda

criticamente a iniciativa de países do Oriente Médio em mudar suas identidades através da arquitetura, com edifícios assinados por arquitetos renomados.

The New York Times

SEGUNDA-FEIRA, 27 DE DEZEMBRO DE 2010 — Textos selecionados para FOLHA DE S.PAULO — Copyright © 2010 The New York Times

A modernidade chega ao mundo islâmico

REPORTAGENS DE NICOLAI OUROUSSOFF

Árabes fazem museus para exibir nova imagem

ABU DHABI, Emirados Árabes Unidos

CRÍTICA ARQUITETÔNICA

É UMA EXPERIÊNCIA audaciosa: dois pequenos países petrolíferos do Oriente Médio estão usando a arquitetura e as artes para reformularem suas identidades nacionais praticamente da noite para o dia. De quebra, pretendem melhorar a imagem árabe no exterior, mostrando o caminho para uma sociedade moderna dentro das fronteiras do islã.

Aqui, numa ilha árida nos arredores de Abu Dhabi, operários já escavaram as fundações de três museus colossais: uma filial do Guggenheim desenhada por Frank Gehry, que custará US$ 800 milhões e terá 12 vezes o tamanho da matriz, em Nova York; um posto avançado do Louvre, de US$ 500 milhões, projeto de Jean Nouvel; e uma vitrine da história nacional, criada pelo escritório Foster & Partners. Além disso, há planos para mais um museu, de história marítima, a ser projetado por Tadao Ando.

A cerca de 300 km dali, Doha, capital do Qatar, inaugurou em 2008 um Museu de Arte Islâmica, templo imaculadamente branco de I.M. Pei, que está ganhando a companhia de um museu de arte árabe moderna, com uma coleção que abrange do século 19 ao presente. As obras de um museu de história do Qatar, também assinado por Nouvel, acabam de começar, e o projeto de um museu de arte orientalista, de autoria do escritório

Continua na pág.2

TOP: MUSEU NACIONAL ZAYED

TOP: MUSEU ZAYED, ACIMA, ATELIÊS JEAN NOUVEL; PORÇÃO CENTRAL

Concepção artística do Museu Nacional Zayed, em Abu Dhabi (imagem maior) e terreno em obras (acima); no centro, maquete de Jean Nouvel para o Museu Nacional do Qatar

HENNING LARSEN ARCHITECTS, ACIMA; MAC ARTHUR AHO PARA O NEW YORK TIMES

Maquete digital do Bairro Financeiro Rei Abdullah nos arredores de Riad e edifícios em construção no mesmo local (imagens acima)

Projetos preparam sauditas para a vida pós-petróleo

JIDDA, Arábia Saudita

ENSAIO

A UMA HORA de carro desta cidade portuária, um enorme portal adornado por três cúpulas se ergue em meio à areia, como se fosse o cenário de um filme mudo fantástico. Mas fantástico mesmo é o urbanismo contemporâneo do local, a futura Cidade Econômica Rei Abdullah, à beira do mar Vermelho.

Projetada para uma população de 2 milhões de pessoas, a cidade é a versão do Oriente Médio para as "zonas econômicas especiais" que têm florescido em lugares como a China. É uma das quatro sendo erguidas no deserto saudita, todas com previsão de serem concluídas até 2030.

Elas evocam tradicionais iniciativas modernistas de planejamento, como a criação de Brasília na década de 1950 ou os colossais experimentos urbanos soviéticos dos anos 1930, mas são guiadas pela preocupação com o futuro, não por um idealismo utópico.

Como mais de 13 milhões de sauditas —metade da população— têm menos de 20 anos, o rei Abdullah, 86, está tentando criar mais de 1 milhão de novos empregos e 4 milhões de moradias num prazo de dez a 15 anos. Ele e seu clã real anteveem uma economia menos dependente do petróleo, comandada por uma nova classe de médicos, engenheiros e empresários com penetração no mercado global.

Para isso, o governo quer se abrir a algum tipo de modernidade no estilo ocidental. A ideia é criar ilhas a partir das quais a mudança se infiltraria.

Caso o plano funcione, poderá transformar a Arábia Saudita em uma sociedade tecnologicamente avançada, controlada por uma autocracia religiosa ligeiramente tolerante. Mas ele também pode provocar violência militante e repressão governamental.

"O que estão tentando fazer é difícil", disse Bernard Haykel, professor da Universidade Princeton nos

Continua na pág.2

Figura 13 - Folha de S. Paulo de 27 de dezembro de 2010. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

Assim como a *Folha* o jornal *O Estado de S. Paulo* também reproduziu importantes artigos críticos em seu periódico. Ainda dentro da temática arquitetura do

espetáculo o Estadão publicou em 26 de dezembro de 2009 o artigo *“A era da ostentação chegou ao fim? ”* de Jonathan Glancey do *The Guardian*. Tal artigo discute a respeito dos excessos da arquitetura e deixa uma questão se tal abordagem continuaria nas próximas décadas.

Arquitetura Retrospectiva:

STEPHEN HIRD/REUTERS

CAPTURANDO O OLHAR – O edifício Gherkin, projeto de Norman Foster

NATALIA ZONTA/AE - 16/1/2008

BMW WELT – Do escritório Coop Himmelb(l)au: glorificando carros

MOSAB OMAR/REUTERS

BURJ DUBAI – O prédio mais alto, e ousado, do mundo tem “fator uau”

JEAN-PHILIPPE ARLES/REUTERS

VIADUC DE MILLAU – Obra de Norman Foster construída na França

NIGEL RODDIS/REUTERS

PONTE MILLENIUM – Criada por Foster, a empresa Arup e Anthony Caro

A era de ostentação chegou ao fim?

Altas, brilhantes, doidas, as construções da década celebraram a opulência

Jonathan Glancey
THE GUARDIAN
LONDRES

Esta foi a década do excesso. Começou com a Millenium Dome e agora chega ao final com o Burj Dubai, o prédio mais alto do mundo, cuja inauguração deve ocorrer em 4 de janeiro. Estas estruturas ousadas encerram a década atual – com todas as suas construções impressionantes – como um par de extravagâncias de fazer saltar os olhos. A Millenium Experience foi um triunfo do discurso superlativo e da escala gigantesca. Descrita como “a mais orgulhosa criação britânica”, a exposição foi abrigada sob uma tenda tão ampla e resistente que seu teto seria, aparentemente, capaz de suportar o peso de um jumbo. A porcaria toda custou quase 1 bilhão de libras, e assim, ao custo de 40 milhões de libras, o edifício projetado por Richard Rogers para receber as instalações ao menos pareceu ser uma pechincha.

O Burj Dubai parece pronto para ser inaugurado justamente quando toda a economia de Dubai cambaleia. E apesar de ser verdade que o Edifício Empire State foi concluído durante a depressão e é hoje um dos mais famosos do mundo, a ambição do Burj adquire subitamente o aspecto de arrogância.

A década esteve repleta de especulação financeira e consumismo furioso; inevitavelmente, a arquitetura seguiu este rumo. (Como disse certa vez Mies van der Rohe: “A arquitetura é a vontade de uma época traduzida para a pedra.” Ou para o aço, ou o titânio.) Na verdade, poderíamos dizer que a década começou em 1997, com a inauguração do Museu Guggenheim em Bilbao, obra espetacular projetada por Frank Gehry – uma das estrelas dos últimos 10 anos, com Zaha Hadid, Rem Koolhaas, Daniel Libeskind e Norman Foster.

Recebido com grande entusiasmo, o museu estabeleceu o tom dos anos de arquitetura “icônica” que se seguiram. A arquitetura foi transformada em um ímã para os turistas; agentes de viagens ofereciam pacotes de fim de semana para Bilbao simplesmente para ver a voluptuosa sensação de Gehry. Os políticos britânicos começaram a pedir pelo “efeito Bilbao”: o edifício tinha o que eles chamaram de “fator uau!”.

O arquiteto Alastair Lansley me disse que um ministro perguntou-lhe por que a nova estação da Eurostar em Ebbsfleet, Kent (sudeste da Inglaterra), projetada por ele não apresentava o “fator uau”. Lansley projetou uma caixa de vidro e concreto que demonstra honestamente seu papel de estação de trem moderna. Seu objetivo não era provocar interjeições, mas o ministro não se impressionou.

Gehry tinha deixado o gênio sair da lâmpada. Seguiu-se uma onda de fantásticos novos edifícios, estruturas dignas da ficção científica. Avanços nas técnicas de construção, nos materiais e no software de computador possibilitaram que museus, galerias de arte, escritórios e shoppings tomassem qualquer formato desejado pelos clientes.

MINISTRO NÃO SE IMPRESSIONOU COM PROJETO SIMPLES E FUNCIONAL DE METRÔ

O Centro Científico Phaeno, em Wolfsburg, projetado por Zaha Hadid, a Casa de Música, no Porto, criada por Koolhaas, o edifício conhecido como Gherkin, projetado em Londres por Foster, as Selfridges idealizadas pela Future Systems em Birmingham, o Edifício do Parlamento Escocês, planejado por Enric Miralles e Benedetta Tagliabue – são todos exemplos que capturam o olhar.

O edifício mais extremo que vi é o BMW Welt, de Munique, projetado pelo escritório vienense Coop Himmelb(l)au, mas, ainda assim, evocativo de pesadelos. Nele, os visitantes participam da “experiência BMW” conforme passeiam por uma espécie de set de filmagens. Mas para que serve tudo isso? Para glorificar os carros. Se ao menos tamanho talento fosse canalizado para projetos de escolas, hospitais, espaços públicos...

De maneira semelhante, enquanto pregava a sustentabilidade, o governo britânico supervisionou a expansão de moradias precárias por todo o país, quase todas projetadas sem consideração pelos empregos locais, escolas, creches, clubes e transporte público – e todas extremamente dependentes do carro. Esta pode ter sido a década da consciência ambiental, mas ainda assim a Grã-Bretanha continuou a construir aeroportos, supermercados e shoppings gigantescos como os de Bluewater e Westfield – como se sustentabilidade de significasse só instalar uma turbina eólica no teto.

Esta cultura de excessos trouxe consigo a sua própria contracultura. Pode-se argumentar que seu adepto mais extremo foi Mohamed Atta, agente egípcio da Al-Qaeda e piloto de um dos aviões que se chocaram contra o World Trade Center. Atta estudou arquitetura no Cairo e planejamento urbano em Hamburgo. Ele escreveu sua tese sobre aquilo que chamou de destruição da cidade de Aleppo, na Síria – para ele a cidade ideal –, pelo grosseiro desenvolvimento comercial moderno e, em particular, pelos quarteirões de arranha-céus. Quando ele atacou Nova York, sua violenta cruzada tinha como alvo tanto os arranha-céus quanto os valores ocidentais e os EUA.

NA ESCÓCIA, ABRIGO PARA BALSAS AN TURAS É UMA VERDADEIRA POESIA

Será que os arranha-céus sobreviveriam na era do terror? O ataque, ao menos, alimentou uma cultura de desafio: as cidades do Oriente Médio aumentaram de estatura – e o Burj Dubai parece mais alto do que nunca.

Entretanto, nem tudo foi excesso. Alguns dos novos edifícios mais comoventes foram os mais simples. A Casa da Fé (Faith House), em Holton Lee, Dorset, é um silencioso espaço dedicado à contemplação. Projetada por Tony Fretton para uma instituição de caridade, ela foi construída perto do Poole Harbour, sul da Inglaterra, inspirada nas “igrejas das aldeias pobres”, de acordo com o arquiteto. Feita de cedro, vidro e cascas de madeira por apenas 150 mil libras, o lugar é um templo moderno que proporciona um ponto estático num mundo em movimento.

Em Northumberland, na Kielder Forrest (nordeste da Inglaterra), o lugar mais escuro do país, Charles Barclay projetou um observatório discreto e delicioso. Os visitantes podem olhar para as estrelas, planetas, meteoros e satélites dos deques de pinheiro da estrutura de Barclay, que lembra um píer. Construído tanto para os cientistas quanto para os amantes da astronomia, este edifício promete o universo e cumpre a promessa sem estardalhaço nem espetáculo.

Igualmente notável é o abrigo para balsas An Turas em Tiree, numa ilha da costa escocesa. Obra de 100 mil libras do escritório de arquitetura Sutherland Hussey, em parceria com um grupo de artistas, este abrigo é uma verdadeira poesia arquitetônica; sua maneira de emoldurar a ilha, as pessoas e o mar com sua estrutura de concreto, vidro e madeira é lírica.

Esses edifícios menos exibidos, respeitosos dos locais onde foram construídos e até inspirados por eles, são prova das maravilhas de que é capaz a imaginação, e não do alcance ilimitado dos recursos financeiros. Seu espírito – que inspira mais suspiros de admiração do que interjeições de espanto – poderia ter informado um tipo muito diferente de arquitetura. Isso não significa que não haja espaço para a energia e um pouco de loucura na arquitetura das cidades, mas o excesso, quando se torna a norma, tende a produzir o efeito oposto ao pretendido.

A última década foi também marcada por uma retomada das estruturas de engenharia, muitas das quais envolveram arquitetos em seus projetos. A lista é extensa, mas eu destacaria o Viaduct de Millau, na França, a “Ponte do Olho que Pisca”, em Gateshead, projetada por Wilkinson Eyre, o Olho de Londres, de Marks Barfield (e a sua Passarela de Copas de Árvores sobre os Kew Gardens), e a Ponte Millenium, de Norman Foster, a empresa Arup e Anthony Caro, que costumava oscilar antes de se acomodar à pacata vida de transportar milhares de pessoas sobre o Tâmisa.

Será que a era da ostentação chegou ao fim? Será que a nova austeridade encontrará uma tradução na arquitetura? Foi apenas no começo do mês, enquanto caminhava pela London Bridge, que vi os primeiros traços físicos do “Caco de Vidro”, a nova torre da London Bridge. Projetada por Renzo Piano, este será o primeiro prédio a superar a altura de 300 metros na Grã-Bretanha quando for concluído em 2012. Será que este arranha-céu representa o início de uma nova década – ou será o último lampejo sensacionalista da década que chega ao fim? Responderei a esta pergunta daqui a dez anos. ● TRADUÇÃO DE AUGUSTO KALIL

Figura 14 - O Estado de S. Paulo de 26 de dezembro de 2009. Fonte: acervo O Estado de S. Paulo

Os dois artigos anteriores exemplificam e nos mostra como jornais importantes e que possuem uma abordagem sistemática, periódica e crítica a respeito da

arquitetura podem influenciar as pautas e discussões em outros meios de comunicação em partes diferentes do planeta.

É importante salientar e reforçar que a comparação aqui colocada possui o intuito de exemplificar e relacionar brevemente a realidade de jornais e países diferentes. Com isso tais dados foram comparados como tal, levando-se em consideração que para uma comparação complexa e mais efetiva seriam necessários maiores aprofundamentos nas questões culturais, sociais e econômicas de Brasil, Inglaterra, Estados Unidos e de outros países que possuem uma forte tradição crítica, pois são países de realidades e tradições distintas.

O importante é ressaltar o quão primordial é a escrita sobre arquitetura realizada por especialistas nos mais diversos meios de comunicação. Segundo Peter Eisenman (2013, p.18-19)[82] *"é importante o arquiteto dizer e escrever coisas, não apenas por e para si próprio, mas também para colocar-se criticamente perante seus pares e discutir questões, para assim melhorar a prática e pensar a arquitetura de maneira igualmente crítica. "*

[82] EISENMAN, Peter; KOOLHAAS, Peter. Supercrítico. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 18-19

CAPÍTULO 4 – A arquitetura nos jornais paulistas

4.1. A arquitetura nos jornais paulistas entre 2000 e 2010

No período pesquisado – primeira década do século XXI – foi caracterizada por diversos acontecimentos marcantes em todas as áreas do conhecimento humano, e não foi diferente no campo da arquitetura, tanto brasileira como mundial.

Como por exemplo o centenário do nascimento de Lucio Costa e Niemeyer, os 50 anos da construção de Brasília, o prêmio Pritzker e o reconhecimento internacional de Paulo Mendes da Rocha, grandes eventos esportivos e discussões da estética arquitetônica contemporânea, entre outros.

Tais fatos trouxeram à tona a importância de se pesquisar e quantificar em quais e quantos momentos a arquitetura se fez presente na discussão do dia-a-dia dos jornais paulistas.

Com isso foram selecionados, analisados e quantificados um grande número de artigos, reportagens, notícias, opiniões e citações nos mais diversificados cadernos, não somente com enfoque em cultura ou construção.

Essa pesquisa e coleta de informações foi feita de diversas maneiras. Dentre as quais foi realizada uma extensa e minuciosa análise nos bancos de dados dos jornais estudados (*Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*). Essa pesquisa se deu tanto em seus arquivos físicos como em seus acervos digitais, propiciando uma extensa variedade e conteúdo de informação.

Para um melhor aproveitamento e aprofundamento dentro do campo da pesquisa o material foi selecionado e filtrado para que determinados artigos e reportagens importantes fizessem parte do trabalho. Mais adiante alguns desses artigos serão analisados com um maior aprofundamento, mas todo o material estudado e consultado está relacionado em planilhas que compõem o anexo deste trabalho

Também foi utilizada a base de dados do Arquivo de Imprensa do Laboratório de Dados (CESAD) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (FAUUSP) que, entre outras atividades, coleta, cadastra e arquiva artigos de jornais de São Paulo que possam ser de interesse para pesquisas. Foi consultada também a Hemeroteca da FAU Maranhão (PPGAU: Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP São Paulo) composta por artigos publicados pelos professores da FAUUSP em jornais.

Todos os artigos, reportagens, notícias e opiniões relativos à arquitetura que foram selecionados e analisados foram cadastrados e digitalizados, fazendo parte integrante desse trabalho.[83]

De início havia uma preocupação a ser investigada e de certa maneira comprovada por este trabalho, a de que a arquitetura não seria tratada pela imprensa de forma abrangente, com trabalhos de quantidade e qualidade que fossem capazes de informar satisfatoriamente um leitor que se dispusesse a se informar sobre o tema. Com tal premissa e, inicialmente, concordando com esta visão, foram encontrados vários textos de autores diversos e com diferentes formações dentro do período pesquisado.

Ao aprofundar a analise constatou-se que na realidade não se pode afirmar que exista um total desinteresse em relação a arquitetura, pelo que se pode verificar no número e na quantidade de diferentes cadernos que tratam ou abordam em algum momento sobre arquitetura.

Esse dado podemos analisar nos gráficos 2 e 3 em seguida, os quais nos dão um panorama geral da quantidade e em quais cadernos o assunto aparece com mais ou menos frequência.

Como podemos perceber nos gráficos os cadernos em que o número de ocorrências é maior são os *Caderno 2*, *Cidades* e *Viagem* (no *Estado de S. Paulo* – Gráfico 2) e nos cadernos *Ilustrada*, *Cotidiano* e Turis*mo* (na *Folha de S. Paulo* –

[83] Todas as imagens digitalizadas e planilhas estão disponíveis em DVD e no Anexo deste trabalho.

Gráfico 3)[84]. Esses dados não mostram tais números em qualidade ou formas de abordagem, mas sim em quantidade de ocorrências do assunto arquitetura nesses jornais. Em termos de aprofundamento e enfoque de tais ocorrências iremos discutir mais adiante, podendo assim fazer um comparativo mais qualitativo e profícuo a respeito de como e quem escreve sobre arquitetura nos jornais paulistas.

[84] *O Caderno 2* e o *Ilustrada* possuem como característica assuntos relacionados a cultura local, nacional e internacional em suas diversas manifestações – artes plásticas, música, cinema, teatro, televisão, folclore e afins. Como a arquitetura é vinculada a tais aspectos, e é importante na discussão cultural e artística da sociedade, a maior quantidade de informações sobre o tema nesses cadernos, que pregam o chamado Jornalismo Cultural, é bastante pertinente.

Já a grande ocorrência do tema arquitetura nos cadernos a *Cidades* e *Cotidiano* – que possuem como foco o noticiário local e acontecimentos do dia a dia das cidades - também é facilmente explicada, pois a arquitetura é parte integrante da vida das pessoas (nas mais variadas formas e motivos) mesmo que, na grande parte das ocasiões, não é tratada com a importância e destaque que lhe é justa.

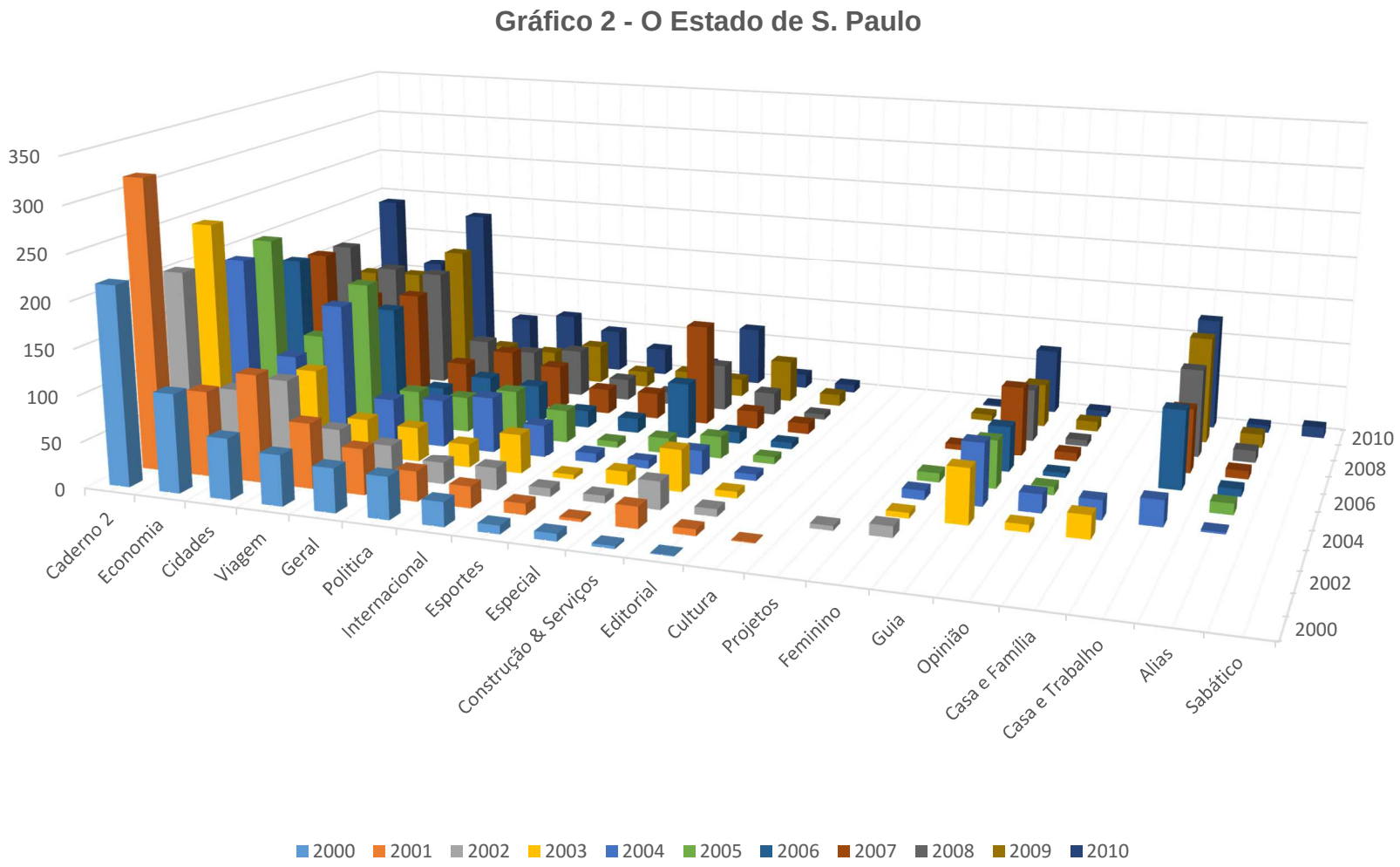


Gráfico 2: Distribuição do tema Arquitetura nos cadernos do jornal O Estado de S. Paulo. Fonte: elaboração própria (2015)

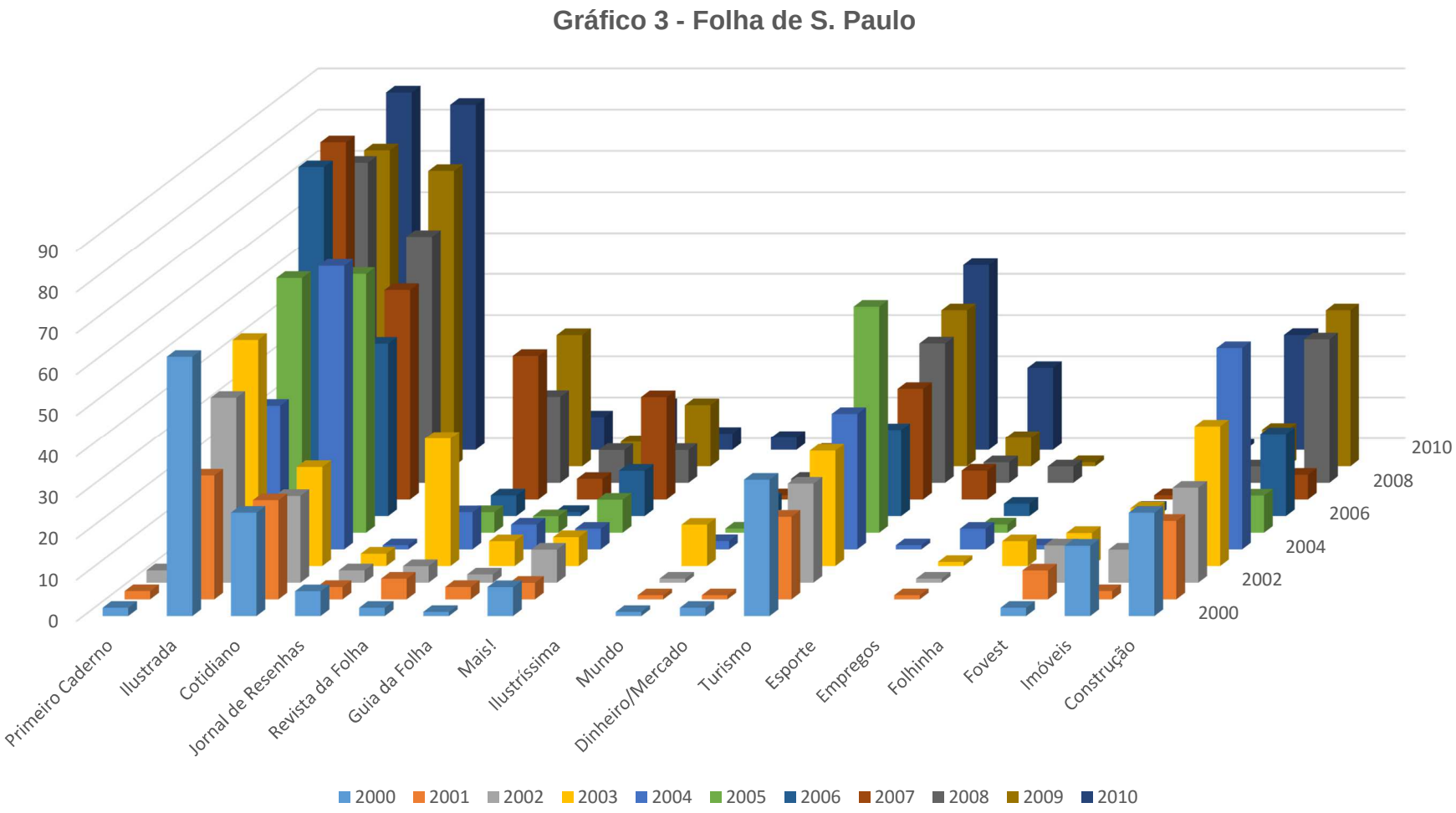


Gráfico 3: Distribuição do tema Arquitetura nos cadernos do jornal Folha de S. Paulo. Fonte: elaboração própria (2015).

O interessante nos gráficos é que ambos nos oferecem um panorama de como o assunto aparece nos jornais dentro do período estudado, mostrando-nos as oscilações de quantidade, além de evidenciar uma certa diluição nos cadernos em ambos os jornais. Isso demonstra que o termo arquitetura diz respeito também a outras áreas de conhecimento, e como veremos mais adiante, tal diluição faz sentido no que tange o enfoque que cada artigo ou reportagem quer proporcionar, em termos de assunto ou aprofundamento.

É importante ressaltar que alguns cadernos não existiram em todo o período pesquisado, por isso, nos gráficos 2 e 3, alguns deles não possuem ocorrência do tema arquitetura. [85]

Além dos cadernos já citados em que a arquitetura aparece com grande frequência, o tema também está presente em outros (como podemos perceber nos gráficos 2 e 3), em menor abundância e frequência. Na tabela 2 a seguir podemos ver em termos quantitativos o número de vezes em que tal assunto aparece nos jornais paulistas no período pesquisado e em quais cadernos isso acontece.

A Tabela 2 está dividida em seis (6) segmentos dentro dos jornais pesquisados – Assunto Geral; Cultura e Arte; Suplementos e Especiais; Economia e Turismo; Esporte; e Construção; Imóveis e Empregos. Dentro de cada um desses segmentos foram elencados os cadernos correspondentes de maneira que a característica e o enfoque de cada um correspondesse com o segmento onde está elencado.[86]

[85] O caderno Mais! da *Folha de S. Paulo* foi substituído pelo Ilustríssima em 2010. No jornal *O Estado de S. Paulo* o caderno Projetos deixou de existir no ano 2003, outro caderno que também deixou de existir foi o Casa & Família, substituído pelo Casa &Trabalho em 2004, já o Caderno Cultura se fundiu ao Caderno 2 e o Sabático teve uma vida curta, surgiu em 2010 e se extinguiu em 2013.

[86] Essa separação em segmentos específicos se fez necessária para que a análise e catalogação do material coletado tivesse uma lógica e uma sistematização coerente com a proposta e os objetivos da pesquisa, fazendo com que a interpretação de tal conteúdo fosse melhor aproveitada, em quantidade e qualidade, do trabalho.

Tabela 2 **– Quantidade de Ocorrências nos Segmentos dos Jornais**

SEGMENTO DO JORNAL	CADERNOS DA FOLHA	CADERNOS DO ESTADÃO	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
Cadernos de Assunto Geral (Nacional, Internacional, cotidiano)	Primeiro Caderno/ Mundo/ Cotidiano	Geral/ Política/ Internacional/ Editorial/ Opinião/ Cidades	3469
Cadernos Culturais e de Artes	Ilustrada/ Ilustríssima/ Jornal de Resenhas/ Mais!	Caderno 2/ Aliás/ Sabático/ Cultura	3065
Suplementos e Cadernos especiais	Revista da Folha/ Guia da Folha/ Folhinha/ Fovest/ Revista Morar	Guia/ Casa e Família/ Casa e Trabalho/ Feminino/ Projetos/ Especial	1738
Cadernos de Economia e Turismo	Dinheiro/ Mercado/ Turismo	Economia/ Viagem	2004
Cadernos de Esporte	Esporte	Esportes	194
Cadernos de Construção; Imóveis e Empregos	Imóveis/ Construção/ Empregos	Construção & Serviços/ Empregos	639
TOTAL DE OCORRÊNCIAS			**11109**

Tabela 2: Quantidade de Ocorrências nos Segmentos dos Jornais. Fonte: elaboração própria (2015).

Em termos gerais verificou-se que há uma regularidade esparsa e desencontrada de vários tipos de matérias e artigos, escritos por diversos jornalistas ou profissionais especializados, sendo que alguns com maior frequência. Também há temas predominantes – lançamento de livros, exposições, bienais, projetos significativos, premiações e notas de falecimento – como veremos com mais aprofundamento mais à frente.

Dentro do período pesquisado ficou evidente a desproporção em que artigos e críticas de arquitetura aparecem nos jornais se compararmos com reportagens e notícias sobre o tema. Tal aspecto pode ser visto exemplificado no Gráfico 4 em que se mostra a ocorrência (em porcentagem) de cada tipo de abordagem sobre o assunto arquitetura.

Enquanto reportagens ocupam 58% do espaço destinado a arquitetura nos jornais paulistas e as notícias tomam 31%, artigos mais aprofundados e opinativos ou resenhas de livros importantes que possuem uma análise de profissionais especializados, aparecem apenas em 8% do total de ocorrências pesquisadas. [87]

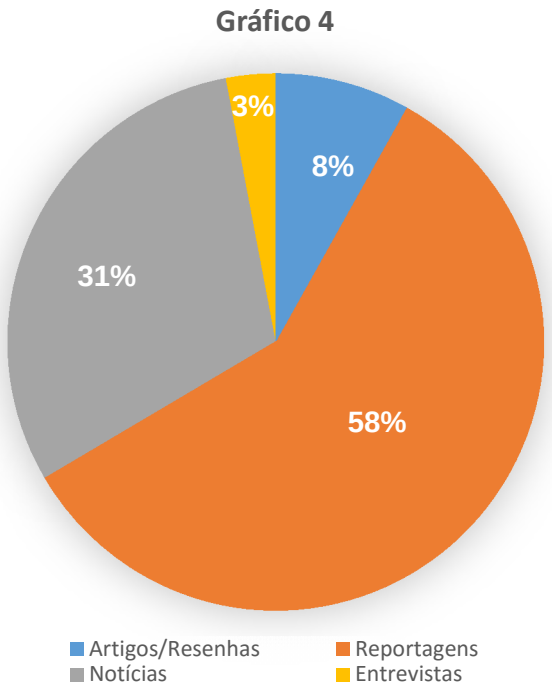


Gráfico 4: Distribuição do tema arquitetura nos jornais Folha e Estadão entre 2000-2010. Fonte: elaboração própria (2015).

[87] A notícia é um formato de divulgação de um acontecimento por meios jornalísticos, é a matéria-prima do Jornalismo. A reportagem é uma narrativa longa que resulta de um processo de investigação e documentação intenso, por vezes tem por base uma notícia. Já o artigo é um texto opinativo, mas que informativo, publicado em seção destacada do conteúdo de notícias.

Percebe-se, a partir da interpretação do gráfico 4, a discrepância na quantidade de artigos ou resenhas em comparação as reportagens e notícias. Isso nos dá um indício de que a maior parte da informação que chega ao leitor é de textos e informações rápidas e sem uma maior profundidade. Textos esses sem a preocupação de fomentar um debate ou aprofundar um tema para um leitor mais atento ou interessado no tema.

Dentro desse universo pesquisado contatou-se uma respeitável presença de arquitetos e professores escrevendo em tais jornais, tanto de forma esporádica (convidados para opinar sobre algum assunto específico, data importante ou arquitetos de destaque) mas também como colunista fixo.

Nesse último caso temos a forte presença do crítico de arquitetura e professor Guilherme Wisnik que teve uma periódica e importante participação semanal entre os anos de 2006 e 2007, sem contar que manteve constante participação nas páginas dos diários em outros anos até a atualidade.

Outros importantes profissionais e críticos da arquitetura participaram e escreveram para tais jornais durante o período. São eles:

- **Fernando Serapião**: arquiteto e editor da revista Monolito.
- **Hugo Segawa**: arquiteto e professor da FAUUSP.
- **André Corrêa do Lago**: diplomata, crítico de arquitetura e membro do comitê de design do Museu de Arte Moderna de Nova York.
- **Abílio Guerra**: arquiteto, professor da FAU Mackenzie-SP e editor da Romano Guerra Editora e do Portal Vitruvius.
- **Renato Anelli**: arquiteto e professor do IAUUSP.
- **Ruth Verde Zein**: arquiteta e crítica pelo Propar-UFRGS, professora da FAU Mackenzie-SP.
- **Otília Beatriz Fiori Arantes**: filósofa e professora da FFLCH USP
- **Carlos Lemos**: arquiteto, membro do comitê brasileiro do ICOMOS (Internacional Council of Monuments and Sites), do Comitê Brasileiro de História da Arte e professor da FAUUSP.
- **Oscar Niemeyer** (1907-2012): arquiteto.

- **Lucio Costa** (1902-1998): arquiteto, urbanista, estudioso e teórico da arquitetura.
- **Décio Pignatari** (1927-2012): poeta, ensaísta, ficcionista, tradutor e publicitário.
- **Jorge Wilheim** (1928-2014): arquiteto, urbanista, administrador público, político e ensaísta.
- **Raquel Rolnik**: arquiteta, urbanista e professora da FAUUSP.
- **Nabil Bonduki**: arquiteto, urbanista, político e professor da FAUUSP.
- **Roberto Schwarz (1938)**: austríaco, crítico literário e professor aposentado.
- **Benedito Lima De Toledo**: arquiteto e professor da FAUUSP.
- **Ana Luiza Nobre**: arquiteta e professora da PUC-RJ.
- **Luiz Recamán**: arquiteto, urbanista e professor da FAUUSP.
- **Teixeira Coelho**: graduado em direito e professor da ECAUSP.
- **Lucio Gomes Machado**: arquiteto e professor da FAUUSP.
- Entre outros

Alguns desses autores serão abordados mais adiante, exemplificados com textos e artigos escritos para os jornais pesquisados.

Essa lista nos dá um importante exemplo da qualificação que tais profissionais possuem em seus campos de trabalho, mostrando-nos a necessidade de uma participação maciça e constante de todos dentro do debate arquitetônico, não somente em seu meio profissional, mas ampliando as discussões para o dia a dia da sociedade, fazendo com que cada vez mais pessoas se interessem pelo tema e, a partir daí, valorizem a atuação profissional do arquiteto e urbanista.

Na sequência do trabalho foi feito o exame de uma série de reportagens e artigos selecionados do conjunto pesquisado. Está análise tem interesse específico para questões de arquitetura, além da compreensão da abordagem e dos momentos em que tal material foi publicado, evidenciando a importância da escolha.

Os artigos e reportagens selecionados, assim como boa parte do material consultado em jornais durante a pesquisa, estão relacionados no Anexo deste trabalho e digitalizados no DVD que o acompanha.

4.2. Tipos de abordagem

No procedimento da pesquisa foram selecionados materiais com conteúdo que possa contribuir para o entendimento da arquitetura, além de pequenos artigos, notícias, reportagens especiais, resenhas, críticas e discussões polêmicas. A coleta de dados mostrou que há uma boa quantidade de informação sobre arquitetura, sendo que muitos, de fato, trazem bom conhecimento e qualidade. Em alguns casos apresentam aprofundamento, embasamento e solidez significantes, principalmente artigos, resenhas e críticas de arquitetura escritas por profissionais especializados, críticos e professores universitários (citados e nomeados anteriormente).

Para uma melhor organização e exame do material estes foram separados em tipos de abordagens. Tais abordagens foram escolhidas por serem as que mais aparecem e dão espaço à arquitetura nos jornais, além de serem importantes para a divulgação e debate da arquitetura de forma aprofundada, esta última em forma de crítica e artigos.

O material foi separado e analisado da seguinte maneira:

1) **Divulgação de prêmios:** matérias, notícias e comentários sobre prêmios recebidos por arquitetos ou algum edifício em específico, como por exemplo o prêmio Pritzker ou premiações em bienais e concursos de arquitetura.

2) **Eventos importantes:** reportagens e notícias sobre o acontecimento de eventos, exposições, mostras, exibições ou conferências importantes no campo da arquitetura, tais como bienais, exibição de documentários, etc.

3) **Polêmicas e patrimônio:** reportagens, notícias e artigos sobre o patrimônio arquitetônico ou sobre polêmicas que envolvem a arquitetura.

4) **Comemorações e datas especiais:** notícias, reportagens, comentários e artigos sobre datas e comemorações especiais sobre arquitetura, tais como o centenário de Oscar Niemeyer e Lucio Costa.

5) **Textos críticos, opiniões e resenhas:** artigos, críticas, opiniões e resenhas de livros importantes no campo da arquitetura. Nesse item serão analisados alguns textos de respeitáveis profissionais e críticos de arquitetura que escreveram nos jornais durante o período pesquisado, focando no aprofundamento, qualidade e tema de tais textos.

Dentro de cada uma dessas abordagens foram escolhidos textos e reportagens que foram importantes e que marcaram a arquitetura, de certa forma, na década estudada. Também teve bastante influencia na escolha de tais textos os nomes e o currículo dos autores que os escreveram.

4.2.1. Divulgação de prêmios

Nesse período estudado (2000-2010) constatou-se que quando há premiações ao redor do mundo, e no Brasil, a publicação sobre arquitetura aumenta, desencadeando uma série de reportagens a partir de tal fato. O prêmio, além da notícia em si, origina um desdobramento do assunto, do arquiteto ou de sua arquitetura, fazendo com que o tema tenha certo destaque nos jornais impressos.

Um exemplo de premiação que sempre ganha destaques e desdobramentos é o Leão de Ouro da Bienal de Veneza, que, além de ter uma grande importância no cenário mundial da arquitetura, reflete também como fonte de informação e interesse no Brasil.

ARQUITETURA

Jean Nouvel leva Leão de Ouro em Veneza

Renzo Piano, Jorn Utson e Paolo Soleri também foram premiados na Bienal de Arquitetura

JOTABÊ MEDEIROS
Enviado especial

VENEZA – Vaporettos com frases em néon atravessam os canais de Veneza e expressam questionamentos e discussões que a arquitetura anuncia abraçar no século que surge. "Toda a arte tem sido contemporânea", diz uma das inscrições que vão sobre os barcos, criadas pelo artista florentino Maurizio Nannucci. Esse espírito multimídia permeia toda a 7.ª Mostra Internacional de Arquitetura da Bienal de Veneza, que abriu oficialmente para o público ontem no bosque conhecido como Giardini.

O presidente da bienal de artes, Paolo Baratta, conclamou artistas e arquitetos presentes a afirmarem "a diversidade diante da mediocridade e não o contrário". Até o secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, meteu sua colher nesse molho. Ele enviou uma mensagem para a direção da bienal exortando os arquitetos a insurgirem-se contra a construção de "cidades virtuais" e humanizando as metrópoles. "As cidades estão no centro de um processo contrastante, passando do material ao imaterial", ponderou Anan.

É uma exposição difícil de percorrer em um dia. São cerca de 35 pavilhões, mais salas especiais e mostras paralelas, como a do alemão Joseph Beuys.

A premiação da bienal, no sábado, ajudou a criar os "hits" da mostra, como a seleção do pavilhão espanhol como o "melhor estrangeiro".

Nesse pavilhão, o arquiteto espanhol Alberto Campos Baeza juntou dois grupos de jovens arquitetos, de 30 e 40 anos, e pediu-lhes projetos alternativos. "A nova ética das cidades será construída por esses jovens artistas, aqueles que resistem e que chamo de condenados", ele diz. "Serão esses 'condenados', que têm juventude, criticados, que se rebelarão contra a cidade caprichosa, meramente estética." O maior prêmio da bienal, o Leão de Ouro pela melhor interpretação do tema da mostra (*Mente Estética, Mente Ética*), foi para o urbanista francês Jean Nouvel, de 55 anos. Tornado Cavaleiro das Artes e das Letras pelo governo francês, Nouvel é o celebrado autor dos projetos da Ópera de Lyon e do Instituto do Mundo Árabe de Paris. Entre seus mais recentes trabalhos figuram o prédio da Fundação Cartier e o complexo judiciário de Nantes.

VAIDADE TAMBÉM DETERMINOU PREMIAÇÃO

Três veteranos foram lembrados com Leões de Ouro pelo conjunto de sua obra: Renzo Piano, Paolo Soleri e Jorn Utson. Piano – contratado recentemente pela prefeitura de Veneza para projetar uma reforma na cidade, nos Magazzini del Sale, se disse "confuso" com a premiação. E lembrou que a arquitetura não tem fronteiras disciplinares. "Ela é um pouco como o espírito da vida, dramática, alegre, com mil paixões, mil tristezas" afirmou.

Auto-referentes e vaidosos, no entanto, os arquitetos premiaram em maior número as próprias referências. O diretor da exposição, Massimiliano Fuksas, deu o prêmio de contribuição acadêmica a Bruno Zevi, seu antigo professor de arquitetura. Também foi outorgado um prêmio, de "patrono da arquitetura", a Thomas Krens, chairman da poderosa Fundação Guggenheim de Nova York.

O prêmio a Krens parece assumir uma conotação um tanto política. O Guggenheim está projetando construir um novo museu em Veneza. O projeto é do arquiteto Vittorio Gregotti e seria inaugurado em 2003 para abrigar a coleção Peggy Guggenheim, que já tem museu na cidade, na Grande Canal. A rigor, a maior contribuição arquitetônica de Krens até o momento foi o sinal verde dado para a construção do Guggenheim de Bilbao, na Espanha – um projeto de Frank O. Gehry.

O tom político da bienal também foi ressaltado pela ministra dos Bens Culturais da Itália, Giovanna Melandri, que discursou na cerimônia de premiação. Mas ela disse que o tema da mostra acentua um tom político "nobre" da expressão, porque parece recuperar o discurso utópico que já foi uma marca das vanguardas artísticas neste século. "A provocação é o primeiro resultado prático dessa bienal", disse a ministra, que citou São Paulo, Las Vegas e Calcutá como cidades onde predomina a estética do "não devo negar-me a". Ou seja: onde tudo é permitido.

"Nós somos parte do problema", disse o diretor da mostra, Massimiliano Fuksas. "Eu sou um arquiteto, não me considero um curador", afirmou, para reforçar sua crença na responsabilidade do profissional de arquitetura quanto à mudança no destino das megacidades do mundo. Segundo os organizadores da exposição, o debate foi a grande contribuição da mostra. "As migrações planetárias criam impacto e impõem as emergências ambientais", diz Paolo Costa, vice-presidente da Bienal de Veneza. "As cidades são os motores da transformação e é nelas que se joga muito do nosso futuro objetivo." Nesse sentido, um dos prêmios mais festejados foi o que recebeu o arquiteto russo Ilya Utkin, considerado o melhor fotógrafo da mostra.

Ele apresentou uma série de painéis (em parceria com outro russo, Mikail Filipov) intitulada *As Ruínas do Paraíso*, que mostra detalhes de prédios decadentes. São belas fotografias, embora melancólicas.

Utkin, de 45 anos, que tem projetos nos Estados Unidos, na Rússia e na Holanda, diz que o tema aponta para a necessidade de uma nova utopia. "Nós russos temos experiência em utopias", afirma. "Cada onda nova na arquitetura russa rejeitou seus predecessores por diferentes razões éticas: o construtivismo chamou o passado de 'mundo de mentiras'; o modernismo referiu-se ao stalinismo nos mesmos termos; o neoclassicismo stalinista baniu o construtivismo por fazer as pessoas viverem em barracos; os arquitetos pós-modernos portaram-se do mesmo modo em relação aos modernos", afirma.

Para a nova utopia encenada na Bienal de Arquitetura, o momento não é de negar nem de construir o novo, mas de tentar "governar o impossível", como diz seu vice-presidente, Paolo Costa.

O Museu do Mundo Árabe de Paris é um dos projetos que renderam a Jean Nouvel o prêmio máximo da mostra internacional

O arquiteto Jean Nouvel, tornado cavaleiro de Honra das Artes e das Letras pelo governo francês, também é autor do célebre projeto da Ópera de Lyon

Figura 15- Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 19 de junho de 2000. Fonte: acervo Estadão.

Outro grande prêmio que ganha destaque na mídia é o Prêmio Pritzker, principal premiação individual de arquitetura. Tal prêmio possui o propósito de homenagear em vida arquitetos cujo trabalho demonstre uma combinação de talento, visão e compromisso que produzam consistentes e significativas contribuições para a humanidade e para o ambiente construído por meio da arquitetura. Por tal fato o Pritzker é considerado o “Nobel da arquitetura” devido sua importância e destaque profissional que proporciona.

Na figura 16 abaixo, quando anunciado que o arquiteto francês Jean Nouvel ganhou o prêmio em 2008 uma análise do professor Luiz Recamán foi publicada, discutindo as características das obras do arquiteto.

+ cultura

ANUNCIADO NA SEMANA PASSADA COMO GANHADOR DO PRITZKER, O OSCAR DA ARQUITETURA, O FRANCÊS **JEAN NOUVEL** INTEGRA EM SUAS OBRAS CIDADE, ARTE E TECNOLOGIA

O ARQUITETO HI-TECH

LUIZ RICARDO

O arquiteto francês Jean Nouvel teve importante papel na renovação da arquitetura contemporânea a partir dos anos 80. Em suas idéias e projetos, pode-se identificar uma das mais notáveis alternativas para as questões que instilam sobre as possibilidades da arquitetura em um mundo transformado pelas novas tecnologias e pela sociedade de consumo.

Nessa área de indefinição e pesquisas, renascem ainda, enfraquecidas, as energias explosivas das convulsões de 1968, principalmente na França do socialista François Mitterrand.

E Nouvel pode ser o elo mais visível da dinâmica que transformou os impulsos libertários dos anos 1960 em uma aparatosa maquina cultural que tudo tem assimilado nas duas últimas décadas, em especial a própria arquitetura.

No início de sua vida profissional, participou intensamente das polêmicas em torno da profissão de arquiteto e da mudança da legislação urbanística francesa nos anos 1970.

Sua atuação política radical exigia a democratização dos processos de projeto, ampliando os esquemas participativos nas decisões de desenho e, principalmente, no "direito à cidade".

Mas esse "enfant terrible" da arquitetura francesa não poupava os velhos mestres. Le Corbusier à frente, nem a própria arquitetura e seus objetos cristalizados em formas isoladas da cidade e da vida.

Em sua revisão demolidora, a arquitetura deveria absorver o entorno, a tecnologia, as imagens pulverizadas e a arte. Era necessário ser absolutamente moderno, reafirmava.

Dialética

Tal diluição criadora da disciplina arquitetônica não prescindia da materialidade de seu objeto, mesmo nesse apelo conceitual que deveria preceder a ação do arquiteto. Ao contrário, não bastaria limitar para a pesquisa sobre as novas tecnologias construtivas, que possibilitassem a própria integração urbana e cultural tão desejada.

Nunca o trabalho de Nouvel um problema, uma dialética entre a materialidade e a intangibilidade da arquitetura, a busca do instante ótimo entre o objeto e a ação, entre o cheio e o vazio, entre o mundo e a representação.

Esses temas surgiram em anos 70 e início dos 80, mas Nouvel teve uma participação bastante original. Da Itália aos EUA, os mais empenhados arquitetos buscavam refúgio da derrocada moderna no mergulho em uma, assim entendida, disciplina arquitetônica.

Sílicate e incomunicabilidade resultavam das pesquisas de linguagens e das tipologias arquitetônicas em busca de uma pureza disciplinar. Ofuscavam-se à liquidade dos historicismos e ecletismos, por um lado, e ao "gatinho decorado" do pop americano, por outro.

Mas história e cultura de massa alimentam-se na indefinição global da nova ordem mundial.

Com o projeto do Instituto do Mundo Árabe (IMA, 1981-1987) em Paris, Nouvel indica uma nova relação entre arquiteto e cidade, distinta do regionalismo e do contextualismo, que procuravam estender identidades congeladas de uma Europa em transformação. E, sobretudo, distinta da auto-estrada comercial dos subúrbios norte-americanos.

Ele realiza uma crítica urbanística cultural, da qual a sua arquitetura pretende ser a síntese (para tal basta, toda tecnologia é necessária). Daí a tensão entre construção e ação cultural, que deseria, segundo ele, transformar a produção contemporânea.

Expansão do objeto arquitetônico e interdisciplinaridade.

Trivialurbano

Em diversos projetos que se seguiram ao sucesso internacional do IMA, Nouvel enfrentou os contextos menos auspiciosos dos periferias, com seus espaços banais e a saturação sígnica dos centros comerciais.

Ele busca no trivial urbano a potencialização dos espaços de uma nova sociabilidade possível, para além da "piazza" e seus modos de expressão de uma subjetividade pré-massificação. Transparências, imagens sobrepostas, escadas rolantes, amplos espaços coletivos à maneira dos shopping centers passam a compor alguns de seus projetos, submetidos todos à mais "tradicional" matéria arquitetônica.

Sim, é o arquiteto que pode realizar esse deslocamento de significados e explorar uma vida abandonada à alienação da metrópole.

O repertório formal que daí deriva – tendo ou não possibilitado novas sensibilidades – se rende, nos últimos anos, a uma das fortes imagens da hiperdistribuição da cultura.

Nesse contexto, aquilo que é o espaço do objeto arquitetônico – devida à contaminação pretendida da arquitetura com o mundo da vida contemporânea – se transforma em ilusão no mundo fantasmático da cultura-mercadoria, originante. Não há com o que se contaminar em Saadiyat (Ilha próxima a Abu Dhabi que pretende disputar os turistas de Dubai). O novo Louvre, de Nouvel, integra-se num circuito supra-social auto-eficiente.

Tal apropriação daquilo que nunca conta crítica social parece inevitável nos dias que correm. Resta ao "starchitecte" o tímido acerto aqui e ali, como é o caso da ampliação do Museu Reina Sofia, em Madri, projeto de Nouvel inaugurado em 2005. Necessidades verdadeiras e cidades difíceis podem instigar a imaginação arquitetônica, produzindo soluções impecáveis como essa. É pouco e, mesmo assim, rara.

LUIZ RICARDO

A partir do alto, imagem em computador mostra filial do Louvre que será construída na ilha de Saadiyat, nos Emirados Árabes; o arquiteto Jean Nouvel e a Torre Agbar, em Barcelona

Figura 16 - Caderno Mais! Folha de S. Paulo de 06 de abril de 2008. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

Portanto, devido a essa importância, quando é divulgado o arquiteto ganhador do prêmio anual há um grande alarde e repercussão na imprensa, principalmente especializada, mas que sempre também é destaque na imprensa geral também. Claro que a proporção e a dimensão da divulgação aumentam quando o premiado é brasileiro, casos de Oscar Niemeyer vencedor do prêmio em 1988 e Paulo Mendes da Rocha, laureado pelo Pritzker em 2006.

A premiação de Paulo Mendes da Rocha ocasionou grande número de reportagens, artigos e cadernos especiais ao arquiteto na imprensa nacional, além de torna-lo, merecidamente, reconhecido ao redor do planeta. No ano de 2006 o arquiteto

foi destaque nos dois jornais paulistas pesquisados (*Folha* e *Estadão*), principalmente logo após a divulgação do prêmio, meados de abril, como podemos ver nos exemplos elencados abaixo com a reportagem de Fred Melo Paiva (*"Uma São Paulo por cima da outra"*, *O Estado de S. Paulo*, 16/04/2006) e dos textos de Hugo Segawa *("O brasileiro no Jet Set da arquitetura"*, *O Estado de S. Paulo*, 16/04/2006) e Guilherme Winisk (*"Paulo Mendes da Rocha no topo do mundo", Folha de S. Paulo*, 17/04/2006), em ambos os artigos é evidenciado a importância de sua obra, além de trazer o merecido reconhecimento profissional a um grande arquiteto brasileiro.

Claro que são poucos exemplos da quantidade de reportagens e cadernos especiais publicados no período[88], mas já nos trazem, através de textos interessantes, a importância que tal fato trouxe para a divulgação do trabalho do arquiteto premiado. Mas adiante, em Comemorações e datas especiais, iremos abordar mais um caderno especial sobre Paulo Mendes da Rocha publicado em abril de 2006.

[88] Ver no Anexo a quantidade de textos publicados nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* em abril de 2006 sobre Paulo Mendes da Rocha e sua obra.

J4 ALIÁS | DOMINGO, 16 DE ABRIL DE 2006 O ESTADO DE S. PAULO

ENTREVISTA

Paulo Mendes da Rocha

Arquiteto e urbanista premiado com o Pritzker de 2006

HABITAT
"O homem não pode habitar a natureza. Ela é ingrata e, pode-se dizer, um desastre"

EUROPA
"O Louvre é um pouco um descalabro como palácio (que não aceitaria mais)"

BRASIL
"Mastigamos e apodrecemos o mesmo Palmito. Que sempre jogamos fora"

Uma São Paulo por cima da outra

Para este "humanizador da metrópole", nossa vocação é recompor a cidade arrasada – "uma instigante e monumental operação"

Fred Melo Paiva

"Nenhuma cidade pode ser bonita por natureza: isso é uma fantasia tola. Você não hospeda ninguém no Pão de Açúcar – você hospeda em hotel. A beleza da cidade não está na forma mas na consciência e comportamento humano. São Paulo tem a população. O resto se constrói da noite para o dia"

SEGUNDA, 10 DE ABRIL

É o 'Nobel' da arquitetura

J5 ALIÁS | DOMINGO, 16 DE ABRIL DE 2006 O ESTADO DE S. PAULO

O brasileiro no jet set da arquitetura

Reconhecimento na área passa pela legitimação de prêmios, publicações e rompimento de preconceitos

Hugo Segawa*

MODERNISTA – Filgueiras Artigas na FAU, prédio criado por ele recentemente

PARA UNS, O PRÊMIO SIGNIFICA PROJETOS A MAIS; PARA OUTROS, RECONHECIMENTO

AO CONTRÁRIO DA MAIORIA, MENDES DA ROCHA TEM TODAS AS OBRAS NO BRASIL

Figura 17 - Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 16 de abril de 2006. Fonte: acervo Estadão.

FORMA&ESPAÇO

Paulo Mendes da Rocha no topo do mundo

GUILHERME WISNIK
COLUNISTA DA FOLHA

PAULO Mendes da Rocha é o atual vencedor do Pritzker: prêmio máximo da arquitetura mundial, oferecido pela fundação Hyatt, sediada em Chicago. Com esse feito notável, alcança um posto concedido apenas a Luís Barragán e Oscar Niemeyer, entre os latino-americanos, e passa a integrar oficialmente o "primeiro time" da arquitetura internacional, que inclui figuras como Frank O. Gehry, Norman Foster, Renzo Piano, Álvaro Siza, Rem Koolhaas e Herzog & de Meuron, igualmente vencedores do Pritzker em anos anteriores.

Por outro lado, a premiação valoriza, em sua obra, qualidades que a distinguem do excesso formal e da ênfase high-tech dominantes em boa parte da produção desses arquitetos. A sabedoria de Mendes da Rocha, segundo o júri, está na capacidade de atingir resultados monumentais a partir de materiais simples e métodos construtivos despojados e diretos, a contrapelo de qualquer exibicionismo comercial descompromissado de uma ética construtiva.

Não é de hoje que Mendes da Rocha vem sendo badalado fora do Brasil. Na verdade, desde a aparição do seu projeto para o Museu Brasileiro da Escultura (MuBE, 1988) —que, além do inverso valor próprio, recebeu também uma análise à sua altura, feita por Sophia Telles—, a crítica nacional e estrangeira não pôde mais evitar a constatação cabal de que o arquiteto alcançara a estatura dos maiores entre os grandes. No entanto, esse processo crescente de reconhecimento, que se confirmou e ampliou com o Prêmio Mies van der Rohe para a América Latina, recebido em 2000, parecia ainda não estar livre de uma certa incompreensão estrangeira do seu trabalho, que em algum momento associou sua economia formal ao lacônico "minimalismo" europeu, ou a uma valorização crítica de culturas locais, associada a temas em moda como a ecologia.

Mas o fato é que Mendes da Rocha não se pauta nem por uma valorização da natureza como entidade nem por uma idéia qualquer de localismo em que esteja implícita a noção de identidade cultural nem, tampouco, por qualquer redução da forma ao plano de design. Pensando a forma arquitetônica como a realização de programas, sempre de modo a possibilitar a maior liberdade possível no uso imprevisto dos espaços, ele está também distante do funcionalismo ortodoxo, abrindo as portas à criação de marcos simbólicos através da arquitetura. Não poderíamos, aqui, esquecer dos elogios que faz a Aldo Rossi, por exemplo, à sedução intrigante do seu "Teatro do Mundo" (1979): construção flutuante que complementa e desloca a paisagem de Veneza em perpétuo deslocamento. Portanto, Paulo Mendes da Rocha não é um moderno tardio que atravessou o túnel do tempo e foi recuperado pela história num momento de revival do "estilo" moderno. O que esse prêmio atesta de modo profundo e definitivo, é que a sua arquitetura expressa a visão de alguém que esteve sempre vivo no seu tempo histórico —daí a sua simultânea coerência e capacidade de transformação—, e que agora não nos deixa outra alternativa que o desafio de sermos, nós também, jovens e cosmopolitas.

Pórtico da praça do Patriarca (SP), projeto de Mendes da Rocha

Figura 18 - Caderno Ilustrada. Folha de S. Paulo de 17 de abril de 2004. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

4.2.2. Eventos importantes

Outro grande desencadeador de reportagens e divulgação de arquitetura nos jornais impressos é quando eventos importantes acontecem, fomentando assim uma exposição tanto de tais acontecimentos como da arquitetura em si, e como ela está sendo discutida nestes eventos.

Um exemplo importante dentro do período estudado foi a publicação de uma série de reportagens tratando da Bienal de Veneza de 2000. Com o tema *"Cidade: Menos Estética, Mais Ética"* a bienal propiciou um debate interessante no jornal *O Estado de S. Paulo* com a publicação de *"Ética na Arquitetura"*, em 15 de junho do mesmo ano no *Caderno 2*. Tal publicação elencou uma série de profissionais, professores e arquitetos para debater o tema da Bienal através de artigos e entrevistas.[89]

O ESTADO DE S. PAULO

D1

CADERNO 2

ANO XV NÚMERO 4.888 ❑ QUINTA-FEIRA, 15 DE JUNHO DE 2000

Passarela Bonocô, em Salvador, projetada pelo arquiteto Lelé, um dos representantes do Brasil na mostra de Veneza, ao lado de Paulo Mendes da Rocha

A ÉTICA NA ARQUITETURA

Com o tema 'Cidade: Menos Estética, Mais Ética', começa no domingo para o público a 7.ª Mostra Internacional de Arquitetura da Bienal de Veneza. Págs. D2 a D5

Figura 19 - Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 15 de junho de 2000. Fonte: acervo Estadão.

[89] Participaram dessa matéria: Ana Weiss e Jotabê Medeiros como responsáveis pelas reportagens; Maria Cecília Loschiavo dos Santos professora da FAUUSP entrevistando Henry-Pierre Jeudy; do arquiteto Marcelo Ferraz e do professor da FAUUSP Lúcio Gomes Machado com textos *"A era atual é de jejum de cultura arquitetônica"* e *"Decretada falência do planejamento"*, respectivamente. Além de entrevistas com João Filgueiras Lima e Paulo Mendes da Rocha.

Essa matéria do *Caderno 2* é uma das mais extensas encontradas (quatro páginas inteiras), que discutem questões da arquitetura contemporânea. É uma rara cobertura com várias reportagens que aprofundaram o tema, analisaram sob vários aspectos, considerando diferentes posições em várias entrevistas e comentários. Ressaltando que na Bienal seguinte, em 2002, quando a representação brasileira envolveu-se com uma polemica seleção de fotos de favelas e periferia, a cobertura dos jornais foi acanhada, com a publicação apenas de um pequeno artigo no jornal *Folha de S. Paulo* intitulado *"Favelas & Controvérsias"* (06/09/2002) de Alcino Leite Neto abordando sobre o polêmico pavilhão brasileiro para a mostra italiana.

Por outro lado, outras bienais mereceram interesse e produziram textos e críticas importantes e que geraram desdobramentos em diversas reportagens, entre elas as bienais brasileiras de arquitetura. Tanto a 7ª como a 8ª edição proporcionaram um importante debate sobre seus formatos ou pela falta de interesse do público em sua visitação.

No texto, ilustrado em seguida, da professora Dra. Monica Junqueira de Camargo (*"Bienal de Arquitetura na ponta do lápis"*, 17/12/2005, O Estado de S. Paulo) é abordado sobre a criação de uma comissão permanente para remodelar a mostra, evidenciando publicamente os problemas da bienal, fazendo com que todos (arquitetos e sociedade) participassem da reflexão dos rumos em que a bienal deveria tomar nas próximas edições.

Ainda neste artigo a professora questiona o porquê do afastamento dos profissionais de arquitetura com o público, mostrando que tal distanciamento oscila entre o despreparo dos arquitetos no trato com o público até a falta de educação arquitetônica da sociedade em geral e da elite em particular. E, segundo ela, um evento periódico como a Bienal poderia contribuir para reverter esse quadro.

SEGUNDA-FEIRA, 17 DE DEZEMBRO DE 2007 | O ESTADO DE S. PAULO | CADERNO 2 | D11

Visuais Artigo:

Bienal de Arquitetura na ponta do lápis

A criação de comissão permanente para repensar a mostra foi uma das melhores decisões sobre o evento encerrado ontem

Monica Junqueira de Camargo
ESPECIAL PARA O ESTADO

A realização da 7ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, que terminou ontem no Pavilhão da Bienal, no Parque do Ibirapuera, é um fato relevante para a arquitetura, senão pelos rumos que aponta, pelo menos pela exposição pública de seus problemas, que tem fomentado a troca de idéias, permitindo avançar na sua reflexão. Sem dúvida, uma conquista não só para arquitetos, mas para a sociedade em geral. Afinal, poucas profissões interferem tanto na vida de todos como a arquitetura, praticamente impossível dela prescindir. Os problemas enfrentados foram muitos, alguns vencidos com destemor (viabilização espacial e financeira; organização do evento; contatos internacionais), outros deixaram seqüelas (curadoria; premiação; fórum), já em parte abordadas noutros comentários sobre esse evento.

O momento de sua realização não poderia ser mais oportuno para se discutir as questões da arquitetura. As simples constatações da discrepância, na cidade de São Paulo, de uma incrível expansão imobiliária convivendo com 60% da população morando ilegalmente, e de que apenas 10% do que se constrói no País é projetado por arquitetos, são suficientes para dar a dimensão dos problemas a serem enfrentados. Chama a atenção para aqueles que entendem ser o objetivo de uma Bienal especular alternativas para o futuro, a dissonância entre as obras expostas na 7ª BIA e a produção que está sendo realizada na cidade pelos grandes empreendimentos imobiliários. O abismo entre as idéias dos que pensam a cidade e dos que constroem a cidade não é um dado desprezível, pelo contrário, pode ser uma das chaves para se aproximar do problema. Por que a distância? Por mais singela que possa parecer a pergunta, não há uma resposta fácil. Qualquer tentativa de esclarecimento resvala num ponto nevrálgico para a qualidade de vida numa cidade: o reconhecimento da arquitetura pela sociedade e a confiança no arquiteto como profissional capaz de criar as melhores soluções para o homem e para a cidade.

Independentemente da pertinência dos trabalhos apresentados ao tema – *Arquitetura: O Público e o Privado*, o tom da mostra, entoado quer pelas obras nacionais quer pelas estrangeiras, é de realismo, um explícito embate com os problemas existentes. As obras, não importam de que escala – de pequenas habitações à revitalização de extensas áreas metropolitanas; da complexidade programática – de um pavilhão de lazer a um conjunto multifuncional; ou das imposições técnicas – de restauro de construções históricas a experimentação de novos materiais, todas são ou apontam para soluções possíveis em ambientes consolidados, num evidente desejo de se superar a realidade. Nenhuma obra exatamente espetacular, nenhuma, diga-se de passagem, com a ousadia do prédio que as abriga, um dos mais belos exemplares de Niemeyer, porém a maioria delas de boa qualidade, consideravelmente superior à média das exposições anteriores. No entanto, no panorama dos empreendimentos imobiliários da capital paulista, são obras de exceção. Verificação, no mínimo, intrigante: a mesma cidade que sedia a Bienal é também a que mais constrói atualmente no País, todavia a maior parte do que nela se constrói em nada se relaciona com a arquitetura lá exposta.

Se acreditarmos, e a história tem provado que é verdade, que apenas a boa arquitetura pode transformar os ambientes urbanos, por que a arquitetura premiada não é exemplo para a nossa sociedade? Não foi sempre assim e aí está Niemeyer completando seu centenário, que não nos deixa mentir: historicamente, a maior personalidade brasileira é um arquiteto. A maioria das versões da história da arquitetura do século 20, as mais importantes, certamente, comenta sua obra, com maior ou menor destaque, dependendo do autor, mas nenhum o ignora. Arrisco dizer que além de Pelé, talvez nenhum outro personagem brasileiro goze de unânime notoriedade.

Quando e por que nos afastamos? Os indícios são muitos, que oscilam entre o despreparo dos arquitetos no trato com o público à falta de educação arquitetônica da sociedade em geral e da elite em particular, e abordá-los aqui não é o caso. O que de fato importa, e que a existência de um evento periódico, com o caráter de uma Bienal, pode realmente contribuir, é que se aprofunde nos problemas levantados. A criação de uma comissão permanente para se pensar a Bienal foi uma das atitudes mais lúcidas do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), que deve imediatamente começar a pensar na oitava edição sem descartar as experiências e, sobretudo, as críticas que são as melhores contribuições. ●

Monica Junqueira de Camargo, arquiteta, professora doutora da FAU/USP; autora de *Fábio Penteado: Ensaios de Arquitetura*; *Joaquim Guedes*; curadora das salas especiais: Oswaldo Bratke na 3ª BIA; Fábio Penteado, na 4ª BIA e Carlos Millan, na 6ª BIA

PAULO GIANDALIA/AE - 10/11/2007

EM NOVEMBRO, AGUARDANDO A ABERTURA – Nenhuma obra era espetacular, porém a maioria tinha boa qualidade, superior à média da bienal anterior

Figura 20 - Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 17 de dezembro de 2007. Fonte: acervo Estadão.

Já na 8ª Bienal de Arquitetura em São Paulo o destaque foi o seu esvaziamento, comentado por Fernando Serapião no artigo *"Vazio permeia e fantasma paira sobre 8ª Bienal de Arquitetura"* (Folha de S. Paulo, 02/11/2009), exemplificado a seguir.

Segundo ele o clima foi de feira, não de mostra cultural, expressando o pecado original da bienal segundo sua visão: a responsabilidade do IAB-SP. Para Serapião, apesar da luta do instituto no passado para a consolidação da profissão, hoje sua importância é quase nula, evidenciando na mostra o caráter burocrático do instituto. Ainda outro agravante desta 8ª edição, evidenciado pelo autor, foi a disputa política interna, ocasionando em um racha dos profissionais do IAB-SP.

Comentário

Vazio permeia e fantasma paira sobre 8ª Bienal de Arquitetura

FERNANDO SERAPIÃO
ESPECIAL PARA A FOLHA

Bruno Padovano, idealizador desta edição da Bienal de Arquitetura, sonhava com uma mostra para todos os públicos. Falou até em crianças.

Em parte, ele alcançou o feito: tem espaço de sobra para as crianças correrem. A exposição está rarefeita. Faltou conteúdo e curadoria: 60 dias antes da abertura, após declarar nesta **Folha** que nas edições anteriores "os espaços ficavam às moscas", ele foi afastado.

Sem repetir tendências, o vazio não é privilégio de nenhum andar. O visitante vai encontrá-lo já na entrada, nos estandes de empresas e livrarias.

Pela primeira vez, uma empresa especializada comercializou os estandes. Nada contra, se não fosse o fato de conseguirem alugar só 1/5 do disponível.

Um pouco acima, no térreo alto, o vazio continua nos ambientes governamentais. É espaço pago e sem conteúdo advindo da curadoria.

Na sequência, o próximo piso é dividido pela mostra geral de arquitetos e pelas exposições dos países. Nos dois casos, há sobras e nada da curadoria.

Na exposição geral, após pagar, os arquitetos apresentam o que bem entender (óperas vergonhas são barradas). Os países também pagam, mas possuem curadores próprios que salvam a exposição.

Efetivamente, só é possível ver a mão de Padovano no último piso, dividido entre estádios da Copa de 2014 e aquários para workshops estudantis (talvez o único ponto memorável do evento).

Para finalizar o roteiro, a última parada é um estande de uma multinacional com 500 m². "Entrou no final para fechar as contas", conta Mario Yoshinaga, vice-presidente da seção paulista do IAB (Instituto de Arquitetos do Brasil).

Feira

O clima é de feira, não de mostra cultural. Um recurso cenográfico desta edição ajuda a diminuir a impressão de vazio generalizado: como se fosse fruto de uma fogueira colorida, nuvens de tecidos com quatro cores identificam cada andar e distraem a atenção do visitante para o teto.

O vazio expressa o pecado original da bienal: ela é de responsabilidade do IAB-SP. Se no passado o instituto foi fundamental para consolidar a profissão no Brasil, hoje sua importância é quase nula.

O que sobra é a Bienal —sua vedete. Mas pesa sobre os ombros da maior mostra de arquitetura do país o caráter burocrático do instituto.

Sob esta ótica, há um forte agravante nesta edição: uma disputa política rachou os profissionais do IAB-SP. A diretoria responsável por esta Bienal assumiu a gestão com a ajuda de um chaveiro que arrombou a porta. À sua frente, estava o respeitado Joaquim Guedes.

Tão brilhante quanto atormentado, Guedes licenciou-se do cargo para tentar uma vaga de vereador. Antes do pleito, morreu tragicamente atropelado em frente de casa e deixou como herança uma diretoria inexpressiva.

A presidente, por exemplo, é Rosana Ferrari, cujo trabalho profissional mais significativo foi a ambientação "Grill Gourmet" em um mostra de decoração de Jundiaí. A Bienal poderia salvar sua inócua gestão, e o plano incluía Padovano, eleito curador cinco meses antes da abertura do evento.

Ele falou em sustentabilidade, errou ao não montar salas especiais para "democratizar" o evento e sua única ideia levada a cabo foi expor os estádios.

Um tiro no pé: políticos e empreiteiras escolheram os arquitetos das arenas sem concursos, ou seja, diferente da forma democrática proclamada pelo IAB. Para viabilizar o evento, chegaram a pedir ajuda financeira das cidades-sede.

Ora, é conteúdo ou propaganda? Resumo da ópera: esta é a mais fraca entre todas as bienais já realizadas.

Pensando nisso, antes de terminar a visita, fui hipnotizado pelas nuvens coloridas. Elas me pareceram o fantasma colorido de Joaquim Guedes pairando sobre a mostra.

FERNANDO SERAPIÃO é arquiteto e editor-executivo da revista "Projeto Design"

Eduardo Knapp/Folha Imagem

Grafite de Eduardo Kobra na Bienal de Arquitetura, que segue até 6 de dezembro no Ibirapuera

Figura 21 - Caderno Ilustrada - Folha de S. Paulo de 02 de novembro de 2009. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

Outros importantes eventos que ganharam ênfase na imprensa escrita foram a mostra sobre Lucio Costa (1902-1998) e o seminário sobre ele, divulgados em 27 de fevereiro (*"Rio terá mostra com rascunhos de Lucio Costa",* Estadão) e em 13 de maio de 2002 ("*Lúcio Costa*", Folha), respectivamente, ano em que o arquiteto mereceu grande destaque nos jornais, como veremos mais adiante com o Caderno Especial publicado devido ao centenário de seu nascimento.

E10 segunda-feira, 13 de maio de 2002 ILUSTRADA FOLHA DE S.PAULO

ARQUITETURA E URBANISMO

Lucio Costa

Seminário internacional no Rio amplia escala do olhar sobre o arquiteto e urbanista, que completaria cem anos

Comemorações se estendem até o final do ano

Brasília em construção, no ano da 59: o plano para a cidade, escolhido por concurso em 57, é o projeto mais famoso de Costa

Figura 22 - Caderno Ilustrada. Folha de S. Paulo de 13 de maio de 2002. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

QUARTA-FEIRA, 27 DE FEVEREIRO DE 2002 — CADERNO 2 — O ESTADO DE S. PAULO

ARQUITETURA

Rio terá mostra com rascunhos de Lucio Costa

Exposição organizada pela filha, Maria Elisa, começa no dia 7 no Paço Imperial

BEATRIZ COELHO SILVA

RIO – Durante seus 96 anos de vida, o arquiteto e urbanista Lucio Costa não jogou papéis fora, nem mesmo rascunho de desenhos ou anotações esparsas, mas não se preocupou em organizá-los. Só agora, seus descendentes começam a fazer a triagem desse material e o resultado é a exposição *Lucio Costa 1902/2002*, que o Paço Imperial inaugura no dia 7.

"Não será nem 10% do acervo dele, mas já dá para ter uma idéia de seu pensamento, sua forma de trabalhar", diz Maria Elisa Costa, filha de Lucio e curadora da mostra. "Exibiremos o material como ele deixou, sem restauros, porque o objetivo é dar ao visitante a impressão de que teve contato com ele."

Não é uma tarefa fácil, já que Costa levou sua atividade para muito além da arquitetura moderna, da qual é pioneiro (ao lado de Oscar Niemeyer, parceiro em obras, como a construção de Brasília e o Palácio Gustavo Capanema). "Lucio ligava seu ofício à questão social. Assim como Oswald e Mario de Andrade, buscou tornar o Brasil cosmopolita, sem perder características nacionais. Isso se refletia nas construções e na forma como pensava as cidades, juntava o novo e o tradicional", explica o diretor do Paço Imperial, Lauro Cavalcanti, também arquiteto e estudioso do modernismo brasileiro. "Com Niemeyer, formou uma dupla tão importante como Tom e Vinicius ou os já citados Mario e Oswald."

Este ecumenismo foi consequência de sua biografia. Costa era filho de um engenheiro naval que, devido à profissão, levou a família a morar entre o Rio e a Europa por mais de 15 anos. Jovem, entrou para a Escola de Belas Artes, onde logo optou pela arquitetura, carreira em que fez sucesso ainda nevrém-formado. A situação só mudou quando voltou-se para a brasilidade, cansado de copiar os modelos estrangeiros. Encontrou reação, mas levou suas idéias para a faculdade que havia cursado, da qual foi diretor. Nos anos 30, já com Niemeyer, revolucionou conceitos, ao projetar o pavilhão brasileiro na exposição de Nova York e a sede do Ministério da Educação e Saúde, hoje Palácio Gustavo Capanema.

Limites – A partir daí, pôde realizar suas idéias, sem nunca perder o senso prático. "Ele era um poeta pragmático, sabia os limites que lhe impunham e, daí em diante, tentava vôos mais altos. E viveu numa época privilegiada, em que a intelectualidade brasileira trabalhava para o governo e tentava realizar o que acreditava ser melhor para o País", conta Maria Elisa, cobrindo dora da obra do pai, por ser também arquiteta e por ter trabalhado com ele na autobiografia, *Registro de uma Vivência*. "Procuramos mostrar cronologicamente como ele pensava. Há esboços de projetos, anotações de idéias, rascunhos de textos que ele escreveu ou pretendia escrever."

Neste caso, estão os blocos de anotações feitas em sua viagem a Portugal, em 1952, para estudar arquitetura colonial popular. "Durante 30 anos, pensou que os havia perdido e, só recentemente, quando minha irmã foi obrigada a apartamento em que ele morava, encontrou os blocos em cima de um armário", comenta Maria Elisa. "Esses e outros documentos ajudam a elucidar o pensamento de Lucio Costa. Há muitos originais de projetos, pois o produto final nunca ficava com ele. Lucio não se preocupava em guardá-los."

É A CHANCE DE VER MUITOS ORIGINAIS DE SEUS PROJETOS

A mostra do Paço, que vai para o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) de Brasília, depois do Rio, pretende lançar também o projeto da Casa de Lucio Costa, uma sociedade civil sem fins lucrativos, criada há dois anos para preservar e divulgar sua obra. "Somos sempre consultados por universidades brasileiras e estrangeiras e precisamos deixar esse acervo à disposição do público", diz Maria Elisa. "Uma obra importante como essa não pode ficar escondida e, com a casa de Lucio Costa, poderemos organizá-la atender melhor aqueles de informações."

A exposição no Paço será dividida em 12 módulos. Os dois primeiros tratam de sua formação como arquiteto e urbanista (inclusive como artista plástico, pois fez aquarelas e desenhos que valorizados no mercado de arte), enquanto o último fala de sua vida pessoal, seu contato com famílias e amigos e seu parceiro de trabalho, Norte-lo, está sua obra. Um módulo é dedicado à Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), hoje Iphan, do qual ele foi um dos ganham destaque) merecem dois módulos específicos. Apesar de o público leigo ligar a capital federal mais a Niemeyer que a Costa, a cidade é obra de ambos. "Brasília é uma síntese feliz. O Darcy Ribeiro costumava dizer que Deus teve um rarissimo de felicidade, quando juntou no tempo e no espaço Neymeyer, Lucio Costa e Juscelino Kubitschek", lembra Maria Elisa. "Meu pai deu início ao projeto de Brasília e reconheceu que só um artista como Niemeyer poderia preencher os espaços por ele projetados. Os dois são autores da obra. Mal comparando, se fosse um filme, Lucio Costa seria o diretor e Niemeyer, o ator principal. Por isso, mais lembrado."

Reprodução

Acima, o pavilhão do Brasil na Feira Mundial de NY, em 1939: projeto de Costa (D)

AVENIDA MONUMENTA

Costa explicando o projeto de Brasília para o presidente Juscelino: momento histórico

Na companhia do colega Oscar Niemeyer: parceria feliz, que revolucionou conceitos

Encontro de mestres: Lucio Costa e o francês Le Corbusier conversam no balcão do aeroporto do Galeão, no Natal de 1962

'Dar moradia a todos é o desafio da era tecnológica'

Texto inédito do artista, escrito em 1981 para os 60 anos do Instituto dos Arquitetos do Brasil

LUCIO COSTA

Não vejo motivo para tanto pessimismo. São numerosíssimos os arquitetos que continuam mantendo alto o padrão liberal autônomo da profissão. São aqueles que, mesmo com instalações mínimas, têm efetivamente algo a oferecer.

Além dos mais antigos que continuam a produzir, além de admirável exemplo de João Figueiras Lima e de vários outros, cada qual com a sua personalidade própria, são sem conta os arquitetos que honrada e lealmente atuam, tanto no eixo Rio-São Paulo-Paraná, como em Minas e no Centro-Oeste – Mato Grosso e Goiás –, no Nordeste, no extremo Norte e no extremo Sul do País, no sentido de uma correta abordagem local dos problemas urbanísticos e arquitetônicos.

Se, de fato, a repercussão daquela fase inicial – quando a arquitetura brasileira, centralizada principalmente na obra de Oscar Niemeyer, tal como a finlandesa na de Alvar Aalto, surpreendeu o mundo exaurido do pós-guerra – já passou, não é menos verdade que a obra atual dos nossos arquitetos mantém-se válida e, numa certa medida, diferenciada, não desmerecendo assim no confronto com a dos demais.

'A MORADA DO HOMEM COMUM HÁ DE SER O MONUMENTO-SÍMBOLO DO NOSSO TEMPO'

Ao percorrer as ruas internas do Leblon, bairro onde moro, surpreendo-me a cada passo com edifícios de apurada arquitetura e esmerada execução, cuja autoria ignoro.

Quanto à absorção dos arquitetos pela administração e pelas empresas, isto apenas contribui para que a atuação e produção delas melhore. Assim, portanto, não há incoerência na formação de levas e levas de arquitetos, ainda quando, precariamente equipados e sem condições para o exercício individual da profissão inicialmente escolhida, se transformem em contínuos ou tecnocratas, bancários ou banqueiros, comerciários ou comerciantes, biscateiros ou empresários, bedéis ou professores; o importante é que mesmo "gostando errado" – no feliz dizer de Caetano Veloso – contribuam para infundir, nos mais variados setores, a consciência de que o problema arquitetônico-urbanístico existe e, bem ou mal, afeta, diariamente, a vida de todas as pessoas.

O que há é que, de um lado, os próprios arquitetos, que vivem a fazer demagogia e a falar mal de tudo, tão logo lhes cai nas mãos algum negócio imobiliário, passam a defender e justificar proposições inconsistentes e absurdas, revelando-se mais realistas que o rei no intuito de mostrar como, com seu empenho e arte, conseguem além daquilo que sua majestade queria, transformando-se assim do dia para a noite, de dr. Jackyll em mr. Hyde; e que por outro lado, as pessoas, em geral, passaram a ver no edifício alto, "et pour cause", já que tantas vezes se intromete onde não deve, o inimigo público n.º 1 da cidade (os "espigões" da novela) deliberando então atacá-lo indiscriminadamente, tal como se empenham na justa defesa da ecologia – quando possível – e da paisagem, cuja preservação depende apenas de uma legislação apropriada.

Ora, dar moradia ao homem – a todos os homens e suas famílias – é o desafio da Era Tecnológica. A chamada "massificação" é uma fatalidade histórica decorrente do fato de já ser tecnicamente possível dar a totalidade das pessoas condições condigas de morar. A morada do homem comum há de ser o "monumento-símbolo" do nosso tempo, assim como o túmulo, os mosteiros, os castelos e palácios o foram em outras épocas. Daí ela ter adquirido – seja de partido horizontal, como nas superquadras das áreas de vizinhança de Brasília, ou vertical, como nos núcleos condominiais da Barra –, simplesmente por seu tamanho, pela volumetria do conjunto e pela escala, essa feição de certo modo "monumental".

Figura 23 - Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 27 de fevereiro de 2002. Fonte: acervo Estadão.

Em 2006 quem também ganha destaque na imprensa paulista é a arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi (1941-1992), com a divulgação de exposições e mostras sobre seu trabalho, exemplificados abaixo com duas notícias sobre tais eventos, merecendo

inclusive uma análise do trabalho da arquiteta pelo crítico Guilherme Winisk (*"Lina interpretou o pós-Brasília"*, 11/01/2006, Folha de S. Paulo).

O ESTADO DE S. PAULO | SÁBADO, 7 DE JANEIRO DE 2006
ANO XV, NÚMERO 6.630

CADERNO 2

As visões de Lina

Uma exposição no **Masp** e um livro da última pessoa a entrevistar a arquiteta revigoram legado da artista, que **Cage** definiu como "arquitetura da liberdade"

Jotabê Medeiros

Passados 14 anos de sua morte, o legado da arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi (1914-1992) continua a suscitar debate. Um livro e uma exposição, que chegam nos próximos dias ao País, mostram como as proposições de Lina incorporaram conceitos de invenção, vanguarda, utopia, engajamento, vontade e espírito.

"A arquitetura da liberdade", definiu o compositor John Cage (1912-1992) ao ver o Masp pela primeira vez. Essa arquitetura libertária ia além das problemáticas técnicas e estéticas. Seria "um instrumento de integração da existência humana na natureza e em seus mistérios, assim como uma comparação com a cidade e seus conflitos", definiram Luciano Semerani, Antonella Gallo e Giovanni Marras, os curadores italianos da mostra *Lina Bo Bardi - Arquiteto*, que se abre na quarta-feira para convidados e, na quinta, para o público - mais de um ano depois de montada na Europa.

A exposição *Lina Bo Bardi - Arquiteto* reúne cerca de 200 obras com ampla amostragem do trabalho da artista, entre desenhos originais, montagens já vistas, objetos de mobiliário, maquetes, aquarelas e esboços. A exposição será abrigada pelo Museu de Arte de São Paulo (Masp), mais importante obra da arquiteta. Um dos destaques é o projeto inédito A Grande Vaca Mecânica, idealizado por Lina nos anos 80 e nunca construído - trata-se de uma espécie de "contêiner" zoomorfo, um ventre artificial cheio de ex-votos e brinquedos artesanais. Foi finalizado pelo pessoal da Universidade de Arquitetura de Veneza.

PROJETO INÉDITO 'A GRANDE VACA MECÂNICA' TAMBÉM SERÁ EXIBIDO

Um crítico italiano, Gaetano Salerno, visitou a mostra em Veneza em 28 de setembro de 2004 e enxergou no trabalho de Lina "a certeza de que a requalificação social pode ser transmitida por meio da arquitetura". Ele salientou também os aspectos duchampianos dos artefatos de Lina.

A teoria sobre a obra de Lina Bo Bardi ganha reforço também este mês, quando a editora Vitruvius lançar no Sesc Pompéia (projeto de Lina e seus auxiliares Marcelo Ferraz, Marcelo Suzuki e André Vainer) o livro *Lina Bo Bardi - Sutis Substâncias da Arquitetura*, de Olivia de Oliveira, volume de 400 páginas sobre o trabalho da arquiteta. Vai ser um livro com mais de 600 imagens, com projeto gráfico de Carlito Carvalhosa (também autor do projeto do livro sobre Rino Levi). A Vitruvius está lançando o livro em co-edição com a Gustavo Gili, editora de Barcelona, maior editora especializada em arquitetura na Espanha e das maiores do mundo.

A autora do livro, Olivia de Oliveira, é brasileira, mas radicada há muitos anos na Europa (atualmente vive na Suíça, casada e com filho). Olivia, segundo o editor Abilio Guerra, da Vitruvius, foi a última pessoa a entrevistar Lina.

Há muito tempo o Masp não dedica atividades à memória de sua idealizadora, Lina Bo Bardi. Críticos da atual direção do Masp dizem que é no mínimo "irônica" a decisão de celebrar a obra da arquiteta num local em que sua obra seria desrespeitada - o prédio do próprio museu, que teve algumas de suas características originais modificadas.

Lina, por exemplo, planejou cavaletes de vidro especiais para que as obras do Masp fossem exibidas, e a atual direção do museu vetou seu uso. Os cavaletes transparentes, rejeitados aqui, têm sido usados em outros museus na Europa e tiveram seus direitos de reprodução vendidos ao Crown Hall, do Illinois Institute of Technology, criado pelo mítico arquiteto Mies van der Rohe.

Nos últimos anos, Lina e o marido, Pietro Maria Bardi (1900-1999), sofreram uma espécie de "expurgo" no Museu que criaram e no qual investiram grande parte de suas vidas. Na mostra do centenário de nascimento de Pietro Maria Bardi, no ano 2000, a Pinacoteca do Estado foi a que dedicou maior carinho e ação criativa às celebrações.

Graziella Valeninetti, irmã de Lina, diz que a importância do Masp na vida e na obra de Lina é o motivo principal pelo qual traz a mostra italiana a São Paulo. "É uma mostra muito bonita, e quando vi em Veneza, imaginei que talvez pudesse reportar o Masp à sua origem. É uma chance de lembrar minha irmã", afirmou. Graziella, que viveu 23 anos com a irmã e o marido, Pietro, tentou inicialmente montar a mostra na Bienal de Arquitetura, mas não conseguiu patrocínio. ●

Serviço
● Lina Bo Bardi - Arquiteto. Masp. Av. Paulista, 1.578. 3251-5644. 11h/18h (fecha 2.ª). R$ 10. Até 19/2. Abertura na quinta, 12/1

O LIVRO

Lina Bo Bardi - Sutis Substâncias da Arquitetura (Vitruvius) é o novo trabalho de Olivia de Oliveira, arquiteta formada pela Universidade Federal da Bahia e doutora em arquitetura. Sua tese foi justamente sobre Lina Bo Bardi. Em 2002, pela editora GG, ela já tinha lançado *Lina Bo Bardi*, brochura de 274 páginas sobre a arquiteta. No novo trabalho, Olivia detém-se com acuidade sobre a obra de design de Lina, com os desenhos de sua famosa cadeira bola, as espreguiçadeiras, cadeiras e poltronas do Studio Palma, de 1948, os "caixotinhos" (cadeiras e mesas do Sesc Pompéia), as cadeiras-tripé (uma delas de madeira e ferro, do acervo do Solar do Unhão, na Bahia), além do estudo para a cátedra da vanguardística Igreja Espírito Santo do Cerrado, de 1980. "É necessário entrosar a vida moderna, infelizmente melancólica e distraída por toda espécie de pesadelos, na grande e nobre corrente da arte, estabelecer o contato entre vida passada e presente", dizia Lina.

REPRODUÇÕES

HORIZONTES - Lina Bo na Casa de Vidro, no Morumbi, projetada por ela e onde viveu maior parte da vida; para Emanoel Araújo, casa é a nossa Fallingwater, ícone de Lloyd Wright

LEGADO - Acima, maquete do Masp, obra-prima de Lina Bo Bardi; abaixo, peças de mobiliário desenhadas pela arquiteta

Perfil

"O Brasil é minha pátria duas vezes", dizia a artista

Achillina Bo, ou Lina Bo Bardi, nasceu em Roma a 5 de dezembro de 1914, filha do pintor Enrico Bo. Formou-se em arquitetura na Universidade de Roma e, em Milão, trabalhou no escritório de Gió Ponti, diretor da Triennale di Milano e da revista *Domus*. Durante a 2ª Guerra, já em escritório próprio, trabalhou como ilustradora e colaboradora em *Stile, Tempo, Grazia, Vetrina e l'Illustrazione Italiana*, além de editar a coleção *Quaderni di Domus*. No dia 13 de agosto de 1943 um grande bombardeio é lançado sobre Milão e destrói o escritório de Lina (no número 12 da Via Gesù, vizinha ao ateliê de De Chirico, no número 4). O pintor a retratou em um quadro, hoje no seu acervo privado. Lina integrou o Partido Comunista clandestino e o apartamento de sua família se torna ponto de encontro de artistas e intelectuais. Em 1946, Lina casa-se com Pietro Maria Bardi. Em viagem ao Brasil, conhecem no Rio de Janeiro personalidades como Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Burle Marx e Assis Chateaubriand, de quem Bardi recebe o convite para fundar e dirigir um museu de arte no País. Projetar o prédio fica a cargo de Lina, que idealiza o maior e mais importante museu da América Latina. Em 1951, ela se naturaliza brasileira. "Quando a gente nasce, não escolhe nada, nasce por acaso. Eu não nasci aqui, escolhi este lugar para viver. Por isso, o Brasil é meu país duas vezes, é minha 'Pátria de Escolha', e eu me sinto cidadã de todas as cidades." ●

Figura 24 - Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 07 de janeiro de 2006. Fonte: acervo Estadão.

A LIÇÃO MODERNA DE

Lina B oBardi

Chega ao Masp exposição italiana dedicada à arquiteta que e riou o museu paulista e influenciou a cultura brasileira

Lina interpretou o 'pós-Brasília'

Figura 25 - Caderno Ilustrada. Folha de S. Paulo de 11 de janeiro de 2006. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

Lina Bo Bardi está gerando uma grande quantidade de discussões e debates fora do país. Seu trabalho está sendo amplamente divulgado através de exposições, mostras e artigos de críticos de arquitetura referenciando seus trabalhos e mostrando a importância que a arquiteta teve em solo brasileiro e como sua arquitetura é de relevância tanto para a cultura local como para a prática arquitetônica de uma forma geral, uma prática crítica e socialmente preocupada.

Um dos críticos que mais abordaram de forma aprofundada e de certa maneira provocante o trabalho de Lina foi Rowan Moore, tanto com artigos publicados no *The Guardian* ou em outros periódicos, como o recém lançado livro *Why we build?*[90]

Por exemplo, no *texto "Desire shapes space, and space shapes desires"* (publicado no livro citado) Rowan Morre compara a arquitetura de Lina, extremamente coerente e preocupada com o contexto em que está inserida, com os edificios produzidos em Dubai, sem relação com o entorno. Interesse e discussão que se repete no texto *"Power e freedom"*, também do mesmo livro, enfatizando a implantação do MASP e do SESC Pompéia.

Outro texto interessante do crítico em que ele discute o trabalho da arquiteta é o artigo "*Lina Bo Bardi"* publicado na *The Architectural Review* em 2012. Esse texto, mesmo não fazendo parte do período pesquisado com maior profundidade, é importante, pois Rowan Moore aborda as principais obras da arquiteta (Casa de Vidro, MASP e SESC Pompéia), destacando o grande valor social delas, além de serem ícones da Arquitetura Moderna, com implantações e soluções ímpares.

A ocorrência de grandes eventos esportivos também faz com que a arquitetura se torne presente na mídia em geral. Casos como a Copa do Mundo de futebol ou as Olimpíadas mereceram destaque, assim como o aumento de matérias relacionadas as construções evolvidas para a realização de tais acontecimentos. Um dos eventos esportivos que mais mereceram destaque durante a primeira década do século XXI foram os jogos Olímpicos de 2008 em Pequim, na China, onde a arquitetura se torna destaque por envolver grandes nomes da arquitetura (Rem Koolhas, Herzog & De Meuron, por exemplo) para a reformulação e transformação da cidade de Pequim, evidenciando o caráter modernizador que o governo chinês queria proporcionar,

[90] MOORE, Rowan. Why We Build: Power and Desire in Architecture. New York: Harper Design, 2013.

criando e dotando a cidade de ícones arquitetônicos – tomando como justificativa a realização dos jogos – gerando novas identidades e mostrando ao mundo a potência que a China tinha se tornado.

OUSADIA E MODERNIDADE

Arquitetura da capital chinesa foge do óbvio e impressiona

AEROPORTO, O MAIOR SÍMBOLO DA NOVA ERA

Figura 26 - Caderno Especial - O Estado de S. Paulo de 29 de fevereiro de 2008. Fonte: acervo Estadão.

4.2.3. Polêmicas e Patrimônio

Outro grande tema que gera bons e importantes debates sobre a arquitetura nos jornais diários é sobre patrimônio. Tais aspectos nos fazem remeter as grandes discussões sobre o tema ocorridas no início e em meados do século XX, como vimos nos capítulos 2 e 4 deste trabalho.

Uma forte discussão e repercussão sobre intervenção em patrimônio histórico ocorreu em 2003, devido as reformulações que a reforma da Estação da Luz em São Paulo vinha e sofreria a partir daí. Com um caderno especial sobre o tema ("*Estação*

Problema", Revista Folha, 13 de julho de 2003) com opiniões de diversos personagens a respeito das intervenções.[91]

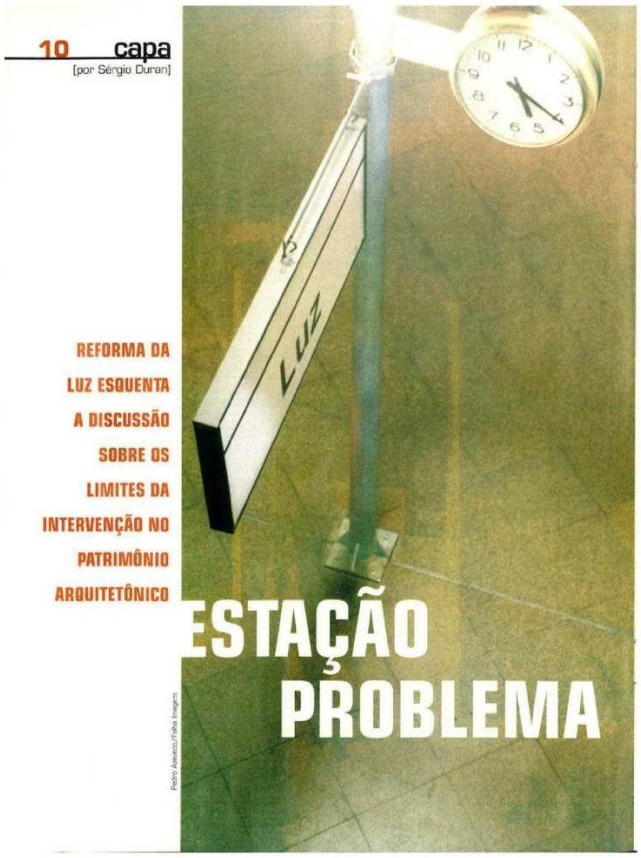


Figura 27 - Revista da Folha - Folha de S. Paulo de 13 de julho de 2003. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

Um importante autor também participa das questões de patrimônio, continuando seu papel de destaque no debate a respeito: o professor Carlos Lemos. Com seu texto *"Patrimônio Ameaçado"* (*Folha de São Paulo*, 31/08/2005) sobre o risco em que o jardim do Museu da Casa Brasileira sofria a respeito de intervenções próximas o arquiteto e professor emite sua opinião lembrando de outros importantes patrimônios que foram preservados ao longo da metropolização e verticalização da cidade de São Paulo.

[91] Emitiram opinião: Abram Szajman, presidente da Federação do Comércio de São Paulo; Filomena Matarazzo Suplicy; Lélia Abramo, atriz; Benedito Ruy Barbosa, autor de novelas. Além de uma reportagem sobre o arquiteto Paulo Mendes da Rocha.

FOLHA DE S.PAULO COTIDIANO quarta-feira,

ARTIGO

Patrimônio ameaçado

Leo Gutiérrez/Folha Imagem

Jardim do Museu da Casa Brasileira, no bairro dos Jardins, tombado em 1986 pelo Condephaat

CARLOS A. C. LEMOS

ESPECIAL PARA A FOLHA

Muita gente se julga dona da cidade e, movida por variados interesses, quase sempre envolvendo cifrões, consegue intervir na paisagem urbana: demolindo, construindo e, às vezes, até alterando as leis e códigos reguladores das edificações e da ocupação de solo. Assim, desde o início da verticalização paulistana, em seu processo de metropolização a partir dos anos 50, São Paulo assiste a uma permanente renovação de suas vistas devido ao desaparecimento de obras arquitetônicas significativas, não só pelos seus valores documentais ou de beleza mas também por participarem de vínculos fundamentais à inteligibilidade do espaço urbano, a paisagem cotidiana de todos. Gente de poder político e econômico que não pergunta e nem dá satisfações e que raramente é obstaculizada em seus propósitos. Poucas vezes são malsucedidos.

A população nunca soube, por exemplo, que a estação da Luz por pouco, há uns 30 anos, não se transformou em imenso shopping center após a concretagem de uma laje sobre as plataformas de embarque e desembarque; que, também por pouco, a escola Caetano de Campos, na praça da

Figura 28 - Caderno Cotidiano - Folha de S. Paulo de 31 de agosto de 2005. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

Mais um caso que merece destaque nos jornais foi a polêmica em torno da marquise do parque Ibirapuera em São Paulo, contrapondo dois importantes arquitetos e professores com visões diferentes sobre o assunto, fomentando um debate rico e estimulante para toda a sociedade, que também precisaria saber e participar de discussões como essas acerca de construções importantes na cidade.

Tal polêmica surgiu com a proposta de Oscar Niemeyer em se retirar um “bico” da marquise do Ibirapuera para se implantar uma praça entre os edifícios do Auditório

e da Oca. Essa polêmica resultou em diversas reportagens e artigos sobre tal proposta, culminando no debate entre os dois professores no jornal *Folha de S. Paulo* (Caderno Cotidiano, 18/12/2005, figura 29).

De um lado Carlos Lemos, a favor da mudança, com o texto *"Ainda o caso da marquise"* e de outro Benedito Lima de Toledo, contra a retirada do pedaço da marquise, com o artigo *"A marquise do parque Ibirapuera"*.

Esse debate nos remonta a épocas passadas em que grandes discussões enriqueciam o dia a dia dos jornais impressos, lembremos dos debates de Gregori Warchavchik e Dácio Aguiar de Morais no início do século XX a respeito da arquitetura moderna, por exemplo, ou do próprio Carlos Lemos contra a demolição do edifício Caetano Campos ou ainda o grande debate entre Mário Pedrosa e Sylvio de Vasconcelos em 1957 a respeito da crítica de arte e arquitetura.[92]

92

VASCONCELLOS, Sylvio. "Crítica de Arte e Arquitetura". O Estado de S. Paulo, 29 de junho de 1957.

PEDROSA, Mário. "A Crítica de Arte na Arquitetura". Jornal do Brasil (RJ), 05 de agosto de 1957.

C 6 domingo, 18 de dezembro de 2005 COTIDIANO FOLHA DE S.PAULO

ENTENDA O QUE ESTÁ EM DISCUSSÃO

A FUNÇÃO DA MARQUISE

■ A proposta inicial para a marquise do parque Ibirapuera, na zona sul de São Paulo, era que ela unificasse visualmente as edificações da área verde. Mas, como o auditório não foi construído na década de 50 por falta de verba, a marquise ficou incompleta. Do "bico" que hoje é motivo de discussão deveriam sair dois braços: um até a Oca e outro até o auditório, ligando ambos

O QUE QUER NIEMEYER

■ O arquiteto Oscar Niemeyer, 98, autor do projeto do parque, quer remover esse "bico" na marquise, de aproximadamente 40 metros de comprimento, para a criação de uma praça entre a Oca e o auditório, onde hoje há um estacionamento. Segundo ele, não faz sentido a praça ser dividida pela ponta da estrutura

A DECISÃO CONTRÁRIA

■ Em dezembro de 2004, o Conpresp (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo) deu um parecer contrário ao pedido de corte dessa parte da estrutura. Essa proposta precisava da autorização do órgão, pois o parque é tombado

A POLÊMICA SOBRE A MARQUISE DO IBIRAPUERA

A FAVOR DA MUDANÇA

Ainda o caso da marquise

CARLOS A. C. LEMOS
ESPECIAL PARA A FOLHA

Nestes dias, um assunto está a dividir as opiniões, ou as daqueles interessados em salvar a única extremidade livre da grande marquise do parque Ibirapuera ou as daqueles outros companheiros do arquiteto Oscar Niemeyer, que julgam necessário o seu sacrifício para permitir a ordenação do espaço informe hoje existente entre a Oca e o novo teatro.

Antes de prosseguirmos, é bom que informemos aos caros leitores a causa dessa controvérsia espantosa. Acontece que o parque, com os seus edifícios até então terminados, serviu de palco para as comemorações do Quarto Centenário de São Paulo, em janeiro de 1954. Naqueles festejos estavam faltando (nem sequer tiveram suas obras iniciadas) a plataforma monumental de entrada portando o símbolo escultural do momento festejatório, justamente batizado por Guilherme de Almeida de "aspiral" cívica paulistana, e o teatro que seria ligado à Oca por passarela perpendicular à extremidade da marquise ali presente. Com esse agenciamento, era a intenção de Niemeyer proporcionar aos visitantes do parque três opções de acesso coberto: ir em frente pela marquise afora, tomar a esquerda para chegar à grande calota de concreto armado ou dirigir-se à direita com destino ao teatro.

Terminadas as comemorações, foi completamente esquecido o fato de o projeto arquitetônico não ter sido construído em sua integridade. Cinqüenta anos depois, não passaria então pela cabeça de qualquer membro da atual freqüência popular a idéia de um teatro ali fronteiro à grande cúpula apelidada de Oca.

Recentemente, o parque e os seus pertences de concreto armado foram tombados pelos órgãos responsáveis pela preservação de nosso patrimônio histórico e artístico.

Pelo que ouvimos e lemos nos jornais, entendem o Conpresp e o DPH, entidades municipais, que tudo aquilo que seja tangível, fora a vegetação arbustiva ou arbórea, está tombado para sempre na forma ou conformação presente no momento do decreto daquele instituto salvaguardador de nossa memória e de nossa cultura material. A partir daquela hora, qualquer construção do Ibirapuera seria "imexível", como diria o ministro esquecível do Collor.

O decreto fixou um momento exato do conjunto arquitetônico, fixou aquilo que hoje é comum chamar de "as built", no falar americano agora impregnado em nossa língua portuguesa coloquial. Devido a isso, por exemplo, seria terminantemente proibida a remoção do Museu de Arte Moderna sob a marquise, bem em frente ao prédio da Bienal, e impensável a construção de qualquer edifício, pois seria obrigação dos vigilantes de plantão proibir qualquer alteração na relação entre a vegetação —ou área livre— e os espaços construídos. Seria sagrada a área permeável do imenso jardim do povo.

Um autor vivo de obra tombada ainda mantém sobre ela seus direitos autorais mais que legítimos, e nada mais normal que deseje completá-la

Acontece que, no governo de dona Marta Suplicy, não sabemos dos motivos determinantes, foi construído o teatro do parque, mais ou menos no lugar que fora destinado ao auditório no projeto original. Desrespeito total às regras vigentes nas cabeças dos técnicos municipais. Fato consumado, mas politicamente tolerável e logo olvidado, como aconteceu com a demolição criminosa da cobertura das escadas da galeria Prestes Maia, na praça do Patriarca, obra do sempre lembrado Elisiário Bahiana, o autor do conjunto arquitetônico à volta do viaduto do Chá, tombado pela resolução nº 37 de 1992 do Conpresp.

Pelo exposto, ficou o leitor inteirado dos motivos geradores da celeuma em torno dessa hipótese: pode ser demolida parte da ponta hoje sem destino certo da marquise para permitir a adequação do inesperado espaço livre resultante da construção do teatro, como quer, com toda a razão, o autor do projeto do parque, o arquiteto Oscar Niemeyer? Por que quem permitiu a construção do teatro hoje diz "não" à pergunta? Não sabiam todos que daquela permissão iria resultar naturalmente um novo espaço entre as construções? Hoje os tempos são outros, o sistema viário previsto em 1954 também não saiu do papel e já nem se pensa mais em entrada monumental do parque Ibirapuera, e restou à marquise a função de levar os passos dos freqüentadores, já dentro do parque, ao auditório ou à Oca. Com a nova intervenção de Oscar, sua função distributiva estaria restabelecida. Agora, ela simplesmente leva todos ao nada, ou melhor, à chuva, traindo sua razão de ser.

O mesmo leitor alheio às controvérsias teóricas ou conceituais sempre presentes no convívio entre técnicos encarregados do resguardo de nosso "patrimônio" deve ser informado de que todos eles, em seus arrazoados, se estribam nos mesmos pensadores e teóricos, pretensos norteadores dos procedimentos dos conservadores de obras tombadas ou elegidas como merecedoras do respeito público. Os mesmos gurus servem para o bem ou para o mal, conforme o enfoque assumido ou os interesses de alguns.

Na verdade, as regras devem ser analisadas com muito cuidado, porque cada caso é um caso, como diz o jargão vindo das sábias posições dos empíricos, e não nos custa lembrar uma expressão, se não nos enganamos, de autoria de Joelmir Beting: "Na prática, a teoria é outra".

Oscar Niemeyer é, salvo notícia em contrário, o único arquiteto a ter, ainda em vida, sua obra tombada, não só paroquialmente pelo Conpresp, mas pela Unesco, como autor de trabalhos de interesse universal, como no caso de Brasília. Um autor vivo de obra tombada ainda mantém sobre ela seus direitos autorais mais que legítimos, detém sua propriedade intelectual, e nada mais normal que deseje completá-la.

Sua intenção é simplesmente criar uma praça entre aquelas mencionadas obras desarticuladas entre si, inclusive a marquise, para que tudo fique harmonizado dentro da beleza a que está diariamente acostumado. Sua solução estetizante ficará para sempre no usufruto público por gerações e gerações enquanto vão-se os "ecochatos" e os burocratas em seus incessíveis rodízios nas alternâncias políticas.

Finalmente, nestas linhas, vimos solicitar do prefeito José Serra uma enquete entre as pessoas lúcidas desta cidade, entre os usuários do parque Ibirapuera, entre quem quer que seja, destinada a saber a opinião coletiva sobre essa questão do sacrifício da ponta da marquise, porque o bem tombado é de todos, é do povo e não deve estar sob o arbítrio de um, dois ou três iluminados municipais.

Carlos A. C. Lemos é professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (Universidade de São Paulo) e autor de "Viagem pela Carne" (Edusp) e "História da Casa Brasileira" (Contexto)

CONTRA A MUDANÇA

A marquise do parque Ibirapuera

BENEDITO LIMA DE TOLEDO
ESPECIAL PARA A FOLHA

A proposta de Oscar Niemeyer, de demolir uma parte da marquise do Ibirapuera para criar uma praça na área envoltória ao recém-construído teatro, levantou uma polêmica. A demolição foi sustada graças à intervenção dos órgãos de proteção dos bens culturais da cidade de São Paulo, Condephaat e Conpresp.

Uma legião se levantou na defesa da proposta desse representante exponencial da arquitetura moderna, como se isso fosse necessário. Como reagiriam esses mesmos arautos se alguém propusesse uma intervenção na Igreja da Pampulha ou em sua área envoltória? Essa obra (1943) já pertence ao patrimônio ambiental urbano de Belo Horizonte. Caracterizou uma época e foi de fundamental importância na afirmação da arquitetura moderna do Brasil, reconhecida internacionalmente.

A conservação da herança cultural de cada coletividade tem imenso valor educativo. Desperta na comunidade a consciência de sua identidade, visível não apenas em monumentos, mas em edifícios, espaços e na paisagem. Os ingleses reservam para esse conjunto a palavra "site" (sítio). Quando seus componentes sofrem alterações, a população se ressente pela interferência no acervo de imagens que lhe são familiares. Pelo contrário, se conservados, esses espaços estimulam contatos e convívio entre os diferentes grupos sociais, unidos por valores que lhes são comuns. E há imagens que são patrimônio da nação. Chegar a Ouro Preto ou a Parati pelo mar será sempre uma experiência emocionante. Aquelas imagens pertencem a todos nós. Por isso, a ocupação crescente dos morros nas cidades do ciclo do ouro representa uma interferência em ambientes consagrados, processo que poderá levar à descaracterização do "sítio", fato que diz respeito a toda a nação.

Em certa época foi anunciada a proposta de demolição da Fábrica Duchen (projeto de 1950), às margens da via Dutra, uma referência cuja importância foi ressaltada por historiadores como Stamo Papadaki (1950) e Henrique E. Mindlin (1956). Houve movimentação para salvar a obra, que acabou vindo abaixo depois que Niemeyer, consultado, afirmou que a obra não tinha importância.

Fica-se com a impressão de, por vezes, ser necessário defender uma obra de seu autor.

No filme "O Carteiro e o Poeta", o primeiro observa ao poeta que, uma vez tendo criado um poema, este não pertencia a seu autor, mas a quem dele precisasse. Pois a marquise passou a ser componente essencial da imagem da cidade de São Paulo e notabilizou-se pelas curvas inspiradas "na beleza da mulher brasileira", como repetidamente tem afirmado seu autor. Na história da arquitetura esse tipo de "imprevisto" vem se colocar ao lado de manifestações como o "art nouveau". A solução de Guimard para proteger as entradas do metropolitano parisiense (1912), por exemplo, causaram tal impressão que acabaram por dar ao movimento a designação "Style Metro" —e, afinal, trata-se de uma simples cobertura.

Como reagiriam esses mesmos arautos se alguém propusesse uma intervenção na igreja da Pampulha?

Esses arquitetos são inimitáveis e, não por outra razão, não deixam seguidores. Não creio que alguém se aventuraria a projetar algo com as características do Templo da Sagrada Família de Gaudí (1910), em Barcelona. Para avaliar obras como essa, poderíamos recorrer a Alberti, o arquiteto renascentista a quem devemos o conceito "Uma obra está completa quando nada pode ser acrescentado, retirado ou alterado, a não ser para pior".

Quando Leonardo Benévolo esteve em São Paulo, em 1980, jornalistas do "Jornal da Tarde" programaram vôo de apresentação da cidade. Do avião, o grande historiador de arquitetura identificou o parque Ibirapuera, que vinha recomendado por colegas do Rio de Janeiro. Ou seja, essa obra, reconhecidamente, é um símbolo da modernidade em São Paulo.

O ano de 1954 foi uma época de grandes transformações da região. Até então, o parque era uma bela floresta de eucaliptos, cujo aroma impregnava a região, iniciativa de Navarro de Andrade, o incansável propugnador do uso dessa espécie, criador do Horto Florestal de Rio Claro. Próximo, na confluência das avenidas Brigadeiro Luís Antônio e Brasil, havia um barracão, demolido a essa época. A população surpresa viu, então, surgir o Monumento às Bandeiras. O obelisco que evoca a Revolução de 1932 veio completar o novo quadro. Pergunto: alguém teria direito de alterar o monumento? E o obelisco?

O edifício que abriga o Detran foi projetado por Oscar Niemeyer. Ao "fundo" e separado por um amplo espaço livre, vemos o prédio do Instituto Biológico, projeto de Mário Whately (1928), um dos melhores, senão o melhor exemplo de arquitetura "art déco" em São Paulo.

Na área entre esses dois edifícios tão significativos sempre ocorreu uma ocupação anárquica: carros apreendidos, barracos precários e outros trastes que transformam a área em uma espécie de favela oficial. Por que não unir os dois edifícios com um belíssimo parque, estendendo o do Ibirapuera e acolhendo formas dignas de ocupação de que São Paulo tanto carece? Seria a valorização de dois momentos da arquitetura paulista.

Essa, sim, uma empreitada merecedora do empenho de todos quantos se interessam pela arquitetura e pela valorização de espaços a serem usufruídos pela população. No conjunto do parque existe, ainda, um ponto a se ponderar, considerados todos os seus componentes, árvores, lagos e pavilhões: a experiência existencial do encontro com qualquer obra e sua ambientação. Nenhuma foto, maquete ou outra forma de registro pode exprimir a emoção dessa experiência.

Auguste Rodin anotou sua sensação ao ingressar nas grandes catedrais francesas: "O que é bonito na paisagem é o que é bonito na arquitetura, é o ar, é o que ninguém aprecia: a profundidade. Ela reduz a alma e a manda aonde ela quer".

Quanto à marquise, venho lembrar a palavra de um crítico da época dos "grands travaux" conduzidos na era Mitterrand. Disse que, para a Ópera da Bastilha, foi escolhido um mau projeto —que, afinal, não é tão ruim assim— e que, se alguém quisesse apreciar uma obra bem implantada no espaço urbano, deveria ver a sede do Partido Comunista Francês, projetada por Oscar Niemeyer.

Concluindo, eu me atrevo a revelar minha posição: desfigurar a marquise será inegavelmente uma perda para São Paulo e para a cultura brasileira. Entre a marquise e o novo teatro, fico com os dois, certo de que será encontrada uma solução harmoniosa, como aconteceu com a referida obra em Paris.

Benedito Lima de Toledo é arquiteto, professor titular de história da arquitetura da FAU-USP e autor, entre outros, de "São Paulo: Três Cidades em um Século"

Figura 29 - Caderno Cotidiano - Folha de S. Paulo de 18 de dezembro de 2005. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

4.2.4. Comemorações e Datas especiais

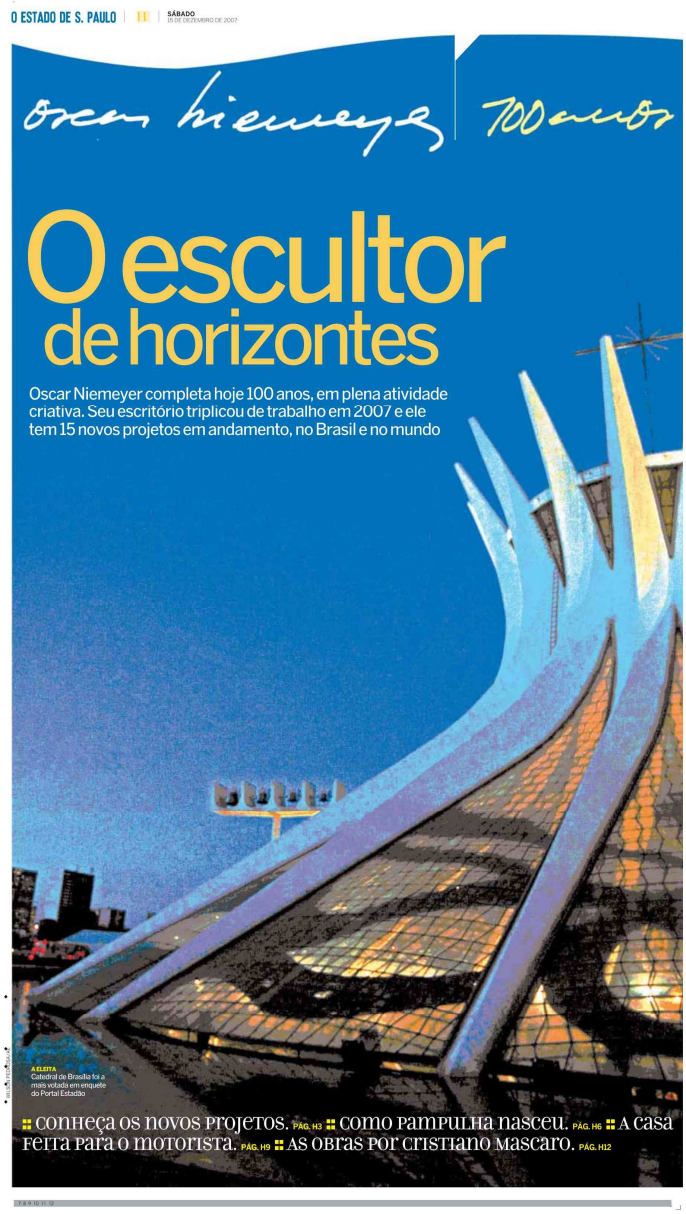
Quando os assuntos são comemorações ou datas especiais referentes ao campo da arquitetura percebe-se que há um bom número de cadernos ou reportagens especiais, principalmente de grandes nomes da arquitetura e marcos importantes na história brasileira.

No ano de 2007 houve uma boa discussão, debate, artigos e reportagens a respeito do centenário de nascimento de Oscar Niemeyer, um dos maiores nomes e expoente da arquitetura brasileira. Na época de seu aniversário (dezembro de 2007) houve a publicação, tanto do jornal *O Estado de S. Paulo* como na *Folha de S. Paulo,* de cadernos especiais esmiuçando a obra do arquiteto.

No *Caderno 2* do *Estadão* (15 de dezembro de 2007, figura 30) a chamada de capa foi *"O escultor de horizontes"* e ao longo do caderno foram publicados diversos textos, depoimentos, artigos e análises de suas obras, tais como: *"Não há arquitetura insubstituível"* e *"Na Pampulha, Deus está no detalhe"* de Jotabê Medeiros; *"Família gira em torno do patriarca"* de Márcia Vieira; *"Encontro com Lucio Costa"* de Maria Elisa Costa; "Brasília, utopia da interação social" e *"Vivendo no interior de obras-primas"* de Lisandra Paraguassu; *"Palácio Itamaraty, obra de arte feita para seduzir"* de André Aranha Côrrea do Lago; *"Copan, um edifício master"* de Flávia Guerra; *"O internacional Pelé do concreto"* de Antônio Gonçalves Filho; *"Rejeitada, produção paulista foi concessão ao mercado"* de Sérgio Duran; *"O caminho de Niemeyer"* cronologia de sua obra; *"E assim ele criou a curva livre..."* de Fernando Serapião (será analisado mais adiante) e *"Ano 100, trabalho triplicado"* de Márcia Vieira.[93]

A quantidade, a diversidade e a qualidade dos textos e abordagens realizadas nesta publicação especial mostra como o arquiteto centenário é importante no cenário nacional, assim como sua obra desperta curiosidade, admiração e controvérsias em todos os setores da sociedade.

[93] Todas reportagens, depoimentos e artigos deste caderno estão disponíveis em DVD e no Anexo deste trabalho.



O ESTADO DE S. PAULO | H | SÁBADO 15 DE DEZEMBRO DE 2007

Oscar Niemeyer 100 anos

O escultor de horizontes

Oscar Niemeyer completa hoje 100 anos, em plena atividade criativa. Seu escritório triplicou de trabalho em 2007 e ele tem 15 novos projetos em andamento, no Brasil e no mundo

A ELEITA
Catedral de Brasília foi a mais votada em enquete do Portal Estadão

conheça os novos projetos. PÁG. H3 como Pampulha nasceu. PÁG. H6 A casa feita para o motorista. PÁG. H9 As obras por Cristiano Mascaro. PÁG. H12

Figura 30 - Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 15 de dezembro de 2007. Fonte: acervo Estadão.

Também em comemoração ao centenário de Niemeyer o caderno *Mais!* da *Folha (*09 de dezembro de 2007, figura 31) publicou uma série de artigos de qualidade referentes ao arquiteto. Em tal edição do *Mais!* temos os seguintes textos e autores: *"Um dia a vida será mais justa"* entrevista de Sergio Torres com Niemeyer; *"O construtor de enigmas"* de Guilherme Wisnik; *"O herói de duas faces"* de Francisco Alambert; *"De novo vanguarda"* de Mario Gioia; *"Milagre de concreto"* de Otavio Leonídio; *"Dois de ouro"* de Lauro Cavalcanti; *"Fla-Flu Crítico"* de Mario Cesar Carvalho.

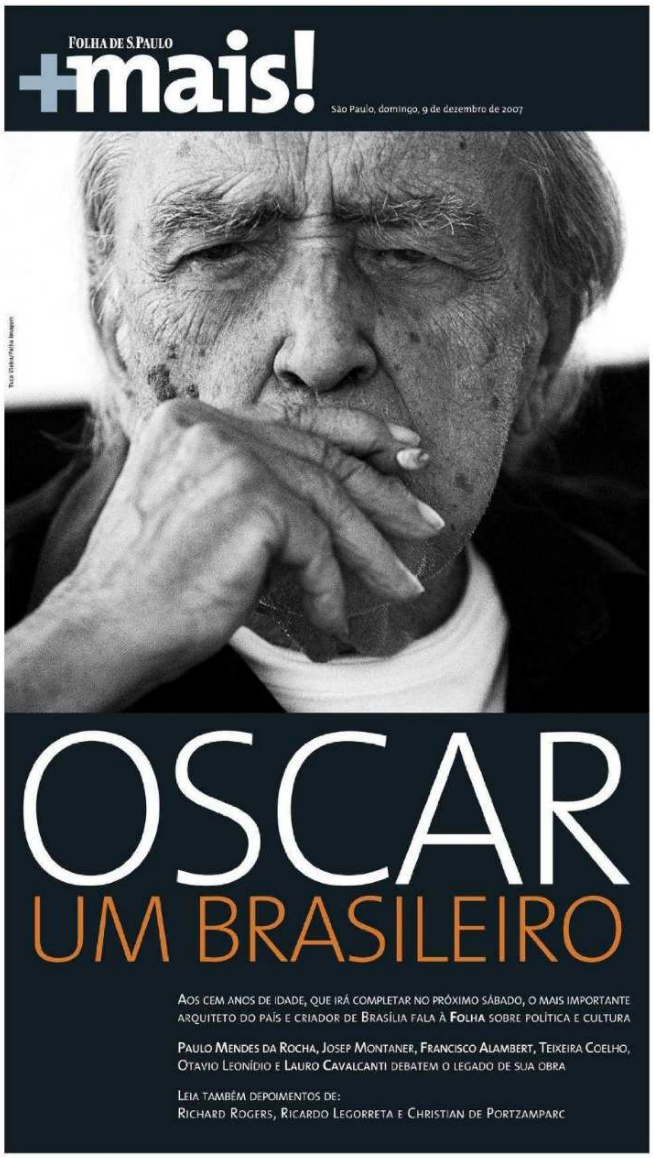


Figura 31 - Caderno Mais! Folha de S. Paulo de 09 de dezembro de 2007. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

Além de tal caderno especial a *Folha de S. Paulo* publicou outros textos, reportagens e notícias, também em dezembro de 2007, ainda em comemoração ao aniversário de Oscar Niemeyer, tais como: *"Niemeyer chega aos 100 hoje e ganha mostras"*, reportagem de Mario Gioia (15/12/2007) e, *"Niemeyer em obrar"*, reportagem especial de Adriana Küchler e Amilcar Packer com fotografias de José Moscardi de obras do arquiteto (16/12/2007).[94]

[94]Todas reportagens, depoimentos e artigos sobre Niemeyer em dezembro de 2007 da Folha de S. Paulo citados neste item estão disponíveis em DVD e no Anexo deste trabalho.

Outro arquiteto que mereceu um caderno especial da *Folha de S. Paulo* foi Lucio Costa (1902-1998), que em 2002 completaria 100 anos.

Com o título principal *"O Revolucionário Tranquilo"* o Caderno *Mais!* (24 de fevereiro de 2002, figura 32) trazia em seu interior uma diversidade de autores de importância no campo da teoria e critica arquitetônica, formulando e oferecendo ao seu público leitor um material rico, de qualidade e aprofundamento ímpares, os quais mostraram a importância que o arquiteto e urbanista, um dos protagonistas do modernismo brasileiro, teve na história da arquitetura e do país.

FOLHA DE S.PAULO

mais!

São Paulo, domingo, 24 de fevereiro de 2002

Lucio Costa sobe escadaria do edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública, no Rio

O REVOLUCIONÁRIO TRANQUILO

A obra de **Lucio Costa**, que faria cem anos na próxima quarta-feira, é reavaliada por Otília Beatriz Fiori Arantes. Leia também texto inédito do urbanista

Figura 32 - Caderno Mais! Folha de S. Paulo de 24 de fevereiro de 2002. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

O conteúdo desse caderno possui os seguintes textos e autores: *“Um pensador da cultura”* de Mario Cesar Carvalho; *“Resumo de Lucio Costa”* de Otília Beatriz Fiori Arantes e *“Arte Moderna e Socialismo”* do próprio Lucio Costa, texto inédito do arquiteto.

O jornal *Folha de S. Paulo* também publicou um caderno *Mais!* especial sobre Paulo Mendes da Rocha (1928) em 2006, ano em que o arquiteto foi laureado pelo Prêmio Pritzker.

Como já abordado anteriormente, em premiações e principalmente em tal ocasião em que um arquiteto brasileiro recebeu a mais alta honraria no campo da arquitetura, Paulo Mendes foi destaque nos jornais paulistas ao longo do referido ano com reportagens, artigos e análises de suas obras em diversas ocasiões.

No caderno *Mais!* (16 de abril de 2006, figura 33) o jornal traz uma análise mais aprofundada sobre a produção do arquiteto, trazendo críticos importantes para abordar sobre a maneira que Paulo Mendes exerce sua profissão, mostrando a importância de tal profissional para a arquitetura brasileira.

Nesse caderno estão reunidos os seguintes textos e autores: *“Geometria da intervenção”* de Guilherme Wisnik e Martin Corullon; *“De volta ao real*” de Luiz Recamán; *“Forma sem fronteiras”* de Teixeira Coelho, e *“Cidade interior”* de Marco Giannotti. Cada um com uma abordagem diferente em relação a obra e o arquiteto, mas em todos fica nítida a importância do arquiteto nas discussões e na produção crítica da arquitetura moderna brasileira.

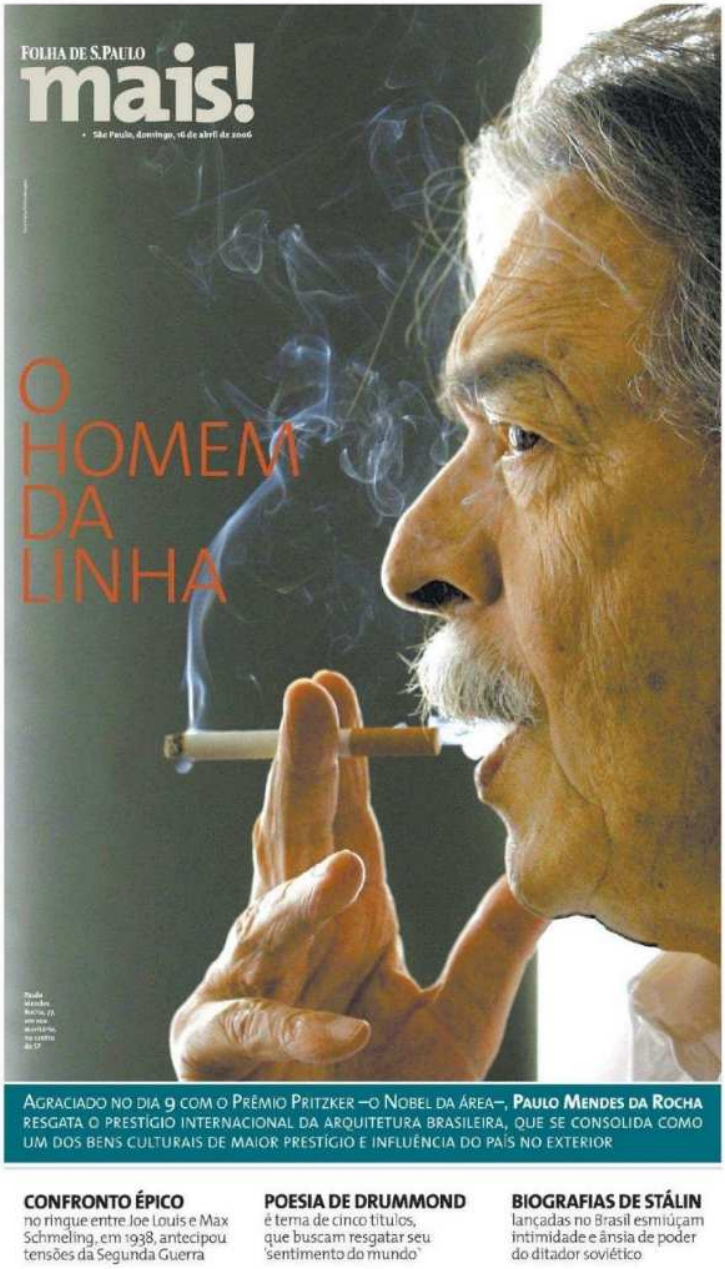


Figura 33 - Caderno Mais! Folha de S. Paulo de 16 de abril de 2006. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

Um momento importante na história do Brasil que mereceu um destaque nas páginas dos jornais impressos foi o aniversário de 50 anos da inauguração de Brasília em 2010. A cidade, capital do país, mereceu (assim como em sua fundação) um caderno especial da *Folha de S. Paulo* (21 de abril de 2010, figura 34).

Assim como nos cadernos anteriores de comemorações de figuras importantes na arquitetura, tal caderno publicou uma série de reportagens, artigos e opiniões a

respeito do meio século de existência, tais como: *“Urbanismo versus realidade”* de Johanna Nublat; *“Arquitetura de prédio mudos”* e *“O plano piloto & as satélites”* da reportagem local; *“Consequências de uma utopia residencial”* de Fernando Serapião; *“A mais brasileira”* de Guilherme Wisnik e, *“A palavra do arquiteto”* entrevista de Niemeyer à Mario Cesar Carvalho. Tais reportagens e análises abordam a importância e as polemicas que a cidade trouxe ao longo desses anos de existência, desde seus aspectos construtivos e arquitetônicos até os sociais e políticos.

FOLHA DE S.PAULO

QUARTA-FEIRA, 21 DE ABRIL DE 2010
PÁGINA ESPECIAL 1

Pedreiro trabalha na reforma da praça dos Três Poderes

brasília, 50

Turistas fazem visita ao prédio do Congresso Nacional em 1963

BRASÍLIA completa meio século hoje, resumindo em sua breve trajetória os descaminhos do país que buscou idealizar. Nascida da leitura modernista do ímpeto de Juscelino Kubitschek por Lucio Costa e Oscar Niemeyer, a capital acumula problemas decorrentes de sua urbanização utópica. Sítio arqueológico de um Brasil projetado ao futuro, viu a expansão da fronteira decorrer mais de imposições econômicas do que da presença do centro de poder no proverbial "meio do nada", e o isolamento favoreceu a cristalização de traços autoritários e patrimonialistas. A evolução política acompanhou o caráter anômalo, algo artificial, do espírito brasiliense. Significativamente, a capital chega aos 50 anos imersa em uma crise sem precedentes, com um governador cassado que acabou de sair da prisão e sob o risco de intervenção. A degradação política mancha o orgulho local pela incomparável qualidade de vida, cheia de desigualdades. Fato consumado, Brasília obriga o Brasil a se encarar é o espelho do país.

arquitetura
PRÉDIOS MONUMENTAIS VIRAM OBRAS MUDAS pág. 3

artigos
ANALISTAS DISSECAM O DESTINO DA UTOPIA pág. 8 e 9

história
JORNALISTA RELEMBRA A ORIGEM DA CONSTRUÇÃO pág. 10

entrevista
NIEMEYER ATACA A DESIGUALDADE NA CAPITAL pág. 11

Figura 34 - Caderno Especial Brasília 50 anos. Folha de S. Paulo de 21 de abril de 2010. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

4.2.5. Textos críticos, Opiniões e Resenhas

O Jornal de Resenhas é uma das grandes publicações voltadas para a crítica e divulgação do que se publica no Brasil, apresentando não somente resenhas, mas também ensaios e entrevistas com autores, além de ilustrações de artistas plásticos brasileiros e estrangeiros. De 1995 a 2004, o Jornal de Resenhas era editado por intermédio de um convênio que envolvia a USP, a Unesp, a Unicamp, a UFMG e a *Folha de S. Paulo*, no qual era encartado mensalmente.

Atualmente, com apoio do MEC, é distribuído a todas as universidades federais e às universidades estaduais paulistas, além de também ser publicado em formato digital, na *Folha on-line*.

Até hoje, o Jornal de Resenhas contou com mais de setecentos colaboradores, dentre os quais se encontram os intelectuais da maior expressão no cenário acadêmico e cultural nacional e tem também recebido a colaboração de estrangeiros de destaque em suas áreas de atuação. Com uma política aberta, pluralista, os editores procuram dar prioridade à qualidade das matérias publicadas, num clima franco e de respeito acadêmico, no qual o debate e a circulação de ideias são mais importantes.

Essa qualidade é amplamente percebida nos textos publicados pelo jornal em parceria com a Folha de S. Paulo. Arquitetos e professores como Hugo Segawa, Carlos Lemos, Raquel Rolnik e Abílio Guerra produziram críticas e análises de qualidade de alguns livros sobre arquitetura publicados no país.

Em seu texto *"Historiografia da Arquitetura"* (Folha de S. Paulo de 12 de agosto de 2000, figura 35) Abílio Guerra aborda sobre três importantes livros publicados na época – ***Affonso Eduardo Reidy*** organizado por Nabil Bonduki; ***João Filgueras Lima, Lelé*** organizado por Giancarlo Latorraca, e ***Arquitetura Moderna no Brasil*** de Henrique Mindlin. Nessa resenha o professor Abílio Guerra comenta sobre a profundidade, qualidade e forma de abordagem crítica que os três livros tentam expor.

ESPECIAL 8 sábado, 12 de agosto de 2000 — JORNAL DE RESENHAS — Discurso Editorial/USP/Unesp/UFMG/ FOLHA DE S.PAULO

Historiografia da arquitetura

Affonso Eduardo Reidy
Nabil Georges Bonduki (org.)
216 págs., R$ 70,00

João Filgueras Lima, Lelé
Giancarlo Latorraca (org.)
264 págs., R$ 70,00
Coleção Aquitetos Basileiros
Instituto Lina Bo e P.M. Bardi/
Editorial Blau
(Tel. 0/xx/11/3744-9902)

Arquitetura Moderna no Brasil
Henrique E. Mindlin
Editora Aeroplano
(Tel. 0/xx/21/529-6974)
270 págs., R$ 90,00

ABILIO GUERRA

Os arquitetos Affonso Eduardo Reidy e João Filgueras Lima, o Lelé, entraram há pouco na série "Arquitetos Brasileiros". Os dois livros dão sequência à coleção iniciada com Lina Bo Bardi e Vilanova Artigas e que merecerá em breve a solene companhia de Oscar Niemeyer. O sério trabalho de pesquisa e levantamento de fontes e atestado pela riqueza excepcional da documentação textual e iconográfica apresentada, que cobre parte substancial da obra dos arquitetos abordados.

Reidy, pertencente à primeira geração de arquitetos modernos brasileiros que se alinharam ao lado dos "LCs" —Le Corbusier e Lucio Costa— para a construção do edifício do Ministério da Educação e Saúde (RJ), é autor de obras canônicas, quase todas elas na ex-capital federal —os conjuntos habitacionais de Pedregulho e da Gávea, o Aterro do Flamengo, o Museu de Arte Moderna, entre outras.

Lelé, arquiteto atuante, homenageado na última Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo e representante oficial do Brasil na atual Bienal de Veneza, concentra a maior parte de sua obra em Brasília e Salvador, onde se radicou há muito tempo. Destacam-se seus projetos para os hospitais da rede Sarah Kubitschek, o centro de exposições do Centro Administrativo da Bahia e a sede da Prefeitura de Salvador.

A abundância documental e a parcimônia dos textos introdutórios demonstram uma enorme confiança editorial na capacidade do leitor em processar a constelação de testemunhos, depoimentos, memoriais, desenhos e fotos, chegando por suas próprias conjecturas a uma inteligibilidade da obra. Vale salientar que as mencionadas introduções são muito desiguais, e a interessante, mas insuficiente, entrevista com Lelé e o correto texto de Nabil Bonduki sobre Reidy —sem dúvida, a melhor dentre elas— nem de longe se aproximam da fantasmagórica montagem de textos de Artigas, que abre o volume do arquiteto na coleção.

Vicissitudes pessoais

O desequilíbrio apontado não impede que algumas características fundamentais das atuações dos arquitetos sejam devidamente destacadas. Reidy aparece como o funcionário público exemplar, que dedicou quase toda sua vida profissional à materialização do ideário moderno nos âmbitos da arquitetura e do urbanismo, assim como a experimentação de Lelé com pré-fabricação está devidamente apresentada. Mas, em vez de centrar foco sobre a qualidade arquitetônico-urbanística das obras, a preocupação maior é com as vicissitudes pessoais, as relações de amizade e parentesco, a ação política, a preocupação social e os valores éticos.

Tais tópicos são relevantes para a qualificação da arquitetura quando devidamente enfocados, como se evidencia na citação de Max Bill salientando o sentido humano das habitações de Pedregulho. Contudo, com esse exagero quanto ao que é periférico, corre-se o risco de se deixar escapar considerações substantivas, como, por exemplo, a evidente filiação do brutalismo paulista —uma das mais importantes manifestações estéticas brasileiras das últimas décadas— aos projetos do Colégio Brasil-Paraguai, em Assunção, e do Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro, ambos de Affonso Reidy.

Nada disso teria muita importância se não intuíssemos que houve aqui um silêncio sintomático. E usamos o termo no seu sentido preciso, como manifestação de um mal-estar difuso, sensação que aumenta e se solidifica ao nos depararmos com uma interessante coincidência. Tanto o livro de Reidy como o de Lelé os aproximam da mesma dupla —Oscar Niemeyer e Lucio Costa. Bonduki apresenta os três como os "pioneiros da renovação da arquitetura no Brasil", enquanto Lelé —nas palavras de Lucio Costa, em texto usado como prefácio— seria o "construtor" ao lado do "criador" (Niemeyer) e da "tradição" (ele próprio) da arquitetura brasileira.

As duas trincas, onde apenas um dos elementos é trocado, apontam para um "valor" —a brasilidade de nossa arquitetura— que é estranho ao âmbito estético, uma espécie de contaminação culturalista "demode".

Podemos identificar aqui, nesse tópico específico, uma genealogia intelectual pouco visível, mas vigorosa, um rio caudaloso que flui de um livro de 1956 e lançado pela primeira vez em português há pouco tempo: "Arquitetura Moderna no Brasil", de Henrique Mindlin, publicado em inglês perto do início da construção de Brasília. Parido próximo ao fecho do período heróico da constituição de nossa arquitetura moderna, o livro de Mindlin tem como intenção flagrante a divulgação mundial de um modo específico de materializar os pressupostos modernos, ou seja, a brasilidade de nossa arquitetura.

Miscigenação racial

Não é à toa que em seu texto e no prefácio assinado por S. Giedion vamos encontrar reiteradas afirmações sobre as vicissitudes (quase todas positivas) de nossa arquitetura moderna, seu enraizamento em nosso passado cultural, sua capacidade de fusionar elementos da tradição construtiva colonial e aspectos técnicos e funcionais do ideário europeu. Para justificar tal especificidade, tanto Giedion como Mindlin vão sacar de noções como a miscigenação racial brasileira, a elasticidade mental de nosso povo, a integração com a natureza tropical... O mesmo Giedion que prefaciaria o livro sobre Reidy lançado na Alemanha em 1961!

Mindlin concebeu sua obra como suplemento do catálogo "Brazil Builds" (texto de Philip Goodwin, fotos de Kidder Smith), publicado pelo MoMA de Nova York, em 1943, por ocasião da exposição que apresentou para o mundo a percepção de uma tradição nacional. Não custa lembrar ao leitor que tal invenção, apresentada como descoberta, foi lavra do mestre Lucio Costa, que passou toda a vida costurando e recosturando sua versão.

No livro de Mindlin a gênese de nossa arquitetura moderna é tratada como algo inquestionável. A finalidade do livro era cantar uma ode em homenagem à nossa arquitetura, enaltecê-la mais uma vez, dar-lhe uma amplitude ainda larga, espraiando para um número muito maior de autores e obras os epítetos anteriormente atribuídos apenas aos mestres. Nada mais natural, portanto, do que trazer mais uma vez à tona os argumentos de sempre, alinhando os novos espécimes arquitetônicos na pauta da tradição moderna brasileira. Tradição à qual pertencem Reidy e Lelé, como fazem questão de assinalar, ao alinhá-los no panteão com Costa e Niemeyer, os responsáveis pelos livros.

O problema é que a ausência de uma base política, social e tecnológica necessária à introdução da arquitetura moderna em nosso país foi um dos argumentos mais fortes para a sedimentação de uma visão mais ácida da crítica internacional em relação à arquitetura moderna brasileira.

O selo de "formalismo" dado às obras de Niemeyer e companheiros tinha como principal aliado, por ironia do destino, o próprio discurso hegemônico de atribuir à nossa arquitetura características inatas de nosso povo —uma espécie de flor rara que brota espontaneamente do próprio solo. A falta de clareza de que a arquitetura realizada no Brasil só poderia ser defendida com argumentos arquitetônicos permitiu que a crítica internacional —algumas vezes canhestra, apressada e caricata— retirasse quase por completo nossos representantes de seu manuais e de suas especulações.

Boas intenções

Armadilha intuída por Bonduki, que busca uma explicação mais abrangente para a obra de Reidy, mas sem evitar a contaminação ideológica ao qualificá-lo pelo atendimento das demandas dos oprimidos. Acontece que o verdadeiro estatuto do autor do MAM e de Pedregulho —um dos mais importantes arquitetos do século— jamais poderá se materializar com um discurso que destaca fundamentalmente sua estatura ética e princípios políticos, mesmo que estes sejam a mola propulsora de sua excepcional participação. E por um motivo muito simples: as boas intenções são condições necessárias, mas não suficientes, para uma arquitetura adequada às reais necessidades de uma sociedade.

Os lançamentos editoriais nos colocam diante de uma situação paradoxal: no momento em que a historiografia brasileira da arquitetura ameaça os primeiros passos na busca de respostas menos ideológicas, eis que acontecem os lançamentos, por um lado, de uma das obras mais significativas na montagem da visão mais edulcorada de nosso passado arquitetônico, onde todo tipo de conflito, dúvida ou desvio são esmagados pelo rolo compressor da tradição e, por outro, de catálogos laudatórios de dois nobres representantes desta mesma tradição forjada.

Se é inquestionável a qualidade da maior parte da arquitetura apresentada nos três volumes, do ponto de vista da crítica e da história da arquitetura, o mais importante é o visível descompasso entre a qualidade arquitetônica que sobrevive ao tempo —e que

LEI DE

O cidadão privado

Escritos Urbanos
Lúcio Kowarick
Editora 34 (Tel. 0/xx/11/816-6777)
144 págs., R$ 18,00

RAQUEL ROLNIK

"Escritos Urbanos" é a rara oportunidade que tem o leitor interessado na questão urbana de seguir as tramas de uma longa trajetória intelectual, voltada para desvendar as complexas relações entre as dimensões econômicas, territoriais e políticas do desenvolvimento urbano brasileiro.

No livro, o autor reconstrói um percurso inaugurado nos anos 70, quando pela primeira vez a sociologia brasileira reconhece a pertinência e especificidade do urbano como objeto de pesquisa e recorte teórico. Aquele momento, influenciado pelo pensamento marxista estruturalista francês, foi marcado por uma leitura do modelo de urbanização resultante do "milagre brasileiro" a partir do papel da acumulação capitalista, do Estado e dos meios de consumo coletivo.

Sob essa perspectiva, Lúcio Kowarick lança a noção de *espoliação urbana*, nomeando um processo eminentemente urbano de exploração da força de trabalho, que opera mediante a inserção precária dos trabalhadores na cidade.

O conceito de espoliação urbana influenciou toda uma geração de estudos, mas também inspirou a visão estratégica de lideranças e técnicos engajados diretamente nas lutas urbanas que se intensificaram no país a partir do início dos anos 80. Esse talvez seja um dos traços mais marcantes e peculiares do percurso intelectual do autor: seu pensamento tem a vitalidade de quem pensa a partir e para uma sociedade em movimento. Assim, deixa-se positivamente contaminar pelas novas indagações que povoam o universo das lutas por uma cidade (e portanto, uma sociedade) mais justa.

Por essa razão, a noção de *experiência, de subjetividade social*, transforma o determinismo macroestrutural inicial em pano de fundo de uma cena protagonizada por atores, por agentes reais. O livro que marca esta transição é "As Lutas Sociais e a Cidade", inspirado nas greves de São Bernardo e São Paulo, de 1978 a 1980.

Da mesma forma, no movimento seguinte, o autor escapa das leituras que demonizam o Estado e divinizam os movimentos sociais, partindo para uma discussão mais profunda da questão da democracia e trazendo à tona o tema da cidadania.

Mais uma vez, os recortes e temas têm a ver com as conjunturas políticas: o final dos anos 80 e início dos 90 trazem à tona as experiências no Brasil de gestões locais que se pretendem democráticas e populares. E, assim, personagens que se situavam claramente em oposição ao Estado passam a assumir tarefas de governo, sobretudo nos poderes Legislativo e Executivo municipais. Os ensaios produzidos pelo autor nesse período —os últimos do livro— ressoam, embora de forma indireta, os novos desafios teórico-políticos advindos dessa nova configuração. Cidadania e espaço público passam então a constituir o núcleo central da investigação do autor. Segundo este, é preciso "refletir acerca de um sistema político que segue as regras democráticas, mas não consegue diminuir as vastas exclusões sociais e econômicas: como pode haver liberdade política e extrema desigualdade social e econômica?".

Para Kowarick, a chave para entender a lógica política desta situação paradoxal são as noções de cidadão privado e subcidadão público —o espaço público é regido não por regras explícitas e universais, mas por critérios de inclusão e exclusão de direitos e deveres marcados pelo favoritismo, arbítrio e violência. Assim, instaura-se o primado do cidadão privado, "aquele que, com seu esforço e perseverança, venceu na vida, pois ergueu durante muitos e penosos anos a sua própria casa".

Desse modo, se enlaçam de forma perversa a lógica da autoprodução da moradia, lugar destinado aos trabalhadores na cidade, à lógica da concentração do poder e sua perpetuação, mesmo sob regimes formalmente democráticos.

Finalmente, no último ensaio de "Escritos Urbanos" ("Investigação Urbana e Sociedade"), o autor revela as razões que o levaram a publicar um livro apresentando (e rediscutindo!) um a um os conceitos que foram sendo construídos ao longo de seu percurso intelectual. Transcrevo suas palavras, que definem a posição a partir da qual Kowarick situa sua fala: "O investigador urbano não é um agente de transformação social e política.

Seu papel fundamental reside na produção crítica de conhecimentos na acepção mais forte e rigorosa do termo. Seu papel é *subversivo*, isto é, revolver, perturbar, desordenar o estado das coisas e das idéias, transtornando a interpretação consagrada, a ação tida como correta e eficaz, a hierarquia dos valores e a racionalidade dominante. Subverter significa questionar e checar teorias, métodos e categorias analíticas; significa também questionar e desvendar as práticas sociais dos mais variados grupos presentes nas hierarquias da sociedade, com especial atenção para os múltiplos valores, símbolos, tradições

Figura 35 - Caderno Jornal de Resenhas. Folha de S. Paulo de 12 de agosto de 2000. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

Outro interessante texto do Jornal de Resenhas é o *"Casa e Cidade"* (Folha de S. Paulo de 08 de junho de 2002) de Joaquim Guedes, no qual ele aborda o livro ***Rino Levi – Arquitetura e Cidade*** de Renato Anelli. Nessa resenha, além de citar a referida publicação, Joaquim Guedes, mesmo que brevemente, analisa a produção e a importância de Rino Levi para a arquitetura brasileira.

Discurso Editorial/USP/Unesp/UFMG/Unicamp/ FOLHA DE S.PAULO JORNAL DE RESENHAS sábado, 8 de junho de 2002 ESPECIAL 5

Rino Levi – Arquitetura e Cidade
Pesquisa e textos: Renato Anelli
Coordenação editorial: Abilio Guerra
Ensaio fotográfico: Nelson Kon
Romano Guerra Editora
(Tel. 0/xx/11/288-8060)
324 págs., R$ 80,00

JOAQUIM GUEDES

Casa e cidade

Um mestre da moderna arquitetura brasileira

O grande arquiteto brasileiro Rino Levi nasceu em São Paulo em 1901, de pais italianos, e formou-se em Roma. Há 400 publicações dispersas sobre ele, a maioria estrangeira, número esparuoso, sobretudo para quem se mantenve longe da obrigação da pesquisa acadêmica. Existe, completamente esgotado há anos, o livro "Rino Levi" (Edizioni di Comunità, Milão, 1974). Mas este é o primeiro livro no Brasil, publicado 37 anos após sua morte (1965), que organiza (ou desorganiza) as imagens com todas as repetições, cores e escalas a que tem direito. Destaco o corajoso prefácio de Lúcio Gomes Machado.

Rino era discreto. Embora o admirássemos, eu não imaginava que fosse tão conhecido e respeitado, como ao ouvir o arquiteto finlandês Heikki Siren dizer em voz baixa, no Rio de Janeiro, em 1963, enquanto Rino falava do outro lado da mesa: "Ele é um dos grandes mestres do racionalismo mundial".

O livro se abre com seis fotos de interiores residenciais, em que Rino Levi era exímio. Ótimo, porque a casa condensa todos os grandes problemas da arquitetura, sendo considerada o laboratório por excelência da invenção arquitetônica do século 20 e da investigação dos limites da arte de construir o espaço humano possível em cada momento e lugar.

Citam-se muitas casas de Alvar Aalto; a casa da Cascata, de Frank Lloyd Wright; a Savoye, de Le Corbusier; a Farnsworth, de Mies van der Rohe; além das de Jean Prouvé, Marcel Breuer, Buckminster Fuller, Frank Gehry etc. Muitas vezes mostrei a própria residência de Rino Levi, na esquina das ruas Bélgica e Suécia, em São Paulo, como uma das obras mais importantes do Brasil.

O terreno irregular é totalmente fechado pela construção, cede os recuos legais à rua e os recupera como jardim público, onde as únicas janelas são as da cozinha! Os espaços interiores de uso diurno, dormitórios e serviços se distribuem em torno de três pátios perfeitos, em que as aberturas não são janelas quaisquer, são "constructos" complexos e especiais em cada caso, considerando vistas, orientação e natureza das atividades. Sobre a entrada principal, uma reentrância na esquina, o corte, inclinado em planta, da cobertura alarga as ondas nuas das telhas de fibrocimento, as tercas expostas.

A primeira aula de Rino Levi na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, em agosto de 1954, começou assim: "Hoje nós projetamos de dentro para fora. Vamos ao terreno e imaginamos como viver nele, desde a entrada, os movimentos, o lugar da mesa, dos livros, sofás, camas, os aparelhos sanitários, equipamentos de cozinha... Aí colocamos as paredes, definimos espaços, aberturas, começam os detalhes". "Nunca se atrelou a modelos", comprometido apenas "com a arte e a técnica de seu tempo, com os costumes e a natureza de seu país", diz Antonio Carlos Sant'Anna Jr. numa das apresentações do livro. Seu mestre em Roma, autor do edifício Matarazzo em São Paulo, o "grande Marcello Piacentini" lutava por formar um "arquiteto integral, capaz de intervir com competência nas grandes transformações por que passavam as velhas cidades", segundo o depoimento de Roberto Cerqueira César, em outra das apresentações ao texto de Renato Anelli. Creio, como Piacentini, que se deva desenvolver "a eficácia dos arquitetos, com uma formação técnica e científica mais completa", um método de trabalho abrangente que permita à arquitetura triunfar sobre os complexos problemas a resolver.

No fundo, arquitetura-cidade como uma só coisa. Piacentini defendia o respeito às peculiaridades italianas, destacando entre elas as exigências especiais do clima. O jovem Rino transpôs as lições no famoso artigo "Arquitetura e Estética das Cidades", enviado da Itália em 1925. Como observa Anelli, queria compatibilizar "a universalidade inerente ao moderno com as especificidades brasileiras". Desde o início, procurava "uma arquitetura com 'alma brasileira', entendida como um caráter decorrente da interpretação do clima, natureza e costumes brasileiros", segundo as palavras de Sant'Anna Jr.

Responsabilidade social

Se Piacentini tivesse construído a nova Cidade Universitária do Rio de Janeiro, ao que fora convidado e depois dispensado pelo ministro Gustavo Capanema, sendo substituído por Le Corbusier, é possível que nossa arquitetura fosse outra. O barroco colonial foi adotado como referência histórica e identidade permanente e única, limitando nossa formação e aquilo que aí está: retórica obscura, formas indiferentes à vida, ineficientes, inóspitas.

Rino foi arauto do crescimento urbano planejado, do estímulo à cidade vertical e controlada, do zoneamento, da metropolização como modernidade, pioneiro do discurso sobre "a responsabilidade social do arquiteto". Confrontando, pela primeira vez, o pensamento de dois mestres, Anelli afirma que Rino é criticado por Lúcio Costa, que defende "uma nova cidade brasileira, onde se conciliassem modernidade e passado colonial, do qual deveríamos resgatar a intimidade da casa rural com a natureza, propícia a um modo de viver sereno e tranqüilo".

Os desenhos do livro são rigorosos, densos de pequenas e grandes idéias. Devem ter causado uma verdadeira revolução. Detalhes primorosos inovavam, como o da porta de canto envidraçada da sala, em ângulo, sem aresta, que se abre para o terraço curvo e livre do edifício Columbus, na avenida Brigadeiro Luís Antônio, em São Paulo (já demolido). Aqui não é razoável lembrar o arquiteto expressionista alemão Eric Mendelsohn. Embora as curvas do observatório Einstein, em Berlim, com seus espaços internos torturados, estejam em nossas retinas para sempre, dizer que Rino foi "influenciado" por ele, pela moda da apropriação do legado romano entre os italianos, ou ainda por Gropius não ajuda a compreender a gênese daquele canto nem os edifícios Schiesser, Cine Ufa (Arte Palácio), hospitais ou casas.

Numa viagem, Rino me falou sobre seu amor à matemática, que estudara por dez anos, todas as noites, até altas horas. Acreditava que ela fosse o instrumental lógico para elucidar o sentido do mundo e inventar a construção perfeita do ambiente humano. Decepcionado, passara a considerá-la inútil. Hoje, penso que já havia incorporado aos seus neurônios uma "metamatemática" sensível, humanizada, que gerou detalhe por detalhe seus extraordinários edifícios. Olhem as grelhas quadradas de concreto pré-moldado vistas contra pilares, lajes e passarelas sinuosas da Faculdade Sedes Sapientiae, em São Paulo, mostradas nos excelentes fotográficos de Nelson Kon produzidos para o livro de Anelli. Às vezes, uma simples planta de prefeitura e alguns detalhes à volta eram suficientes e faziam milagres. Desenhava muito, "desenhava construção", sentado à prancheta o tempo todo até o fim da tarde, quando saía a ver amigos, como gostava de contar meu querido amigo e sócio, o arquiteto Carlos Milan, morto tragicamente em 1964.

O livro contém preciosas informações sobre o ambiente da arquitetura na Itália entre as guerras, que demonstram a originalidade das plantas de alguns pátios de Rino em relação à mediterraneidade fascista ou a dois refinados arquitetos italianos, Daniele Calabi e Bernard Rudofsky, muito publicados nas revistas de arquitetura de Milão e que chegaram ao Brasil em 1939.

Aliás, certa vez topei com um magnífico projeto de Rudofsky, intitulado "Casa per una Donna senza Pregiudizie" ("Casa para uma Mulher sem Preconceito"). O tema eram muros e pátios, vestidos e sandálias, que podiam ser facilmente calçadas e descalçadas, miradas exclusivas por janelas internas e externas, camas baixas que permitiam aos amantes cair e rolar sobre tapetes até o gramado. Lascívia. Para mim, foi uma preciosa descoberta, aos 18 anos, do programa de necessidades do cliente como cultura-guia no processo de invenção da construção da forma (evidentemente, ainda hoje continuo questionando a fertilidade do programa em pleno fascismo).

Lúcio Costa e Rino

Rino, já maduro em 1940, não estava à mercê de atávicas reminiscências romanas, do repertório renascentista ou da moda que chegava da Europa. Ele inventara aqui, em sereno exercício da razão emocionada, pátios para introspecção, sociabilidade, lazer e trabalho, criando magníficos jardins, um "panorama artificial" em lote plano e confinado, a substituir a paisagem impossível na baixada do Pinheiros. É relevante para os estudos brasileiros o confronto que Anelli estabelece entre as interpretações de Brasil dos terraços de Lúcio Costa e dos pátios de Rino.

Devo a Carlos Milan ter-me mostrado a singular importância dos desenhos de Rino Levi e Cerqueira César, suas maneiras elegantes, corajosas e diretas de escolher e utilizar os materiais necessários e suficientes em cada caso. Quanto a Levi, os exemplos são muitos: o Cine Universo, em São Paulo, com capacidade para 4.500 pessoas, onde o teto se abria; a inserção urbana do conjunto Iapi (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários); o edifício Porchat (SP); o Cine Ipiranga (SP), com a magistral estratégia da entrada invertida sob palco e hotel; o terraço jardim do Café Jardim (SP); a arquitetura das indústrias e fazenda em São José dos Campos, destaque especial à casa grande de Olivo Gomes, com a espetacular parceria dos Gomes, de Burle-Marx e do pintor de telas e paredes, meu primeiro vizinho de escritório Rebolo Gonsales.

Ouso dizer que Rino Levi e Lina Bo Bardi foram os mais competentes arquitetos brasileiros de seu tempo. Ele, preocupado com o Brasil, discorria encantado sobre maranatas de sua casa e bromélias, que colecionava. Morreu a procurá-las no morro do Chapéu, no interior da Bahia, ao lado de Burle-Marx. Lina, além das obras, foi autora da imensa exposição, hoje perdida, "A Mão do Povo Brasileiro", prova do amor pelo país que adotara. Ambos constituem a iluminada "outra face da arquitetura brasileira", a face questionadora: eram "italianos".

Gostaria que o livro se chamasse "Rino Levi, Roberto Cerqueira César e Luís Roberto Carvalho Franco - Arquitetura e Cidade". Juntos, eles deram a grande lição possível sobre a cidade moderna, na inserção pontual, perfeita e conciliada das edificações urbanas: o Columbus, cinemas, teatros, casas, apartamentos, escritórios, indústrias, bancos, hospitais e o notável edifício da Fiesp (1969), de Cerqueira César e Franco, sem Rino. É muito! Muito mais do que os projetos para as Residências da USP, para o Paço de Santo André (SP) ou o interessante plano de Brasília (como se sabe, Rino ficou em terceiro lugar no concurso para o plano piloto da cidade), assumido, de modo consciente e quase acintoso, como pura pesquisa, pois sabia que jamais ganharia o concurso. A melhor cidade parece ser um taxido de projetas singulares em conflito, conciliação e reinvenção permanentes, insubmissos às ideologias e geometrias simplificadoras.

Joaquim Guedes é arquiteto e professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP

Rino Levi, "Residência Rino Levi", reprodução

Rino Levi, "Edifício Columbus", reprodução

Figura 36 - Caderno Jornal de Resenhas. Folha de S. Paulo de 08 de junho de 2002. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

Mesmo com a interrupção na publicação do Jornal de Resenhas pela *Folha de S. Paulo*, esta não deixou de publicar e convidar professores e importantes profissionais para a análise de livros de relevância para a arquitetura. Sem o Jornal de Resenhas a crítica sobre publicações foi elencada no caderno Ilustrada, que possui como característica abordar temas de artes e cultura dentro do jornal Folha de S. Paulo.

Exemplos dessa continuidade crítica são os artigos e análises dos arquitetos Renato Anelli e Fernando Serapião. Com o texto *"Autor discute contradições do modernismo na arquitetura"* (Folha de S. Paulo de 23 de fevereiro de 2008) o professor Renato Anelli faz uma análise crítica sobre o livro ***Carradas de razão – Lucio Costa e a arquitetura moderna brasileira*** de Otavio Leonídio. Nesse texto Renato Anelli comenta a relação entre as proposições para a arquitetura moderna de Lucio Costa e as dos modernistas de 1922 para os demais campos das artes.

Crítica/'Carradas de Razão - Lucio Costa e a Arquitetura Moderna Brasileira'

Autor discute contradições do modernismo na arquitetura

RENATO ANELLI
ESPECIAL PARA A FOLHA

A relação entre as proposições de Lucio Costa para a arquitetura moderna e as dos modernistas de 1922 para os demais campos das artes é o principal assunto de "Carradas de Razão - Lucio Costa e a Arquitetura Moderna Brasileira", Otavio Leonídio coloca em discussão a tese já bastante difundida na qual a arquitetura moderna brasileira seria a realização, no campo da arquitetura, de um projeto cultural que reuniu a construção da identidade nacional à atualização estética perante as inovações das vanguardas européias.

Para isso, o autor elabora uma argumentação fundamentada em interpretação ousada: a concepção de Mário de Andrade para as artes, por basear-se no resgate do popular, apresentaria contradições com a liberdade formal que caracteriza a obra de Oscar Niemeyer, o maior expoente do moderno na arquitetura brasileira.

É uma interpretação que acentua o caráter normativo para a construção da brasilidade em Mário de Andrade, o qual teria exigido de Costa a construção de uma certa independência da arquitetura. Seria esse um processo de libertação do "imperialismo literário", expressão usada por Antonio Candido para criticar a preponderância dos literatos sobre as outras artes na história cultural brasileira, sem a qual a arquitetura moderna brasileira ficaria presa a um caráter analítico de reinterpretação do legado colonial ou de outros componentes da brasilidade modernista tais como a cultura popular e o artesanato.

Com uma questão desse porte, o autor constrói cuidadosamente sua argumentação através de minuciosas análises dos textos citados, reproduzindo deles longos trechos que permitem ao leitor acompanhar a profundidade da sua exegese. Arquiteto de formação e prática, Leonídio decidiu, por opção de método, concentrar seu estudo na obra teórica de Costa, evitando se estender à sua produção nas áreas de patrimônio histórico (onde atuou na construção do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual Iphan) e de projeto de arquitetura e urbanismo (entre os quais se destaca o plano urbanístico de Brasília).

Niels Andreas - 28.out.1991/Folha Imagem

O arquiteto e urbanista Lucio Costa (1902-1998) no IAB-SP

Assim, o autor percorre a discussão do neocolonial, a aproximação com Gregori Warchavchik, os episódios do Ministério da Educação e Saúde e da Cidade Universitária do Brasil (ambos envolvendo Le Corbusier) e restringe o período estudado a 1951, quando identifica que a arquitetura moderna brasileira atinge o que foi chamado de "bem-estar da modernidade".

Em um dos pontos altos do livro, Leonídio resgata a polêmica sobre o projeto de Niemeyer para o Grande Hotel de Ouro Preto (1938-39), quando Costa brande o argumento de que para discutir arquitetura teria de se ter algum conhecimento mínimo do "ofício".

Uma posição forte, que pretendia defender a existência de certas especificidades do saber sobre arquitetura, assim como nas demais artes, sem as quais qualquer crítica se torna superficial. Entretanto, é necessário reconhecer que essa formulação sustentou também uma atitude antiintelectual e corporativa que ainda hoje evita o aprofundamento de qualquer debate sobre a arquitetura contemporânea no Brasil fora do meio acadêmico.

"Carradas de Razões" (parte de uma frase proferida por José Marianno Filho em seu debate com Costa) pretende superar esse limite no qual a própria arquitetura se encerrou, destinando-se a ser lido por todos aqueles, arquitetos ou não, que consideram que o modernismo brasileiro ainda está longe de ter atingido interpretações consensuais.

RENATO ANELLI é professor titular e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da USP-São Carlos

CARRADAS DE RAZÃO - LUCIO COSTA E A ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA
Autor: Otavio Leonídio
Editora: PUC-Rio/Loyola
Quanto: R$ 49 (352 págs.)
Avaliação: ótimo

Figura 37 - Caderno Ilustrada. Folha de S. Paulo de 23 de fevereiro de 2008. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

Já Fernando Serapião no texto *"Revista espanhola joga luz sobre Artigas"* (Folha de S. Paulo de 27 de agosto de 2010) analisa a edição especial da Revista 2G dedicada a Vilanova Artigas que mostra, internacionalmente, a importância do arquiteto para o desenvolvimento da arquitetura paulista.

FOLHA DE S.PAULO — SEXTA-FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 2010 — ilustrada E11

Terminal de ônibus em Jaú (SP), projeto do arquiteto brasileiro Vilanova Artigas (1915-1985), cuja obra é analisada pela espanhola "2G", que já abordou Lina Bo Bardi e Paulo Mendes da Rocha

CRÍTICA ARQUITETURA

Revista espanhola joga luz sobre Artigas

Número da "2G" dedicado ao autor da FAU/USP ajuda estrangeiro a compreender a escola paulista de arquitetura

FERNANDO SERAPIÃO
ESPECIAL PARA A FOLHA

Uma monografia publicada na Espanha sobre o arquiteto brasileiro Vilanova Artigas (1915-1985) deve amenizar a lacuna entre os pesquisadores estrangeiros a respeito do brutalismo paulista, ou escola paulista, movimento cultural que protagoniza a cena arquitetônica brasileira há 50 anos.

Em linhas gerais, seus adeptos criaram obras introspectivas em concreto aparente e espaços contínuos. A ênfase no coletivo apoiava-se em discurso político progressista. Artigas foi o líder intelectual do movimento e autor do mais emblemático edifício: a FAU/USP, de onde saíram parte dos integrantes.

A escassez de publicações internacionais limita a discussão ao âmbito brasileiro.

Quem ilumina o tema é o mais recente número da revista espanhola de arquitetura "2G", de uma importante editora do setor.

Mesclando produções modernas e contemporâneas, a "2G" publica quatro números monográficos anuais. Ela já havia focado dois outros arquitetos brasileiros: Lina Bo Bardi e Paulo Mendes da Rocha. O editor teve a ideia quando esteve em São Paulo para preparar a edição de Mendes da Rocha.

"Eu conhecia a obra de Vilanova Artigas através de livros, mas, ao vê-la de perto, ficou claro que precisava fazer um número sobre ele", conta Moisés Puente.

O artigo de peso é assinado pelo prestigiado crítico inglês Kenneth Frampton. Autor do clássico "História Crítica da Arquitetura Moderna" (Martins Fontes), há pouco mais de uma década atrás, Frampton ignorava parte da produção brasileira.

Na ocasião, escreveu um mea-culpa confessando pouco conhecer a obra de Mendes da Rocha, o mais destacado discípulo de Artigas.

O AUTOR CHAMA A ATENÇÃO PARA O "IMPULSO ERÓTICO" DE ARTIGAS EM ABRIR PONTO DE LUZ NO ENCONTRO ENTRE VIGA E PILAR

KON E WISNIK

O texto de Frampton na "2G" certamente irá ajudar a difundir as ideias do movimento paulista, mas, para os especialistas locais, ele não abre novas janelas.

Com talento, o autor analisa cobertumas e rampas, dois elementos fundamentais na poética do arquiteto. Ele chama a atenção para o "impulso erótico, quase perverso" de Artigas em abrir um ponto de luz no encontro entre a viga e o pilar.

Quem rouba a cena é Nelson Kon (o mais destacado fotógrafo de arquitetura do país, que fez 14 ensaios para a edição) e o texto do crítico brasileiro Guilherme Wisnik, organizador do número.

Em sua análise, o brasileiro descreve com mais propriedade o contexto histórico, político e social. De forma menos óbvia, ele cruza informações biográficas com as diferentes fases da produção do arquiteto e abre janelas interpretativas, como os possíveis pontos de contato entre Artigas e Hélio Oiticica.

Contudo, excluindo citações a Mendes da Rocha, Wisnik (assim como Frampton) não ilumina possíveis contribuições decisivas para o movimento criadas por arquitetos como Pedro Paulo de Melo Saraiva e Joaquim Guedes. Algumas pistas bastariam para deixar claro que não existiu só um mestre e um discípulo talentoso.

Por fim, de maneira corajosa, Wisnik conclui trazendo os preceitos da escola paulista para as gerações mais novas. Para ele, se é difícil atualizar o movimento por meio de seu conteúdo moral, é possível ainda utilizar suas virtudes espaciais. Fica uma pergunta: mas isso não resulta em maneirismos?

FERNANDO SERAPIÃO é arquiteto e editor-assistente da revista "Projeto Design"

2G - JOÃO VILANOVA ARTIGAS (Nº 54)
AUTORES Guilherme Wisnik (editor convidado), Kenneth Frampton e Vilanova Artigas
EDITORA Gustavo Gili
QUANTO R$ 91,64 (150 págs.)
AVALIAÇÃO Bom

Figura 38 - Caderno Ilustrada - Folha de S. Paulo de 27 de agosto de 2010. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

Esses exemplos nos mostram como análises críticas sobre a produção editorial pode ajudar na melhoria da mesma, além de proporcionar ao público em geral uma introdução ao campo da arquitetura, provocando novas discussões e propiciando a melhoria na prática e na produção crítica da arquitetura.

Uma abordagem extremamente rica e de qualidade sobre a arquitetura são textos e artigos analisando a obra ou características de um determinado arquiteto, principalmente dos grandes nomes da arquitetura. Entre um desses nomes que sempre merece destaque em artigos nos jornais pesquisados é Oscar Niemeyer, tanto devido as comemorações de seu centenário como por causa de sua atuação profissional e reconhecimento internacional, sempre gerando muitos debates, discussões e polêmicas.

Sobre tais aspectos e para ilustrar o fascínio e o destaque que Niemeyer exerce na imprensa brasileira foram elencados três artigos que abordam o arquiteto. São três

autores diferentes – Carlos Lemos, Fernando Serapião e Hugo Segawa – com análises também diferentes sobre Niemeyer, propiciando assim uma discussão interessante e com diversos pontos de vista dentro do jornal para um público diversificado, gerando informação de qualidade e fornecendo, de alguma maneira, conhecimento sobre o tema para esse público.

Em seu artigo *"Modernismo entre colunas e curvas"* (*Caderno Mais! Folha de S. Paulo de 17 de abril de 2005,* figura 39) Carlos Lemos aborda alguns aspectos e diferenças sobre conceitos e comportamentos entre arquitetos do Rio de Janeiro e São Paulo. O professor aborda desde a formação e aspectos técnicos das fundações das escolas das duas cidades, passando pelo destaque carioca durante o século XX até a produção paulista. Carlos Lemos tenta expor as diferenças de posturas, abordagens e características técnicas da arquitetura carioca (exemplificada por Oscar Niemeyer) e da paulista (com forte influência de Vilanova Artigas), fazendo uma análise interessante e dando um panorama geral da diferença entre as duas escolas.

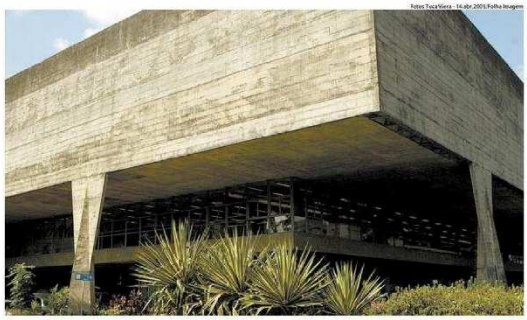
Já Fernando Serapião em seu texto *"E assim ele criou a curva livre..."* (O Estado de S. Paulo de 15 de dezembro de 2007, figura 40) analisa vida e obra de Oscar Niemeyer, em decorrência das comemorações do centenário do arquiteto. Neste ensaio Fernando Serapião aborda desde a participação decisiva de Oscar Niemeyer no projeto do edifício do Ministério da Educação e Saúde, influenciado por Le Corbusier, passando por seu ápice na construção de Brasília e pela Pampulha. No texto Serapião aborda as características da obra do arquiteto comentando que, em sua opinião, Oscar Niemeyer está entre os dez maiores e mais importantes arquitetos do século XX, em uma lista que contêm: Le Corbusier, Mies van der Rohe, Alvar Aalto, Walter Gropius, Kenzo Tange, James Stirling, Aldo Rossi, Frank Lloyd Wright e Louis Kahn.

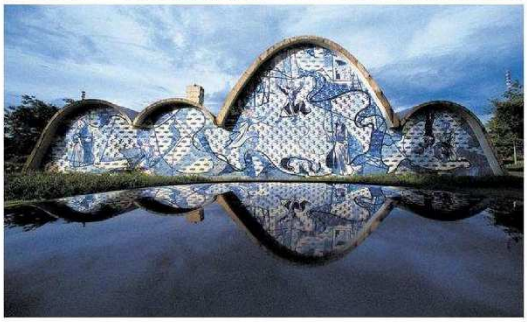
Neste ensaio fica evidenciado a importância que Niemeyer tem para a arquitetura moderna brasileira, tanto em sua formação e consolidação como em seu reconhecimento internacional e é extremamente importante que tal discussão esteja em um meio de ampla divulgação e alcance, não apenas para um público especializado.

Criação da Escola Politécnica levou ao predomínio da técnica entre os arquitetos paulistas, como Vilanova Artigas, os quais acabaram se contrapondo à liberdade plástica da escola carioca, como em Niemeyer

MODERNISMO ENTRE COLUNAS E CURVAS

Fotos Tuca Vieira - 16.abr.2005/Folha Imagem





CARLOS A.C. LEMOS
ESPECIAL PARA A FOLHA

Em seu concurso na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, em junho de 1984, João Batista Vilanova Artigas, respondendo a uma das argüições, disse: "Quando Carlos Lemos termina seu livro sobre arquitetura brasileira, me atribui a responsabilidade de ter criado a arquitetura paulista. Ele poderia ter levado isso mais além: O que Artigas fez para poder criar uma arquitetura dele? Fiquei com esse peso enorme na cabeça e com a necessidade de dizer: 'Que diabo, se você criou uma arquitetura paulista, onde ela está?'.".

Em seguida, aquele emérito professor aceita a idéia de ele ter feito "uma arquitetura diferente daquela que se faz no Rio", sugerindo, inclusive, a existência de "uma espécie de oposição entre Rio e São Paulo", idéia "sem sentido". Agora, passados mais de 20 anos, vimos aqui tentar responder suas prudentes dúvidas, pois certamente estará fazendo charme diante de Carlos Guilherme Mota, seu argüidor.

Estas nossas reflexões evidentemente nada têm a ver com a sempre propalada rixa entre cariocas e paulistas. Simplesmente vamos tentar aqui discorrer sobre diferenças entre conceitos ou comportamentos que percebemos existir entre arquitetos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Tudo decorrência de escolas diversas — e nem ficamos juízos de valor daquilo que hoje se pratica.

Aspectos técnicos

Quando fundaram a Escola Politécnica de São Paulo, em 1894, Paula Souza e Ramos de Azevedo estavam imbuídos de uma certeza: haveriam de criar uma entidade que ensinasse ciências exatas, sistemas racionais de estruturas autônomas, resistência dos materiais e, enfim, tudo aquilo que o progresso trazido pelo café estivesse exigindo, não só nas construções das estradas de ferro, com suas pontes, viadutos e túneis, mas também nas obras urbanas e novos edifícios trazidos por inesperadas programas, sobretudo aqueles ligados à nascente indústria. Chegava a ser calamitosa a ausência de profissionais habilitados.

Com esse espírito, a Politécnica abriu suas portas. O próprio Ramos, já nesses dias arquiteto famosíssimo, em suas disciplinas dava aulas voltadas aos aspectos técnicos, deixando para outros as lições sobre história das artes, estilos e demais matérias inspiradas no currículo da "Beaux Arts" de Paris. A construção em si era o que importava no momento. São Paulo necessitava de gente apta a enfrentar as solicitações do progresso. O professor Anhaia Mello resumiu tudo com a expressão: "Ansiava a arquitetura divorciada da construção. (...)". Agora, era a vez do edifício bem feito e belo.

No final do século 19, no Rio de Janeiro, também já se chegava a uma conclusão semelhante àquela dos fundadores da Politécnica paulista. Uma comissão do Instituto Politécnico Brasileiro, ainda em 1870, comentava que o arquiteto saído da Academia Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro não tinha "noção alguma de resistência dos materiais e muito menos de sua estrutura, composição química e aplicações racionais, além da natureza dos terrenos, das condições de higiene, ventilação, aquecimento etc. etc. Oferece apenas os elementos para formar desenhistas".

Esse texto, na verdade, sugeria que os arquitetos cariocas saídos da academia como "desenhistas" estavam tão-somente aptos a projetar fachadas e pormenores "artísticos" de acabamento. Ainda 30 e tantos anos depois, já nos princípios do século 20, o prefeito Passos inspirou os famosos concursos de fachadas para os novos edifícios da avenida Central, confirmando a assertiva de Anhaia Mello, demonstrando a permanência, ainda nas construções cariocas, daquela divórcio entre a arquitetura e a construção.

Hoje, daqui de São Paulo, não sabemos dizer com precisão, pensamos que aquele espírito esteticizante alheio às ciências da construção perdurou até os anos 30, quando da "revolução" pedagógica instalada por Lúcio Costa no curso de arquitetura da academia.

Diferentes posturas

Os anos passaram, as técnicas se aperfeiçoaram, as escolas de arquitetura se multiplicaram, mas em plena segunda metade do século 20 ainda podíamos perceber no ar uma diferença de postura — ou de comportamento — entre arquitetos cariocas e paulistas ditos modernos diante das questões estruturais, sobretudo em relação ao concreto armado.

No livro "Brazil Builds" [Brasil Constrói], editado em 1942 pelo Museu de Arte Moderna de Nova York, já vemos, até aquele ano, a hegemonia flagrante da arquitetura carioca. Ali, os paulistas são minoritários, com dois ou três projetos de Rino Levi e Warchavchik. Na verdade, para os americanos, arquitetura moderna brasileira era aquela dos arquitetos formados no Rio e, com eles, como se tivesse havido um acordo tácito, uma mesma linguagem "tropical" envolvendo e condicionando a produção evidentemente inspirada em Le Corbusier.

A intenção plástica, tão bem identificada por Lúcio Costa, se sobrepujando a tudo, a todas os demais determinantes do partido arquitetônico. Beleza e plasticidade antes de tudo. Os velhos dogmas estéticos da Academia de Grandjean de Montigny ainda vigiam traduzidos pela modernidade funcionalista. E, nos primeiros dias dos anos 40 do século passado, Oscar Niemeyer submete o concreto armado à sua vontade e inaugura a liberdade plástica na arquitetura moderna brasileira. Liberdade às margens plácidas do lago da Pampulha, em Belo Horizonte.

Na Pampulha, a igreja de São Francisco de Assis apresenta abóbadas saídas diretamente do chão e pela primeira vez o espaço litúrgico é definido sem o auxílio de colunas ou de paredes. Tudo ali é inusitado, do púlpito ao rés-do-chão, a falta de rebaixo, substituído por grande pintura de Cândido Portinari, os azulejos da fachada posterior, a sineira, a iluminação zenital da área do altar, tudo, porém, satisfazendo ao programa milenar do ritual católico. Continente inesperado para um conteúdo tradicional.

É desnecessário recordar aqui toda a trajetória da arquitetura de Oscar depois dos anos 40. Somente devemos gravar a constatação de que a curva, tanto na sinuosidade das lajes como na formação das abóbadas, as mais variadas, é uma constante consubstanciada, por exemplo, nas colunas do Palácio da Alvorada, em Brasília. E ressurge impactante no Museu de Niterói.

Está visto que essa imaginação criadora esteve e está dependendo fundamentalmente de calculistas sensíveis e predispostos a cumprir uma tarefa espinhosa de conciliar a intenção do arquiteto com as normas técnicas vigentes. Acreditamos não ser errado considerarmos, por exemplo, Joaquim Cardozo como co-autor das citadas colunas do Alvorada, que viraram símbolo da própria capital brasileira.

Vemos aí a técnica submetida à intenção estetizante, não numa dócil subordinação, mas num acordo entre iguais a partir de uma idéia original do arquiteto. Com Niemeyer o citado "divórcio entre a arquitetura e a construção" desaparece, dando azo a magníficos diálogos entre a forma e a força da gravidade a ser vencida de qualquer modo.

O ponto de apoio

Temos a convicção de que o espírito politécnico paulistano ainda domina a arquitetura aqui praticada. Aqui, a decomposição de esforços deve ser evitada e, sempre que possível, as cargas lá de cima das edificações devem ser transmitidas verticalmente ao solo. Sempre colunas verticais. Daí, nos anos 50, o culto a Mies van der Rohe. Certa vez, Plínio Croce (mackenzista, mas dependente de calculistas politécnicos) nos afirmou que de seu escritório jamais sairia um projeto onde houvesse uma laje de transição, como a do Copan. Em São Paulo, colunas sempre explícitas e verticais.

A nosso ver, Vilanova Artigas não escapou a esse fascínio do "ponto de apoio", tema lembrado pelo examinador Flávio Mota quando priorizava em sua argumentação as colunas do edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP).

Ao contrário do que ocorre com a obra de Niemeyer, nos trabalhos de Artigas há a presença dominante da técnica. Em certo momento, respondendo a Milton Vargas ele diz: "Eu, como engenheiro-arquiteto, ainda guardo a necessidade de sentir como a técnica contribui e pode ser pensada artisticamente para determinar as formas". Continuando, na segunda argüição, reafirma sua posição: "Na aula de ontem, procurei mostrar minha formação teórica, inclusive essa da Escola Politécnica, porque você perceberá um conhecimento cujas raízes está lá, em nossa querida célula-mãe". Logo adiante, diz não praticar as "curvas da mulher amada" de Niemeyer porque "somos personalidades diversas".

A casa paulista

Encerrando o exame, na quinta argüição, diz que no começo calculou pessoalmente um terraço em balanço para a casa do advogado Rio Branco Paranhos, inspirado em Lloyd Wright, mas logo adiante recorda que imaginou para a casa de Ivo Vitorino "uma estrutura apoiada em quatro pontos, quatro colunas e duas vigas que corriam para um lado e outro. Num certo momento, essa casa serviu de padrão para a elaboração de uma série de outras casas, uma vez que colegas meus, arquitetos, viram nela algumas soluções que podíamos transformar em soluções para a casa paulista".

Agora ele acabou de dizer tudo: criara a receita "para a casa paulista", não para as suas, mas para as de todas as de seus seguidores. Isso tudo estava implícito em nossa afirmação sobre a sua responsabilidade na criação de uma arquitetura paulista, uma arquitetura onde "é preciso fazer cantar o ponto de apoio", frase de Perret proferida por Flávio Mota naquele exame memorável do maior significado político, além de encerrar com ovação a carreira professoral de João Batista Vilanova Artigas.

A partir de alto, o prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (Artigas), em SP, a Pampulha (Niemeyer), em Belo Horizonte, o edifício Louveira (Artigas) e o Memorial da America Latina (Niemeyer), estes também em SP

Nota

As argüições mencionadas neste texto compareceram no capítulo "A Função Social do Arquiteto", do livro "Vilanova Artigas - Caminhos da Arquitetura" (Cosacnaify), organizado por Rosa Artigas e José Tavares Correia de Lira, 2004. Quanto à nossa obra citada por Artigas, trata-se de "Arquitetura Brasileira" (Erlusp/Melhoramentos, 1979).

Carlos A.C. Lemos é professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e autor de "O Que É Arquitetura" (Brasiliense) e "História da Casa Brasileira" (Contexto).

Figura 39 - Caderno Mais! Folha de S. Paulo de 17 de abril de 2005. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

Oscar Niemeyer 100 anos

10 • 11

JONNE ROIZ/AE

AUDITÓRIO DO IBIRAPUERA – Originalidade e exuberância

E assim ele criou a curva livre...

ensaio

Fernando **Serapião**
ESPECIAL PARA O ESTADO

Minutos antes do início de uma apresentação musical no novo teatro desenhado por Oscar Niemeyer em Niterói, um amigo me perguntou sobre a relevância daquele lugar. O olhar atento do meu interlocutor, entre outras coisas, notou a falta de elegância na espessura da cobertura curva e percebeu também a inconsistência do painel da fachada (da lavra do próprio projetista). Tudo bem, a obra está longe de ser banal, mas como explicar que o autor daquele teatro é o mais reconhecido arquiteto brasileiro e um dos mais importantes criadores do século 20? Era difícil argumentar, pois o teatro não emociona.

Viajando nos acordes musicais, busquei uma resposta. Distraído, olhei através do vidro duplo que fecha uma das laterais da construção. Foi quando, com dificuldade, avistei o outro lado da Guanabara. Perdida no palitreiro do centro do Rio de Janeiro, estava a cobertura com formas navais do antigo edifício do Ministério da Educação e Saúde, atual Palácio Gustavo Capanema. Não dá para falar da trajetória do centenário projetista (nem da arquitetura moderna brasileira) sem lembrar aquele prédio. Ali, há 71 anos, Niemeyer iniciou com brilho sua vida profissional.

Antes, na faculdade, ele não foi nada brilhante: cabulava aula para jogar bola na praia ou palitinho no Café Lamas. Com apetite intelectual limitado, ele preferia curtir a vida. Tudo mudou ao entrar para o escritório de Lucio Costa, a cabeça mais iluminada da arquitetura nacional. Para aprender, ele trabalhava sem receber um tostão. A pressão pela sobrevivência era amenizada pela condição social. Com mulher e filha, ele vivia na casa do avô, que foi ministro do Supremo Tribunal Federal. Descara, Lucio Costa não percebeu talento extraordinário no jovem, a não ser desenhar bem. Ainda assim, a contragosto do chefe - líder da equipe que criou o prédio do ministério -, ele foi incluído como sexto carioca da turma. O traço de Niemeyer cresceu ao ser assistente do arquiteto franco-suíço Le Corbusier - já na época uma lenda viva do movimento moderno -, contratado em 1936 como consultor do prédio construído por Getúlio Vargas. Bastaram apenas quatro semanas de convivência com o mito para despertar o gênio que existia dentro dele.

Quando o franco-suíço voltou para a Europa, Niemeyer teve importante papel na modificação no desenvolvimento do projeto do ministério, inaugurado em 1945. Além de marco da arquitetura do século 20, o edifício é peça-chave da imagem de modernização pretendida por Vargas. Nesse contexto, desabrochou a primeira geração de projetistas modernos do País, cuja produção é denominada de "escola carioca". Os ingredientes desta vertente arquitetônica eram aparentemente contraditórios: de um lado, figuravam o apelo nacionalista e a história, do outro, o viés internacional e vanguardista. A qualidade e o sabor do caldo foram garantidos pelo tempero equilibrado. O primeiro ingrediente (advindo de Lucio Costa e do estilo neocolonial) pode ser identificado nos azulejos, treliças de madeira, etc., que caracterizavam a arquitetura luso-brasileira. Pelo lado da vanguarda (de Le Corbusier), estavam pilotis, brises, terraço-jardim e planta-livre.

LIVRE, LEVE E SOLTA

Arquitetura, como manifestação artística, pode levantar questões diversas - por exemplo, sobre costumes, fé ou política; pode apostar na beleza ou ser rude; pode ainda vislumbrar o futuro, falar do presente ou prender-se ao passado. Contudo, como nas outras artes, a criatividade é valorizada. E, entre os modernos brasileiros, Niemeyer certamente é o mais criativo. O pulo do gato foi transferir traços de sua personalidade para os projetos. Assim, além da veracidade de sua expressão, suas obras chegaram perto do que se imaginava ser a identidade nacional. Isso ocorreu, pois a descrição de suas características pessoais se confundem com o estereótipo do carioca (e, em certa medida, do brasileiro): criativo e desleixado, boa-praça mas brigueiro, irreverente, novidadeiro, bem-humorado, generoso e mulherengo. Seu discurso maduro, esquecendo-se de Lucio Costa e de Le Corbusier, fala das curvas das mulheres, da generosidade dos espaços e da inovação técnica.

Niemeyer se inspirou ao grupo carioca com 33 anos após perpetrar sua primeira obra-prima. Refiro-me aos quatro edifícios desenhados em 1940 ao redor da lagoa da Pampulha, em Belo Horizonte. Se fosse pela pertinência do uso, o conjunto teria mais chance de ser lembrado pelo insensato: de um lado estava um cassino, de outro, uma igreja; em seguida, um clube burguês e uma casa de baile pública. E mais: era longe do centro e vizinho de loteamento para endinheirados (em lançamento). Como obra pública, pruto cheio para oposição.

Mas a arquitetura era potente: depois de inaugurado pelo prefeito Juscelino Kubitschek, em 1943, pouco a pouco, revistas especializadas internacionais difundiram a obra. As imagens tiveram efeito de uma bomba de otimismo detonada no pós-guerra, representando, com qualidade e alegria tropical, uma esperança de paz e futuro. Frente ao racionalismo anglo-saxônico, as formas sinuosas de Niemeyer eram leves como a liberdade, tão despretensiosas quanto belas. A curva não era uma novidade - os arcos romanos são milenares. Diferente da curva geométrica e matemática, a bossa era a curva livre presente nas coberturas da casa de bailes e da capela. Nos Estados Unidos, em poucos anos, livros e exposições confirmavam Niemeyer como principal nome da arquitetura brasileira, assegurando no ambiente internacional lugar de destaque na segunda geração de projetistas modernos.

> O PULO DO GATO FOI DAR traços pessoais aos seus projetos

No ambiente doméstico, longe das elucubrações arquitetônicas, na longínqua década de 1940 aquele conjunto era igualmente fascinante: a felicidade estava ao alcance de todos, seja rezando junto ao altar de Portinari, dançando com as curvas da casa de baile, tentando a sorte na roleta de exuberante cassino, ou ainda se exercitando na piscina do clube. Fé, alegria, esperança e saúde: alguém precisaria de mais alguma coisa? Certamente, a Pampulha não resolveria problemas sociais e econômicos, mas era uma proposta progressista de parte da elite cultural e política para nosso futuro. O conjunto revela uma modernidade conciliatória, materializada por formas leves, graciosas e originais. Dentro daqueles prédios otimistas que alisavam tecnologia e história, todos - índios, brancos ou negros - teriam a impressão de um futuro promissor. Na fábrica de mitos pós-Vargas, o talento de Niemeyer foi logo comparado ao de Aleijadinho. Um verdadeiro gênio da raça.

UM PAÍS DO FUTURO

Nos anos seguintes, o arquiteto fez dezenas de projetos, alguns também originais e potentes, como o Parque do Ibirapuera, em São Paulo. A fama trouxe convites para participar de trabalhos no exterior, como a sede das Nações Unidas, em Nova York. Se morresse jovem, Niemeyer já teria cadeira fixa no panteão da arquitetura do século 20. Porém, uma década após o sucesso às margens da lagoa mineira, o golpe de sorte definitivo: Juscelino Kubitschek foi eleito presidente e construiu a nova capital. Como que por encanto, o arquiteto das curvas sinuosas foi encarregado para desenhar os principais edifícios. A magnífica oportunidade foi respondida à altura: é difícil imaginar quem teria criatividade para inventar tantos ícones em tão pouco tempo. Entre dezenas de obras medianas, em Brasília ele criou pelo menos cinco obras-primas: os palácios da Alvorada e do Planalto, o Congresso Nacional, o Itamaraty e a Catedral. Mas a inocência e originalidade da Pampulha contrastam com a seriedade e simetria da nova capital. O ritmo das colunas dos palácios e da esplanada ministerial parece gritar "ordem e progresso". A austeridade e monumentalidade do conjunto supostamente teriam a grandeza necessária à construção da capital de um país que se modernizava, de economia agrícola para industrial, de rural para urbano, tal como pregava o desenvolvimentismo de JK.

Se a arquitetura da "escola carioca" é confundida com a modernização do País, - de Vargas a JK, do edifício do Ministério da Educação e Saúde a Brasília -, Niemeyer é seu grande intérprete e suas curvas brasileiras são demasiadamente oficiais. Ao tentar solidificar a alma do brasileiro (cordial, forte, criativo etc.), ele criou, na arquitetura, a identidade do Brasil moderno. Todos - de nisseis a sertanejos, de afro-descendentes a xavantes - teríamos que nos identificar com ela. Sua obra se igualou ao carnaval, à mulata ou ao futebol: foi promovida como aspecto hegemônico da cultura brasileira.

NIEMEYER E SEU TEMPO

Assim, pelo significado (e qualidade) da obra que criou, é quase covardia comparar Niemeyer com outros projetistas brasileiros. Quase, insisto. A arquitetura moderna do País foi rica e, entre os grandes protagonistas, há contribuições diversas. Em aspectos determinados, até maiores que a de Niemeyer. Dentre sua geração, por exemplo, Lucio Costa foi quem sedimentou o luso-brasileiro com o modernismo. Sem ele, certamente Niemeyer não chegaria tão longe. Já Affonso Eduardo Reidy deu uma contribuição ímpar ao serviço público, projetando com maestria, por exemplo, o conjunto habitacional do Pedregulho, no Rio de Janeiro. A pesquisa formal dos irmãos Roberto é original, nada deve a Niemeyer, e o criativo Sérgio Bernardes foi o nosso enfant terrible. Por outro lado (agora em São Paulo), nenhum outro profissional alinhou racionalismo com nosso clima como Rino Levi, as casas perfeccionistas de Oswaldo Bratke são infinitamente melhores para se viver do que as do carioca, Vilanova Artigas foi mais longe na visão social da arquitetura e Franz Heep deu melhores respostas ao mercado imobiliário. Outro ponto a grande crítica a Niemeyer é ter deixado em segundo plano necessidades básicas de espaços e usos enquanto, de forma geral, seus contemporâneos resolviam de forma mais pragmática.

Mas é necessário coragem para afirmar que a obra de algum desses profissionais foi maior do que a de Niemeyer. Além de ter influenciado grande parte de seus colegas brasileiros, ele foi o único cuja obra repercutiu estrondosamente para além de nossas fronteiras. O modo de vida que suas obras propunham agradou a gregos e troianos. Dois exemplos contraditórios? Morris Lapidus, o arquiteto dos hotéis de Miami dos anos de 1950 (uma espécie de Artacho Jurado de lá), nunca escondeu que sua fonte de inspiração foi o carioca; em contrapartida, após a publicação de um livro na União Soviética em 1975, as curvas de Niemeyer influenciaram uma geração de projetistas locais. Ou seja, se no capitalismo a sinuosidade foi identificada como modelo para o ambiente tropical, atrás da cortina de ferro a graciosidade foi associada à opção política do arquiteto.

Por tudo isso, é difícil que algum crítico, mesmo contrário à sua obra, não a incluísse entre as mais importantes do século 20. Na minha lista, Niemeyer seria o único latino-americano entre os dez maiores: o franco-suíço Le Corbusier, o alemão Mies van der Rohe, o finlandês Alvar Aalto, o alemão Walter Gropius, o japonês Kenzo Tange, o inglês James Stirling, o italiano Aldo Rossi e os norte-americanos Frank Lloyd Wright e Louis Kahn.

CREPÚSCULO

Mas e a obra de Niemeyer depois de Brasília? Nesse período, o Brasil mudou (e o mundo também). Com os militares no poder, ele se auto-exilou na França e plantou belíssimos edifícios no mundo mediterrâneo - como a sede do Partido Comunista Francês, em Paris. Mesmo o pós-modernismo contestando os preceitos modernos, a inovação técnica foi o tópico desta fase, composta como canções de exílio, que tentam ser universais, mas falam de um país tropical longínquo, de um povo diferente, de uma esperança que não mais existia. Um ouvido atento escutará a coluna de ritmo irregular da editora Mondadori, em Milão, declamando, baixinho: "Minha terra tem palmeiras..."

Depois, veio a redemocratização. De volta ao País, Niemeyer criou os CIEPs, que nada mais tinham a ver com o lirismo da Pampulha ou a esperança de Brasília: a estrutura pré-fabricada de concreto das escolas públicas fluminenses, em vez de idealizar o futuro, tratava da emergência do presente. Apesar de reassumir a condição de projetista oficial - que consegue os melhores encargos e sombreia os demais -, Niemeyer, nos últimos 25 anos, não criou a arquitetura mais significativa do período. Sem alcançar a estatura da produção anterior do carioca, outros realizaram obra mais pertinente. Entre esses - sem falar ainda da geração mais jovem -, vale destacar a seriedade de João Filgueiras Lima (o Lelé), que pesquisou a industrialização construtiva associada à realidade nacional. Ou então a resposta única da ocupação humana no Amazonas dada por Severiano Porto e a sensibilidade ímpar de Lina Bo Bardi ao dar novos usos a prédios antigos. Já Acácio Gil de Borsoi ajudou a consolidar a "escola do Recife" e, por fim, Paulo Mendes da Rocha trouxe até o século 21 o discurso da utopia modernista dos anos de 1920.

O canto do cisne do projetista carioca foi o encontro dele com a Guanabara: ali, no alto de um morro de Niterói, o sonho tropical de sensualidade e leveza deu o último suspiro. A forma do Museu de Arte Contemporânea foi potente a ponto de despertar novamente o interesse da mídia internacional. De carona na revalorização do movimento moderno, Niemeyer nonagenário foi declarado fonte de inspiração por inúmeros projetistas contemporâneos, como o holandês Rem Koolhaas, o francês Christian de Portzamparc e a anglo-iraquiana Zaha Hadid, só para ficar com alguns. Mas na agitada atual cena arquitetônica internacional, sua obra recente - o pior de sua trajetória - não desperta interesse.

Esta fase, em geral, materializa intentos ansiosos políticos e representa desejos naufragados de poder - são esforços fora de foco, de propósito ou de lugar. Mesmo que a utopia imaginada por ele não tenha se concretizado, ele continua inscrito nesta tecla, replicando a cartilha da criatividade da curva livre - mas poucos são os incentes capazes de ainda acreditar naquele futuro lírico. Agora, ele não nos propõe mais nada de novo, está em dissintonia com nossa realidade e não consegue mais propor uma utopia para o Brasil. Sem a mesma emoção, Niemeyer segue nos lembrando dos anos dourados, criando obras que são quase uma caricatura de um país do futuro que não se idealizou. ●

Figura 40 - Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 15 de dezembro de 2007. Fonte: acervo Estadão.

Ainda sobre Niemeyer o professor Hugo Segawa publica no jornal *O Estado de S. Paulo* um artigo também como parte das comemorações dos 100 anos do arquiteto. No artigo intitulado *"A celebridade longeva"* (O Estado de S. Paulo de 16 de dezembro de 2007, figura 41) Hugo Segawa aborda sobre a fama do arquiteto, conquistada ainda quando jovem. Neste artigo o professor comenta que em Tóquio, em uma livraria de

livros raros e antigos, uma das obras expostas é a versão japonesa de ***The Work of Oscar Niemeyer***, de Stamo Papadaki (o primeiro livro estrangeiro sobre Niemeyer, publicado originalmente nos Estados Unidos). Esse fato é apenas uma mostra do reconhecimento do arquiteto brasileiro internacionalmente, já que muitos outros episódios são citados durante o artigo. O texto busca traçar uma linha cronológica da fama e reconhecimento de Oscar Niemeyer com publicações ao redor do mundo ao longo de sua carreira.

J6 ALIÁS DOMINGO, 16 DE DEZEMBRO DE 2007 O ESTADO DE S.PAULO

A celebridade longeva

Aos 100 anos, Niemeyer saboreia a fama que despontou quando era um rapaz de 30 e poucos

Hugo Segawa*

O ou, Arata é o dono da Nandyodo, livraria especializada em arquitetura em Tóquio. No segundo piso de sua livraria ele exibe alguns livros antigos ou raros, que não estão à venda. Entre eles abria exposta uma versão japonesa de *The Work of Oscar Niemeyer*, de Stamo Papadaki (o primeiro livro estrangeiro sobre o arquiteto, publicado originalmente nos Estados Unidos), uma edição especial da revista *Kokusai Kenchiku* de maio de 1963.

Esse reconhecimento não é um episódio isolado. Em 2006, durante a Reunião Internacional DOCOMOMO Conference em Aomori, Tóquio, uma arquiteta marroquina comentou comigo que, ao examinar a biblioteca de um arquiteto moderno de seu país, encontrou diversas publicações sobre Niemeyer naquele acervo. Desde meados dos anos 40 Oscar Niemeyer é uma celebridade.

A Organização das Nações Unidas (ONU) foi criada em 1945 como um esforço de cicatrização das feridas da 2ª Guerra Mundial. Niemeyer foi um dos arquitetos da equipe que se reuniu em Nova York em 1947 para o projeto da sede ONU. Na cobertura da revista *Time*, os redatores acrescentaram se referiram aos "ten top architects". Os anais da arquitetura jamais se recordam da maioria deles. Mais provavelmente, *Time* alegria sinos estrelas: "Nicolas no Rockefeller Center, em Manhattan, dos dos mais importantes arquitetos da nação, reunidos na semana passada numa sala de conferências de paredes cinza, ocupavam cadeiras e prancheta. Eles estavam lá para projetar uma sede para as Nações Unidas. O mais jovem, um brasileiro de 39 anos chamado Oscar Niemeyer, não tem aos 100 para se descrever por sua juventude, porque ele tem experiência para alcançá-la. Enquanto a guerra fortalecia a maioria dos arquitetos norte-americanos, Niemeyer e o Brasil estavam construindo".

A maléfica *Time* de maio de 1947 dedicava vários parágrafos a Niemeyer. Em um período de seis meses, Niemeyer aprendeu a se do modernismo de Le Corbusier. Ele gerou um grupo de arquitetos brasileiros se apresentava ao Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro. O resultado, que parece algo como uma colônia sobre estilos, é freqüentemente desenhado por arquitetos contemporâneos como um dos mais belos edifícios públicos do mundo".

Desde então, Niemeyer se ressaltou no coração dos continentes. Na Pampulha, ele projetou um grupo de estruturas em cálices com passa devido (hoje clube, cassino, restaurante). Lá ele também constrói uma igreja à Nossa Senhora do Carmo, que foi fechada durante a 18 Guerra) não sustenta na forma que a arquitetura está e a consagrá-la.

As três matérias do semanário *Time* publicadas entre 1947 e 1948 relacionadas à sede das Nações Unidas mencionam apenas Le Corbusier e Oscar Niemeyer, além de Wallace Harrison, o coordenador do projeto.

A construção do discurso sobre a curva na arquitetura, registrada em relatórios técnicos do arquiteto escrevendo "as igrejas de Minas Gerais, as mulheres belas e sensuais que passam pela vida, as montanhas recortadas e escalonadas e nosso parque de recreação", nasceu nesse período, mas provavelmente não como uma elaboração do próprio Niemeyer. É Lúcio Costa quem escreveu em 1938, comentando o Pavilhão do Brasil na Feira Internacional de Nova York – originalmente dividir com Niemeyer "a primeira ousadia de forma curva, presente no edifício "Essa quebra de rigidez, esse movimento ondulado que percorre de um extremo a outro toda a composição, tem mesmo qualquer coisa de barroco – no bom sentido da palavra – o que é muito importante para nós, pois representa de certa maneira uma ligação com o espírito brasileiro da arquitetura com uma brasileiríssima". De maneira modo, foi Costa quem chamou a atenção para a referência formícias numa carta a Le Corbusier em 1938: "Oscar teve a idéia de apresentar a curva da mulher – e modelado de uma arquitetura adequada e graciosa, com um espírito um pouco lírico, ao contrário da maior parte da arquitetura moderna, que se aproxima mais do dórico".

Foi no final de 1946 que a revista *Americana L'Architecture D'Aujourd'Hui* publicou e mais fisiológico antigo e descreve a apreciação (estacionária que acompanharia a crítica e o mesmo o discurso do próprio Niemeyer dali em diante. Em artigo assinado por Pierre Guéguo (não quem se sabe apenas que era poeta, gramático e amigo de Le Corbusier), a apreciação é meio-lírica e hiperbólica: "Que arquitetura surpreendente! É possível que seja mais ousada desenvolver a curva acima depois do cubismo, dizemos bem rápido e alto: que desfrutemos, pois os amantes de formas novas, pois aqui a originalidade sabe envolver a beleza. Mas o golpe de gênio do arquiteto Niemeyer é não se deixar submeter, a despeito de do objeto o superá. Esse jovem arquiteto sonho, tirando proveito das fórmas do grande Le Corbusier, construir durante a guerra, esta ainda vibrante equipe e já célebre Ministério da Educação no Rio de Janeiro. E ele que se deixar o triângulo da Linha Reta, da paralelismo de escaninhos, dessa retidão de arquitetos gigantes, na qual se esquivar um entusiasmo monumental, ao deixar também a escala heroicíssima, ou cuecês um triângulo da Linha Curva, que é nos afirmação de seu próprio originalidade".

Ao que se sabe, trata-se do primeiro ensaio a apontar a rebelde curva à linha reta, curva e discreta heroicíssima, identificando a originalidade de Niemeyer com a curva.

Harry Seidler (1923-2006) foi o mais importante arquiteto moderno australiano. Vienense de nascimento, graduou-se em arquitetura no Canadá em 1944, obteve seu mestre em arquitetura em 1945-48 em Harvard, com Walter Gropius, foi assistente de Alvar Aalto no projeto do alojamento de estudantes do MIT, estudou design com Josef Albers e entre 1946-48 trabalhou com Marcel Breuer em Nova York. Seidler deixou os Estados Unidos rumo à Austrália com 26 anos de idade, e a convidou à à se estabelecer numa virtuosa e vitoriosa carreira, ele fez uma escala no Rio de Janeiro para trabalhar com Oscar Niemeyer. Em seu *Seven Wonders Of Modern Travelling the World* sob *Architect's Eye* edição de 1963, registrando as impressões pessoais e fotográficas de arquitetura de todos os continentes, Seidler recomenda o estudo pelo qual decidiu passar pelo Brasil. "A influência arquitetônica portuguesa foi predominante durante o período colonial do país, entre os séculos XVI-XX. As cidades históricas preservadas, como Ouro Preto, são ricas em admiráveis igrejas barrocas do século XV. Mas, apesar de essas serem bem protegidas e merecerem visita, o fato no Brasil está em sua arquitetura moderna. Era isso que eu tinha como documentação de experiência adquirida minha estação II, e convido para a Austrália, em 1948. Durante três meses trabalhamos com Oscar Niemeyer, o movimento desenvolvimento de sua arquitetura teve seu desenvolvimento e ênfase de sua formação são dedicadas a Oscar Niemeyer. É crucial sua apreciação para uma forma de arte que sem para se ensaiar estas minhas anotações: "Cinco de seus mais recentes trabalhos (aos 98 anos de idade) é o museu de Niterói. Esta obra é concepção e construção muito além de crença ou desejo. Depois de ter uma visão pode-se sentir confiança de que há esperança para nossa época, que a arquitetura se desenvolverá para uma forma de arte que pode tomar seu lugar ao lado do melhor que o homem já construiu no passado". ●

*Hugo Segawa é arquiteto, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

O escultor e o legionário

SÁBADO, 15 DE DEZEMBRO

O legionário e sua obra

Niemeyer, que projetou a sede da ONU ao lado de Le Corbusier, recebeu a comenda da Legião de Honra da França, em cerimônia no Rio, na quarta. Ontem, o Estado publicou *Oscar Niemeyer*, 100 anos, O escultor de horizontes, um caderno em homenagem ao centenário.

FOTOS: ARQUIVO ARQUITAMAGAZINE

ITINERÁRIO DE UM JOVEM GÊNIO – Oscar no começo da carreira; com colegas americanos discutindo o prédio da ONU, em 1947; com o mestre Le Corbusier; igreja da Pampulha (hoje não gostas da cassada

Figura 41 - Caderno 2 - O Estado de S. Paulo de 16 de dezembro de 2007. Fonte: acervo Estadão.

Além desses dois tipos de abordagem (Resenhas e Análise sobre obras e arquitetos) de qualidade e aprofundada sobre arquitetura nos jornais também há a

publicação, em menor escala, de textos críticos a arquitetura brasileira. Textos com um teor mais ácido e severo, também com análises de obras ou projetos, mas com um caráter de crítica mais geral, da arquitetura de modo geral e como ela é tratada tanto pelos profissionais envolvidos como também pelo poder público e sociedade.

Um dos textos mais ríspidos em relação a arquitetura é o de Décio Pignatari intitulado *"E a arquitetura? "* (Folha de S. Paulo de 08 de fevereiro de 2000, figura 42). Nesse artigo Décio Pignatari faz uma crítica severa à arquitetura brasileira, dizendo que os profissionais são empedernidos e não aceitam mudanças, enquanto a arquitetura modifica-se em todo o mundo. Porém, um dos pontos de interesse de sua opinião é justamente sobre a falta de crítica de arquitetura, em sua opinião a crítica de arquitetura prejudica o mercado e por tal fator não há uma divulgação ou um estímulo a crítica de forma periódica.

De certa maneira como uma continuidade da mesma interpretação de Pignatari – da mão forte do mercado imobiliário na produção arquitetônica – o arquiteto Jorge Wilheim expressa sua opinião também de forma crítica em seu artigo *"Mão escondida projeto arquitetura medíocre"* (O Estado de S. Paulo de 02 de julho de 2008, figura 43). Para o arquiteto ao examinar os projetos imobiliários que abundam em jornais nota-se um simulacro de paisagem urbana, de sociedade e cidade, reduzida a condomínios.

Para Jorge Wilheim é de se estranhar o silencio das entidades de classe, dos críticos de arquitetura e da imprensa especializada. Principalmente em relação ao Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), venerada instituição presente em momentos decisivos do desenvolvimento da profissão. E que, na sua opinião, possui e deve fazer prevalecer seu papel tradicional de defesa da arquitetura e da cidade, papel cultural e social.

E a arquitetura?

DÉCIO PIGNATARI

Apenas tangencialmente estou entrando nessa polêmica entre Mario Garnero e Pedro Cury, presidente do IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil) —departamento de São Paulo—, a propósito do São Paulo Tower, onde se tocou em tudo, do desemprego à identidade nacional —mas onde faltou arquitetura. Lembra-me um conto de Hemingway, que trata de uma reunião onde se fala de tudo, menos da razão e da causa subjacentes (naquela situação): o dinheiro. Assim, nesta "reunião arquitetônica", o assunto subjacente é o arquidinheiro.

É natural que um diretor de entidade de classe defenda e exalte as realizações de seu órgão e de associados; é compreensível que um empresário busque produzir um rombo na muralha de interesses ideológicos que se opõe ao seu empreendimento, que vai movimentar cerca de 1 bilhão de dólares em alguns anos, forçando, com estardalhaço monumental, a entrada de São Paulo e do Brasil no universo da globalização, que tanto temor e ódio provoca em sinceros socionacionalistas, como em socionacionalóides.

Não sou arquiteto, sou (desculpe a esdrúxula classificação) um professor-semioticista do design e da arquitetura —e esse foi o tema de minha tese de livre-docência, em 1979, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, onde lecionei por duas décadas (minha primeira aula foi sobre Robert Venturi). Considero-me, hoje, um constante batalhador-perdedor e único sócio de uma associação inexistente: a Associação dos Críticos de Arquitetura e Design do Brasil.

O que me espantou e espanta, até hoje, desde os tempos de minha amizade com Villanova Artigas e Cláudio Araújo (IAB-RS) até a minha atuação atual como orientador acadêmico, é um fenômeno que eu chamaria de empedernimento do arquiteto e do designer brasileiro, especialmente os atuantes no âmbito universitário.

Os pioneiros da arquitetura moderna tornaram-se inimigos da renovação, ficaram emparedados no concreto-e-vidro, enquanto a nova arquitetura, pós-moderna e pós-pós-moderna, mudava a paisagem urbana, de Paris a Hong Kong, de Tóquio a Bilbao.

Para os nossos governantes ignorantes, só há um arquiteto, Oscar Niemeyer, criador historicamente importante, mas que não tem a mínima idéia, por exemplo, do nervuramento eletroeletrônico de um edifício.

Há poucos anos, em Buenos Aires, houve um raro encontro de críticos de arquitetura de todo o mundo. Afora os relatos de praxe, o Brasil não tinha nada a dizer no capítulo, por uma razão única: não há crítica de arquitetura no Brasil. Por quê? Por uma lei pétrea, não escrita, que vigora nesse universo, especialmente no mundo acadêmico: a crítica de arquitetura prejudica o mercado. E a outra lei, que deriva dessa: não se devem promover concursos internacionais de arquitetura no Brasil.

A arquitetura brasileira não chega a ser medíocre: é mediana

Do mercado à cultura, o pulo é fácil: não se ensina arquitetura oriental nas escolas brasileiras. E mais: temos tecnologia metálica (ferrosos e não-ferrosos) e de conforto ambiental de ponta —mas os nossos arquitetos a ignoram. Edifícios pesadões de concreto: é o que sabemos fazer. Sem a graça de uma simples capela católica de Tadao Ando, situada nos fundos de um hotel.

A arquitetura brasileira (refiro-me àquela minimamente criativa) não chega a ser medíocre: é mediana. Por que agora se espantam que uma fantasiosa e fantástica Borobudur possa vir a ser implantada em São Paulo? A última obra positiva que conseguiram realizar foi a do metrô de São Paulo. Nada fizeram pela renovação da arquitetura, nos últimos 30 anos —e agora se vêem ameaçados no seu ponto de honra: o mercado. Melhor dizendo: a reserva de mercado.

O futebol brasileiro continua de primeiro nível porque soube enfrentar as comparações, as inovações e os embates de todos os futebóis do mundo. Mirem-se no seu exemplo, meus caros arquitetos, designers e engenheiros.

Décio Pignatari, 72, é poeta, escritor, ensaísta e tradutor. Foi professor de semiótica do design e da arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (Universidade de São Paulo) e do curso de pós-graduação de comunicação e semiótica da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica). É autor de, entre outros, "Poesia, Pois É, Poesia" (Ed. Brasiliense) e "Panteros" (Ed. 34).

Figura 42 - Caderno Principal - Opinião. Folha de S. Paulo de 08 de fevereiro de 2000. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

Mão escondida projeta arquitetura medíocre

Jorge Wilheim

Ao examinar os projetos imobiliários que abundam em nossos jornais, noto que ultimamente a cor verde predomina: oferece-se à venda a paisagem vista da janela – um parque longínquo ou o jardim, por vezes bem elaborado, que constituirá o verde privativo de quem pode. Recentemente até se oferece um simulacro de vida urbana, ao propor-se – imaginem! – uma rua, como aquelas de verdade – lembram? – em que as crianças se conheciam e brincavam; agora, porém, rua privativa, também para quem pode. Em alguns casos se oferece um centro esportivo ou um spa, de diminutas proporções, só para mencionar.

Simulacro de paisagem urbana, simulacro da sociedade reduzida a condôminos, simulacro de cidade. Parece que o mercado, mesmo usando sua mão escondida – diferente da mão invisível de Adam Smith (1723-1790), segundo o qual ela transformaria interesses individuais em bens sociais –, ainda não conseguiu apagar a lembrança de que a propriedade a ser vendida se situa numa cidade real, gerando um simulacro, exclusivo e excludente. Não nego a demanda por segurança que está na sua origem, mas questiono a falta de criatividade das soluções.

Quando plantas dos apartamentos são publicadas, espanta-me a similitude dos programas e dimensionamentos: parece que há um único protagonista a desenhar com sua "mão escondida" todas as plantas, com iguais dimensões dos quartos, denominações sempre que possível em inglês e a presença inevitável, esta brasileira, da churrasqueira.

O que não se publica é o nome do arquiteto autor desses projetos! A "mão escondida" o apagou, seja por não considerá-lo importante a ponto de figurar ao lado do decorador, do paisagista e dos realizadores do empreendimento; seja porque o próprio arquiteto não se sinta à vontade com o resultado. Se arquiteto existe, como entender, tiradas poucas exceções, o descaso com a estrutura e com a fachada, geralmente um aplique colado, muitas vezes imitando um paupérrimo estilo neoclássico?

Ao percorrer a cidade, vejo, com espanto, o resultado disso: um descalabro arquitetônico, na profusão grotesca e gigantesca de fachadas sem caráter, uma acúmulo de mediocridade preenchendo a paisagem urbana, num completo descaso com a rua em que cada prédio se localiza, ao atulhá-la com trânsito que não pode suportar e uma seqüência de grades, muros, muralhas com guarita, por vezes parecendo-se com presídios. Expressão voraz e predatória do privado não-urbano, recusa da cidade e da vida societária, exclusão ostensiva de tudo o que é público, de todos.

Onde estão os arquitetos herdeiros de mestres da arquitetura residencial? Não mais se encontram, e perdoem a generalização, pois exceções certamente existem, projetos que emulem os esplêndidos edifícios Esther (Vital Brasil), Prudência (Rino Levi), Louveira (Artigas), General Jardim (O. Bratke), Mena Barreto (Aflalo e Gasperini), Guaimbé (Mendes da Rocha), Higienópolis (Heep), Sto. André (Pilon), Copan e Eiffel (Niemeyer) – todos exemplos de boa arquitetura, forte identidade, criatividade, bom ambiente para os seus moradores, enriquecendo a paisagem de suas ruas. E, na ocasião, bem vendidos, com lucro para seus empreendedores...

Enquanto os edifícios residenciais de hoje se apresentam uniformes e medíocres, de autoria anônima, a cidade apresenta bons projetos comerciais e institucionais, revelando a existência de empreendedores mais generosos e o trabalho sério de excelentes arquitetos; entre eles, Botti e Rubin, Aflalo e Gasperini, Carlos Bratke, Isay Weinfeld, Rui Ohtake, Paulo Mendes da Rocha e um bom grupo de jovens arquitetos cujas obras se destacaram na última Bienal de Arquitetura.

Há, portanto, salvação possível. Os empreendimentos poderão produzir lucro mesmo com projetos bons, livres da mão escondida que impõe programas, dimensões, estilos. Para fugir da mediocridade haveria alguns passos a dar.

Do lado dos empreendedores – embora a lógica do sistema os leve a não se preocuparem com a cidade, e sim apenas com o lote –, tomar consciência de que o campo de ação de seu negócio ficará mais restrito e mais caro à medida em que, por sua ação predadora, ruas e bairros forem sendo destruídos. Por outro lado, se o corretor de vendas ou quem contabiliza o investimento substituir os arquitetos nos momentos cruciais de elaboração de projetos, põe-se a perder a principal contribuição desses profissionais.

Do lado dos arquitetos, estranho o silêncio obstinado das entidades de classe, dos críticos de arquitetura, da imprensa especializada. A Associação Brasileira de Escritórios de Arquitetura (Asbea) – de cuja criação participei – limita-se a se alinhar ao lado da associação de seus clientes, o Sindicato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis (Secovi), sem respeitar a natural diferença de enfoques e de interesses a defender. Pois nem sequer exigem que o nome do autor de projeto seja obrigatoriamente enunciado...

Parece haver um único protagonista a desenhar todas as plantas...

Compreende-se que o Sindicato dos Arquitetos permaneça silencioso nesta questão, pois a precariedade de contratação e o elevado número de profissionais concorrentes não estimula o debate, arriscando o emprego. Mas não compreendo o silêncio do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), veneranda instituição presente em momentos decisivos de nosso desenvolvimento, que tergiversou na discussão do Plano Diretor Estratégico e agora silencia no momento em que este é ameaçado de desfiguração, deixando a tarefa a outras organizações da sociedade civil. Seu papel tradicional em defesa da arquitetura e da cidade, papel cultural e social, deveria levá-lo a levantar os problemas que aponto neste artigo, liberando-me, aliás, do constrangimento de escrevê-lo... ●

Jorge Wilheim é arquiteto e urbanista

LARES

LOREDANO

sis

Figura 43 - Espaço Aberto - O Estado de S. Paulo de 02 de julho de 2008. Fonte: acervo Estadão.

Outro texto severo e que se pergunta sobre o papel da crítica em arquitetura é o artigo do arquiteto Ricardo Calabrese intitulado *"Cadê a crítica arquitetônica? "* (*Folha de S. Paulo* de 03 de agosto de 2008, figura 44). Nesse artigo Ricardo Calabrese analisa a crise do gosto da arquitetura paulista, tomando como exemplo os lançamentos imobiliários, como por exemplo, na sua opinião, o Parque Cidade Jardim, com uma estética equivocada e que desconsidera todo o entorno onde está implantado. Para Calabrese a arquitetura é a marca de um tempo e o que estão construindo até então nada tem a ver com o século XXI. Segundo o arquiteto, a arquitetura brasileira merece muito mais, já que temos dois Prêmios Pritzker, precisando assim melhorar o debate e a produção arquitetônica, precisamos, em outras palavras, permanecer como referência de qualidade arquitetônica para o mundo e é com uma crítica atuante e um debate aberto que poderemos melhorar e desenvolver a arquitetura brasileira.

(urbe)

Cadê a crítica arquitetônica?

por Ricardo Calabrese

ESTAMOS VIVENDO UMA CRISE DE GOSTO. Em São Paulo, longe passam as oportunidades para mostrar a bela arquitetura e a engenharia de ponta brasileira. Basta citar os últimos grandes lançamentos imobiliários. Um bom exemplo é o conceito do empreendimento de uso misto que visa colocar moradia, trabalho e lazer juntos, o que pode ser muito interessante, desde que bem aplicados os conceitos arquitetônicos e urbanísticos.

No entanto, um "pequeno universo de sonhos", como o recém-inaugurado Parque Cidade Jardim, merece considerações. Uma delas é a sua estética, primeiro sinal de um conceito aplicado de forma equivocada. Isso sem falar na falta de iniciativa para melhorar a própria vizinhança, no caso de um projeto que consumiu tanto dinheiro. Trata-se de um condomínio que desconsidera todo o seu entorno. O morador do complexo Cidade Jardim não respira o ar externo, não vive a cidade. Estará sempre cercado por vidros, dentro de uma bolha. É o tipo de projeto que despreza a cidade.

Por se tratar de um conjunto arquitetônico que já nasce desatualizado, se comparado ao contexto da arquitetura contemporânea atual, esse "universo de sonhos" está mais para um "grande pesadelo". As torres residenciais estão implantadas sobre um shopping convencional, com uma estética duvidosa. Quem ainda aposta no estilo neoclássico precisa se atualizar. Por que permanecer fiel às cópias malfeitas de um passado francês que há tempos não faz o menor sentido para a realidade paulistana?

Os próprios franceses enxergam essa estética como algo do passado. Vide o concurso mundial para o projeto do Centro Georges Pompidou, na década de 70, que mostrou para o mundo que seu senso estético estava à frente do imaginado. A capital paulista, que tem tudo para ser um centro de referência arquitetônica da América Latina, propaga o ultrapassado neoclássico, com a desculpa de que esse estilo vende mais. Não consigo entender como investidores e compradores podem acreditar nessa conversa furada. Que formação esse pessoal tem para dizer isso? Onde está a qualidade estética desses empreendimentos?

É a mesma coisa que pedir para montadoras de veículos desenvolverem um carro com a tecnologia de hoje, mas com o design de uma carroça! Por que com a arquitetura paulistana está sendo assim?

A arquitetura é a marca de um tempo e o que estão construindo nada tem a ver com o século 21. Deveríamos estar produzindo empreendimentos mais despojados, nos quais a estética acompanhasse a evolução tecnológica.

No Cidade Jardim, esse "megaempreendimento" que acredito possuir uma construção de qualidade e tecnologia de ponta, não aparecem criatividade e ousadia. Com sua "desarquitetura", mais uma vez a cidade perde (e não é por falta de bons arquitetos, pois temos dois Prêmios Pritzker brasileiros) a oportunidade de criar uma referência de qualidade arquitetônica e urbana para a cidade e para o mundo.

Ricardo Calabrese, 34, o colunista convidado desta semana, formou-se no curso de arquitetura da Faculdade Belas Artes, em 1997. Hoje trabalha em seu próprio escritório.

revista@folha.com.br

Figura 44 - Revista da Folha. Folha de S. Paulo de 03 de agosto de 2008. Fonte: acervo Folha de S. Paulo

Nesses três textos críticos podemos perceber a importância que uma abordagem qualitativa e aprofundada acerca da produção arquitetônica é enriquecedora para o desenvolvimento de nosso campo de atuação. Esses textos exemplificam as situações de conforto e impasses que a arquitetura sofre para se desenvolver como forma de arte e necessidade humana.

É através da crítica que podemos propor discussões e debater sobre o que ocorre, além de propiciar um maior alcance dos problemas vinculados a arquitetura e seus condicionantes, tais como o mercado, a política e a sociedade.

Não há crítica sem construção e o contrário também é verdadeiro, para uma produção crítica de arquitetura é necessário debater, discutir e verificar soluções que são passíveis de continuar ou não. É a partir dessa premissa que o profissional e o crítico de arquitetura precisa se basear, para que a abordagem qualitativa da arquitetura nos jornais ganhe mais espaço, influência e relevância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De uma maneira geral o que se percebe é a ausência de uma crítica de arquitetura sistematizada no Brasil, principalmente como debate público, já que a sensação que se tem é que pouco se fala, pouco se discute, pouco se analisa e pouco se questiona sobre os rumos da arquitetura brasileira fora dos meios especializados.

Esse próprio meio também tem reclamado da falta de uma crítica de arquitetura e tem se ressentido da ausência de uma reflexão a respeito. Foi abordado no Capítulo 2 a importância da crítica como um importante papel cultural que pode desempenhar, tendo como sua principal característica a emissão de juízos. Josep Maria Montaner, provocando o debate, apontou que *"há muitos arquitetos no Brasil e muitos bons críticos, mas nenhum se atreve a dar um salto e fazer um trabalho mais amplo, mais ambicioso e mais geral"*[95]. Tal afirmação não é totalmente verdadeira, como pudemos perceber nos bons exemplos de artigos críticos analisados neste trabalho, mas o que é verdade, e se constatou com a pesquisa, é a pouca quantidade deste tipo de texto nos jornais impressos.

Percebeu-se com que o tema arquitetura não está ausente totalmente do dia a dia da sociedade, ao contrário do que se pensava inicialmente no trabalho, pois há um grande número de reportagens, notícias e artigos referentes ao assunto nos jornais analisados. Mas o que se confirmou foi a presença diminuta, nos jornais diários, da crítica de arquitetura. Crítica essa fundamentada, aprofundada, que aborda temas e aspectos de interesse tanto para a melhoria da profissão como para o benefício da sociedade como um todo.

Numa primeira definição, como vimos, a crítica implica um julgamento estético, que consiste em uma valorização individual da obra arquitetônica empreendida pelo crítico a partir da complexidade de conhecimentos de que dispõe, da metodologia que utiliza, de sua capacidade analítica e sintética, bem como de sua sensibilidade e intuição.

[95] Entrevista à Revista Arquitetura e Urbanismo, janeiro de 2008.

A utilidade de um texto crítico poderia fazer com que obras, construções e projetos sejam analisados, debatidos e divulgados. A crítica, a discussão e o discurso são uma prática independente e não tem obrigações com a sua fonte primária (a obra em si). Possuindo ainda um compromisso ético com a melhoria da sociedade, o enriquecimento do saber artístico, a defesa da adequação da arquitetura àqueles que são seus fins.

Esse enriquecimento do saber artístico, assim como o reconhecimento da sociedade do que é uma boa ou uma má arquitetura, poderia ser conseguido a partir de uma periodização e constância da atividade crítica dentro de um veículo de comunicação de massa, tendo como principal exemplo o objeto desta pesquisa, os jornais impressos. Já que, segundo pesquisa brasileira de mídia (2015)[96], esse veículo de comunicação é apontado pelos entrevistados como o de maior credibilidade – 53% das pessoas confiam sempre ou quase sempre nas informações dos jornais. Tal dado mostra o potencial de formação de opinião que o meio possui e a arquitetura poderia usar tal credibilidade e confiança para fomentar o debate e a cultura arquitetônica na sociedade de modo geral.

Como vimos tanto na abordagem da arquitetura como cultura e arte quanto como utilidade pública, existem carências e deficiências no que se refere aos textos publicados. Tal fato tem mais um caráter de hábitos e por uma certa falta de interesse do público leitor, que não foi despertado para os temas sobre arquitetura, fato que, talvez, possa ser computado na própria conta dos arquitetos ou pelo baixo nível educacional e cultura apresentado no Brasil.

Esses aspectos de interação entre o público e a arquitetura poderiam ser incrementados buscando maneiras de traze-lo para o debate e discussão arquitetônica, despertando assim o interesse pelo assunto, tanto pelas obras construídas como para a teoria e aspectos históricos em que a prática arquitetônica está embebida. Possivelmente uma maior quantidade de textos críticos, analisando a atual produção arquitetônica, influenciaria na qualidade da informação que a população tem acesso.

[96] Disponível em http://www.secom.gov.br/.

Um debate aberto e acessível em um tema tão difícil ao senso comum como a arquitetura é imprescindível como instrumental para a busca de soluções, já que grande parte da população não distingue as atribuições de um engenheiro das de um arquiteto e urbanista. No cenário atual uma análise sobre arquitetura, bem desenvolvida, com regularidade e conhecimento adequado pode trazer um interesse renovado sobre o tema.

A própria relação entre arquitetura e mídia precisa ser melhor explorada, assim como a fotografia é utilizada potencializando as intenções do projeto e da obra. Em um artigo para *The Architectural Review*[97], por exemplo, Nicholas Olsberg descreve como Frank Lloyd Wright encomendava fotografias para comercializar seus projetos para o público americano, e como Erich Mendelsohn aperfeiçoou a técnica de produzir croquis "aparentemente espontâneos" de sua Einstein Tower com base em fotos finais do edifício.

A falta dessa relação e de uma possível potencialização da relação entre arquitetura e mídia deveria estar na pauta de discussão para a ampliação do debate e do entendimento arquitetônico pelo público, para que a carência de espaço nos jornais impressos diminua.

Claro que é provável que esta carência especifica se repita em outras áreas dentro do jornalismo cultural, ou seja, esta lacuna de informações pode não ser exclusiva para os temas de arquitetura, mesmo constatando a periodicidade de críticas periódicas em outras áreas (cinema, por exemplo). Mas de qualquer forma a pouca publicação de uma crítica periódica em arquitetura nos jornais é latente.

Entretanto, o que se deve considerar, é uma possível e provável grande demanda por informações e que tal cresce a cada dia, pois essa demanda precisa atender um público que, com o aumento do nível educacional e de renda, vai buscar cada vez mais informações de qualidade e relevantes ao seu cotidiano.

---

[97]OLSBERG, Nicholas. Shattered Glass*: The history of architectural photography* in *The Architectural Review*, 22 de dezembro de 2013.

Segundo o crítico Jeffrey Kipnis (1951)[98] "*há uma preocupação muito grande com a preguiça intelectual que se tem tornado parte de nosso campo de atuação"*. O arquiteto contemporâneo, segundo o crítico, além de construir o edifício, tem também de descrevê-lo e criticá-lo. A ideia de ver surgir o conjunto de uma obra construída, o qual seria então comentada, criticada, discutida e aprofundada por outra pessoa, desapareceu.

Todas as formas de divulgação, informação e debate nos meios jornalísticos são de extrema importância para a arquitetura, principalmente se essas abordagens fizerem com que as discussões de nossa profissão façam parte do cotidiano da sociedade em geral. Mas é através de uma crítica sistematizada e constante que a produção arquitetônica pode se desenvolver, criando uma cultura de debate em todos os níveis e setores da sociedade.

[98] Crítico de arquitetura, teórico, designer, produtor, curador, professor na Universidade de Ohio e professor visitante na Universidade de Princeton.

BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS

I. TEORIA DA COMUNICAÇÃO E DO JORNALISMO

- ADORNO, Theodor W. ***Teoria da Semicultura.*** Publicada na revista "Educação e Sociedade" n. 56, ano XVII, dezembro de 1996, pág. 388-411.
- ALVES, Maria Cristina Dias. ***Publicidade imobiliária e a construção de lugares simbólicos como extensão de identidades***. XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. São Paulo, 2008
- ARANTES, Helena Aparecida Gica. ***Mídia Impressa e Leitor: Uma leitura Crítica e Polissêmica.*** Dissertação UNESP, Bauru, 2005.
- BARBOSA, Américo Rodrigues. ***Propaganda verde: um marketing de oportunidade ou propaganda institucional?*** São Bernardo do Campo: Imes, 1994.
- BAUDRILLARD, J. ***O sistema dos objetos***. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- _____. ***A Sociedade de Consumo***. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BERLO, David K. ***O processo da comunicação: Introdução à Teoria e Prática.*** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972.
- BRUN, Eron; FORTALEZA, Camila Hildebrand Gazal. ***Comunicação e Desenvolvimento Sustentável: influência da mídia no comportamento do consumidor.*** São Caetano do Sul. Revista Imes Comunicação. Ano V – nº 10, janeiro/junho, 2005
- CARVALHO, Nelly. ***Publicidade: linguagem da sedução.*** São Paulo: Ática, 2001.
- CASTELLS, Manuel. ***O poder da identidade.*** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. ***A Sociedade em Rede: A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura.*** São Paulo: Paz e Terra, 2006.

- DENIS, Rafael Cardoso. ***Uma Introdução à história do Design***. São Paulo: Edgard Blucher, 2000;
- DINES, Alberto. ***O papel do jornal e a profissão de jornalista.*** – 9. Ed. – São Paulo: Summus, 2209.
- FEATHERSTONE, Mike. ***O desmanche da cultura: Globalização, pós-modernismo e identidade.*** São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997.
- FEATHERSTONE, Mike. ***Cultura de consumo e pós-modernismo.*** São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FERRARA, Lucrécia. ***Comunicação, Espaço, Cultura.*** São Paulo: Anablume, 2008.
- GUIMARÃES, A. F. ***Marketing Verde e a Propaganda Ecológica: Uma análise da Estrutura da Comunicação em Anúncios Impressos.*** FEA/USP. São Paulo, 2006.
- JANUÁRIO, Marcelo. ***O Olhar Superficial: As transformações no Jornalismo Cultural em São Paulo na Passagem do século XXI***. Dissertação de Mestrado ECA - USP. São Paulo, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. ***Análise de Textos de Comunicação.*** – 3 ed. – São Paulo: Cortez, 2004.
- MARTINS, Maria Helena. ***O que é leitura***. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MELO, Patrícia Bandeira de. ***Um passeio pela História da imprensa: o espaço público dos grunhidos ao ciberespaço.*** Comunicação e Informação, V 8, n° 1: pág 26 - 38. - jan/jun. 2005
- MUNARI, Bruno. ***Design e Comunicação Visual.*** São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- NOBLAT, Ricardo***. A arte de fazer um jornal diário.*** São Paulo: Contexto, 2008.
- PLAZA, Julio. ***Tradução Intersemiótica.*** São Paulo: Perspectiva, 1987.
- PIGNATARI, Decio***. Linguagem. Comunicação.*** São Paulo: Perspectiva: 1968.

- PIVETTI, Michaella. ***Planejamento e Representação Gráfica no Jornalismo Impresso: A Linguagem Jornalística e a Experiência Nacional.*** Dissertação de Mestrado USP. São Paulo, 2006.
- PIZA, Daniel. ***Jornalismo Cultural.*** 4 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- POLISTCHUCK, Ilana. ***Teorias da Comunicação: o pensamento e a prática do Jornalismo.*** Rio de Janeiro: Elsevier,2003.
- SANTOS, Luciane Lucas dos. ***Comunicação e consumo sustentável: das entrelinhas do capitalismo leve ao enquadramento da sustentabilidade na mídia.*** Revista Fronteiras – estudos midiáticos. Unisinos, 2005.
- SCHARF, Regina. ***Verde como Dinheiro: Economia sustentável é utopia, contradição ou lucro certo?*** In: Formação & Informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos; org. Sérgio Vilas Boas. Summus Editorial, 2004.
- SODRE, Nelson Werneck. ***História da Imprensa no Brasil.*** Rio de Janeiro: Civilização brasileiro, 1999.
- SOUSA, Jorge Pedro***. Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media***. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2003.
- THOMPSON, John B. ***A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.*** Petrópolis: Vozes, 2012.

II. TEORIA, HISTÓRIA E CRÍTICA DA ARQUITETURA

- ALVES, Manoel Rodrigues. ***Público y Privado: cultura, consumo y espacialidad de La ciudad contemporânea.*** Polis – Revista de La Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo. Universidad Nacional Del Litoral, Año 9, N.9.
- ARANTES, Otília B. F. ***Mário Pedrosa: Itinerário Crítico****.* São Paulo: Página Aberta, 1991.
- ARANTES, Pedro Fiori. ***O grau zero da arquitetura na era financeira.*** Revista Novos Estudos 80, pag. 175-195, 2008.
- ARANTES, Otília. ***O lugar da arquitetura depois dos modernos.*** 2 ed. São Paulo: Edusp, 1995.

- _____. ***Uma estratégia fatal: A cultura nas novas gestões urbanas.*** In,O urbanismo em fim de linha. São Paulo: Edusp, 1998.
- ARTIGAS, João Batista Villanova. ***Caminhos da arquitetura.*** São Paulo, Cosac & Naify, 1999;
- BASTOS, Maria Alice Junqueira. ***Pós-Brasília: Rumos da Arquitetura Brasileira.*** São Paulo, Perspectiva, 2003;
- BERGER, John. ***Modos de Ver.*** Lisboa: Edições 70, 1972.
- BERMAN, Alan. ***AJ Writing Prize: Alan Berman on what makes good architectural writing.*** Disponível em: http://www.architectsjournal.co.uk/news/daily-news/aj-writing-prize-alan-berman-on-what-makes-good-architectural-writing/8616077.article. Consultado em 15 de março de 2014.
- BOTELHO, Adriano. ***O urbano em fragmentos: a produção do espaço e da moradia pelas práticas do setor imobiliário.*** São Paulo: Anablume, Fapesp, 2007.
- BOTTON, Alan de. ***A Arquitetura da Felicidade***. Rio de Janeiro, Rocco, 2006;
- BRUAND, Yves. ***Arquitetura contemporânea no Brasil.*** São Paulo, Perspectiva, 2003;
- BÜRGUER, Peter. Theory of the Avant-Guarde. Mineápolis, Manchester University Press/University of Minnesota Press, 1984.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. ***Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo.*** São Paulo: Editora 34, Edusp, 2000.
- CARLOS, Ana. ***A natureza do espaço fragmentado.*** In: SANTOS, Milton. Território: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.
- _____ ***"Novas" contradições do espaço.*** In: DAMIANI, Luisa. O espaço do fim do século: a nova raridade. São Paulo: Contexto, 1999.
- _____***São Paulo: Dinâmica urbana e metropolização.*** Revista Território – Ano VII – nº 11, 12 e 13. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- CECLA, Franco La. ***Contra a Arquitectura.*** Casal de Cambra, Portugal: Caleidoscópio, 2011;

- COSTA, André. ***Arquitetura e Propaganda: O marketing na produção imobiliária por incorporação.*** Revista Pós, pag. 76-96.
- COSTA, Lúcio. ***Sobre Arquitetura***. Porto Alegre, UniRitter, 2007;
- COUTINHO, Evaldo. ***O Espaço da Arquitetura.*** São Paulo, Perspectiva, 2010;
- DAGINO, Evelina. ***Sociedade civil, espaços públicos e a construção democrática no Brasil: limites e possibilidades***. In Sociedade Civil e espaços públicos, São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- EISENMAN, Peter; KOOLHAAS, Peter. ***Supercrítico***. São Paulo: Cosac Naify, 2013
- FERRAZ, S. M. T.; POSSIDÔNIO, E. R. ***Violência, medo e mercado: uma análise de publicidade imobiliária.*** In Impulso, Piracicaba, v. 15, n.37, p. 79-88, 2004.
- FOCILLON, Henri. ***A Vida das Formas.*** Lisboa: Edições 70, 1988.
- FUSCO, Renato de. ***A ideia de Arquitectura***. 1ª. Ed. 1972. Lisboa: Editora Edições, 1984.
- GLUSBERG, Jorge. ***Para uma crítica da arquitetura: com desenhos originais dos arquitetos Luis Benedit e Clorindo Testa***, trad. Anita Regina Di Marco. São Paulo: Projeto, 1986.
- GOLDBERGER, Paul. ***A relevância da Arquitetura.*** São Paulo: BEI Comunicação, 2011;
- GOTTDIENER, M. ***A produção social do espaço urbano.*** São Paulo: Edusp, 1993.
- GUERRA, Abilio (org.). ***Textos fundamentais sobre história da arquitetura brasileira.*** Parte 1 e 2, São Paulo, Romano Guerra, 2010;
- GULLAR, Ferreira. ***Cultura Posta em questão***, ***Vanguarda e subdesenvolvimento: ensaios sobre arte***. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- HARVEY, David. ***O trabalho, o capital e o conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas.*** Espaço e Debates, n.6, jun/set. 1982.

- _____***Condição Pós-Moderna.*** São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- _____***A produção capitalista do espaço.*** São Paulo. Anablume, 2005.
- HAYS, K. Michael. ***Architecture Theory Since 1968.*** Cambridge: MIT Press, 1998.
- LEFEBVRE, Henri. ***O direito à cidade.*** São Paulo: Moraes, 1991.
- _____***A Vida cotidiana no mundo moderno.*** São Paulo: Ática, 1991.
- LEMOS, Carlos A. C. ***Da Taipa ao concreto: crônicas e ensaios sobre a memória da arquitetura e do urbanismo.*** São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- JAMESON, Fredric. ***Pós-modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio.*** São Paulo: Ática, 1996.
- _____***A cultura do dinheiro.*** Petrópolis: Vozes, 2001.
- LIMA, Zeuter R. M. de A. ***A cidade como espetáculo: O arquiteto no paradoxo da estetização da cultura contemporânea.*** Tese de doutorado. FAU – USP, 2000.
- LIRA, José. ***Warchavchik: Fraturas da vanguarda.*** São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- LOPES, Ruy Sardinha. ***A produção do espaço em época de valorização financeira do capital: entrevista com Vera Pallamim.*** Revista de EPTIC, Vol XIII, n.2, May-Ago.2011.
- MONTANER, Josep Maria. ***Depois do Movimento Moderno.*** Barcelona, Gustavo Gili, 2001.
- _____ ***Arquitetura e Crítica.*** Barcelona: Gustavo Gilli, 2007.
- MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. ***Arquitetura e Política.*** Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2011.
- MOORE, Rowan. ***Why we build: Power and Desire in Architecture.*** New York: Harper Design, 2013.

- MUÑOZ, F. ***Urbanalización: Paisajes comunes, lugares globales.*** Barcelona: Gustavo Gilli, 2008.
- NESBITT, Kate***. Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995).*** São Paulo: Cosac Naify, 2ª ed., 2008.
- NETTO, J. Teixeira Coelho. ***A Construção do Sentido na Arquitetura.*** São Paulo, Perspectiva, 2002.
- PEREIRA, Miguel Alves. ***Arquitetura, texto e contexto: o discurso de Oscar Niemeyer****.* Brasília: UNB, 1997.
- ROSATTI, Camila Gui. ***Roberto Schwarz, arquitetura e crítica.*** Dissertação de Mestrado. FAU-USP. São Paulo: 2010.
- RUBINO, Silvana e GRINOVER, Marina (org***.); Lina por Escrito. Textos escolhidos de Lina Bo Bardi****.* São Paulo: Cosac Naify, 2009
- SASSEN, Saskia. ***As cidades na economia mundial.*** São Paulo. Studio Nobel, 1998.
- SEGAWA, Hugo. ***Arquiteturas no Brasil: 1900-1990.*** São Paulo, Edusp, 2002;
- SEGAWA, Hugo; GUERREO, Ingrid; Silva, Aline de Figuerôa. ***Crítica de arquitetura: ensaios latino-americanos****.* Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2013.
- SYKES, A. Krista. “Introdução” a O campo ampliado da arquitetura: Antologia Crítica 1993-2009. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2013,
- STROETER, João Carlos Rodolpho. ***Arquitetura: imagem, reflexos****.* Tese de Doutorado. FAU, USP. São Paulo: 1989
- WARCHAVCHIK, Gregori. ***Arquitetura do século XX e outros escritos.*** São Paulo, Cosac & Naify, 2006.
- WINISK, Guilherme. ***Estado Crítico: à deriva nas cidades.*** São Paulo: Publifolha, 2009.
- XAVIER, Alberto. ***Depoimento de uma Geração.*** São Paulo, Cosac & Naify, 2003.
- ZEIN, Ruth Verde. ***O lugar da crítica: Ensaios oportunos de arquitetura.*** Porto Alegre: Faculdades Integradas do Instituo Ritter dos Reis, 2001.
- ZEVI, Bruno. ***Saber Ver a arquitetura.*** São Paulo: Martins Fontes, 1978.

ANEXOS

1. Relação do material analisado

ANO 2000

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
09/01/2000	ESP	Por uma cidade mais funcional e menos desigual	Jordi Borja (especial)	Caderno 2
16/01/2000	ESP	Cultura revê 500 anos de arquitetura	Eduardo Elias	Caderno 2
20/01/2000	ESP	Livro documenta a reconstrução do Oficina	Ana Weiss	Caderno 2
23/01/2000	FSP	Protagonista do Brasil Moderno	David Drew Zingg	Mais
30/01/2000	FSP	Entre curvas e retas	Oscar Niemeyer	Opinião
30/01/2000	ESP	A questão dos espaços públicos e privados	Jorge Wilheim	Caderno 2
06/02/2000	ESP	É hora de reavaliar o lugar do Brasil no design	Clifford Pearson	Caderno 2
08/02/2000	FSP	E a arquitetura?	Décio Pignatari	Opinião
08/02/2000	ESP	Estudantes fazem projetos para Mogi das Cruzes	Marcus Lopes	Cidades
11/03/2000	FSP	Um olhar arquitetônico	Carlos A. Leite Brandão	Jornal de Resenhas
18/03/2000	ESP	Obra conta história da fábrica que produz prazer	Jotabê Medeiros	Caderno 2
23/03/2000	ESP	A arte revolucionária de Reidy em mostra e livro	Beatriz Coelho Silva	Caderno 2
08/04/2000	FSP	A ciência do arquiteto	Luiz Armando Bagolin	Jornal de Resenhas
08/04/2000	FSP	O fato arquitetônico	Carlos Lemos	Jornal de Resenhas
16/04/2000	FSP	Atualidade de Mário Pedrosa	Otília Beatriz Fiori Arantes	Mais
16/05/2000	ESP	Siza começa em 2001 projeto no Sul	Ayrton Centeno	Caderno 2
20/05/2000	ESP	A arquitetura generosa de João Filgueras Lima	Maria Hirszman	Caderno 2
28/05/2000	FSP	Fascismo e arquitetura	Jorge Coli (especial)	Mais
10/06/2000	ESP	Arquiteto é apenas testemunha, diz Mário Botta	Jotabê Medeiros	Caderno 2
15/06/2000	ESP	A ética na arquitetura	vários (esp. Bienal Veneza)	Caderno 2
17/06/2000	ESP	Reconstrução é preocupação maior de arquitetura	Jotabê Medeiros	Caderno 2
19/06/2000	ESP	Jean Nouvel leva Leão de Ouro em Veneza	Jotabê Medeiros	Caderno 2
01/07/2000	ESP	Pinacoteca recebe prêmio internacional	Maria Hirszman	Geral
08/07/2000	ESP	Rino Levi fez a cidade de SP olhar para cima	Jotabê Medeiros	Caderno 2
13/07/2000	FSP	O homem da bolha	Richard Lacayo (TIME)	Caderno Especial
13/07/2000	FSP	A solidez do papel na arquitetura moderna	Belinda Luscombe (TIME)	Caderno Especial
20/07/2000	ESP	Símbolo da arquitetura fascista está à venda	Alessandra Stanley (NY Times)	Cidades
12/08/2000	FSP	Historiografia da arquitetura	Abílio Guerra	Jornal de Resenhas
12/08/2000	FSP	O cidadão privado	Raquel Rolnik	Jornal de Resenhas

ANO 2000

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
20/08/2000	FSP	Mensagem	Oscar Niemeyer	Opinião
26/08/2000	ESP	A arquitetura humanista de Mendes da Rocha	Maria Hirszman	Caderno 2
10/09/2000	ESP	Arquitetura do país utiliza modelo do exterior	Elenita Fogaça	Cotidiano
17/09/2000	ESP	Tate Modern, entre a invenção e a opulência	Jotabê Medeiros	Caderno 2
24/09/2000	ESP	Mostra conta a história da edificação do século 20	Maria Cecília Loschiavo dos Santos	Caderno 2
01/10/2000	FSP	Arquitetura contra a catástrofe	Giulio Carlo Argan	Mais
14/10/2000	FSP	Arquitetura fascista	Renato L S Anelli	Jornal de Resenhas
22/11/2000	ESP	Esqueça tudo o que você já sabia sobre museus	U.B.	Caderno 2
26/11/2000	ESP	Argan combate a arte que se exclui do mundo	Teixeira Coelho	Caderno 2
24/12/2000	ESP	Piano projeta a catedral do "The New York Times"	Herbert Muschamp (NY Times)	Caderno 2
31/12/2000	FSP	Urbanismo	Raquel Rolnik	Mais

ANO 2001

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
21/01/2001	ESP	Mistura de estilos marca arquitetura de SP	Fernanda Medeiros e Marcos Lopes	Cidades
01/02/2001	ESP	MIS é demolido para que um novo MIS nasça	Jotabê Medeiros	Caderno 2
11/02/2001	ESP	Lloyd Wright e Starck ganham livro de bolso	Ana Weiss	Caderno 2
26/02/2001	ESP	Arquitetos propões avenida Paulista múltipla	José Gonçalves Neto	Cidades
28/02/2001	FSP	Gente no lugar de carros	Gilberto Dimenstein	Cotidiano
02/03/2001	ESP	Aarte dura e seca do homem do sertão	M. H.	Caderno 2
09/03/2001	ESP	Idéias para o centro	Mauro Mug	Cidades
21/04/2001	ESP	Palavras mais que oportunas de Lúcio Costa	Régis Bonvincino	Caderno 2
23/05/2001	FSP	Casa antiapagão	Gilberto Dimenstein	Cotidiano
29/05/2001	FSP	Casarão de Ramos de Azevedo é demolido	Sérgio Duran	Cotidiano
17/06/2001	ESP	A arquitetura como ponta do iceberg	Moacir Amâncio	Caderno 2
18/06/2001	ESP	Casa de Vidro de Lina Bardi será centro cultural	Jotabê Medeiros/ Eduardo Subiratis	Caderno 2
20/06/2001	FSP	Guerra dos postes	Gilberto Dimenstein	Cotidiano

ANO 2001

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
03/07/2001	FSP	Cultura e o futuro do centro de São Paulo	Jorge Wilheim	Ilustrada
09/07/2001	ESP	Um arquiteto contra a anestesia paulistana	Daniel Piza	Cidades
09/07/2001	ESP	Casa ecológica reduz consumo de energia	Roberta Pennaforte	Nacional
11/08/2001	FSP	Nossa arquitetura	Carlos A. Leite Brandão	Jornal de Resenhas
15/08/2001	ESP	Guggenheim de NY mostra reinvenções de Gehry	Tonica Chagas	Caderno 2
01/09/2001	ESP	No Rio, prédio do MAC atrai mais que acervo	Beatriz Coelho Silva	Cidades
11/09/2001	ESP	O pensamento de Mies van der Rohe	Maria Cecília Loschiavo dos Santos	Caderno 2
16/09/2001	ESP	Por uma fusão de arquitetura e artes plásticas	Claudio Tozzi	Caderno 2
22/09/2001	ESP	Teixeira Coelho inveta biografia de Niemeyer	Francisco Costa	Caderno 2
19/10/2001	FSP	A barriga do arquiteto	Paulus Magnus	Moda
26/10/2001	ESP	Cláudio Bernardes, o construtor da natureza	Jotabê Medeiros	Caderno 2
27/10/2001	ESP	Livro mostra esforço ético e criador de Rino Levi	Jotabê Medeiros	Caderno 2
08/11/2001	FSP	Arquitetos atacam novo Plano Diretor	Gilberto Dimenstein	Cotidiano
12/11/2001	FSP	Ainda há esperança	Oscar Niemeyer	Opinião
13/11/2001	FSP	Obra revê criador de espaços	Francesca Angiolillo	Ilustrada
17/11/2001	FSP	Conjunto histórico é abandonado no Rio	Sbrina Petry	Cotidiano
21/11/2001	ESP	Rio pode ter filial do Guggenheim	Lucia Martins	Caderno 2
22/11/2001	ESP	Os projetos de Oscar Niemeyer aos 93 anos	Jotabê Medeiros	Caderno 2
09/12/2001	FSP	Arquitetura da reconstrução	Maurício Santana Dias	Mais
20/12/2001	FSP	Estudo flagra a arquitetura das "quebradas" de Hélio Oiticia	Rodrigo Moura	Ilustrada
30/12/2001	ESP	Zanine buscou equilíbrio nas ruínas da natureza	Jotabê Medeiros	Caderno 2

ANO 2002

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
14/01/2002	ESP	Equipe da Fundação Guggenhein visita zona portuária do Rio	Nilson Brandão Júnior	Cidades
05/02/2002	ESP	Oscar Niemeyer será homenageado em Paris	Beatriz Coelho Silva	Caderno 2
16/02/2002	FSP	Projeto transforma a vista do Ibirapuera	Ana Weiss	Ilustrada
17/02/2002	ESP	Gaudi, a fantasia maior da arquitetura	Herbert Muschamp (NY Times)	Caderno 2
23/02/2002	FSP	Os paradoxos do modernismo no Brasil	Marcelo Coelho	Brasil
24/02/2002	FSP	O revolucionário tranquilo	Otília Beatriz Fiori Arantes	Mais
24/02/2002	FSP	Um pensador da cultura	Mario Cesar Carvalho	Mais
24/02/2002	FSP	Resumo de Lucio Costa	Otília Beatriz Fiori Arantes	Mais
24/02/2002	FSP	Arte Moderna	Lucio Costa	Mais
27/02/2002	ESP	Lúcio Costa, o arquiteto da paixão e do engenho	Jotabê Medeiros	Caderno 2
06/03/2002	FSP	Lagos é aqui	Fábio Cypriano	Ilustrada
09/03/2002	FSP	Um inglês nos trópicos	Hugo Segawa	Jornal de resenhas
20/03/2002	ESP	No Villa-Lobos, teatro restaura arte dos anos 50	Mauro Mug	Cidades
11/04/2002	ESP	Os intestinos expostos do Arte/Cidade	Aracy Amaral (especial)	Caderno 2
17/04/2002	ESP	Restaurada casa considerada obra-prima	Associeted Press	Cidades
21/04/2002	FSP	É preciso enforcar os arquitetos	Jorge Coli	Mais
04/05/2002	ESP	No Brasil, a insustentável leveza de Frei Otto	Jotabê Medeiros	Caderno 2
05/05/2002	ESP	Região da Berrini ganha o edifício dos sonhos	Iuri Pitta	Tecnologia
13/05/2002	FSP	Lucio Costa	Francesca Angiolillo	Ilustrada
19/05/2002	ESP	Capítolos essenciais da arquitetura e do desin	MH	Caderno 2
27/05/2002	ESP	Livro traz 12 textos inéditos de Burle Marx	Jotabê Medeiros	Caderno 2
04/06/2002	ESP	O museu que Álvaro Siza projetou para Iberê Camargo	Maria Hirszman	Caderno 2
08/06/2002	FSP	Casa e cidade	Joaquim Guedes	Jornal de resenhas
21/06/2002	FSP	Os grandes sonhos de Sérgio Bernardes	Carlos Heitor Cony	Ilustrada
26/06/2002	FSP	Projeto híbrido é destaque entre os modernistas	Guilherme Wisnik	Ilustrada
26/06/2002	FSP	Das prostitutas aos arquitetos	Gilberto Dimenstein	Cotidiano
30/06/2002	ESP	Projeto leva cor e alegria a espaços infantis	Luciana Garbin	Cidades
06/07/2002	FSP	Dops é mais uma peça da revitalização do centro	Guilherme Wisnik	Ilustrada
17/07/2002	FSP	NY exclui arranha-céus no lugar do WTC	Sérgio Dávila	Mundo
26/07/2002	ESP	Niemeyer vai projetar memorial de Portinari	Nelson Carrer Júnior	Cidades
28/07/2002	FSP	Popularizado', neoclássico sai de moda no alto padrão	Elenita Fogaça	Imóveis

ANO 2002

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
05/08/2002	ESP	Rio 'descobre' obras de arte em escolas públicas	Clarissa Thomé	Educação
10/08/2002	FSP	Projeto aponta não-confinamento da cidade	Guilherme Wisnik	Ilustrada
03/09/2002	ESP	Colégio Santa Cruz inaugura o seu teatro	Beth Néspoli	Caderno 2
15/09/2002	ESP	Tragédia do 11/9 muda conceito de arranha-céu	Eric Lipton e James Glanz (NY Times)	Internacional
21/09/2002	FSP	Catalogação faz abordagem mítica de edifícios	Guilherme Wisnik	Ilustrada
21/09/2002	ESP	Diálogo afetuoso entre Niemeyer e Sussekind	Maria Hirszman	Caderno 2
29/09/2002	FSP	Catedral da Sé reinaugura sua mistura de estilos	Guilherme Wisnik	Cotidiano
10/10/2002	ESP	O pedreiro brasileiro que provoca lembranças de Gaudí	Rosa Bastos	Cidades
31/10/2002	ESP	Luta pela obra de Niemeyer nos EUA	Kimberly Stevens (NY Times)	Cidades
03/11/2002	ESP	Estudantes renovam mercado com idéias criativas	Rafael Ribella	Cidades
20/11/2002	FSP	Ouro Preto precisa discutir a preservação no âmbito coletivo	Guilherme Wisnik	Ilustrada
21/11/2002	ESP	Museu de Curitiba afirma a identidade brasileira	Angélica de Moraes	Caderno 2
22/11/2002	FSP	O NovoMuseu	Oscar Niemeyer	Opinião
04/12/2002	FSP	Instalação faz elogio à neutralidade do espaço	Guilherme Wisnik	Ilustrada
05/12/2002	ESP	Como se tudo começasse outra vez	Oscar Niemeyer	Cidades

ANO 2003

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
12/01/2003	FSP	Lisboa Reiventada	Kenneth Maxwell	Mais
25/01/2003	FSP	Temos motivos para comemorar?	Guilherme Wisnik	Folha Acontece
17/02/2003	FSP	Shopping e Oficina expõem noções distintas de cultura e de vida	Guilherme Wisnik	Ilustrada
23/02/2003	FSP	O gosto que se discute	Luciana Macedo	Revista da Folha
25/02/2003	FSP	Patrimônio' é campo para investigações	Guilherme Wisnik	Ilustrada
08/03/2003	FSP	Ruy Ohtake toma liberdade formal para amparar vazio	Guilherme Wisnik	Ilustrada
12/04/2003	FSP	Textos revelam a resistência da modernidade	Guilherme Wisnik	Ilustrada
27/04/2003	ESP	Frank Gehry, um escândalo que saiu de moda?	Philip Nobel (Nyt)	Caderno 2

ANO 2003

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
03/05/2003	ESP	Mostra ocupa museus e discute globalização	Beatriz Coelho Silva	Caderno 2
03/05/2003	ESP	Livro radiografa arte e suor de João W. Toscano	Jotabê Medeiros	Caderno 2
03/06/2003	FSP	Alienação habita ambientes	Guilherme Wisnik	Ilustrada
23/06/2003	FSP	'Utópica normalidade' de Toscano ganha reflexão	Guilherme Wisnik	Ilustrada
13/07/2003	FSP	Estação problema	Sérgio Duran	Revista da Folha
16/07/2003	FSP	A reforma da Luz	Opinião	Brasil
21/07/2003	ESP	O destino do São Vito	Maria Ruth Amaral De Sampaio	Nacional
29/07/2003	FSP	A construção da beleza leve	Guilherme Wisnik	Folha Sinapse
06/08/2003	ESP	Coletânea reúne pensamento sobre arquitetura brasileira	Maria Hirzman	Caderno 2
10/08/2003	ESP	Um palácio como patrimônio da humanidade	Roberta Pennafort	Cidades
31/08/2003	ESP	A rica e fina arquitetura paulistana	Marisa Folgato	Cidades
12/09/2003	ESP	Legado de Vilanova Artigas ressurge em mostra, livro e DVD	Jotabê Medeiros	Caderno 2
13/09/2003	ESP	Uma bienal para agradar a leigos e especialistas	Maria Hirzman	Caderno 2
23/09/2003	FSP	Ibirapuera consolidou o moderno na arquitetura	Luiz Caversan	Cotidiano
30/09/2003	FSP	A herança moderna da arquitetura	Mara Gama	Folha Sinapse
02/10/2003	FSP	Bienal reflete novos tempos de intercâmbio	Guilherme Wisnik	Ilustrada
06/10/2003	ESP	A esquecida fase paulistana de Niemeyer	Silvana Guaiume	Cidades
06/10/2003	ESP	Alterações descaracterizam ideias de Niemeuer	José Maria Mayrink	Cidades
19/10/2003	ESP	O futuro das cidades na sociedade da informação	Julio Moreno	Caderno 2
28/10/2003	FSP	Orientalismo	Bernardo Carvalho	Ilustrada
02/11/2003	FSP	O espaço, a fronteira final	Fredric Jameson	Mais
09/11/2003	FSP	Heranças Operárias	Sérgio Dávila	Revista da Folha
10/11/2003	ESP	Livro vai mostrar a vila de S. Paulo	Marcus Lopes	Cidades
30/08/2008	FSP	Manifesto arquitetônico pop perdeu sua atualidade	Guilherme Wisnik	Ilustrada

ANO 2004

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
02/01/2004	ESP	Masp, a arquitetura que SP escolheu	Marcelo Carvalho Ferras	Caderno 2
14/02/2004	FSP	A poética da economia	Nabil Bonduki	Jornal de Resenhas
15/02/2004	FSP	As vantagens do absolutismo arquitetônico	Hermano Vianna	Mais
29/02/2004	ESP	Rykwert vem a São Paulo e implode a cidade	Antonio Gonçalves	Caderno 2
21/03/2004	FSP	A dinâmica atraente dos conflitos	Isabel Lustosa	Mais
21/04/2004	ESP	A arquiteta da exuberância	Jotabê Medeiros	Caderno 2
09/05/2004	ESP	Quando Le Corbusier era apenas moderno	Antonio Gonçalves	Caderno 2
25/05/2004	FSP	O senhor dos jardins	Felipe Chaimovich	Sinapse
01/06/2004	FSP	Mostra foca processo construtivo de Gaudí	Fabio Cypriano	Ilustrada
01/06/2004	FSP	Projeto conclui Igreja da Sagrada Familia	Ivan Padilla	Ilustrada
01/06/2004	ESP	A poesia estrutural de Gaudí	Maria Hirszman	Caderno 2
06/06/2004	FSP	Diversos e desusados	Jorge Coli	Mais
28/06/2004	FSP	Niemeyer mostra livro e desenhos	Luiz Fernando Vianna	Ilustrada
28/06/2004	ESP	Mais surpresas de Oscar Niemeyer	Beatriz Coelho Da Silva	Caderno 2
28/08/2004	ESP	"Le Corbusier fez o poema da linha reta, e eu fiz o da curva"	Jotabê Medeiros	Caderno 2
04/12/2004	FSP	Crítica não levou em consideração a formatação da mostra	André Gardenberg	Ilustrada
19/12/2004	ESP	Arquitetura de um homem só	Daniel Piza	Caderno 2
20/12/2004	FSP	A inter-relação das obras e seu conjunto	André Gardenberg	Ilustrada
20/12/2004	FSP	A ética do jornalista e do cidadão	Eder Chiodetto	Ilustrada

ANO 2005

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
16/01/2005	ESP	O livro de cabeceira do prefeito Serra	Hugo Segawa	Aliás
30/01/2005	FSP	O museu público na corda bamba	Cristina Freire	Mais
05/03/2005	FSP	Museu flutua em estrutura de contêineres	Robin Pogrebin ("The New York Times")	Ilustrada
23/03/2005	ESP	Morre Tange, que reviveu Hiroshima	Antonio Gonçalves Filho	Caderno 2
03/04/2005	ESP	O século 18 está de volta	Daid Colman (Nyt)	Casa&Tendencias
10/04/2005	ESP	A coerência do pensamento crítico de Mário Pedrosa	Camila Molina	Caderno 2
17/04/2005	FSP	A NOVA TRADIÇÃO URBANA	Ruy Ohtake	Mais
17/04/2005	FSP	MODERNISMO ENTRE COLUNAS E CURVAS	Carlos A.C. Lemos	Mais
24/04/2005	ESP	Um sonho que virou Brasilia	Hugo Segawa	Aliás
15/05/2005	FSP	Saudação a Sérgio Ferro	Roberto Schwarz	Mais
17/05/2005	ESP	Niemeyer prepara obra para a França	Beatriz Coelho Silva	Caderno 2
20/05/2005	ESP	Patriarca tem de estar no centro da praça, diz professor	Valdir Sanches	Cidades
19/06/2005	FSP	São Paulo é mãe e madrasta de todas as arquiteturas	Isay Weinfeld	Cotidiano
15/08/2005	ESP	Edifício Esther, histórica restaurada	Azahara Martin/ Camilla Rigi	Cidades
21/08/2005	FSP	Arquitetura sem pátria	Hugo Segawa	Mais
31/08/2005	FSP	Patrimônio ameaçado	Carlos A.C. Lemos	Cotidiano
05/09/2005	FSP	Guggenheim luta contra envelhecimento	Robin Pogrebin ("New York Times")	Ilustrada
17/09/2005	FSP	INTOLERÂNCIA NA USP	Opinião	Opinião
20/09/2005	FSP	Reidy projetava a bela utopia do Brasil	Mario Gioia	Ilustrada
10/10/2005	ESP	Meier coleta pontas e restos do dia-a-dia	Jotabê Medeiros	Caderno 2
22/10/2005	ESP	Participação brasileira no evento é diversificada	Camila Molina	Caderno 2
22/10/2005	ESP	Outras maneiras de apresentar e ver o assunto	Camila Molina	Caderno 2
22/10/2005	ESP	Histórias de um criativo escritório chamado Brasil	Jotabê Medeiros	Caderno 2
27/10/2005	FSP	VETO À TORRE	Opinião	Opinião
13/11/2005	ESP	Geração Multiuso quer abolir guetos	Luciana Garbin	Metrópole
13/11/2005	ESP	Cidade ainda nãi reflete nova safra	Luciana Garbin	Metrópole

ANO 2005

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
24/11/2005	ESP	Isay, MMBB e mexicano levam o prêmio na Bienal de Arquitetura	Luciana Garbin	Cidades
27/11/2005	FSP	Geometria da sociedade	Mauricio Puls	Mais
18/12/2005	FSP	A marquise do parque Ibirapuera	Benedito Lima De Toledo	Cotidiano
18/12/2005	FSP	Ainda o caso da marquise	Carlos A. C. Lemos	Cotidiano

ANO 2006

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
07/01/2006	ESP	As visões de Lina	Jotabê Medeiros	Caderno 2
10/01/2006	ESP	Tombada casa do Conselheiro	Jotabê Medeiros	Caderno 2
11/01/2006	FSP	Lina interpretou o 'pós-Brasília'	Guilherme Wisnik	Ilustrada
11/01/2006	FSP	A LIÇÃO MODERNA DE Lina Bo Bardi	Mario Gioia	Ilustrada
15/01/2006	FSP	Lógica de mercado padroniza arquitetura	Daniele Siqueira; Joana Cunha	Dinheiro
23/01/2006	ESP	O escultor que faz prédios e pontes	Tonica Chagas	Caderno 2
29/01/2006	FSP	A casa das massas	Carlos A.C. Lemos	Mais
20/02/2006	FSP	Inventar os problemas	Guilherme Wisnik	Ilustrada
06/03/2006	FSP	Arte e arquitetura ao alcance da mão	Guilherme Wisnik	Ilustrada
13/03/2006	FSP	Desenhos do invisível	Guilherme Wisnik	Ilustrada
20/03/2006	FSP	Minhocão - Nem consenso nem dissenso	Guilherme Wisnik	Ilustrada
26/03/2006	ESP	Tesouros pelas ruas de São Paulo	Anélio Barreto	Cidades
26/03/2006	ESP	A arquitetura moderna na cidade	Anélio Barreto	Cidades
27/03/2006	FSP	O 'Fausto' urbano contemporâneo	Guilherme Wisnik	Ilustrada
03/04/2006	FSP	Minhocão nunca mais	Guilherme Wisnik	Ilustrada
09/04/2006	ESP	Vidro no meio do verde	Vera Fiori	Casa
10/04/2006	FSP	Bye bye, São Paulo, Brasil	Guilherme Wisnik	Ilustrada
16/04/2006	FSP	CIDADE INTERIOR	Marco Giannotti	Mais
16/04/2006	FSP	FORMA SEM FRONTEIRAS	Teixeira Coelho	Mais
16/04/2006	FSP	DE VOLTA AO REAL	Luiz Recamán	Mais
16/04/2006	FSP	GEOMETRIA DA INTERVENÇÃO	Guilherme Wisnik; Martin Corullon	Mais

ANO 2006

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
16/04/2006	ESP	Uma São Paulo por cima da outra	Fred Melo Paiva	Aliás
16/04/2006	ESP	O brasileiro no jet set da arquitetura	Hugo Segawa	Aliás
17/04/2006	FSP	Paulo Mendes da Rocha no topo do mundo	Guilherme Wisnik	Ilustrada
24/04/2006	FSP	Rio e marginal Tietê, terra de quem?	Guilherme Wisnik	Ilustrada
01/05/2006	FSP	Ur, de urbano	Guilherme Wisnik	Ilustrada
08/05/2006	FSP	Apropriações perversas	Guilherme Wisnik	Ilustrada
11/05/2006	ESP	Le Corbusier e o espírito da arquitetura	Jotabê Medeiros	Caderno 2
15/05/2006	FSP	Morte e vida de Jane Jacobs	Guilherme Wisnik	Ilustrada
22/05/2006	FSP	O "eixo dos grandes problemas"	Guilherme Wisnik	Ilustrada
29/05/2006	FSP	Estuporador da ilusão	Guilherme Wisnik	Ilustrada
31/05/2006	ESP	Mendes da Rocha recebe prêmio em Istambul	Alessandra Pereyra	Cidades
05/06/2006	FSP	Cidade Jardim ou anticidade?	Guilherme Wisnik	Ilustrada
12/06/2006	FSP	Patrimônios pilhados	Guilherme Wisnik	Ilustrada
19/06/2006	FSP	Arenas do ritual contemporâneo	Guilherme Wisnik	Ilustrada
20/06/2006	ESP	Viagem à São Paulo do Nobel da arquitetura	Marisa Folgato	Cidades
26/06/2006	FSP	Amor ao Zico	Guilherme Wisnik	Ilustrada
03/07/2006	FSP	O paradoxo da cidade	Guilherme Wisnik	Ilustrada
10/07/2006	FSP	Multiplicação sem promessa	Guilherme Wisnik	Ilustrada
15/07/2006	FSP	A permanência do pós-moderno	Guilherme Wisnik	Ilustrada
17/07/2006	FSP	O híbrido rural-urbano	Guilherme Wisnik	Ilustrada
24/07/2006	FSP	Salto para onde?	Guilherme Wisnik	Ilustrada
30/07/2006	FSP	Amnésia metropolitana	Luiz Recamán	Mais
31/07/2006	FSP	Pra lá de Parabolicamará	Guilherme Wisnik	Ilustrada
07/08/2006	FSP	O rei do espaço infinito	Guilherme Wisnik	Ilustrada
08/08/2006	ESP	Paisagens desvendadas por Mascaro	Simonetta Persichetti	Caderno 2
13/08/2006	ESP	O gênio da Casa Branca	Mr. Notolini	Casa
14/08/2006	FSP	Culturas e estruturas em raio-X	Guilherme Wisnik	Ilustrada
21/08/2006	FSP	Cidade "casa-grande"	Guilherme Wisnik	Ilustrada
28/08/2006	FSP	Atrás do muro... na Glória!	Guilherme Wisnik	Ilustrada
03/09/2006	FSP	Estética em obras	Luiz Recamán	Mais
04/09/2006	FSP	Disposições espaciais	Guilherme Wisnik	Ilustrada

ANO 2006

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
10/09/2006	FSP	Entre o tijolo e o concreto	Hugo Segawa	Mais
11/09/2006	FSP	O núcleo duro da beleza	Guilherme Wisnik	Ilustrada
18/09/2006	FSP	As marcas de Warchavchik	Mario Gioia	Ilustrada
18/09/2006	FSP	As entranhas do capital	Guilherme Wisnik	Ilustrada
25/09/2006	FSP	"Vamos refazer o mundo"	Guilherme Wisnik	Ilustrada
02/10/2006	FSP	Musa híbrida	Guilherme Wisnik	Ilustrada
05/10/2006	ESP	Papo de arquiteto	Jotabê Medeiros	Especial 27a. Bienal
09/10/2006	FSP	O horizonte negativo	Guilherme Wisnik	Ilustrada
15/10/2006	ESP	Em lita, a alma de Lloyd Wright	Leigh Flayton (Nyt)	Casa
16/10/2006	FSP	Cultura popular industrial	Guilherme Wisnik	Ilustrada
17/10/2006	ESP	O planeta particular de Zaha Hadid	Tonica Chagas	Caderno 2
23/10/2006	FSP	A "anarquitetura" de Matta-Clark	Guilherme Wisnik	Ilustrada
27/10/2006	FSP	NOSSA CASA É 10	Heloísa Helvécia	Revista Morar
30/10/2006	FSP	Sucata high-tech	Guilherme Wisnik	Ilustrada
06/11/2006	FSP	Utopia e pragmatismo	Guilherme Wisnik	Ilustrada
06/11/2006	ESP	Livro discute nova arquitetura paulista	Antonio Gonçalves Filho	Caderno 2
10/11/2006	ESP	Fachada de vidro e torre de escritórios	Valeria França	Cidades
13/11/2006	FSP	Hábitos e "habitat"	Guilherme Wisnik	Ilustrada
20/11/2006	FSP	"Bola de neve" de asfalto	Guilherme Wisnik	Ilustrada
27/11/2006	FSP	Ponto de fuga	Guilherme Wisnik	Ilustrada
02/12/2006	ESP	Obras que buscam qualidade de vida	Camila Molina	Caderno 2
04/12/2006	FSP	Imitação da imitação	Guilherme Wisnik	Ilustrada
11/12/2006	FSP	O boom do mall	Guilherme Wisnik	Ilustrada
11/12/2006	ESP	O empreiteiro que virou o mais paulistano dos arquitetos	Lilian Orimi	Cidades
17/12/2006	FSP	Cidades fora do lugar	Luiz Recamán	Mais
17/12/2006	FSP	Arquitetura	Guilherme Wisnik	Mais
18/12/2006	FSP	Shoppings na contramão	Guilherme Wisnik	Ilustrada
25/12/2006	FSP	Fôrma e forma	Guilherme Wisnik	Ilustrada

ANO 2007

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
01/01/2007	FSP	Notícias Do Futuro	Guilherme Wisnik	Ilustrada
05/02/2007	FSP	Tragédia E Farsa	Guilherme Wisnik	Ilustrada
11/02/2007	FSP	O Plano Perfeito	Mario Cesar Carvalho	Mais
11/02/2007	FSP	Utopias De Prancheta	Raul Juste Lores	Mais
11/02/2007	FSP	Como Fotografar Brasília	Lucio Costa	Mais
11/02/2007	FSP	A Ambição Das Coisas Miúdas	Manuel Da Costa Pinto	Mais
11/02/2007	ESP	Em Prédio Contemporâneo Com Ar De Sebo, 1,28 Km De Livros	Daniel Piza	Cidades
12/02/2007	FSP	A Política Da "Polis"	Guilherme Wisnik	Ilustrada
19/02/2007	FSP	O "Bode" Revisitado	Guilherme Wisnik	Ilustrada
26/02/2007	FSP	A Estrada E O Pântano	Guilherme Wisnik	Ilustrada
05/03/2007	FSP	Movimentos Em Defasagem	Guilherme Wisnik	Ilustrada
12/03/2007	FSP	Amadorismo Crítico	Guilherme Wisnik	Ilustrada
26/03/2007	FSP	Qualquer Coisa Que Não Fixe	Guilherme Wisnik	Ilustrada
30/03/2007	FSP	O Homem Que Retalhou NY	Sérgio Dávila	Revista Morar
30/03/2007	ESP	Prêmio Pritzker É De Richard Rogers	Jotabê Medeiros	Caderno 2
02/04/2007	FSP	Bank-Cel-Card-Tv Hall	Guilherme Wisnik	Ilustrada
04/04/2007	ESP	O Teatro Popular De Niemeyer	Clarissa Thomé	Cidades
09/04/2007	FSP	Desmobilização E Resistência	Guilherme Wisnik	Ilustrada
15/04/2007	FSP	Beijando O Kassab	Fernando Meirelles	Cotidiano
16/04/2007	FSP	Selo Verde, Cortina De Fumaça	Guilherme Wisnik	Ilustrada
23/04/2007	FSP	Do Mecânico Ao Energético	Guilherme Wisnik	Ilustrada
28/04/2007	FSP	Arquiteto É O Mais Influente Do Ciclo Moderno	Luiz Recamán	Ilustrada
28/04/2007	FSP	Relato De Le Corbusier Revela Olhar Europeu Sobre O Oriente	Luiz Recamán	Ilustrada
30/04/2007	FSP	Outra Vez Feto	Guilherme Wisnik	Ilustrada
07/05/2007	FSP	Cidade Moderna E Contemporânea	Guilherme Wisnik	Ilustrada
14/05/2007	FSP	Dia De Festa Em Chamula	Guilherme Wisnik	Ilustrada

ANO 2007

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
21/05/2007	FSP	Intervenção Oportuna	Guilherme Wisnik	Ilustrada
28/05/2007	FSP	A Nuvem Financeira E O Skyline	Guilherme Wisnik	Ilustrada
04/06/2007	FSP	Uma Explicação Necessária	Oscar Niemeyer	Ilustrada
04/06/2007	FSP	O Novo MAC	Fabio Cypriano	Ilustrada
04/06/2007	FSP	Dentro Da Baleia	Guilherme Wisnik	Ilustrada
11/06/2007	FSP	As Catacumbas Da Cidade	Guilherme Wisnik	Ilustrada
18/06/2007	FSP	Da Vanguarda Ao Atraso	Guilherme Wisnik	Ilustrada
01/07/2007	FSP	Por Que Eles São Mais Verdes?	Nicolai Ouroussoff (New York Times)	Revista Da Folha
02/07/2007	FSP	Atalho Redentor	Guilherme Wisnik	Ilustrada
30/07/2007	FSP	Forma Resistente	Guilherme Wisnik	Ilustrada
06/08/2007	FSP	Lagos É Aqui?	Guilherme Wisnik	Ilustrada
13/08/2007	FSP	Sistema De Vazios	Guilherme Wisnik	Ilustrada
19/08/2007	ESP	Panorama Visto De Uma Nova Ponte	Daniel Piza	Cidades
20/08/2007	FSP	Mundo Showroom	Guilherme Wisnik	Ilustrada
27/08/2007	FSP	Subjetividades Domésticas	Guilherme Wisnik	Ilustrada
31/08/2007	FSP	Sexo, Mortes E Arquitetura	Sérgio Dávila	Revista Morar
03/09/2007	FSP	Os Novos Nômades	Guilherme Wisnik	Ilustrada
10/09/2007	FSP	Estaca Zero	Guilherme Wisnik	Ilustrada
17/09/2007	FSP	Pacote Pra Presente	Guilherme Wisnik	Ilustrada
23/09/2007	ESP	Humanismo Na Ponta Do Lápis	Laura Greenhalgh	Aliás
24/09/2007	FSP	Operações Compositivas	Guilherme Wisnik	Ilustrada
30/09/2007	ESP	Legorreta, Niemyer E O Passado	Daniel Piza	Caderno 2
07/10/2007	ESP	SP Ganha Roteiro De Jóias Da Arquitetura	Rodrigo Brancatelli	Caderno 2
08/10/2007	FSP	Do Petróleo Ao Resort	Guilherme Wisnik	Ilustrada
13/10/2007	FSP	Livro Revê A Heróica Arquitetura Brasileira	Luiz Recamán	Ilustrada
15/10/2007	FSP	Consumo Ao Quadrado	Guilherme Wisnik	Ilustrada

ANO 2007

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
21/10/2007	FSP	Las Vegas Da Antigüidade	Andrew Lawler (Smithsonian)	Mais
21/10/2007	FSP	Ruínas Em Obras	Mary Beard (Times Literary Supplement)	Mais
22/10/2007	FSP	O Nomadismo Sedentário	Guilherme Wisnik	Ilustrada
26/10/2007	FSP	O Valor Da Arquitetura	Alain De Botton (The Guardian)	Revista Morar
29/10/2007	FSP	Do Calhambeque Ao Iphone	Guilherme Wisnik	Ilustrada
03/11/2007	ESP	No Centro, Morando Com A História	Daniel Piza	Cidades
12/11/2007	FSP	Complexidade E Contradição	Guilherme Wisnik	Ilustrada
19/11/2007	FSP	A Bia E O Iab	Guilherme Wisnik	Ilustrada
25/11/2007	ESP	Arranhando Manhattan	Daniel Piza	Caderno 2
26/11/2007	FSP	Mesa Reativa	Guilherme Wisnik	Ilustrada
03/12/2007	FSP	Espaço Que Se Conquista	Guilherme Wisnik	Ilustrada
08/12/2007	ESP	Niemeyer Abriga Niemeyer, Agora No Mac Niteroi	Roberta Pennafort	Caderno 2
09/12/2007	FSP	As Formas De Um País	Teixeira Coelho	Mais
09/12/2007	FSP	Fla-Flu Crítico	Mario Cesar Carvalho	Mais
09/12/2007	FSP	Dois De Ouro	Lauro Cavalcanti	Mais
09/12/2007	FSP	Milagre De Concreto	Otavio Leonídio	Mais
09/12/2007	FSP	O Herói De Duas Faces	Francisco Alambert	Mais
09/12/2007	FSP	São Paulo S/A	Ernane Guimarães Neto	Mais
09/12/2007	FSP	Os 5+ De Niemeyer	Paulo Mendes Da Rocha	Mais
09/12/2007	FSP	De Novo Vanguarda	Mario Gioia	Mais
09/12/2007	FSP	O Construtor De Enigmas	Guilherme Wisnik	Mais
09/12/2007	FSP	"Um Dia A Vida Será Mais Justa"	Sergio Torres	Mais
10/12/2007	FSP	Intuição Trágica E Repouso	Guilherme Wisnik	Ilustrada
12/12/2007	ESP	Falta De Identidade Empurra Bienal A Beco Sem Saída	Fernando Serapião	Caderno 2
15/12/2007	FSP	Cuba Inaugura Escultura Anti-Eua Do Arquiteto	Guilherme Wisnik	Ilustrada
15/12/2007	FSP	Niemeyer Chega Aos 100 Hoje E Ganha Mostras	Mario Gioia	Ilustrada

ANO 2007

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
15/12/2007	ESP	O Escultor De Horizontes		Caderno 2 - Especial
15/12/2007	ESP	Não Há Arquitetura Insubstituível	Jotabê Medeiros	Caderno 2 - Especial
15/12/2007	ESP	Ano 100, Trabalho Triplicado	Marcia Vieira	Caderno 2 - Especial
15/12/2007	ESP	Familia Gira Em Torno Do Patriarca	Marcia Vieira	Caderno 2 - Especial
15/12/2007	ESP	Encontro Com Lucio Costa	Maria Elisa Costa	Caderno 2 - Especial
15/12/2007	ESP	Brasília, Utopia Da Interação Social	Lisandra Paraguassu	Caderno 2 - Especial
15/12/2007	ESP	Vivendo No Interior De Obras-Primas	Lisandra Paraguassu	Caderno 2 - Especial
15/12/2007	ESP	Palácio Itamaraty, Obra De Arte Feita Para Seduzir	André Aranha Côrrea De Lago	Caderno 2 - Especial
15/12/2007	ESP	Na Pampulha, Deus Está No Detalhe	Jotabê Medeiros	Caderno 2 - Especial
15/12/2007	ESP	Copan, Um Edifício Master	Flavia Guerra	Caderno 2 - Especial
15/12/2007	ESP	O Internacional Pelé Do Concreto	Antonio Gonçalves Filho	Caderno 2 - Especial
15/12/2007	ESP	Rejeitada, Produção Paulista Foi Concessão Ao Mercado	Sérgio Duran	Caderno 2 - Especial
15/12/2007	ESP	O Caminho Niemeyer		Caderno 2 - Especial
15/12/2007	ESP	E Assim Ele Criou A Curva Livre...	Fernando Serapião	Caderno 2 - Especial
15/12/2007	ESP	Naves De Sonhar	Imagens De Cristiano Mascaro	Caderno 2 - Especial
16/12/2007	FSP	Niemeyer Em Obras	Adriana Küchler; Amilcar Packer	Revista Da Folha
16/12/2007	ESP	A Celebridade Longeva	Hugo Segawa	Aliás
17/12/2007	FSP	Demônio Ex Machina	Guilherme Wisnik	Ilustrada
17/12/2007	ESP	Bienal De Arquitetura Na Ponta Do Lápis	Monica Junqueira De Camargo	Caderno 2
24/12/2007	FSP	Iluminação Genital	Guilherme Wisnik	Ilustrada

ANO 2008

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
25/01/2008	ESP	A boa arquitetura quer falar (mais alto e mais baixo)	Daniel Piza	Especial
26/01/2008	FSP	Obra vê arquitetura de forma integrada	Guilherme Wisnik	Ilustrada
27/01/2008	ESP	Arquitetura do futuro	Antonio Gonçalves Filho	Caderno 2
27/01/2008	ESP	Futuro vai demorar para os periféricos	Antonio Gonçalves Filho	Caderno 2
27/01/2008	ESP	A contemporaneidade da arquitetura	Ruy Ohtake	Caderno 2
27/01/2008	ESP	Quem é quem entre os que mudam a face do planeta	Antonio Gonçalves Filho	Caderno 2
02/02/2008	ESP	Aleijadinho, o coreógrado do barroco	Daniel Piza	Caderno 2
17/02/2008	FSP	Berlim EM CAMPO ABERTO	Olivier Guez (Le Monde 2)	Mais
23/02/2008	FSP	Autor discute contradições do modernismo na arquitetura	Renato Anelli	Ilustrada
29/02/2008	FSP	Um jornal e sua cidade	Alberto Barbour	Revista Morar
29/02/2008	FSP	Ancorada na mata	Joni Anderson	Revista Morar
29/02/2008	ESP	Ousadia e Modernidade	Claudia Trevisan	Especial
15/03/2008	ESP	Nova York, monumento "stalinista"	Antonio Gonçalves Filho	Caderno 2
30/03/2008	ESP	Agora é a vez das fachadas sustentáveis	Daniel Piza	Cidades
06/04/2008	FSP	O arquiteto hi-tech	Luiz Recamán	Mais
13/04/2008	FSP	Arquitetura deve provocar surpresa'	Mario Gioia	Ilustrada
23/04/2008	ESP	Rio utópico nos traços de Reidy	Luiz Carlos Merten	Caderno 2
23/04/2008	ESP	Um dos fundadores da nossa moderniddade	Luiz Carlos Merten	Caderno 2
25/04/2008	FSP	Adão e Eva no paraíso	Anatxu Zabalbeascoa (El País)	Revista Morar
25/04/2008	FSP	Verdes como o dólar	Sérgio Dávila	Revista Morar
27/04/2008	FSP	PIANO FORTE	Edwin Heathcote (Financial Times)	Mais
06/05/2008	FSP	"Diziam que meus projetos eram malucos e caros"	Raul Juste Lores	Ilustrada
06/05/2008	FSP	Rem Koolhaas assina livro que combate retórica modernista	Luiz Recamán	Ilustrada
10/05/2008	ESP	Arquitetura paulista revela 2a. e 3a. Gerações de sobrenomes famosos	Sergio Duran	Cidades
25/05/2008	ESP	Programação vai sugerir diálogos	Camila Molina	Caderno 2
25/05/2008	ESP	"O museu é algo vivo, vai se moldar à obra do artista"	Jotabê Medeiros	Caderno 2

ANO 2008

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
29/05/2008	FSP	Ibere em casa	Fabio Cypriano	Ilustrada
29/05/2008	FSP	Projeto de Siza estabelece conversa profunda com expressionismo do pintor	Guilherme Wisnik	Ilustrada
30/05/2008	FSP	Onde estocar as memórias	Alberto Barbour	Caderno Especial
30/05/2008	FSP	De olho na Mantiqueira	Cecilia Reis	Revista Morar
30/05/2008	FSP	Arquitetura da alienação	Sérgio Dávila	Revista Morar
19/06/2008	FSP	Com sua geometria	Guilherme Wisnik	Turismo
02/07/2008	ESP	Mão escondida projeta arquitetura mediocre	Jorge Wilheim	Espaço Aberto
06/07/2008	ESP	O centenário de Alexandre Altberg, o Niemeyer alemão	Roberta Pennafort	Cidades
03/08/2008	FSP	Cadê a crítica arquitetônica?	Ricardo Calabrese	Revista da Folha
03/08/2008	ESP	O vizinho do 11o andar	Fred Melo Paiva	Aliás
07/08/2008	ESP	As cinco estrelas de Pequim	Daniel Piza	Especial
26/09/2008	FSP	Falso Vazio	João Martini	Revista Morar
16/10/2008	ESP	Mostras examinam antevisão de Siza	Jotabê Medeiros	Caderno 2
05/12/2008	ESP	A recuperação de cortiços		Notas & Informações
07/12/2008	FSP	O HOMEM SEM LUGAR	Christina Patterson	Mais

ANO 2009

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
18/01/2009	FSP	A praça da soberania de Niemeyer	Elio Gaspari	Brasil
25/01/2009	FSP	Brasília BARROCA	Alberto Moravia (Corriere Della Sera)	Mais
04/02/2009	ESP	Predio 360 de Weinfeld é premiado	Daniel Piza	Cidades
08/02/2009	ESP	Em alta, os prédio "com design"	Daniel Piza	Cidades
08/02/2009	ESP	Os gênios jamais jogam a toalha	Laura Greenhalg/ Rinaldo Gama	Aliás
20/02/2009	ESP	A nova arquitetura segundo Moneo	Antonio Gonçalves Filho	Caderno 2

ANO 2009

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
01/03/2009	ESP	Traços do futuro	Daniel Piza	Caderno 2
22/03/2009	FSP	Paris 21	Gabriela Longman	Mais
22/03/2009	ESP	Uma ideia do Moderno	Olivia Fraga	Casa
29/03/2009	ESP	Arquitetura da resistência	Daniel Piza	Cidades
13/04/2009	FSP	Suíço se opõe à cultura do consumo	Guilherme Wisnik	Ilustrada
13/04/2009	FSP	Menos é mais	Mario Gioia; Fernanda Ezabella	Ilustrada
19/04/2009	FSP	A indústria da forma	Euclides Santos Mendes	Mais
19/04/2009	FSP	CIDADES VELHAS	Mario Gioia	Mais
19/04/2009	ESP	Arquitetura (quase) perdida em São Paulo	Edison Veiga	Cidades
29/04/2009	ESP	Um futuro para o Museu do Ipiranga	Benedito Lima De Toledo	Espaço Aberto
17/05/2009	ESP	Bauhaus	Antonio Gonçalves Filho	Caderno 2
17/05/2009	ESP	O eterno fascínio da velha escola	Antonio Gonçalves Filho	Caderno 2
17/07/2009	ESP	Bienal vai debater o legado deixado por megaeventos	Leandro Costa	Construção
26/07/2009	FSP	As linhas de Lina		Serafina
02/08/2009	FSP	relíquia escanteada	Maria Eugênia De Menezes	Revista da Folha
11/08/2009	FSP	MIS terá projeto inspirado em Burle Marx	Denise Menchen	Cotidiano
11/08/2009	FSP	Consumo cultural ou cultura consumista?	Fernando Serapião	Cotidiano
16/08/2009	FSP	O espanto de Bense	Ana Luiza Nobre	Mais
16/08/2009	FSP	Na Bahia, obras sofrem 50 anos de descaso	Ana Paula Sousa	Ilustrada
16/08/2009	FSP	Casa de Vidro serviu de ensaio para o Masp	Silas Martí	Ilustrada
16/08/2009	FSP	Obras de Lina Bardi provocam até hoje	Ana Paula Sousa; Silas Martí	Ilustrada
12/09/2009	FSP	Paris mira o futuro para evitar catástrofe	Fernando Serapião	Ilustrada
12/09/2009	FSP	cidades em colapso	Mario Gioia	Ilustrada
03/10/2009	FSP	Obra vê utopia e distopia do capitalismo em Los Angeles	Guilherme Wisnik	Ilustrada
29/10/2009	ESP	Por dentro da cabeça dos arquitetos paulistanos		Especial
30/10/2009	ESP	Começa, na capital, a 8a. Bienal de Arquitetura		Construção

ANO 2009

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
02/11/2009	FSP	Vazio permeia e fantasma paira sobre 8ª Bienal de Arquitetura	Fernando Serapião	Ilustrada
11/11/2009	ESP	Arquitetura como ímã	Jotabê Medeiros	Caderno 2
22/11/2009	FSP	60 anos de vanguarda	Denise Mota	Revista da Folha
13/12/2009	FSP	Corbusier em aberto	Frédéric Edelmann (Le Monde)	Mais
26/12/2009	ESP	A era de ostentação chegou ao fim?	Jonathan Glancey (The Guardian)	Caderno 2
27/12/2009	ESP	Imprudência que decolou	André Aranha Corrêa Do Lago	Aliás

ANO 2010

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
18/01/2010	FSP	Um museu para a memória chilena	Fernando Serapião	Ilustrada
31/01/2010	FSP	O URBANISMO ESTÁ MORTO	Miguel Mora (El País)	Mais
10/02/2010	FSP	o arquiteto da destruição	Silas Martí	Ilustrada
11/03/2010	FSP	Obra tem olhos voltados ao futuro	José Carlos Sussekind	Brasil
14/03/2010	FSP	octogenária, mas moderninha	Maria Eugênia De Menezes	Revista da Folha
21/03/2010	FSP	Telhado DE VIDRO	Edwin Heathcote (Financial Times)	Mais
28/03/2010	FSP	À sombra da torre	Cristina Fibe	Mais
01/04/2010	ESP	O bailado que une teatro e arquitetura	Camila Molina	Caderno 2
08/04/2010	FSP	Dupla faz arquitetura inventiva	Guilherme Wisnik	Ilustrada
11/04/2010	ESP	O nascer de uma cidade	Lucia Guimarães	Caderno 2
11/04/2010	ESP	Brasília: Projeto inacabado	Kenneth Frampton	Caderno 2
20/04/2010	FSP	a Brasília que não foi	Mario Cesar Carvalho	Ilustrada
21/04/2010	FSP	urbanismo versus realidade	Johanna Nublat	Caderno Especial
21/04/2010	FSP	Arquitetura de prédios mudos		Caderno Especial
21/04/2010	FSP	O plano piloto & as satélites		Caderno Especial
21/04/2010	FSP	A palavra do arquiteto	Mario Cesar Carvalho	Caderno Especial

ANO 2010

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
21/04/2010	FSP	Palácios são ápice da obra de Niemeyer	Guilherme Wisnik	Caderno Especial
21/04/2010	FSP	a mais brasileira	Guilherme Wisnik	Caderno Especial
21/04/2010	FSP	Consequências de uma utopia residencial	Fernando Serapião	Caderno Especial
21/04/2010	ESP	"Aqui há invenção", disse Le Corbusier	Oscar Niemeyer	Especial
14/05/2010	FSP	Por que as obras dos estádios da Copa-14 estão atrasadas?	Fernando Serapião	Esporte
24/05/2010	FSP	Japão ousa e vira laboratório da arquitetura contemporânea	Ricardo Ohtake	Ilustrada
24/05/2010	FSP	sustentável leveza	Silas Martí	Ilustrada
06/06/2010	FSP	O jardim suspenso	Tom Brady	Ilustrissima
09/06/2010	FSP	Wesely registra fantasmagoria do presente	Guilherme Wisnik	
12/06/2010	FSP	Deu vida às linhas de Niemeyer	Estêvão Bertoni	Cotidiano
21/06/2010	FSP	Arquitetura espiritual	Gustavo Fioratti	Ilustrada
21/06/2010	FSP	Obra de Foster passa longe da unanimidade	Gustavo Fioratti	Ilustrada
21/06/2010	FSP	Casa em SP aflora tempero de Lina Bo Bardi	Fernando Serapião	Ilustrada
25/06/2010	ESP	A cidade que se desnuda	Simonetta Persichetti	Caderno 2
15/08/2010	ESP	Arquitetura de uma geração	Siegbert Zanettini	Imóveis
27/08/2010	FSP	Revista espanhola joga luz sobre Artigas	Fernando Serapião	Ilustrada
29/08/2010	FSP	Crítica sem lugar	Guilherme Wisnik	Ilustrissima
29/08/2010	ESP	Nova joia brilha na "princesinha do mar"	Jotabê Medeiros	Caderno 2
29/08/2010	ESP	Um museu ancorado na paisagem	Jotabê Medeiros	Caderno 2
05/09/2010	ESP	Arena própria agora é palavra de corintiano	Hugo Segawa	Aliás
08/09/2010	FSP	Arquitetos criticam o Rio 2016		Esporte
08/09/2010	FSP	Ameaça à arquitetura olímpica e aos brasileiros	Flávio Ferreira	Esporte
10/09/2010	ESP	Briga com IAB-SP ameaça Bienal de Arquitetura 2011	Iuri Pitta/ Rodrigo Brancatelli	Cidades
16/09/2010	FSP	Um militante da arquitetura	Estêvão Bertoni	Cotidiano
26/09/2010	ESP	Encontro marcado	Marcelo Lima	Casa
04/10/2010	FSP	Em busca de um sonho no deserto	Nicolai Ouroussoff	Caderno NYT

ANO 2010

Data	Jornal	Título	Autoria	Editoria
10/10/2010	ESP	De olho no Brasil	Marcelo Lima	Casa
24/10/2010	FSP	Sociedade deve exigir desenhos melhores	Fernando Serapião	Cotidiano
07/11/2010	ESP	Conversando com a luz	Daniel Piza	Caderno 2
14/11/2010	ESP	SP ganha projetos de grifes mundiais da arquitetura	Rodrigo Brancatelli	Cidades
14/11/2010	ESP	Mercado e a melhor arquitetura	Eduardo Andrade De Carvalho	Imóveis
28/11/2010	ESP	De onde vem a planta da casa em que moramos	Lilian Primi	Imóveis
28/11/2010	ESP	A residência brasileira guardo o índio e o europeu	Lilian Primi	Imóveis
04/12/2010	FSP	Autobiografia desvenda a comovente violência do arquiteto Tadao Ando	Fernando Serapião	Ilustrada
10/12/2010	FSP	Novos projetos terão cupulas e esferas	Silas Martí	Ilustrada
10/12/2010	FSP	Quem vai construir o último Niemeyer?	Fernando Serapião	Ilustrada
11/12/2010	ESP	Brasília, meio século entre a utopia e as ruínas modernas	Antonio Gonçalves Filho	Sabático
24/12/2010	FSP	Saudita copia Dubai em nova zona franca	Nicolai Ouroussoff (The New York Times)	Mercado
26/12/2010	ESP	Arquitetura com conforto e poesia	Jotabê Medeiros	Caderno 2
26/12/2010	ESP	Questionando o poder do artista	Jotabê Medeiros	Caderno 2
27/12/2010	FSP	A modernidade chega ao mundo islâmico	Nicolai Ouroussoff (The New York Times)	Folha-NYT

2. Material analisado e digitalizado